

EDNA NUNES

BRILHO ETERNO

JURO, PELO NÚMERO DE ESTRELAS QUE EXISTEM NO CÉU,
QUE SEREI SEMPRE UMA LUZ EM SUA VIDA!





BRILHO ETERNO

EDNA NUNES

Copyright © 2018 Edna Nunes

Capa: Mauro Meireles

Ilustração final – Íris Blue: Edna Nunes

Revisão: Edna Nunes e Carla Santos

Diagramação: Carla Santos

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora e/ou editor.



Sumário

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Manto de Estrelas](#)

[Íris Blue](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)

Este livro é totalmente dedicado à minha família, em especial à minha mãe!



Agradecimentos

É gratificante se descobrir com dom para algo tão nobre quanto é a escrita. É recompensador receber mensagens com elogios sinceros. Saber que você foi capaz de despertar sentimentos como emoção, raiva, paixão, tesão, ternura, dor, amor... Não há palavras para explicar o quanto meus leitores e leitoras me fizeram feliz, desde o lançamento de *Minha mente me atormenta*, continuando com *Sonhos prováveis*, *amores impossíveis* e *Sob os fogos de Copacabana*. Então, eu só tenho a agradecer a vocês! Mas eu não faria nada sozinha e sou grata a Deus, por colocar em meu caminho amigos (as) queridos (as) como as minhas leitoras betas: Bernadete Estanini, Claudia Vilas Boas, Karla Ramos, Renata R. Corrêa e Simone Belquis; a poeta e advogada Walesca Cassundé, pelas dicas preciosas; a minha revisora, Carla Fernanda, que operou em modo “Malévola” desde o primeiro trecho, colaborando para que esta história ficasse ainda mais linda; ao designer de capas Mauro Meireles, que entende todas as minhas ideias loucas; aos grandes músicos Mauro Oliveira e César Franceschi que dedicaram uma de suas canções: “Manto de estrelas”, exclusiva e especialmente para a divulgação de *Brilho eterno*, sim, essa história tem até música! Gratidão a todos!



Nota da autora

Acompanhamos meu pai, durante as muitas vezes em que esteve internado, algumas delas entre a vida e a morte em Unidades de Terapia Intensiva. Conheci muitas pessoas que sentiram as mesmas dores que a minha família. Sofremos juntos com as perdas e comemoramos cada pequena vitória de nossos pacientes. Conheci muitos profissionais da área da saúde, alguns bons, outros péssimos e, claro, alguns se destacaram pela competência e excelência e esses me inspiraram a criar meus personagens mais queridos, e com todos eles, eu aprendi alguma lição. Mas, naqueles sete anos, quem mais me ensinou foi o seu Zé, meu pai. Foi com ele que aprendi o que é ter garra e lutar pela vida. Foi nos olhos dele que entendi que esperança não é apenas uma palavra. Foi segurando sua mão, que senti segurança para lhe dar força. Ao lado dele, descobri que momentos de felicidade são pequenos milagres e que só o amor verdadeiro consegue realizá-los. Precisei ser forte e ainda que não acreditasse ser possível, ele me mostrou que eu podia.

Esta é uma obra de ficção, baseada em acontecimentos reais. Todos os personagens são fictícios e foram criados para compor este romance, exceto o seu Zé, que é uma pequena homenagem ao meu pai, que, de algum lugar, continua me inspirando.

Convido-os a embarcarem nas próximas páginas e em meio a emocionantes e valiosas lições para a vida!

Edna Nunes



— **RAFAELA, O QUE DEU EM VOCÊ,** Esqueceu que tem casa? Como pode viver enfiada na casa daquele velho? — ele reclamou assim que entrei em nossa sala de estar, onde estava jogado com os pés apoiados nas costas de um dos sofás. A camisa aberta mostrando o peito, celular na mão e um copo de uísque no chão.

— Já pedi que não o chame de velho — retruquei desanimada enquanto abaixava para lhe dar um beijo, que ele mal correspondeu.

— E o que ele é, então? — questionou cinicamente, enquanto desligava o celular e tratou dele próprio responder, com um tom de voz ainda mais debochado e regado a muita crueldade. — Um velho caduco, maloqueiro, que vive com um cachorro, tão vira-lata quanto ele!

— Marco!!! — repreendi, completamente ofendida. — Por que você é tão maldoso? Como pode falar assim de alguém que nem conhece?

— Rafa — fez uma careta apertando os olhos ao tomar um gole grande de uísque e continuou com sua ladainha irritante —, eu não o conheço e nem quero, assim como não quero mais chegar e não te encontrar em casa. Você não tem que ficar enfiada naquela tapera, entendeu? — Terminou me olhando friamente

esperando uma resposta. Ele sabia que havia conseguido me atingir.

— Não, Marco, eu não entendi. — Tentava segurar as lágrimas, mas não conseguia, porém isso não o abalava. — Eu não vou dar ouvidos para suas loucuras. — Fui me dirigindo para a escada que ficava atrás de onde estávamos e, à medida que me afastava, meu tom de voz aumentava. — Eu não vou me afastar do seu Zé e do Bob. Prefiro me afastar de você! — gritei descontrolada e subi correndo.

Ainda conseguia ouvi-lo berrando meu nome, mas não recuei. Não aguentava mais discutir sempre pelas mesmas besteiras. Ele não tinha direito de falar daquela maneira de uma pessoa tão especial e muito menos de me impor um absurdo como aquele.

Eu me tranquei no quarto e quando, algumas horas depois, dona Célia, nossa governanta, bateu à porta me chamando para o jantar, pedi a ela que avisasse ao doutor Marco que eu não tinha fome, mas ela nunca aceitava as minhas ordens sem questioná-las.

— Ele não vai gostar nada disso, dona Rafaela. Não é melhor a senhora descer?

A sua voz não continha emoção, falava como um robô e ia tirando as roupas que eu havia jogado sobre a poltrona e as levando em direção ao closet.

— Dona Célia, seja boazinha e faça o que pedi, por favor. — Eu a segui colocando as mãos em seus ombros e a empurrando para a saída. — Deixe o doutor Marco comigo, está bem? E não me chame de dona, já te pedi.

Ela fechou ainda mais a cara e saiu com o nariz empinado, deixando claro que não concordava com o que eu estava fazendo. Sempre ranzinza e impecavelmente vestida em seu uniforme de saia até os joelhos e paletó azul-marinho. Devia ter uns cinquenta anos, mas era tão sisuda que parecia ter mais. Já era governanta na casa dos pais de Marco há muito tempo. Quando casamos veio trabalhar conosco a pedido dele. Giordana, minha sogra, concordou, porque fazia todas as suas vontades e sabia que era a única pessoa, além dela própria, que tinha paciência para cuidar dos mimos do filho e que também a deixaria a par de todos os acontecimentos de nossa casa. E dona Célia jamais a decepcionou.

Já era tarde quando ele subiu. Eu estava mais calma e lia sossegada, quando ele entrou falando ríspidamente. Parou desabotoando a calça, com uma expressão dura no rosto.

— O que pensa que está fazendo, Rafa?

— Estou lendo um romance. — Mostrei a capa do livro e continuei ironicamente. — “Apenas Respire”, da Rossana Cantarelli Almeida. Posso te emprestar depois, se quiser.

Ele franziu a testa, apertou os lábios, e seus olhos azuis faiscaram, imediatamente me arrependi de respondê-lo com tanto deboche.

— Pare de ser cínica. Eu sou seu marido, porra! — rosnou com a voz meio enrolada. — Você está me trocando pelo velho indigente, não percebe?

— Eu nem vou me dar ao trabalho de responder — arrisquei, fechando o livro e já me levantando à procura de meus chinelos ao lado da cama. — Você deve ter bebido demais e não está pensando direito. Eu vou dormir no quarto de hóspedes, Marco. Descanse e pense nas coisas que tem falado. Você não está bem.

Ele ficou sentado na beirada da cama com olhar incrédulo. Eu jamais havia chegado naquele ponto e fiquei apreensiva sobre qual seria a sua reação, porém ele não fez nada para me impedir de sair do quarto. Há tempos não tínhamos uma relação saudável e parecia que procurava um motivo para me agredir e me aborrecer o tempo todo. Estávamos juntos há cinco anos e, apesar de me sentir apaixonada quando nos casamos, já não tinha mais certeza dos meus sentimentos. Talvez o mesmo estivesse acontecendo com ele em relação a mim. Seu Zé estava certo, não éramos mais felizes. Eu estava acomodada com aquela relação e à medida que amadurecia, também aumentava a minha insatisfação. Não era difícil entender os motivos e procurar as causas, mas sim tentar resolvê-las.



— **OI, FADA! SEU ZÉ SORRIU**, apoiando-se na enxada e acenou ao me ouvir buzinar. — Venha tomar uma limonada!

— Prometo passar depois que voltar do mercado! — Devolvi o sorriso. — Mas quero uma fresquíssima. Trarei os biscoitos! — gritei de dentro do carro já em movimento e acenei de volta.

Ele sorriu timidamente, fez um sinal de positivo e voltou para a capina. Seu Zé era assim, sempre alegre. Tinha um brilho próprio. Uma fortaleza, apesar da idade avançada. O corpo curvado e queimado de sol, os poucos cabelos totalmente embranquecidos, ao redor da careca brilhante. Um bigode de fios brancos misturados aos poucos escuros que ainda restavam e pouquíssimas rugas ao redor dos olhos negros. Tinha oitenta anos e cuidava sozinho e com muito amor de sua horta, pomar e jardim, tudo cultivado por ele.



Eu nasci Rafaela, filha de Osvaldo e Iolanda Webber e passei a assinar Bittencourt quando casei com Marco Aurélio. Fui filha única por alguns anos e, então, ganhei uma linda irmãzinha, Rachel. Sempre usei meus cabelos, que são castanho-escuros, num corte longo. Muitas pessoas diziam que mantive o meu lindo sorriso infantil e eu gostava de ouvir isso.

Desde que mudamos há dois anos, para aquele charmoso e bem-conceituado bairro, chamou-me atenção uma única casa de madeira, muito antiga. Ficava no final da rua, rodeada de grandes e modernas construções.

Numa tarde, não resisti e parei o carro em frente ao velho casarão. Fiquei alguns minutos olhando, resolvi descer e me deixei levar. Abri o pequeno portão de madeira carcomida pelo tempo, tentei levantá-lo um pouco para não o arrastar na calçada, já bem marcada pelo rastro das ripas. A casa ficava na parte mais alta e do lado direito do enorme terreno. Subi pela estreita calçada de pedras e não pude deixar de observar o gramado bem cuidado. Era um verdadeiro tapete verde, não havia uma erva daninha ali. Dei a volta numa touceira de hortênsias e subi os dois degraus que davam acesso a uma varanda em forma de L cercada de lindas glicínias lilás-azuladas. A casa era pintada de bege e as janelas de verde.

Respirei fundo sentindo o suave perfume das flores e uma paz tomou conta de meu ser. Parei na frente de uma das janelas e cobri a lateral do rosto com as mãos, na tentativa de ver se havia alguém lá. Estava tudo quieto. Girei nos calcanhares e me assustei com uma lagartixa gorda que correu desengonçada pela parede, provavelmente assustada comigo também. Desci os dois degraus e não contive o riso ao perceber, no último, um sapo de cerâmica, que segurava o queixo. Fiquei imaginando quem seriam os donos daquele lugar tão acolhedor. Era uma casa como aquelas que, quando crianças, encontramos em contos de fadas. As muitas rosas, hibiscos, margaridas, azaléas, clívias e uma infinidade de outras flores que não sei os nomes, enchiam de vida e cor todo o jardim daquele casarão já meio inclinado, devido a sua avançada idade. Sem pressa, caminhei ao redor da casa. Havia muitas árvores frutíferas e também uma garagem construída em madeira, já bem danificada pelo tempo. Cheguei aos fundos. Na frente da cozinha havia uma pequena calçada de tijolos vermelhos. Ao lado da escadinha de dois degraus, um *bougainville* vermelho em flor, subia pela parede e era, sem dúvida, a mais linda decoração natural dali. Mais à direita, um gigantesco pé de jabuticabas fazia uma sombra deliciosa no terreno, que era enorme.

Novamente tentei enxergar através dos vidros da porta que estava apenas

encostada e abriu-se quando a toquei. Imediatamente, senti um forte cheiro de sagu de vinho recém-preparado. Um cachorro grande, de pelagem longa, amarela, surgiu bocejando, espreguiçando, com o traseiro levantado e as duas patas dianteiras esticadas. Tive um pouco de medo, mas ele abanou o rabo e fez uns sons como se chorasse para mim. Agachei para acariciá-lo.

— Ei, você! Onde estão seus donos? Hein?

— Quem tá aí? — Era uma voz masculina e tinha um tom de poucos amigos. Por um momento me arrependi de estar ali, mas era tarde. — Oi, moça. Tá fazendo o que aqui? Quer alguma coisa?

— Nãããooo... Des-desculpe! — gaguejei me levantando. — Eu não quis invadir sua casa, mas eu... — Fiquei muito sem graça e me sentindo uma intrometida. — Ah! Desculpe mesmo, eu não costumo fazer isso, eu...

— Não tem problema. Gostamos de visitas, né, Bob? — Afagou a cabeça do cachorro e sorriu. — Quer entrar? — Sinalizou, apontando o polegar por sobre o ombro, em direção ao interior da casa. — Só que aqui não tem luxo, minha maior riqueza é o Bob.

— Não, absolutamente, não quero incomodar. Para ser sincera, fiquei encantada com a sua casa e jardim, e não resisti.

— Estamos acostumados. Os vizinhos vêm sempre buscar frutas e flores, principalmente as crianças, mas nunca veio nenhuma fada. Entre...

Sem dúvida, eu estava diante de uma pessoa diferente de todas que já havia conhecido. Aquele olhar me transmitiu algo bom, então sorri e entrei na brincadeira.

— Nenhuma fada? Não entendo! Achei que encontraria várias aqui!

— Então, seja bem-vinda! Precisávamos de um ser encantado. Chegue, Fada, chegue.

— Não, eu não quero incomodar. Como eu disse estava só querendo conhecer os donos dessa maravilha.

— Já conheceu. Somos os donos, eu e o Bob. E você quem é?

— Meu nome é Rafaela. Rafa... Moro aqui perto — apresentei-me apontando o polegar em direção ao lado direito, onde ficava a minha casa. — O senhor vive sozinho?

— O problema de viver muito é que vemos nossas famílias acabando. — Seu sorriso foi se apagando ao falar. — Depois que minha velha resolveu partir, dessa para outra melhor, ficamos apenas eu e o meu amigão aqui. — Ele abraçou o cachorro que, visivelmente, ficou feliz com o afago.

— E quanto aos seus filhos e netos? — Eu estava realmente muito curiosa em saber mais sobre aquele senhor encantador. — Não tiveram filhos?

Quando vi uma sombra pousar naqueles olhos escuros, que antes sorriam, eu me arrependi de ter perguntado.

— Sim, tivemos, mas Deus levou. — Seu olhar perdeu-se em direção ao chão. — Ele ficou doente. Meu filho era médico, mas a doença maldita mata médicos também, filha.

— Meu Deus! Eu sinto muito. — Fiquei comovida e quis saber mais sobre a história dele. — Era seu único filho?

— Era. Foi um custo para ele nascer, mas foi “vapt-vupt” para morrer. A vida é assim, tirando o que não presta, o resto é bom — resmungou e foi entrando na minha frente. — Entre, entre! Venha provar o meu sagu. Ninguém faz igual. — Estufou o peito orgulhoso e olhou sobre os ombros, para ter certeza de que eu o acompanhava. — Já deve estar frio, apesar de que gelado fica ainda melhor.

Aquela tarde mudou minha vida para sempre. Saboreei o seu delicioso sagu, e saí dali com um ramallete de margaridas e um pote enorme cheio do doce que fez questão que eu levasse para me deliciar, em casa. Nunca mais consegui me afastar do seu Zé. Na tarde seguinte, quis retribuir a gentileza e levei uma torta holandesa que Dina, nossa cozinheira, fez especialmente a meu pedido. Para o Bob, comprei biscoitos especiais. Nasceu ali, uma relação forte e para a vida toda.



Como sempre, quando eu chegava, ele já havia preparado sua limonada e um delicioso café e estava à minha espera. Era assim que costumávamos passar as nossas tardes. Seu Zé me contava as histórias de sua vida. Sobre o que lembrava a respeito da infância. As tristezas de ter sido separado dos irmãos após a morte precoce de seus pais, quando tinha apenas seis anos, e de ter sido criado por tios que o excluíram e maltrataram. Sobre o amor que sentia por sua esposa, dona Eugênia, sua companheira por mais de 50 anos. Sobre a dor irreparável de ver seu único filho morrer aos 26 anos, vítima de um câncer de pâncreas que o levou em poucos meses. Ainda assim, era um homem que respeitava a vida e tentava pensar que havia um propósito para tudo o que passamos de bom ou ruim. Ele não apenas contava histórias, mas, principalmente, dava lições para a vida.

— Fada, você sabe que a glicínia representa a ternura? — Ele cortou um galho com um cacho de flores lilás e me entregou generosamente. — Minha velha sempre quis cultivá-las ao redor da nossa varanda, porque dizia que um lar deve ser cercado de beleza, cor e muita doçura. — Fez uma cara divertida, como quem duvidava das convicções da mulher.

— O senhor não concordava com ela? — Sentei no degrau da varanda, para ouvir mais uma de suas histórias. Eu ficava sempre muito interessada.

— E adiantava não concordar? — Estalou a língua. — Só se eu fosse maluco! Não sei se as glicínias simbolizam alguma coisa, porém o cheiro delas é maravilhoso!

— Sim, é delicioso e também são lindas! — Levei a flor ao nariz e respirei fundo para absorver melhor o perfume adocicado. — Ela tinha razão.

— Mas, apesar da linda florada, ela é tóxica e em seus galhos criam-se umas lagartas peludas e esverdeadas. — Ele mostrou os dedos em pinça para que eu tivesse ideia do tamanho delas. — Você as verá em breve.

— Eca, que nojo! — Fiz uma careta, porque sempre tive pavor de tudo que rasteja. — Prefiro não vê-las.

— Temos que aguentar as lagartas, se quisermos ter as borboletas. Entende o que eu digo? Tudo tem dois lados, o bom e o ruim.

Seu Zé também era um homem muito divertido, um contador de piadas. Gostava de brincar e fazia caretas, ria, cantava e, às vezes, arriscava escrever uns poemas. Eu sempre o flagrava cantando, quando chegava lá de repente, sem avisar. Estava sempre disposto trabalhando, não se importava em ouvir minhas queixas e sempre tinha um bom conselho a dar.

Ele era uma espécie de Gepeto e passava horas fazendo brinquedos de material reciclado, que depois distribuía para as crianças, principalmente para as carentes do bairro vizinho. Adorava cuidar do jardim. Passei a considerá-lo como um avô, já que eu nunca tive um.

Às vezes, eu lhe comprava roupas novas ou ferramentas para facilitar o seu trabalho, ele ficava feliz e, em troca, recebia flores e frutas colhidas especialmente para mim, com muito amor.

Eu me sentia bem naquela casa, principalmente na cozinha, que era extremamente grande. Tinha piso de madeira maciça e ainda mantinha uma decoração do século passado. Havia duas janelas grandes do tipo guilhotina e a porta que dava acesso à sala de estar, era envidraçada da metade para cima, exatamente, como a dos fundos. No canto, um fogão de lenha que seu Zé não usava mais e armários tipo cristaleiras, todos com flores entalhadas em suas molduras. A mesa era retangular e longa, mas com apenas quatro cadeiras e ficava bem no centro daquele cômodo encantador. Parecia uma casa de bonecas. Era uma linda e aconchegante cozinha e passávamos muitas horas ali conversando.

— Seu Zé? — Eu me diverti tentando imaginar a resposta. — Acredita em fadas?

— Claro que não, que pergunta mais besta, menina!

— E por que me chama de Fada?

— Aí são outros quinhentos. Do que mais pode ser chamada uma moça linda que caiu do céu no meu jardim? — Ele sorriu e gesticulou, exageradamente, como se estivesse declamando, mas se encabulou com meu abraço. — Ahhh, bobona, não gosto destas frescuras.

— Ah... Gosta sim!



MEU MARIDO TOMAVA CAFÉ EM nossa requintada sala de jantar, com sua costumeira cara fechada e pensamentos distantes, quando desci e o cumprimentei. Ele nunca quis fazer qualquer refeição na cozinha. Eu, ao contrário, adorava sentar lá para comer e ouvir as histórias engraçadas da Dina.

Ele me olhou com desdém. Sentei no primeiro lugar à sua direita e, antes de começar a me servir, tentei conversar:

— Que bom que ainda te encontrei em casa, eu queria muito conver...

— Rafa — ele me cortou rispidamente —, estou atrasado, tenho que ir à clínica.

— Desculpe! — Arregalei meus olhos para que percebesse minha surpresa. — Não sabia que já estava de saída.

— Conversamos mais tarde, isto é, se você estiver disponível para a porra do seu marido.

Não terminou o café e saiu da mesa sem se despedir. Nunca havia pacientes marcados para tão cedo, mas conversar comigo não era a melhor alternativa para

ele. Não era normal sua implicância quanto à minha amizade com seu Zé; ele ultrapassou todos os limites e ainda se achava cheio de razão. Situação chata, repetitiva e preocupante. Viver num casamento onde não havia cumplicidade e harmonia não era o que podíamos chamar de vida ideal. Ou casamentos em eternas crises poderiam ser considerados comuns e normais? Se havia uma chance para resgatar o nosso, aquele devia ser o momento certo, mas isso só seria possível se começássemos a agir como adultos e não como duas crianças mimadas. *Mas, Marco era apenas um lindo garoto mimado?* Já estava com trinta e dois anos, passava da hora de agir com maturidade. Ele não suportava ser contrariado ou questionado a respeito de nada. Era sempre o único certo. Nada que eu falasse tinha importância para ele. Talvez pelo fato de ser filho único de uma família de muitas posses e que sempre teve tudo o que quis. Sofria da Síndrome de Peter Pan, mas não se recusava apenas a crescer, cada vez mais demonstrava indícios de que algo mais o perturbava.

Ele se formou muito cedo em Odontologia e se especializou, nos Estados Unidos, em Endodontia. Quanto a isso não deixava a desejar, sempre foi muito dedicado aos estudos e graduou-se e fez pós com honras e méritos por ser um dos melhores alunos das turmas. Ganhava muito bem. Montou, próxima a nossa casa, uma clínica grande e muito bem estruturada, que oferecia atendimento em todas as áreas de saúde bucal. Empregava muitos profissionais — e atendia, principalmente, a elite da cidade. Há três anos, confessou que não queria ter filhos. Isso para mim foi uma surpresa, fiz planos de ter, pelo menos, um bebê. Sempre achei que ele também consideraria essa possibilidade. Já que nos casamos seria natural aumentarmos a família. Tentei, algumas vezes, persuadi-lo, sem sucesso. Nem animais nós tínhamos, porque nunca gostou. Eu apenas me deixei convencer para não aborrecê-lo e certa de que, com o passar do tempo, ele mudaria de ideia.

Estava decidida a melhorar nossa relação, por isso resolvi ligar e convidá-lo para almoçarmos juntos. Não gostava de ficar brigada com ele e isso vinha acontecendo com frequência. Era hora de começarmos a resolver nossas diferenças, embora não significasse que eu abriria mão de fazer as coisas que gostava e nem de estar com as pessoas que amava. Não deveria ser tão difícil convencê-lo disso. A secretária me atendeu.

— O Marco está ocupado? Eu liguei no celular dele, mas caiu na caixa de mensagens.

— *Ele não está na clínica. Deve vir somente após as 14h, hoje. Posso ajudar?*

— Não. — A informação me surpreendeu. — Eu converso com ele mais tarde. Obrigada!

— *De nada!*

Fiquei por alguns segundos com o celular nas mãos reformulando as informações de Joyce, e o que ele havia dito antes de sair. Provavelmente, devia ter se enganado quando se referiu a clínica de manhã. Esqueceu-se de algum compromisso fora, o que não me causou estranheza, tamanho era o seu empenho em me contrariar logo cedo. Dei de ombros e enviei uma mensagem para minha irmã. Precisava sair um pouco, espairar. Ela respondeu imediatamente.

E aí? Tô bem! E você?

*Alguns probleminhas com o Marco.
À toa, sem ter o que fazer.
Vamos almoçar juntas hoje?*

*Sem chance, maninha.
Marquei com um 'mino' hoje.*

Outro, Quel?

Como quis provocá-la, perguntei:

Quem é agora?

Um amigo. Curiosa! rs.

Que amigo? rs.

Ela respondeu, costumeiramente, impaciente:

*Eu conto depois.
Que chata! Beijos.*

Beijos!

Despedi-me dela, enviando emojis sorridentes.

Além de minha irmãzinha, Rachel era minha melhor amiga e como eu tenho seis anos a mais, sempre cuidei dela como se fosse minha bonequinha. Então, ela cresceu e se tornou minha companheira e confidente. Somos muito parecidas fisicamente, mas ela é bem mais descolada do que eu. Nunca descobri qualquer coisa que a fizesse perder a calma. Tudo que não prestava, soltava. Como ela mesma sempre dizia: “A vida é muito curta e eu tenho mais o que fazer do que carregar pesos mortos nas costas”. Muitas vezes, falou isso se referindo ao meu

marido.

Assim que terminei minha conversa com Rachel, Marco me retornou.

— *Oi, você ligou?* — Sua voz parecia distante e fria.

— Liguei, achei que estivesse na clínica.

Entrei no closet e enquanto conversávamos, eu escolhia uma roupa, certa de que teria uma chance de almoçarmos juntos.

— *Não, eu tive um compromisso fora, com um laboratório. Você está em casa?* — Era só o que interessava para ele, que eu estivesse em casa cuidando das moscas.

— Estou, vamos almoçar juntos e conversar?

— *Não dá! Estou bastante ocupado.*

— Marco, você não atende na hora do almoço — insisti. — Podíamos ir ao restaurante francês que você gosta! — Devolvi o cabide no armário e saí do closet em direção ao quarto.

— *Tenho outros compromissos além de clientes, Rafa* — queixou-se com rispidez. — *E depois, se quer falar sobre ficar enfurnada na casa do velhote, esqueça!* Já disse o que penso disso.

— Não é só isso. E nem só o que pensa tem importância — aleguei já meio irritada, enquanto me jogava na poltrona. — Precisamos conversar sobre nós, nosso casamento, nossas vidas.

— *DR agora, Rafa? Pelo amor de Deus! Eu não tenho tempo para isso, porra!*

— DR sim! Qual é o problema de discutir nossa relação que está uma porcaria? — Ele sempre conseguia me fazer perder a calma e aí eu disparava. — Quero mudar essa situação ridícula. Não estou feliz com minha vida. Sempre tentei fazer tudo do jeito que você achava melhor, mas agora isso está...

— *Rafaela, pare! Eu vou desligar. Preciso trabalhar. Tchau.*

Ele desligou na minha cara e eu fiquei possessa, de novo. Marco não cooperava. Não queria enxergar que o fato de não conversarmos sobre nossos problemas só os agravavam. E então, cada vez mais perdida, eu recorria ao seu Zé. Ele se transformou no meu porto seguro e logo depois do almoço fui para a sua casa, pois sabia que lá teria alguma palavra que me ajudasse a encontrar uma forma de resolver meus problemas.



— Vamos sentar na varanda. — Seu Zé convidou gentilmente. — Pelo jeito, você tem coisas para contar.

Sentamos no degrau da área, ao lado do sapo que segurava o queixo com cara de safado. O terreno era bem alto e de lá tínhamos uma bela vista do bairro.

— É o bobo do Marco, não é? Não está mais calmo?

— Marco não se acalma nunca. Ele parece nunca estar feliz. Desde que nos casamos, sempre tenho a impressão de que sou uma decepção, um problema na vida dele.

— Bobagem. Você tem que conversar com ele com franqueza. O problema é ele.

— Eu tento, mas ele nunca quer conversar comigo — concluí, lembrando de nossa conversa ao telefone. — Fico desanimada, às vezes. Ele só me dá ordens.

— Diga isso a ele.

— Preciso dizer? — Minha voz ficou embargada. — Parece tão óbvio.

— Para ele não é. Nem tudo que parece claro para nós, é para os outros. Explique a ele o que sente em relação ao casamento de vocês e as atitudes dele. — Seu Zé falava sério e com muita convicção, mas me olhava serenamente. — Peça que lhe conte porque se sente infeliz. E faça o mesmo.

— Como assim fazer o mesmo?

— Diga a ele por que não está feliz. — Parou por uns segundos, levantou as sobrancelhas e continuou: — Parece estranho, mas ele não sabe que se você fosse feliz, não perderia suas tardes ouvindo as besteiras de um velho.

— Não! Absolutamente. — Acenei negativamente com a cabeça e apertei as costas de sua mão. — O senhor não fala besteiras. Na verdade, eu sou mais feliz agora que o conheci.

— Não vejo felicidade nesses olhinhos, Fada. Então, não deixe as coisas ficarem piores. Porque ficam!

Olhei para seu Zé como quem pedia uma resposta mágica.

— Dá muito trabalho sair da zona de conforto, sabe?

— Se fosse fácil, ninguém teria problemas. — Ele levantou o indicador para o alto. — Só digo uma coisa: nunca espere que as pessoas adivinhem o que sente, quer ou precisa. Diga a elas, sempre!

Deu uma risadinha e começou a acariciar a cabeça do Bob, que se juntou a nós. Fiquei alguns segundos absorvendo aquele conselho. Por que era tão difícil? Seria muito mais fácil se as pessoas tivessem a capacidade de se colocar nos lugares umas das outras, claro que isso causaria danos aos seus egos inflados, portanto, para a maioria era melhor se manter completamente cega.

— Talvez eu consiga convencê-lo que preciso de muito pouco para ser feliz. Ele é tão difícil, grosseiro e só enxerga o próprio nariz. Minha mãe me alertou, mas achei que fosse exagero dela.

— E você não deu ouvidos aos conselhos de sua mãe?

Sua pergunta tinha um tom bastante repreendedor. Ele me encarou com a boca torcida, aguardando resposta e me senti meio envergonhada.

— Exatamente, seu Zé. Não dei importância a nada. Lembro, como se fosse hoje, dos conselhos que me dava.

Contei sobre as desconfianças de minha mãe e minha história com Marco. Seu

Zé não me interrompeu em nenhum momento. Ficava arrancando alguns matinhos que começavam a crescer ao redor da escada, mas prestando atenção a tudo que eu narrava. Coisas que não costumava rememorar, porém, naquela tarde, não perdi a oportunidade.

— Conheci Marco na festa de aniversário de seu primo Henrique, que estudava comigo e era muito seu amigo. — Eu me transporte para aqueles momentos. — Ele se aproximou e me ofereceu uma taça de espumante. Éramos jovens e me encantei com a aparência dele. Que boba! Ele não era muito alto, mas tinha corpo malhado, cabelos negros, lisos e raros olhos cor de violeta, porém o que me conquistou foi o sorriso lindo, seus dentes branquíssimos e perfeitos. Tinha muita menina interessada nele, mas ele gostou de mim, então se empenhou em se tornar fascinante. Conversamos, dançamos, trocamos telefones e namoramos pouco mais de um ano. Quando fiz 22 anos e já estava formada em Administração, nos casamos. Marco nem queria que eu concluísse os estudos. Ele pretendia que, no futuro, eu administrasse apenas a nossa casa. Como nunca fui de deixar nada pela metade, insisti que iria até o final e não dei muita importância para comentários do tipo: “*Você vai cuidar apenas de mim e de nossa casa*”, levava tudo na brincadeira. Achava romântico pensar em cuidar do lar, marido e ter filhos.

Parei para tomar fôlego. Seu Zé cobriu a testa com a mão para proteger os olhos, porque o sol estava se pondo e os raios que batiam em nossa direção estavam lhe incomodando. Pediu que eu continuasse.

— Mamãe percebeu desde o início algumas manias dele e me alertou que ele era controlador. Ficou bastante preocupada quando contei que estávamos noivos e deixou isso bem claro.

Enquanto relatava tudo ao seu Zé, as lembranças surgiram vívidas em minha mente...

— *Rafa, minha filha, você é jovem e está apaixonada. Talvez ache tudo muito bonitinho agora. Ele é rico, lindo, inteligente, mas também bastante mimado. — Ela colocou os óculos na ponta do nariz para me olhar e continuou: — Eu já percebi que muda de fisionomia quando você discorda dele, não importa em quais situações. E é muito desbocado!*

— *Mãe, você não está exagerando, não? Ele faz tudo que eu quero, sempre!*

— Homens assim tendem a ficar cada vez piores. Ele vai tentar tomar conta da sua vida se você deixar. — Minha mãe me fitava com seus olhinhos pequenos e sua testa franzida era o maior sinal do tamanho de sua preocupação. — Rafa, acha mesmo que está preparada para viver no mundo deles?

— Como assim, mãe? Por serem ricos?

— Por serem arrogantes, filha. Você tem educação, bom caráter e é muito doce, mas isso não significa que tenha que ser submissa aos ideais de um marido machista e dominador. Eu não criei minhas filhas para isso. — Seu tom de voz tornou-se um pouco severo, diferente do habitual. — Esse tempo já passou, mas a mãe dele o criou para ser assim, o que é muito triste.

— O Marco é um pouco mimado, concordo! Mas a maioria das coisas que diz é brincadeira, mãe! — Tentei tranquilizá-la porque, realmente, achava que ela estava me superprotegendo. — Imagina nesta altura do campeonato um homem escolher profissão para a mulher ou não deixá-la trabalhar, por exemplo?! — concluí sorrindo.

— Bom! Espero estar errada, Rafaela. Mas o Marco não te deixa dar um passo sozinha. — Colocou os óculos de volta no lugar. — Perceba!

— Credo, mãe! — zombei dela. — Que exagero!

Só quando terminei de falar, seu Zé se pronunciou:

— Mães têm poderes que não explicamos, quando se referem à felicidade de seus filhos. Sempre percebem primeiro os perigos que os cercam.

— Eu estava muito apaixonada para enxergar.

— Não adianta chorar pelo leite derramado. Tudo tem conserto, mas quanto mais o tempo passa, mais difíceis as coisas se tornam.

— Sinto como se tivesse que enfrentar um inimigo, todos os dias.

— Não precisa enfrentá-lo, mas ajudá-lo. Ele tem muito a aprender, e sofre muito por ser assim.

— Por falar nisso... — Fui levantando enquanto explicava. — Vou pra casa,

preciso estar lá quando ele chegar e está quase na hora. Até amanhã, seu Zé!

Beijeí sua testa e afaguei a cabeça de Bob. Fui para casa a pé, caminhando devagar, porque minha vontade era de não ir. Minha casa me angustiava, enquanto que no casarão eu sentia tranquilidade e muita paz.



ERA COMEÇO DE PRIMAVERA E ainda fazia frio em Curitiba, fazendo jus à fama de ser a capital mais fria do Brasil. Mas, naquela manhã, o sol resolveu dar o ar da graça, o que me fazia crer que teríamos as quatro estações no mesmo dia. Bem típico.

Após o almoço, fui visitar o seu Zé e seu jardim estava mais florido do que nunca, como eu jamais tinha visto. O perfume das flores invadiu minhas narinas e isso só me convenceu de que ali era o paraíso ou qualquer coisa que se assemelhasse a ele. Caminhei devagar e logo Bob veio ao meu encontro, radiante, eufórico e encantadoramente feliz por me ver. Aquele carinho tão sincero amenizava a tristeza que tomava conta de mim naquele dia, desde que abri os olhos. Não havia nenhum motivo específico, mas eu sabia que faltava algo dentro de mim. Cada vez mais, eu pensava em minha vida e tinha urgência em resolvê-la.

Apesar de morar numa casa com dois pavimentos, com cômodos enormes, o que era um exagero, pois muitos deles nunca foram utilizados; com piscina e empregados; de eu ter me casado com um homem rico e bonito; mesmo sendo uma jovem bonita, eu me sentia infeliz. Porque não bastava ter lindos olhos, uma boa pele e belos cabelos longos, isso tudo era muito bom e eu era grata, mas naqueles últimos tempos, não fazia a menor diferença. Não era o suficiente para

que eu fosse uma pessoa completa e feliz como merecia. Contudo, chegar a isso dependia exclusivamente de mim. Era muito mais fácil culpar Marco por tudo, mas, sinceramente, no fundo, minha consciência gritava que a maior culpada era eu mesma.

Quando adolescente fiz muitos planos, entre eles: trabalhar após terminar os estudos. Escolhi Administração com o objetivo de assumir os negócios junto a meu pai em sua, então, pequena rede de comércio de produtos médicos e hospitalares. Todavia, ele sempre me deixou livre para decidir, assim como a Rachel que, por sua vez, disse que queria distância daquilo tudo. Optou por Psicologia e se deu muito bem. Se havia algo que minha irmã sabia fazer com primor era dizer “não” sem problemas de consciência. Não se sentia uma megera por isso. Só pensava, sabiamente, que a vontade dela é que deveria prevalecer, quando se tratasse de sua própria vida. Ainda assim, era uma pessoa justa, muito amável e responsável com todos. Do jeito dela resolvia tudo ao seu tempo e da melhor maneira possível. Eu sempre tive dificuldade em agir assim. Acho que era o motivo de estar tão infeliz. Vivi sempre de acordo com o que Marco queria. Dancei sempre conforme a sua música, e, a duras penas, a vida vinha mostrando que precisamos muito mais do que bens e beleza.

Bob saltava de um lado para o outro e, às vezes, distraía-se atrás de uma borboleta ou outro inseto que passeasse por ali. Aqueles pulos, as expressões engraçadas e brincadeiras daquele cão tinham um encanto que antes eu não vislumbrava, e naquele momento me fazia tão feliz. Comecei a correr para que me pegasse e ele fez sem dificuldade. Momentos como aqueles, ali no casarão, faziam-me acreditar que a vida valia a pena. À medida que me aproximei da cozinha, comecei a sentir outro aroma. O vôzinho assava o seu delicioso bolo de fubá, ouvia um velho disco de vinil, que tocava a “Valsa de uma cidade” e cantava junto com Antônio Maria, artista que eu aprendi a gostar e cujas músicas muitas vezes eu cantei com ele.

♫ ♪ *Bem que eu quis lhe escrever um poema de amor, e o amor...*
Estava em tudo que eu fiz...
Em tudo quanto eu amei... ♪ ♫

Seu Zé me pegou pela mão e começamos a valsar. Já me sentia muito melhor, apenas alguns minutos após ter chegado.

*♪ ♪ E no poema que eu fiz tinha alguém mais feliz que eu...
O meu amor...
Que não me quis...
Rio de Janeiro, gosto de você...
Gosto de quem gosta desse céu, desse mar, dessa gente feliz. ♪ ♪*

Com certeza aquele foi um dia muito especial de muita conversa e comilança. Seu bolo de fubá era irresistível e desde que comecei a frequentar aquela casa ganhei uns bons quilos. Mas não me importava, porque era muito magra e muitas pessoas diziam que eu devia engordar um pouco. Apesar de comer de tudo, estava sempre em forma.

— Seu Zé, que cheirinho delicioso!

— O bolo está no forno, Fada, vamos comer.

Paramos de dançar e fui lavar as mãos. Sentei na cozinha aconchegante e quente. Seu Zé me serviu uma fumegante xícara de café e me olhou dando um sorrisinho.

— O que foi, Fada? Está aborrecida?

— Não sei, hoje acordei assim, sem graça.

— Você tem que acordar cheia de graça, sempre!

— Eu sinto um vazio, às vezes... — Senti um aperto no peito. — Como se fosse um pressentimento ruim.

— Precisa encontrar um sentido para a sua vida. Ser útil. Preencher o dia. Mente vazia é oficina do diabo. — Ele acariciou minha cabeça e me olhou com tristeza e preocupação.

— Sim, com certeza — concordei empolgada, tentando parecer segura. — Tenho pensado muito a respeito. Sou nova, forte e saudável, poderia estar fazendo qualquer coisa diferente de ficar em casa cuidando para que a cozinheira faça os pratos favoritos do Marco; e a faxineira dobre as roupas de acordo com o que a Giordana sempre ensinou — descarreguei de uma só vez e parei apenas para tomar um gole de café. — Não ligo para essas coisas. Fui criada com

simplicidade. Todos lá em casa são acostumados a trabalhar.

— Mais ação e menos falação — retrucou, sabiamente, não se deixando enganar com minha falsa empolgação. — Mude tudo isso.

— Seria uma revolução em minha casa! — exclamei com olhos arregalados. — Uma guerra!

— Nada é fácil, a menos que você ache que deva continuar abrindo mão de seus sonhos para que seu marido seja feliz... Do contrário, lute!

— O pior é que nem consigo fazê-lo feliz. Ele me compara a mãe dele o tempo todo. Eu jamais serei como ela e nem quero!

— Preste atenção, Fada! — Ele foi até um dos armários e tirou um par de luvas de tecido de uma das gavetas. — Seu marido não pode exigir que você viva a sua vida de acordo com as convicções dele. Cada um é um.

— Ele não pensa assim.

— Todos nós temos a nossa própria luz. Não podemos viver à sombra dos outros.

— Um brilho interno? — Sorri discretamente para ele. — Deve ser, porque não vejo como possa iluminar a vida de alguém.

— Todos nós podemos deixar algo para o mundo, não importa o quê. A vida só valerá a pena, se pudermos ser lembrados por algo bom que fizemos. Brilho eterno, não interno.

— Nossa, seu Zé, o que uma moça como eu poderia deixar para o mundo? — perguntei com os olhos marejados. — Nem filhos eu tenho!

— Ainda não, mas um dia terá.

— Marco não quer ter filhos. — Senti uma enorme tristeza e engoli em seco. — Eu já desisti de tentar convencê-lo.

— O Marco, o Marco, o Marco... Quando vai pensar primeiro em você? — ele falou cheio de caretas. — Quantas moças da sua idade estão vivendo como

você? Já parou para pensar? Acha normal você se refugiar nesta casa com um cão e um velho gagá como eu?

— Não fale assim, eu adoro ficar aqui com vocês. Sinto paz e aqui posso ser eu mesma. — Olhei-o emocionada. — Eu é que estou te cansando né, vôzinho?

— Não me cansa, Fada, mas me preocupa. Você poderia estar estudando, trabalhando e sendo feliz, não é? — Ele tinha uma ternura imensa na voz e tentou disfarçar, porque também estava emocionado, ralhando comigo. — E só sabe reclamar que o Marco disse... O Marco não quer... O Marco... Aaah, largue mão... Nada cai do céu.

— Dediquei os últimos seis anos de minha vida a ele. Achei que era a coisa certa.

— Não foi errado se dedicar a ele, mas sim só a ele. Esqueceu-se de você. Fico preocupado, filha. De verdade! — Seu Zé falou acariciando meus cabelos. — Logo eu não estarei aqui e só terei sossego sabendo que você vai ficar bem e feliz.

— Não diga uma coisa dessas. Vai viver muitos anos ainda e se orgulhará de mim. — Sorri e me dirigi a ele com uma interrogação no olhar. — Apenas não sei ainda por onde começar.

— Comece com qualquer coisa. Até os brinquedos de materiais reciclados que faço são um sucesso. Qualquer coisa é melhor que nada, Fada. Não é difícil conseguir fazer algo que realmente goste e que possa te dar um sentido à vida.

— O senhor é incrível! Eu imagino o quanto deve ser bom fazer uma criança feliz.

— Melhor ainda é sentir felicidade por isso. — Ele acendeu a luz do forno para olhar o bolo e prosseguiu: — Porque só fará alguém feliz se tiver felicidade em seu coração.

De novo, seu Zé estava coberto de razão. Precisava de algo que me fizesse sentir viva e que somente eu poderia buscar. A música continuava na vitrola e podia ouvir o chiado da agulha escorregando pelo disco de vinil antigo e cheio de riscos. O vôzinho calçou as luvas, tirou o bolo do forno e o colocou na mesa, sem sequer desenformá-lo. Uma simplicidade que me cativava, todos os dias. Eu

ainda estava processando suas palavras, para mim ele era um sábio.

— O senhor é tão inteligente!

— Impressionante! — Ele riu satisfeito e ajeitou a gola, demonstrando que gostou do elogio. — Agora esqueça o que não presta. Reclamar não resolve nada, vamos comer que ganhamos mais.

Continuamos nossas conversas até o final da tarde. Seu Zé ficou confeccionando seus aviões e eu observando a sua agilidade com as ferramentas.

Ele parecia sempre disposto, mas esteve gripado e naquela tarde disse que estava se sentindo cansado.

— Devo estar com gripe, de novo. — Colocou a mão espalmada sobre a testa.
— Estou meio quente.

— Vamos medir sua temperatura. Onde tem um termômetro?

— Termômetro? Frescura, não preciso desses luxos — brincou, enquanto tentava alongar as costas, forçando-as para trás, segurando os quadris, como se sentisse dor. — Vou fazer um chá de alho bem quente e tomar antes de deitar. Amanhã estou bom.

— Quer que eu prepare algo para comer no jantar? — Foi a primeira vez que eu o ouvi se queixar de algo e fiquei preocupada. — Parece tão cansado.

— Nãooooo. Fiz uma bela sopa e sobrou bastante. Não se preocupe, Fada. Vá para casa. Evite confusão com o doutor Marco. Não vale a pena. Sei que ele não é fácil. — Ele baixou e sacudiu a cabeça, depois me olhou seriamente e repetiu: — Aquele lá não é nada fácil.

Era notório que, apesar de ser uma pessoa justa e paciente, seu Zé já nutria um sentimento negativo em relação ao Marco, como se o conhecesse de verdade e eu era responsável. Mesmo ele não sendo nada fácil, seu Zé jamais me incentivou a enfrentá-lo ou maltratá-lo, pelo contrário, achava que tinha que usar bons argumentos para tentar convencê-lo. Mas havia algo sobre meu marido que o amargurava muito. Devia ser pelo tanto de vezes que eu reclamei dele e de nossos problemas.

— Vêzinho, obrigada por tudo!

— Ahhh, menina, deixa de ser boba!

Quando estava saindo, com Bob atrás de mim, seu Zé me chamou. Olhei por cima do ombro e o vi parado, com as mãos no bolso e olhos emocionados.

— Eu errei quando disse que precisa começar a fazer algo. Você já faz...

— Faço?

— Você enche essa casa de alegria. Deus te abençoe, Fada!

Não resisti e corri para abraçá-lo.

— Eu amo você, vêzinho lindo!



NO DIA SEGUINTE, EU ENTREI em desespero quando cheguei à sala de seu Zé e me deparei com ele caído no sofá com a roupa encharcada de suor, quase desacordado e respirando com muita dificuldade. Bob sapateava ao redor dele e latia como se tentasse explicar o que estava acontecendo. Só então percebi o motivo dele não ter ido me recepcionar como fazia sempre. Estava cuidando do dono que tanto amava.

— Seu Zé, o que houve? Por favor, fale comigo...

Ele sussurrava e eu não conseguia entender. O abracei, e sem saber o que fazer, perguntei de novo o que estava sentindo. Ele não podia me responder e se esforçava para manter os olhos, então cheios de medo e dor, abertos. Peguei o celular e liguei para o Marco.

— Marco, *me* ajude — pedi desesperada. — Eu não sei o que fazer. O seu Zé está passando mal. Não faço ideia do que possa ser, mas acho que é o coração. Precisamos levá-lo ao hospital.

— *Rafa, eu estou trabalhando, porra! Dê um pouco de água com açúcar. Daqui a pouco ele melhora.*

— Marco, você não entendeu! Ele está quase sem sentidos...

— *Eu não posso sair daqui agora. Chame um médico. Quando terminar meu expediente passo aí.*

Ele desligou o telefone. Eu não tinha a menor experiência de como agir numa hora de emergência como aquela e pedi ajuda para o meu pai.

— *Rafaela, calma! Veja se na carteira dele tem um cartão de plano de saúde ou de algum médico. Lá deve ter um número para emergências.*

— Espere, pai.

Olhei a carteira e dei graças por lá ter um cartão como meu pai explicou.

— Achei, vou chamar...

— *Dê notícias e, em seguida, eu te encontro no hospital.*

Liguei para a emergência e expliquei a situação. Demoraram cerca de meia hora. Os paramédicos o estabilizaram e resolveram removê-lo para o hospital. Ele me olhava e por todo percurso gesticulava que não conseguia respirar, apesar de estar usando oxigênio. Eu olhava para o socorrista que estava sentado ao meu lado e, percebendo meu desespero, apenas pedia que me acalmasse, porque seu Zé se mantinha estável. Avisei ao meu pai para onde estávamos indo e, quando chegamos, ele já nos esperava. Feita toda a parte burocrática, finalmente nos encaminharam para o Pronto Atendimento. As enfermeiras fizeram algumas perguntas e pediram que aguardássemos. Ficamos eu e meu pai na sala de espera, que estava lotada.

— Pai, eu estou com medo. Por que demoram tanto?

— Calma, minha filha. É assim mesmo. Os exames demoram um pouco para ficarem prontos. Vai ficar tudo bem. — Meu pai passou o braço sobre meus ombros e eu recostei a cabeça em seu peito. — Foi de repente que ele passou mal?

— Ele esteve fortemente gripado, melhorou, porém, ontem, reclamou de estar tendo uma recaída. Mas era só uma gripe.

— Para um idoso pode não ser só uma gripe, Rafa. Pode ter complicado. Vamos aguardar.

— Pai — eu afastei para olhá-lo —, você acredita que o Marco se recusou a ajudar a trazê-lo?

Meu pai era um homem compreensivo. Tinha um rosto austero, mas era íntegro e capaz de tirar a roupa do corpo para ajudar as pessoas. Sempre falava baixo, com calma e tentava apoiar a família em todas as decisões. Não tolerava falta de caráter, de humildade ou qualquer forma de preconceito. E como era esperado, não julgou o genro.

— Ele é um homem ocupado. Acha que ele faria isso por maldade? Não, né, Rafaela!

— Não sei. Cada dia que passa, eu tenho mais certeza de que não o reconheço no homem com quem casei. Cada dia, eu o acho mais egoísta, machista e preconceituoso. Como eu pude ser tão cega por tantos anos, pai?

— Vocês não estão bem, Rafa?

— Acho que nunca estivemos muito bem. Talvez tenha sido um enga...

A enfermeira interrompeu, chamando pelo acompanhante do seu Zé e saí em disparada para acompanhá-la. O médico aguardava. Assim que entrei, ele disse que o exame radiológico dos pulmões acusou pneumonia, mas que estava em estágio inicial.

— Vou medicá-lo e vocês podem ir para casa, mas amanhã, consultem um pneumologista.

— Espere, doutor. Como vou levá-lo para casa se nem consegue ficar de pé? Ele está fraco demais.

O médico me olhou por alguns segundos como se estivesse estudando a minha pergunta. Era bastante jovem, provavelmente, residente e ainda muito inseguro.

— Aguarde um instante.

Ele saiu da sala, com certeza foi procurar o responsável por aquele plantão, e

eu fiquei ao lado da cama do meu querido Zé, que dormia. Parecia mais tranquilo, mas visivelmente abatido. O médico voltou acompanhado pelo seu chefe.

— Sou o cardiologista, Dr. Carlos. — Apresentou-se estendendo a mão em cumprimento. — Vou interná-lo. Ele vai ficar por, no máximo, 48 horas em observação na UTI cardíaca, faremos todos os exames necessários.

— UTI cardíaca? Não entendi.

— Ele teve uma arritmia. Não fique preocupada. Lá, ele será bem atendido, pois terá monitoramento vinte e quatro horas.

Senti um alívio em meu coração ao saber que ele seria cuidado por uma equipe especializada e por tempo integral. Feita a papelada, seu Zé deu entrada na Unidade de Terapia Cardiológica. As enfermeiras me entregaram suas roupas e demais pertences e deixaram que nos despedíssemos dele, rapidamente. Ele dormia e nem nos viu sair.

Quando papai me deixou em casa, já passava das dez da noite. Eu estava cansada, contudo um pouco mais tranquila com a situação do vôzinho, já que os médicos deixaram claro que ele só ficaria internado por dois dias, apenas para exames e para receber medicamentos intravenosos, que agem mais rapidamente. Só então lembrei que ainda teria que enfrentar Marco. Estava difícil de perdoar a maneira como havia reagido naquela tarde. Seu egoísmo era intolerável e eu já estava ficando desanimada em tentar mudá-lo. Só me estressava discutindo com ele e não conseguia fazê-lo entender que estava errado. Ele jamais assumia seus erros e sempre agia como se eu fosse culpada de tudo e ele a vítima.

Entrei em nosso quarto e ele não estava lá. Tomei um demorado e relaxante banho e desci para comer. Ouvi Marco falando com sua mãe ao telefone. Ele estava no sofá do escritório e não percebeu minha presença.

— Mãe, eu sei. Não vai acontecer de novo... Vou fazer com que ela entenda que está errada... Porra, mãe! Também não é assim... Claro que ela me deve satisfações...

Continuei parada na porta ouvindo. Não sei o que ela falava, mas com certeza cobrava dele uma postura machista a meu respeito. Tudo, absolutamente tudo, Marco contava a ela, que sempre o apoiava e se voltava contra mim. Era a

verdadeira responsável pelo monstrinho que o filho se tornou. Ele continuou dando satisfações a ela, que, por sua vez, não parecia dar muita chance dele falar.

— Ela ainda não chegou, mas pode estar certa de que essa foi a última vez que fez isso, mãe. Que merda! Ela vai ter que escolher: ou o velho ou eu.

Pigarrei e entrei. Ele, rapidamente, tirou os pés da mesa de centro, assustado com a minha chegada. Despediu-se e desligou em seguida.

— Sua mãe está bem? — Inclinei e beijei sua boca.

— Sim, está. — Olhou receoso e desconfiado de que eu pudesse ter lhe escutado.

— E você está bem? — Fui sarcástica para demonstrar toda minha indignação. — Está se sentindo bem, depois do que fez hoje?

— Não entendi. — Ele encarou me desafiando. — O que eu fiz?

— Verdade! — concordei sustentando o olhar dele. — Não é o que você fez, mas o que não fez!

— Já jantou?

— Por que fez aquilo, Marco?! — esbravejei, não tolerando mais o cinismo dele. — Você sabia que eu estava desesperada, que não sabia como agir. Por que recusou ajuda? — O enfrentei corpo a corpo, quando ele levantou e tentou passar por mim. — O seu Zé tem mais de oitenta anos e podia morrer se não fosse socorrido logo.

— Rafaela, eu tenho meus compromissos e não posso salvar o mundo. — Recuou e sentou novamente, ironizando. — Você não faz nada o dia todo e, então, resolve dar uma de Madre Teresa e quer que eu deixe o meu trabalho para ajudá-la? Tenha paciência, porra! Não sou médico!

De novo, ele se recusou a assumir seus erros e ficou irritado comigo. Levantou-se e foi até a porta, então parou e voltou-se para mim, com um tom ameaçador.

— Mais uma coisa: Quantas vezes eu tenho que dizer que não quero chegar e

não encontrá-la aqui? — Olhou para o relógio em seu pulso. — Você viu que horas são?

— Você só pode estar brincando, né?

— Não, Rafa. Eu não estou brincando. Se você insistir, eu descubro onde o velho indigente está internado e dou um jeito de te proibirem de vê-lo, sob qualquer alegação. — Ele descontrolou-se e deu um soco no batente da porta.

— Você está louco! Não pode fazer isso! Foram esses os conselhos da sua mãe?

— Boa noite, Rafa. Ah... — Ele virou-se e me apontou o dedo, de longe. — Mais uma coisa: Não vou admitir gastar um único centavo meu com as despesas dele.

— Ele não precisa de dinheiro, Marco! — gritei deixando as lágrimas rolarem por meu rosto. — Ele precisa de amor, apenas isso.

— Eu também preciso do seu amor! A propósito, espero no quarto.

Perdi completamente a fome. Soltei meu corpo sobre o sofá e soluzei por muito tempo. Apesar do cansaço, demorei muito tempo antes de subir. Fiquei trocando mensagens com Rachel. Marco tomava bebidas fortes durante e após o jantar, o que o faria estar desmaiado na hora que me recolhesse. E Giordana? O amava tanto, não havia como discutir sobre isso, mas de tal maneira que chegava a ser doentio. Ela não percebia que só o prejudicava, cada dia mais. O incitava a ser mau.



IGNOREI TOTALMENTE AS AMEAÇAS DE Marco e fui ao hospital todos os dias nos dois horários permitidos para visitas. No começo fiquei bastante animada, pois o seu Zé estava reagindo bem aos antibióticos e aparentemente, de acordo com os médicos, logo teria alta. Contudo, não foi o que aconteceu. Os exames realizados acusavam ainda um pouco de infecção e, portanto, o ideal seria que continuasse o tratamento internado. Fui autorizada a passar algumas horas da tarde com ele, porque faria bem e ajudaria em sua recuperação.

— Nunca mais ouse me assustar assim, vôzinho!

— Fada, vaso velho é assim mesmo. Uma hora caí e quebra.

— O senhor não é velho, é maduro. — Sorri para ele, afagando seus cabelos.
— E quer saber? Logo vamos para casa, já está quase bom.

— Cada coisa que temos que passar... Ah! Deve ser por um bom motivo. Há sempre uma explicação.

— Nossa, seu Zé! Eu não sei o que há de bom em ficar num hospital internado.

Ele ficou pensativo e distante, como se não soubesse mais sobre o que falávamos e, de repente, começou a ter alucinações. Eu achei que fosse por conta dos remédios e da fraqueza. Ele achava que havia animais no quarto e por mais que eu tentasse explicar que não estavam ali, não acreditava e chamava por Bob, como se o estivesse vendo.

Na hora do lanche, ele se afogou com tudo que tentou comer ou beber. Chamei uma enfermeira, que imediatamente saiu atrás do médico, que, por sua vez, foi bastante duro comigo.

— Pare de dar comida a ele! Tudo que está ingerindo está indo para os pulmões. Está broncoaspirando — retrucou já colocando o estetoscópio nos ouvidos. — Saia daqui, por favor, deixe-me examiná-lo.

Fiquei encolhida e assustada ouvindo a forma indelicada como aquele senhor, que se dizia médico, falou comigo. A enfermeira me levou até a porta da Unidade e desculpou-se por ele.

A saúde do seu Zé estava se agravando e eu sozinha e impotente. Não havia mais ninguém na sala de espera que costumava ficar lotada nos horários de visitas. Liguei para a minha mãe.

— Não, mãezinha, não está tudo bem — contei rapidamente sobre o ocorrido.

— *Você precisa se acalmar, filha. Ele está sendo bem cuidado aí. Esse hospital parece ser muito bom. Quer que eu vá te fazer companhia?*

— Não, mãe. Não precisa. Vou tentar comer alguma coisa enquanto espero o horário de visitas da noite. Eu vou ficar bem. Depois, dou notícias.

— *Ligue por qualquer coisa que precisar.* — Mamãe ficou muito preocupada e sabendo que aquilo não era um bom sinal, fiquei ainda mais nervosa. — *Eu te amo, filha!*

— Também te amo, mãezinha. Beijo.

Foram as quatro horas mais longas que já vivi. Por volta das oito da noite, o médico do plantão avisou que estavam transferindo o seu Zé para a UTI Geral, pois o estado de saúde dele havia se complicado e talvez fossem necessários alguns procedimentos para que se recuperasse.

— Que tipo de procedimentos, doutor?

— Isso será definido pelos médicos intensivistas. Você pode ver o seu avô, agora. Precisa ser rápido, pois a transferência é urgente.

Fiquei ainda mais desesperada quando vi seu Zé sendo levado numa maca, com uma enorme máscara de oxigênio que praticamente escondia todo o seu rosto. Seus olhinhos assustados sugeriam que ele não estava entendendo nada. Beijeí sua testa e me despedi dele sem conseguir controlar as lágrimas que desciam por meu rosto.

— Vou estar aqui te esperando, vizinho. O tempo todo.

Ele levantou a mão com dificuldade e acenou para mim. Um aperto se formou em meu coração e um medo incontável de estar vendo-o pela última vez tomou conta de mim. Era angustiante a ideia de não conviver mais com o homem que me acolheu em sua casa e em sua vida. Não suportaria perder aquele amor que me foi dedicado, incondicionalmente.

Voltei para casa e recusei me entregar àqueles maus presságios. Minha cabeça latejava, meu peito estava sufocando, mas o seu Zé havia me ensinado que bons pensamentos atraíam coisas boas. Sempre foi um guerreiro e não era uma pneumonia idiota que o derrubaria. Ele iria sair daquele lugar. Era certo.

Dei um selinho em Marco e rezei que não provocasse nenhuma briga, porque não aguentaria discutir com ele de novo, não naquela noite.

— O que houve? Você demorou.

— Seu Zé foi transferido para a UTI Geral — expliquei desanimada. — Provavelmente, os médicos o sedarão na tentativa de poupá-lo para que se recupere. Pelo menos foi o que eu entendi.

— Rafa, eu não sei não. Na idade dele, se eu fosse você não esperaria muita coisa. — Fingiu preocupação ao falar, mas voltou imediatamente para o livro que estava lendo. — Ele não deve durar muito.

— Não diga isso, por favor. Ele vai ficar bem.

— Depois não diga que não avisei. — Abaixou o livro de novo e olhou com

as sobrancelhas juntas. — Pense um pouco: Ele entrou pra fazer exames por dois dias... Já faz mais de uma semana e só piorou... Com a idade dele... Estou avisando para o seu bem. Sei que está apegada ao velho e depois vai ficar sofrendo.

— Boa noite, Marco. — Virei as costas, sem paciência de discutir.

— Você não vai jantar?

— Não. Comi alguma coisa no hospital. Vou tomar um banho e deitar.

— Porra, Rafa, não se esqueça de que você tem uma família! Vai me deixar jantar sozinho, de novo? — Sentou-se no sofá e jogou o livro na mesa de centro. — Gostaria muito de chegar do trabalho e encontrá-la em casa. Até quando vamos viver nessa situação?

— Marco, eu não sei. — Revirei os olhos. — Você não percebe o quanto é egoísta? Ele só tem a mim. Tenha um pouco de paciência. Logo estará tudo bem.

— Não está tudo bem. Eu sou seu marido. — Disparou a falar apontando para o próprio peito. — Eu sinto sua falta. As coisas não estão bem e não diga que sou egoísta.

— Você, você, você... Só você importa? Estou cansada, não enxerga? — queixei-me desanimada. — Amanhã conversamos. Boa noite!



Após cuidar do Bob, eu continuava minha maratona, casa-hospital, duas vezes ao dia e a cada visita eu recebia notícias mais desanimadoras. Minha irmã me acompanhava quando podia e, de vez em quando, um amigo ou vizinho apareciam para vê-lo. Como somente duas pessoas podiam entrar, eu cedia minha vez e me contentava em esperar pelas notícias, que não eram nada boas. O tempo passava e tudo ia piorando. Seu Zé não estava reagindo bem. Ele foi sedado, precisou ser intubado e, por último, seus rins pararam de funcionar. Quando as suas chances eram mínimas, os médicos me passaram a causa do

agravo de sua doença. Ele havia contraído uma bactéria super-resistente, ou seja, infecção hospitalar. Nas minhas longas esperas na sala de visitas, conheci várias famílias que passavam pelo mesmo drama. Os problemas de saúde que motivaram as internações eram os mais diversos, mas tinham uma coisa em comum: todos foram contaminados pela tal bactéria. Foi como viver uma história de horror. Era como estar acordada dentro de um pesadelo. As pessoas iam morrendo umas atrás das outras. Sem chances de sobrevivência para crianças, jovens ou idosos. Todos os dias havia uma nova perda.

Seu Zé estava tão inchado que parecia nem caber mais na cama. E numa noite, depois que descartei as luvas, máscaras e o avental especial, cujo uso era obrigatório, o médico me alertou:

— Infelizmente, os rins dele pararam mesmo. — O jovem doutor pousou a mão sobre meu ombro e o apertou delicadamente. — Se vocês têm religião podem chamar um padre ou pastor. Ele não tem mais do que vinte e quatro horas. Eu sinto muito!

Foi como receber uma pancada na cabeça. Caí num choro desesperado e me apoiei nos braços de minha mãe, que tentou me consolar. Meu estômago começou a arder e ainda que eu quisesse controlar, os soluços sacudiam meu peito, com força.

Chegamos a minha casa, tão arrasadas que até o Marco se solidarizou, não sei se pelo meu estado ou porque minha mãe estava comigo. Ele veio ao nosso encontro e me abraçou carinhosamente.

— Não fique assim, Rafinha. — Acariciou os meus cabelos. — Eu estou aqui. Vai ficar tudo bem.

— Ele está morrendo, Marco. — Chorei em seu ombro. — Eu não acredito que isto esteja acontecendo.

Minha mãe foi quem explicou a situação ao meu marido, enquanto ele ouvia tudo abraçado a mim e me beijando a cabeça, de vez em quando.

— Os médicos disseram que se os rins dele não voltarem a funcionar não há chances de recuperação. A infecção não dá trégua. Ele está tomando antibióticos fortíssimos, mas, pelo visto, não estão funcionando.

— Eu avisei a Rafaela. Tinha quase certeza de que isso aconteceria.

— Marco, não faz diferença o que você avisou ou não. — Minha mãe chamou a atenção dele sem paciência para ouvir seus comentários maldosos. — A Rafa precisa de apoio. Não importa o que você previu ou não. A dor é a mesma. Ele é muito importante para ela e para nós também.

— Eu sei, Iolanda. Eu sei.

— Está tudo bem, mãe — choraminguei e me afastei de meu marido. — Vá descansar. Eu vou ficar bem.

— Boa noite, minha filha. — Minha mãe se despediu, com um beijo e um abraço apertado. — Ligue a qualquer hora que precisar.

— Obrigada, mamãe. Dê um beijo no pai.

Minha mãe saiu e, antes de subir para o quarto, Marco me chamou:

— Rafaela, meu amor, procure descansar. Eles podem chamá-la a qualquer momento. Estarei aqui para qualquer coisa que precisar.

Olhei desolada para ele. Era como se estivesse comemorando tudo de ruim que estava acontecendo. Ele tentava, mas quase não conseguia conter o sorriso.



ACORDEI ALIVIADA POR NÃO TER recebido nenhuma ligação do hospital. *Chamar padre? Eles não conhecem o seu Zé!* Tomei um longo banho e desci para o café. Marco me esperava.

— Podemos conversar?

— Claro, Marco! Sempre podemos. — Beijei seu rosto antes de sentar.

— Desculpe. Tenho sido um tanto inconveniente com você. — Ele segurou minha mão que descansava sobre a mesa. — Só espero que entenda que a amo e sinto sua falta.

— Eu sei, Marco. Eu até entendo, mas em nome desse amor que diz que sente, procure compreender. Isso é passageiro. Eu tenho fé de que logo ele estará bem e voltará para casa.

— Não digo apenas, eu sinto... — Olhou de canto. — Não se iluda, Rafa! Ele não voltará...

— Marco! — Livrei minha mão da dele. — Como pode falar isso?

— Porra, Rafa! Seja realista, minha querida!

— Como consegue estragar tudo, sempre? Você sente prazer em me atormentar? — gritei tendo um rompante. — Por que faz isso? Eu sei que a situação é grave, sei que pode acontecer a qualquer momento, mas não aconteceu, então pare de me torturar. Ele está vivo e, enquanto houver vida, eu não vou desistir dele, entendeu?

— Só não se queixe se um dia eu desistir de você.

— Se a condição para que isso não aconteça é que eu me afaste do seu Zé, desista já, Marco. Desista já!

Ele semicerrou os olhos e ficou por um tempo me encarando com a testa franzida.

— Talvez o destino se encarregue disso.

Levantou-se e saiu. Sua falta de compreensão era intolerável. contei os segundos, para então ouvir o carro dele sair da garagem cantando pneus. Aquilo já havia virado rotina.

Refeita do mal-estar, fui para o hospital no primeiro horário de visitas. Tudo continuava exatamente igual. Seu Zé não havia reagido e os médicos decidiram fazer sessões de diálise para filtrar o sangue. Era a última esperança. Em meus pensamentos, eu criei um mantra: “*Os rins dele estão funcionando normalmente*”. Eu repetia isso para mim mesma, durante o trajeto para casa, na hora do banho, enquanto jantava e quando deitava e tentava dormir, ignorando a presença e as provocações de meu marido, noite após noite. Não sentia a menor vontade de duelar com ele a cada encontro.

A cada nova manhã, eu acordava aliviada por não ter recebido a tão temida ligação do hospital. O prazo dado pelos médicos havia se esgotado, seu Zé se recusou a cumpri-lo.

Após o almoço, antes de ir ao hospital, eu passava no casarão para tratar o Bob. Naquela tarde, apesar de ter me recepcionado com alegria, ele estava imensamente triste e quando coloquei água fresca e a ração, não quis comer.

— Não fique assim, amigo. Também sinto a falta dele. — Acariciei suas costas e seus longos pelos macios e dourados. — Ele vai voltar. Não vamos perder a fé, está bem?

Bob era um lindo *golden retriever* e, como todo animal, sentia pelo dono um amor incondicional. Sentei na escada da varanda, ele deitou ao meu lado e em minutos dormiu tão profundamente que chegou a roncar. Seu Zé estava ali, em todos os meus pensamentos. As recordações de nossos momentos afloravam em minha mente.

— *Fada, não se aborreça. Parece que o mundo vai acabar, né?* — perguntou dando uma risadinha. — *Só parece, mas não acaba não. Tudo passa.* — Ele tentava me consolar após saber da última discussão que havia tido com meu marido. — *O importante é que você está tentando. Já deu o primeiro passo. Cedo ou tarde, ele cederá e as coisas se resolverão. Sente aqui, minha filha.*

Eu obedecia prontamente, sentava ao seu lado e me preparava para aprender mais uma lição de vida. Ele tinha paciência em ouvir minhas queixas e histórias. Um dia, contei a ele a forma como me deixei dominar por Marco Aurélio. Foram doses homeopáticas e fui deixando acontecer. Ficava envergonhada ao confessar que, no começo, eu me julgava protegida e amada. Não era proteção, era controle, mas seu Zé sempre me confortava.

— *Ué! E por que vivemos? Para aprender. É natural que só tenha percebido isso agora, porque está mais madura. Tudo e todos mudam. Arregace as mangas e comece a fazer algo por você. A vida é curta, mas a eternidade não.* — Deu de ombros e continuou: — *Ele vai reclamar, mas acostumará. Acabará entendendo que você tem direito a se sentir útil, como acontece com ele.*

Eu achava que seu Zé devia ter sido um ótimo marido, mas ele contou que também cometeu erros. Que aprendeu algumas coisas, tarde, mas em tempo de fazer sua esposa feliz. Ele tinha convicção de que se meu marido não mudasse e passasse a me valorizar, outra pessoa o faria. Ele ria quando eu dizia que se me separasse de Marco, jamais me casaria de novo. Naquele dia, ele falou sobre um amigo de Arthur.

— *Meu filho Arthur tinha um amigo, o Dante. Um dia, ele aparecerá por aqui e você o conhecerá. Cursaram faculdade juntos e fizeram residência em Neurologia, lá em São Paulo...*

Eu prestava total atenção e via a empolgação que ele sentia em contar suas histórias, que eu adorava ouvir. Que saudades! Ele sempre tinha algo a me ensinar por trás de cada narrativa.

— Eram como irmãos, inseparáveis. Meu filho se foi e o Dante continuou vindo me visitar de vez em quando. É um ótimo rapaz. Sempre disposto a ajudar em qualquer eventual necessidade. Um moço dedicado e boa-pinta, mas nem isso o poupou de um divórcio desgastante e amargo.

— Ele se casou com uma megera? — perguntei tentando adivinhar o que havia acontecido. — Só pode! Com tantas qualidades. Se o Marco fosse metade disso, eu nunca o largaria.

— Cada um sabe onde dói o coração, Fada. Ela não era má pessoa, mas não soube suportar a ausência dele. No início de carreira, os médicos passam muito tempo fora de casa. Precisam estar disponíveis ao trabalho. Ela não soube lidar com a solidão de noites e mais noites, fins de semanas, Natal, Ano Novo. E, então, colocou-o na parede. Pediu que ele escolhesse entre ela e a medicina. Muito bem, ele é médico ainda. Então... foi um erro.

— Ele não errou! Apenas se dedicou a profissão.

— Foi um erro dela. Só quem não ama o suficiente impõe uma escolha dessas.

— E nem ele a amava! — exclamei cheia de certeza.

— E o Marco? Acha ele te deixaria se insistisse em seguir sua carreira?

— Eu não sei. Eu nem sei se ele me ama de verdade. — Pensei um pouco na pergunta e respondi o que sentia de todo meu coração: — Eu acho que me deixaria sim. O Marco é estranho. Ele nunca conversa comigo. Cobra a minha presença em casa, mas na maior parte do tempo me deixa sozinha. Ou fica enfiado na casa dos pais ou com o primo Hique. Com certeza, isso não é amor.

— Faça planos, Fada. Não se preocupe com a opinião do Marco ou de quem quer que seja. Todos nós temos necessidades e somos os únicos com poder de decidir sobre elas. Se ele te amar, apoiará, ainda que não seja tão favorável. Se não apoiar, não te ama e, então, já vai tarde.

— O senhor é a pessoa mais incrível que já conheci. Sou muito feliz por ter vindo xeretar sua casa um dia.

— Deixe de ser boba.

Ele ficava encabulado com qualquer manifestação de afeto. Mas eu sabia que, no fundo, adorava.

Não sei por quanto tempo fiquei lá com minhas lembranças. Seu Zé sempre estava certo e assim que voltasse para casa, eu mudaria minha vida e rotina. Estava decidida. Se realmente Marco me amasse, teria que aceitar isso.



Coloquei o avental, luvas, máscara, e quando me aproximei do leito de UTI, o meu coração sangrou ao constatar que não havia evolução. Seu Zé continuava sedado, alimentava-se por sonda, tinha muitos medicamentos correndo por suas veias e respirava por aparelhos. Devia estar pesando três vezes mais que o normal e em seus calcanhares começavam a se formar escaras. Um cenário bastante arrasador e desanimador, que se repetia a cada visita.

— Vôzinho, eu não vou desistir. — Segurava sua mão inchada e acariciava sua testa. — Mas, por favor, não desista também! Eu preciso muito que volte.

Chorava, mas jamais deixava de conversar com ele. Algo me fazia acreditar que era possível ser ouvida. Depois, ficava na sala de espera, em frangalhos, aguardando os médicos, sem perder as esperanças.

Numa noite houve um atraso no horário dos boletins porque a equipe teve um procedimento de emergência. Ficamos alvoroçados, tentando imaginar quem era o paciente daquela vez. Era comum isso acontecer e o medo ficava visível na troca de olhares entre os familiares. Quando finalmente a enfermeira começou a chamar, meu coração batia fortemente e minhas mãos suavam. Aquela lista, em ordem alfabética, parecia ter ganhado dezenas de novos nomes e o pavor me fez crer que nunca chegaria à letra J.

— Familiares do senhor José Antônio Medeiros?

Levantei rapidamente e me postei frente aos médicos, com as pernas bambas.

— Olá! — Estendeu-me a mão e deu um sorriso forçado. — Hoje temos boas

notícias.

Foi como se tirassem uma tonelada de meus ombros. Fiquei emocionada ao saber que os rins reagiram após a primeira diálise.

Se eu pudesse abraçaria aquele médico magrinho, de cabelos cacheados, em agradecimento pela notícia que estava dando. Porém, ao seu lado havia outro médico. Esse tinha um olhar frio, inexpressivo, e a pele branca deixava suas olheiras ainda mais marcantes. Era alto, magro e tinha cabelos curtos e negros, como sua aura. Aquela figura sinistra me causou arrepios, antes mesmo de abrir a boca e me dirigir a palavra. Assim que percebeu meu alívio, lançou-me um olhar maligno e mal-humorado, deu-me um verdadeiro banho de água fria.

— Isso não é tão animador, foram apenas 10 ml, não significa que os rins estejam funcionando novamente. — Seus lábios mexiam, mas seu olhar estava parado sobre mim. — Pode ser até urina que estava retida na bexiga dele.

— É animador sim, doutor... — parei um instante para ler seu nome no crachá — Rodolfo. Para mim é muito animador. — Sustentei o olhar dele, sentindo um calafrio na espinha. — Não é resquício de urina. Ele está reagindo.

Sem se dar ao trabalho de responder ou pedir licença, o Dr. Rodolfo virou-se de costas para mim e, como um fantasma, juntou-se a outra família que aguardava informações. O Dr. Heitor deu uma piscada que me fez acreditar que estava certa.

— Pode ter esperanças sim — concluiu o doutor bonzinho, que também era o chefe da Unidade. — É muito provável que os rins dele normalizem.

A primeira coisa que fiz ao sair dali foi ligar o celular e mandar mensagem para minha família.

*Adivinhem? Os rins dele deram sinal de vida.
Estou muito esperançosa. Amo vocês!*



Mesmo que as esperanças jamais tivessem me abandonado, aquela notícia foi como um bálsamo para minha alma. Eu passei a imaginar seu Zé com saúde, em casa. Era a força que precisava para prosseguir e, de alguma forma, ele receberia essas minhas boas vibrações.

Passados trinta dias, os médicos já comemoravam algumas melhoras. Ele recebeu uma sonda diretamente no estômago, para se alimentar; foi traqueostomizado para continuar fazendo uso do respirador artificial, teve formação de escaras, mas, apesar disso tudo, estava respondendo bem aos tratamentos. Os rins voltaram a funcionar e depois da terceira sessão, a diálise foi suspensa. Ele começava a desinchar lentamente. Os médicos começaram a diminuir a sedação para trazê-lo de volta e observar como reagiria se saísse do coma induzido. E o chefe da UTI nem acreditava que aquilo tudo estivesse realmente acontecendo.

— O senhor José é muito forte. — O Dr. Heitor estava bastante otimista. — Ele foi ao fundo do poço. A sua única opção era subir e ele está fazendo. É um guerreiro.

A Vigilância Sanitária lacrou a Unidade, que foi fechada para desinfecção, depois que todas as famílias denunciaram as condições do lugar. Somente três pacientes sobreviveram desde que a superbactéria, que não lembro o nome, contaminou o hospital. Os três foram isolados numa área da Unidade coronária que foi, provisoriamente, transformada em UTI Geral.

O meu guerreiro José Medeiros ganhava mais uma batalha. Ainda que talvez nem tivesse ideia de todo aquele processo, ele inconscientemente lutou pela vida. Era questão de tempo para que eu pudesse sentir novamente o seu abraço e contar a ele o quanto foi forte e quanto me orgulhava dele, mais a cada dia.



APÓS DOIS MESES DE TRATAMENTO intensivo, eu fui autorizada a passar as tardes com seu Zé, que estava acordado. Foi gratificante o dia que cheguei para a visita e o encontrei sentado na poltrona pela primeira vez. Ele fazia sinais ativamente com as mãos e ainda que não houvesse o som de sua voz, devido à traqueostomia, eu entendi perfeitamente que ele chamava:

— Fada, Fada...

Não consegui controlar as lágrimas. Apesar do pedido dos médicos, para que sempre conversássemos com ele com positividade e otimismo, abracei-o chorando e ele retribuiu com batidinhas em meus braços, pois não tinha forças para me abraçar. Ele estava melhorando dia após dia, e os fisioterapeutas trabalhavam em sua recuperação motora e respiratória. Entrou em processo de desmame, que consistia em tirá-lo da respiração artificial por pequenos períodos, que seriam aumentados gradativamente. Em todos os testes, ele foi aprovado.

Todos os médicos estavam muito orgulhosos dele, exceto o doutor Rodolfo, que eu apelidei de urubu, porque ele fazia questão de demonstrar pessimismo sempre. Enquanto o doutor Heitor esbanjava otimismo, o doutor Urubu dizia que ainda era cedo para comemorarmos a vitória porque o quadro poderia se reverter a qualquer momento, devido à gravidade do que ele sofreu; o risco de adquirir

novas infecções e a sua idade avançada. Passei a ignorá-lo e não dava valor a nenhuma informação que passasse, apesar de minha mãe achar que ele apenas era sensato. Para mim, era um homem sem coração, um sádico e, decididamente, eu não gostava dele.

Há sessenta dias, eu tentava convencer Marco de que logo as coisas voltariam ao normal. Seu Zé estava prestes a ir para o quarto. Todavia, quanto mais eu argumentava, mais ele teimava em me tripudiar, ameaçar e reclamar apenas pelo fato de eu sair todas as tardes. Normalmente, eu ficava fora entre as 14 e 21 horas. Ficava com minha mãe, em sua casa ou no hospital. Fazia isso de segunda a segunda. Costumava estar presente no horário das refeições, mas, para me punir, era muito comum ele sair antes de eu acordar ou marcar jantares com amigos ou com os pais dele. Depois reclamava a minha ausência. Ele não percebia que, há muito tempo, estávamos distantes um do outro.

Não sabíamos que as coisas ficariam um pouco mais complicadas quando seu Zé fosse para o quarto. Devido à sua idade, ele precisaria ser acompanhado em período integral. Deixei para pensar nisso no momento oportuno. Eu estava esgotada e não sabia direito como agir. Dava sempre um passo de cada vez. Naquele momento, eu já entendia tudo sobre o funcionamento de Unidades Intensivas. Nomes de medicamentos, pomadas, dietas, sondas, manobras fisioterapêuticas, exercícios fonoaudiólogos e tudo mais.

Minha família me deu total assistência, apesar de meu pai ficar confuso muitas vezes sobre o que eu estava fazendo. Eles concordavam que não teria cabimento abandonar seu Zé num momento de fragilidade como aquele, mas não tiravam a razão de Marco ao se sentir abandonado.

— Pai, eu não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo — expliquei esticando minhas pernas e apoiando os pés no colo dele e a cabeça no de minha mãe. — E eu não estou deixando o Marco de lado. Estou sempre lá na hora do jantar e quase todos os dias tomamos café juntos. Ele está apenas implicando como sempre fez.

— Rafinha — minha mãe falou acariciando meus cabelos e depois dirigiu o olhar repreendedor para meu pai. — Sabemos disso tudo, mas estamos preocupados. Você está visivelmente cansada. Vai acabar ficando doente.

— Porra, Rafa, você está linda! — Rachel se jogou no outro sofá e falava ao

mesmo tempo que digitava algo no celular. — Não acredite no que a mamãe está dizendo. Puro exagero, como sempre!

— Olha a boca, Rachel! — Papai a advertiu e olhou para minha mãe tentando segurar o riso. — Que guria!

— Mas, pai, vocês ficam colocando minhocas na cachola da Rafa! — Ela gesticulava com a cabeça suspensa para fora do sofá e os cabelos longos arrastando no chão. — Deixem que cuide do vôzinho. O Marco é um “mané”, mimado e chato. Eu, no lugar dela, já o teria mandado às favas.

— Você acha que é fácil, Quel? — reclamei tentando convencer mais a mim do que a ela. — Sei que ele é difícil, mas é meu marido. Eu gosto dele.

— Gostar não é suficiente, Rafa. Para aguentar um porre daquele, você tem que amar, sentir paixão, morrer de tesão...

— Rachel! — Papai chamou a atenção dela de novo e, desta vez, minha mãe não conseguiu segurar a risada. — Iolanda, controle sua filha!

— Mas que menina! — Mamãe tentou manter-se séria, mas não conseguiu. — A quem você puxou, Rachel? Por favor, me diga?

— Pela sua risada, puxei a você, né, mãe?

Rimos muito, como em todas as horas que eu passava com eles. Sempre saía de lá energizada e pronta para as tensas horas de hospital.

Naquela noite, soube que seu Zé finalmente seria transferido para o quarto. Mais uma batalha ganha.



Na manhã seguinte, quando cheguei à sala de jantar me deparei com Marco sentado sozinho. Nossa mesa comportava dezesseis pessoas, um exagero tão desnecessário. Em cinco anos de casados, podia contar nos dedos quantas vezes

recebemos gente o suficiente para preencher todos aqueles lugares. Vivíamos com luxo e requinte e completamente sozinhos, com espaço e sem calor. O que adiantava aquilo tudo, se nem filhos nós tínhamos? Muito mais feliz era a simplicidade do casarão, do que todo o glamour daquela casa enorme e vazia. Beije a sua boca e ele correspondeu, mas estava sério e de testa franzida como de costume.

— Acordou cedo. Vai sair?

— Sim. O seu Zé sairá da UTI hoje e preciso acompanhar sua remoção para o quarto. Quer vir comigo? — arrisquei. — Será um momento muito importante para nós.

— Que pergunta é essa, Rafa? — Recostou-se na cadeira e manteve a voz suave. — Cacete! O que acha que vou fazer lá? Seria, no mínimo, hipocrisia.

Fiquei olhando um tempo para ele antes de responder. Incrivelmente, estava coberto de razão.

— É verdade! Nunca ficará feliz por mim, Marco?

— Não há motivos para ficar feliz. — Ficou remexendo o café na xícara, por um tempo bem maior que o necessário, sem levantar os olhos para mim. — Ultimamente, você não tem feito nada para me fazer feliz.

— O que te deixaria feliz?

— Ora, Rafa! — Continuou remexendo a colher, só que mais rapidamente. — Tome seu café e me deixe em paz.

— Eu respondo. — Irritada com aquele movimento repetitivo, tirei a colher da mão dele e levantei seu queixo com as pontas dos dedos para que me olhasse. — Você ficaria contente se eu voltasse a ser a Rafaela com quem se casou. Que ficava feliz apenas por estar perto de você. Que saía de casa apenas para comprar roupas e outras futilidades para nós. A Rafa que dava instruções na cozinha, cuidando para que fizessem sempre seus pratos prediletos. Que ia ao salão ficar bonita para jantar com você, como um anjo de menina comportada e que depois, na cama, te proporcionava momentos incríveis de sexo devasso. Faltou alguma coisa?

Marco bebericou um gole de seu café e colocou suavemente a xícara de porcelana sobre o pires, tentando parecer calmo e disfarçar a raiva que saltava de seus belos olhos azuis. Ele tinha classe quando queria, e seria capaz de dissimular sempre. Conquistaria qualquer mulher que não o conhecesse verdadeiramente. Nenhuma pessoa que o olhasse, diria que ali dentro havia um homem extremamente egoísta e neurótico. Sorriu friamente e só então considerou.

— Exatamente, meu amor. É tudo com que eu sonho.

— Marco, eu mudei. Eu amadureci. — Tentei não me intimidar e me mostrar segura. — Eu não quero ser mais sua bonequinha. Quero ter uma profissão, trabalhar e espero que você passe a aceitar essa mudança. — O olhar que me lançou era indecifrável, mas continuei, apesar do nervosismo: — Eu estou disposta a lutar por nossa relação, mas não sou mais aquela boba...

Ele explodiu numa gargalhada, que me deixou irada.

— *Marco, eu mudei* — zombou, imitando a minha voz e jogou o guardanapo sobre a mesa. — Pois “desmude”!

Continuou rindo, exageradamente, inclinando a cabeça para trás. Seus dentes invejáveis estavam todos à mostra. De vez em quando me dirigia seus olhos, que tinham um brilho perverso, e seus ombros sacudiam, porém, repentinamente, parou. Curvou-se sobre mim e aproximou seus lábios dos meus. Virei o rosto rapidamente e ele acertou um beijo em minha bochecha. Depois, recostou-se novamente na cadeira e prosseguiu com sua ironia:

— Você é hilária, Rafa. Adoraria me divertir um pouco mais com você, mas tenho que ir.

Levantou, ajeitou a camisa dentro das calças e saiu pisando firme. Ele conseguia me abalar, mas resolvi não dar importância. Não naquele momento em que meu vovozinho sairia do inferno que viveu por mais de dois meses. Marco não estragaria aquele dia tão importante para nós.



ENFIM, SEU ZÉ ESTAVA DEVIDAMENTE instalado num quarto privativo do hospital. Ele sempre pagou seu plano de saúde com pontualidade e era praticamente a única coisa que conseguia fazer com sua precária aposentadoria, além de comer. Eu não deixei atrasar nenhuma das parcelas durante o tempo de internação. Já que muitas vezes, a pedido dele, eu cuidava de sua conta bancária, continuei a fazê-lo e o pouco que sobrava de seu salário, colocava em sua poupança.

Ele saiu da UTI sentadinho numa cadeira de rodas, agarrado firmemente como se tivesse medo de cair. Acenou para as pessoas que passavam e observou, com curiosidade, os quadros de pintura a óleo que havia nas paredes dos corredores. Tudo era novidade, porque ele ainda estava bastante confuso. Teríamos uma longa permanência ali, mas isso não importava. Eu, e acredito que ele também, atravessamos a barreira do inimaginável para o real, como se tivéssemos saído de um sonho ruim. Naqueles sessenta e sete dias, sofremos algumas das mais cruéis torturas que um ser humano pode aguentar, cada um na sua proporção, ele muito mais do que eu. Tínhamos travado batalhas com o demônio e enfrentamos nossos infernos particulares.

Seu Zé estava magro, abatido, tinha três “crateras”, na região sacral e nos calcanhares, resultado da falta de mudança de decúbito por parte da

enfermagem; não podia falar porque a traqueostomia impedia que emitisse sons; seus pulmões ainda requeriam cuidados em tempo integral; usava sonda uretral; não andava; não comia ou bebia via oral e os médicos não eram nada otimistas em relação a ele voltar a fazê-lo algum dia. Ele precisava ser monitorado por uma equipe de profissionais especializados em tratamentos diversos, vinte e quatro horas por dia, mas eu me recusava a pensar que seu restabelecimento era impossível, ele ensinou que tudo era possível, com certeza, era nisso que acreditava também.

Eu passava o dia no hospital e algumas noites também, mas era humanamente impossível ficar muito tempo sem dormir. Consegui a indicação de uma enfermeira chamada Mary, que era muito competente e carinhosa com seu Zé. Percebi que ele gostava muito dela, apenas pela maneira que a olhava e sorria quando a via chegar. Mary revezava comigo nas longas noites. E de dia, eu contava com minha mãe e até com Rachel, quando não tinha nada para fazer. O apoio de minha família foi essencial.

Foram muitas e longas noites em claro. Já conhecia praticamente todos os funcionários do hospital e do restaurante. Eu era cumprimentada até por médicos e enfermeiros que nem conhecia, mas estavam acostumados a me ver correndo pelos corredores.

Todos os dias, eu discutia com Marco, que não aceitou mais minha rotina. Fiquei bastante sensibilizada, porque, naquele momento, ele tinha mesmo razão, eu literalmente o coloquei em segundo plano. Ele, por sua vez, preferiu não me apoiar no momento em que mais precisei e estabelecíamos uma batalha a cada encontro.

Num final de tarde, quando cheguei para substituir minha maravilhosa mãe, sem a qual não podia sequer imaginar minha vida, ela contou que o doutor Dante, o amigo de seu Zé, havia ligado.

— É? E o que ele disse? — Revirei os olhos em sinal de protesto. — Nunca vi esse sujeito e seu Zé sempre me falou tão bem dele.

— Ele me pareceu uma ótima pessoa. Ficou sabendo por acaso que o seu Zé adoeceu e se mostrou bastante preocupado. Parece que ligou no casarão e uma vizinha o avisou.

— Ah, mãe! Preocupado? E por que nunca veio visitá-lo?

— Ele explicou que está morando fora do país, acho que na Alemanha, e ainda deve ficar lá por mais algum tempo.

— Você perguntou isso tudo a ele, mãe?

— Não, mas ele se justificou. E pediu que nós não deixássemos nada faltar ao seu Zé. Disse que vai entrar em contato com os colegas médicos para que acompanhem todo o tratamento dele e que ligará sempre.

— Meu Deus! — As palavras de minha mãe me causaram indignação e retruquei asperamente: — O que ele quis dizer com isso? Faz quase três meses que cuido de tudo. Agora ele surge do nada, dando ordens? Dizendo que vai fazer e acontecer? — Não consegui deixar de demonstrar toda a minha irritação. — Por favor!

— Ele foi gentil, Rafa. — Minha mãe considerou sem perder a calma. — Está claro que gosta do seu Zé, e assim que soube se prontificou a ajudar.

— Desculpe, mãe. — Agachei na sua frente, arrependida. — Eu ando nervosa, desculpe.

— Você está cansada, filha. Mas saiba que estou muito orgulhosa de você. — Minha mãe segurava minhas mãos, que estavam apoiadas sobre suas pernas. — Jamais imaginei que tivesse tamanha coragem para enfrentar tudo isso. Você é uma menina de ouro.

Apesar de estar passando pelo período mais difícil de minha vida e de não ter Marco ao meu lado como eu gostaria, ainda assim, reconhecia que minha família era muito comprometida em me ajudar a enfrentar todas as dificuldades. Minha mãe era uma mulher pequenininha, tinha o rosto mais lindo que já vi, seus olhos eram pequenos e castanhos e seus cabelos ondulados e pretos combinavam com sua pele branquinha. Aquela aparência frágil escondia uma mulher corajosa e determinada, que me ensinou a ser forte e a não me deixar intimidar por quem quer que fosse. Ela jamais saiu de meu lado ou da Rachel.

— Obrigada, mãezinha. — Abracei-a com lágrimas nos olhos. — Eu não conseguiria sem ajuda de vocês.

— Está tudo bem, minha filha. Eu te amo muito!

Estava ainda abraçada a minha mãe quando o telefone do quarto tocou e ela tentou adivinhar quem era.

— Será o doutor Dante de novo?

Não era. Estavam me chamando na tesouraria do hospital.

— Mãe, fique aqui mais um minuto, por favor. Preciso ir agora, antes que fechem.

Saí correndo pelo longo corredor branco, desci as escadas apressadamente e, quando cheguei, a funcionária pediu que eu aguardasse e quando retornou me apresentou uma conta referente aos procedimentos realizados e que o plano de saúde de seu Zé não cobria: todas as despesas com a fonoaudióloga. Não era um valor exorbitante e eu conseguiria pagá-lo. Havia uma pequena quantia na conta poupança do seu Zé e eu sempre tinha guardado o dinheiro que Marco disponibilizava para minhas despesas todos os meses, porém fiquei preocupada porque aquele tratamento seria longo e não fazia ideia do que mais o plano não cobriria. Era óbvio que Marco se negaria a ajudar caso eu precisasse, ele já havia avisado.

Providenciei o valor e quitei a dívida no hospital, mas os dias foram passando e as sessões de fonoaudiologia continuavam. Semanalmente, ele era removido para outro hospital, para fazer dilatações do esôfago por sondas termoplásticas. Eram necessárias várias sessões com calibres cada vez maiores para estimular sua deglutição. Era a esperança de ele voltar a ingerir alimentos via oral. Os medicamentos para tratamento das escaras, também especiais, precisavam de aprovação do plano de saúde para serem fornecidos.

Passei a ser uma mulher responsável, atenta e exigente. Fazia questão de acompanhar todas as decisões dos envolvidos no tratamento.

Eu estava cansada daquele hospital, e fiz algumas reclamações, entre elas, da ausência do cardiologista. Na manhã seguinte, o doutor Carlos apareceu para conversar comigo e parecia bastante nervoso.

— Parece que reclamou de mim!

— O senhor é o responsável pelo meu avô, certo? — Fiquei incomodada com aquele olhar de poucos amigos. — Mas jamais estive aqui para nos informar

sobre a evolução do quadro dele. É um entra e sai de médicos, e todos chegam e me perguntam como ele tem passado. Eu preciso que vocês me deem essa resposta.

— Eu estou sempre cuidando para que tudo corra como esperado. O seu avô não tem mais nenhum problema cardíológico — explicou limpando o suor da testa com um lenço que tirou do bolso do jaleco. — Eu resolvi sua arritmia quando ele deu entrada no hospital, antes de contrair a pneumonia. Ele está evoluindo muito bem e, provavelmente, após a instalação de uma nova sonda gastro, ele poderá ir para casa. Em home care é claro, isso quer dizer...

— Que ficará internado em sua própria casa.

— Exatamente. É o ideal, quanto mais tempo ele ficar aqui, maior a chance de contrair novas infecções.

O doutor Carlos era um homem obeso, muito claro e devia ter mais de 1,90m de altura. Quando entrou, senti-me um pouco intimidada, contudo ele estava tão nervoso quanto eu. À medida que nossa conversa foi evoluindo, foi se descontraindo e o rosto carrancudo deu lugar ao de um menino de bochechas gordas e vermelhas. Ele não estava muito otimista quanto à recuperação do vizinho.

— Quando ele voltará a comer?

— Provavelmente nunca. Ele jamais tomará qualquer líquido ou se alimentará via oral de novo. Sinto muito.

Após dar mais algumas respostas, saiu e por um momento me arrependi de tê-lo chamado. Ele quis jogar por água abaixo todas as minhas esperanças, contudo seu Zé me ensinou que sempre há uma saída, para tudo. Entre acreditar nas palavras do doutor ou nas do vizinho, eu escolheria sempre a segunda opção. Porém, passados dez dias, a fonoaudióloga trouxe gelatina de limão para testar a sua deglutição e, infelizmente, ele foi reprovado. Afogou-se assim que engoliu a primeira colherada.

Tão logo fiquei sozinha, puxei a única cadeira que havia ali e sentei ao lado do vô, segurei a sua mão e fiquei recordando as nossas conversas. Ele cochilava, às vezes tentava me olhar, mas a sonolência o fazia fechar as pálpebras pesadas. Quando ficava abatida pelos percalços e os maus pensamentos tentavam se

manifestar, eu procurava imaginar o que me diria. Ele sempre sabia o que falar. Só me restava esperar com paciência, um dia estaríamos juntos de novo.

Era um passo de cada vez. Tudo era lento em sua recuperação, mas aos poucos as melhoras iam acontecendo. Sua bexiga estava funcionando e a sonda foi retirada. As sessões de fisioterapia estavam sendo muito proveitosas e ele já dava seus primeiros passos, ainda que agarrado aos braços dos fisioterapeutas.

Final de mais um mês e novamente fui chamada à tesouraria para acertar a conta. A moça me apresentou as despesas e os valores eram um pouco maiores que do mês anterior. Entreguei meu cartão de débito e fiquei surpresa quando fui informada que a conta era inexistente. Achei estranho e pedi que ela refizesse a operação, mas tivemos a mesma resposta. Mais um problema para resolver no dia seguinte. Entreguei meus cartões de créditos e nenhum deles autorizou a transação.

— Marco!

— Como?

— Nada não. — Sinalizei com as mãos. — Por favor, desculpe, aconteceu alguma coisa com minhas contas. Amanhã eu resolvo isso, está bem?

— Claro! Ainda há prazo para pagamento.



DURANTE TODO O PERCURSO PARA casa, preparei-me psicologicamente para manter a calma e tentar evitar que minha conversa com Marco virasse mais uma guerra de ofensas e incompreensões. Infelizmente não seria possível, porque o que corria em minhas veias era sangue e naquela noite, em especial, ele fervia. Eu era uma simples mortal, cheia de defeitos, medos e, naquele momento, muita raiva. Eu tinha tanto medo de magoá-lo e ele fazia com tanta facilidade. *Concorde com a Quel, Rafaela, isso já é burrice. Você tem um sério problema e foge de resolvê-lo, o tempo todo.* Eu precisava me manter calma, perder a cabeça tornaria tudo mais difícil, mas, meu Deus, como podia ser possível? Estava cansada de ser sensata o tempo todo. Estacionei o carro e entrei feito um jato em nossa sala de estar.

— O que pensa que está fazendo?

— Boa noite, Rafaela. — Ele sequer levantou os olhos para mim. — Está falando de quê?

— Você sabe do que estou falando. Cancelou meus cartões!

Eu estava em pé na sua frente, bufando e ele rolando a tela do *iPhone*, sem demonstrar qualquer nervosismo, preocupação ou remorso.

— Ah! É isso?

— Marco! — Puxei o celular de sua mão e joguei sobre a mesa de centro. — Você quer fazer o favor de me olhar?

— Ouça uma coisa. — Finalmente ele sentou e me dirigiu aqueles olhos de icebergs, que me paralisavam. — Eu vi que você está arcando com as despesas do velho no hospital. Ele não é nada meu. Não o conheço e não tenho obrigação de gastar meu dinheiro com as porcarias das necessidades dele.

— Marco, o dinheiro é meu! — contestei e sentei na mesa de centro na sua frente.

— Engano seu. O dinheiro é meu! — retrucou orgulhoso apontando o polegar para o próprio peito. — Eu trabalho duro naquela clínica para manter essa casa e todos os seus luxos.

— Meus luxos? Você trabalha para manter o nível de vida que sua mãe acha que devemos ter. Você não percebe o que está fazendo? — Perdi totalmente o controle e tentei usar todos os argumentos possíveis para que ele percebesse que estava errado. — Estamos no século XXI e você não quer que eu trabalhe ou estude, apenas porque se preocupa com o que as pessoas dirão, porque isso ofende seu ego machista. — Ele levantou-se e começou a andar pela sala e eu o seguia tagarelando sem parar, como se só assim pudesse ser ouvida, pois ele não parava. — Coloca dinheiro na minha conta e tira na hora que bem entende? Só falta agora me trancar nesta casa como se eu fosse sua prisioneira. Eu não sou, Marco. Sou apenas sua esposa e isso não lhe dá o direito...

— Primeiro: Não coloque minha mãe nessa história. — Ele virou de repente, me forçando a parar e explodiu com o dedo enfiado em meu rosto. — E segundo... — Parou, puxou o ar, pensou por uns segundos e baixou o tom da voz. — Eu não vou te prender. Sei que não é minha propriedade. Não se preocupe, Rafaela. — Ele não me olhava nos olhos e isso desmentia absolutamente tudo que saía de sua boca. — Que merda! Eu não sou louco!

— Estou cansada, Marco. — Senti o coração cada vez mais acelerado. — Você não percebe o que está fazendo? Eu considero demais o seu Zé e quero cuidar dele.

Era inacreditável o esforço que eu tinha que fazer para explicar algo tão óbvio.

Marco sugava minhas energias.

— Você não faz outra coisa desde que o conheceu.

— Marco, procure entender, ele precisa de mim, mas eu preciso ainda mais dele. Por que não para de nos torturar?

— Meu amor! Não vou deixar faltar nada para você. — Ele me puxou para junto dele e afagou meus cabelos. — Tudo que você precisar, qualquer coisa, roupas, sapatos, perfumes, apenas me diga e dou a você, mas não peça nada, além disso!

Era muita insensatez. Sem acreditar no que estava ouvindo, afastei-me dele bruscamente e corri para o quarto. Marco havia perdido o controle, estava louco, apesar de não admitir. Nada justificava o ciúme doentio que sentia de minha relação com seu Zé. O mais difícil era aceitar que eu era a única culpada. Sempre cedi a todos os seus caprichos. Estava claro que ele precisava de ajuda.

Eu ainda não havia contado o ocorrido a meus pais. Não quis preocupá-los antes de ter certeza de que Marco estava por trás dos problemas com os cartões. Quando, então, falei por telefone com minha mãe, ela não se surpreendeu.

— *Minha filha, eu não estou surpresa e até acho que ele demorou a fazer algo do tipo. Eu temia muito o dia que isso aconteceria. Ele está declarando guerra a você.*

— Do que está falando, mãe?

— *Marco está se sentindo preterido. Não tiro de todo a razão dele. Está magoado e enciumado. Eu tenho medo das atitudes impensadas dele. Rafa, eu estou muito preocupada e acho que precisamos sentar e conversar sobre todos esses acontecimentos.*

— Você acha que pode ficar ainda pior? Não vejo como...

— *Minha filha, você não sabe o que um homem com orgulho ferido é capaz de fazer.*

— Não se preocupe, mãe. Ele acredita que me deixando sem dinheiro, cederei às vontades dele, mas não me faria mal, se é o que está insinuando.

— *Estou preocupada demais. E não estou gostando do rumo que as coisas estão tomando. Seu pai também está nervoso.*

— Desculpe, mãe, eu não queria envolver vocês em meus problemas. Prometo que vou conversar com o Marco e resolver tudo. Por ora, preciso pensar em como pagar a conta do hospital.

— *Claro que o Osvaldo vai ajudá-la com o dinheiro, Rafa.*

— Não, mãe. O papai já está fornecendo todo material que o vôzinho precisa. Não posso aceitar ainda mais.

— *Alguns pacotes de fraldas não nos deixarão mais ricos ou pobres, filha. Procure descansar agora e amanhã conversaremos. Um beijo, amor.*

— Beijo, mãe.



Como eu esperava, ao chegar ao hospital, na manhã seguinte, havia muitas coisas para resolver. Comecei procurando a enfermeira-chefe para tentar saber sobre a autorização e compra dos curativos especiais. Fiquei aliviada ao saber que o plano já havia concordado e naquele dia o médico informaria qual o melhor a ser usado. Também havia sido autorizada a troca da dieta alimentar. De acordo com o gastroenterologista, não havia a necessidade de estarem usando uma dieta industrializada importada, pois havia uma nacional tão boa ou melhor que aquela. Claro que fiquei me perguntando qual o critério da nutricionista do hospital, ao optar por uma ou outra. Mais tarde, descobri que a importada custava dez vezes mais do que a nacional e o que era ainda pior, o plano de saúde negou a cobertura. Nossa conta, no hospital, deu um salto gigantesco. Desde a alta da UTI, o seguro saúde deixou de pagar pelas dietas. Numa conversa com meu pai chegamos à conclusão que nada poderia ser feito, a conta era impagável.

— Quase cem mil reais, pai. Como pagar isso?

— Eu acho que teremos que abrir um processo contra a operadora para que arquem com essas despesas, afinal para isso fazemos planos de saúde.

— O tesoureiro do hospital disse que eu assinei os formulários concordando com a utilização dessa dieta importada e mais cara.

— Minha filha, isso é um absurdo! — Papai tentava me acalmar. — Você recebeu informações sobre a existência de outras opções?

— Não! Apenas falaram que ele seria alimentado por uma especial, devido a sua incapacidade de comer — expliquei recordando do dia que assinei o documento sem questionar nada. — Não entendo absolutamente nada disso. Pelo menos, não entendia. Só o que me interessava era que nada faltasse ao seu Zé.

— Neste caso, não podem acusá-la de ser responsável pela alimentação utilizada. Eles falam como se tivessem te dado opções. Eu vou me informar a respeito.

— Obrigada, paizinho! — Recostei no seu peito. — Obrigada por tudo. Não sei o que seria de mim sem vocês.

— Vou passar na tesouraria e tirar algumas informações — falou, calmamente, acariciando minha cabeça. — No momento, importa que o tratamento continue. Depois resolvemos o caso da dieta. Uma coisa por vez.

Fiquei na porta do quarto olhando meu pai se afastar. Ele era um homem muito justo. Naquela tarde, usava um terno preto que o deixava muito elegante. Não era muito alto e tinha os cabelos fartos e grisalhos. Aos cinquenta e sete anos começava a ganhar uma barriguinha e algumas rugas ao redor dos lindos olhos verdes. Com certeza, meu pai foi um jovem muito bonito e atraente e, apesar de minha mãe ter algumas queixas a respeito de seu sucesso com as mulheres, eu só sentia orgulho dele.

Minutos depois, ele estava de volta. Chegou acenando com um papel nas mãos. Ele tinha um ponto de interrogação carimbado em sua testa.

— O que foi, pai? O que é isso?

— Um recibo. Veja. — Ainda surpreso, ele ergueu o papel, na altura de meus olhos. — Acho que o Marco voltou atrás.

Era um recibo no valor de noventa e três mil e duzentos reais e não acreditei. Fiquei tão surpresa quanto o meu pai.

— Não foi o Marco, pai. Ele não faria isso. Pelo menos, não sem me avisar, para que eu tivesse ciência de que lhe devia um favor.

— Mas quem então?

— Dá esse recibo, pai. Vou conversar com o tesoureiro.

— Não adianta. — Ele me entregou o papel. — Disseram que a pessoa que pagou pediu para não ser identificada e eles respeitam muito isso.

— Meu Deus! — Olhei para meu pai, bastante desconfiada. — Pai, foi você?

— Por que eu esconderia de você, Rafaela?

— Vou ligar para o Marco.

Marco me atendeu no mesmo instante e, claro, estranhou minha ligação no meio na tarde.

— *O que houve? Está arrependida do showzinho de ontem à noite?*

Preferi ignorar a provocação e fui direto ao assunto:

— Você pagou a conta do hospital, Marco?

— *Por que acha que eu faria isso?! — explodiu numa risada cínica. — Eu não costumo mudar minhas decisões de um dia para o outro, Rafaela. Cacete, parece que não conhece seu marido! O que não entendeu sobre o que falei ontem?*

— Verdade, você tem razão. Não sei o motivo de ter me passado isso na cabeça. Esquece. Ah, e não me espere em casa, vou dormir aqui hoje.

Desliguei antes que ele pudesse retrucar. Meu pai sacudiu a cabeça negativamente, deixando claro que não concordava com minha atitude, beijou minha testa e saiu.

Eu fui até a cama de seu Zé e vi que ele havia acordado. Sorriu para mim e fez

sinal para que eu me aproximasse, o que obedeci prontamente. Afagou meus cabelos e me deu um beijo no rosto. Beijeí sua testa e o abracei cheia de carinho.

— Logo vamos sair daqui. Tudo vai ficar bem.

Ele concordou movimentando a cabeça e continuou me olhando. Podia ver em seus olhos marejados e cansados toda a gratidão que estava sentindo. Esboçou um sorriso ao me ouvir falar:

— Está tudo dando certo, viu? Eu te amo, vôzinho!



O tempo foi passando lentamente. Eu estava dominando todos os cuidados necessários para o bem-estar de seu Zé. As escaras dos calcanhares estavam cicatrizadas e a maior delas, da região sacral, estava caminhando para isso. Aprendi a trocar curativos, fazer algumas manobras físicas, aspirá-lo, e quase que brincando fazíamos juntos os exercícios de fonoaudiologia. Aprendi também a ter uma postura mais rígida e cobrar mais agilidade nas realizações de procedimentos e exigir que cumprissem normas de controle e combate de infecção, que os próprios funcionários insistiam em não cumprir, como, por exemplo, o descarte de sondas de aspiração após um único uso. Alguns técnicos e auxiliares de enfermagem passaram a me odiar, mas não me importava, porque só os maus funcionários reclamavam.

As sessões de aplicação de sonda de dilatação terminaram e, após a quinta, seu Zé finalmente passou no teste de deglutição. Comemoramos muito. A dieta enteral passou a ser intercalada com alimentação oral, inicialmente, apenas sólidos, mas não demorou muito para ele começar a fazer uso de líquidos também, mas esses misturados a espessantes.

A traqueo foi retirada e o corte começou a cicatrizar. Ele já conseguia conversar e andava pelos corredores junto com os fisioterapeutas.

— Fada, que dia é hoje?

— Treze de março.

— Nossa! Eu não vi os meses passarem. É como se não tivesse acontecido o Natal, nem Ano Novo, nada. Tem certeza de que estamos em março?

— Tenho sim, seu Zé. Não se preocupe com o que passou. O importante é o que teremos pela frente. Logo iremos para casa.

— Foi um milagre, não é?

— Foi sim! Foi um grande milagre do qual o senhor era merecedor.

— Fui abençoado, Fada, desde que você chegou.

Sempre que conversávamos, eu me emocionava. Estava feliz com sua recuperação, mas via tudo como um grande pesadelo. Sempre questionei o porquê daquilo. Ele era um homem bom e não merecia ter passado por tanto sofrimento. Mas para o seu Zé importava apenas estar vivo. Ele não se sentia castigado, mas sim abençoado e ainda me consolava.

— Não chore. Nunca mais chore. Apenas agradeça. — Ele acariciou minha cabeça. — Só passamos por aquilo, que podemos suportar.

— Sim, seu Zé. — Limpei as lágrimas e o abracei. — Vou agradecer sempre.

Passados mais alguns dias fomos para casa. O milagre estava completo. Apesar da alta hospitalar para home care, estávamos radiantes. Seu Zé entrou em casa e não conteve as lágrimas, principalmente ao encontrar o amigo Bob. O cão estava eufórico, latia, rosnava, chorava e abanava a cauda ativamente. Um dia antes, eu fiz questão de levá-lo ao pet shop para um banho e ele voltou com uma linda gravata. De vez em quando, trazia seus brinquedos favoritos e os entregava ao dono, não sabia mais o que fazer para chamar a atenção.

— Bob, que saudade, amigão! Que saudade!

Também cuidei para que a casa estivesse aberta, limpa e com muitas flores no vaso da mesa da cozinha, como seu Zé sempre gostou. Estava tudo, exatamente, como ele deixou. O jardineiro de minha casa, seu Antônio, foi quem cuidou do jardim e da horta e fez um belo trabalho.

A conta do hospital foi paga até o último dia e não soubemos quem foi a boa alma que cuidou disso. Minha mãe desconfiava do amigo de seu Zé, o doutor Dante, já que ele acompanhou todo o tratamento e incumbiu seus colegas médicos a se certificarem de que tudo corria bem.



APÓS CENTO E SETENTA E QUATRO dias de dor, de não falar, não comer, não andar, de termos vivido quase seis meses de angústias, delírios, medos, lágrimas e o quase encontro com a morte, retornamos à vida. Ainda com muitas dificuldades, mas estávamos prontos para uma nova fase.

Naquela tarde, eu me reservei o direito de sentar despreocupadamente no sofá de minha casa, como há tempos não fazia.

— Já em casa, que milagre é esse?

Fechei o livro que estava lendo para dar atenção ao meu marido, que acabava de chegar.

— Seu Zé teve alta — pronunciar essas palavras me fez sorrir. — Quer dizer, do hospital, vai ficar internado em casa por algum tempo. Eu vim descansar, ele está com a enfermeira e com a dona Angelina, uma vizinha que gosta muito dele, como todo mundo.

— O velho é duro na queda, mesmo...

— Marco, eu preciso de um tempo. Então não comece nada, está bem?

Ele ficou em pé na minha frente, fitando-me por um tempo, depois se jogou no sofá e apoiou a cabeça em meu colo. Há muito tempo isso não acontecia. Meu coração transbordou de um sentimento confuso, algo que beirava receio, mas também ternura e consternação, simplesmente por ter percebido o brilho de satisfação que explodiu em seus olhos. Eu realmente havia negligenciado ao nosso casamento; talvez as atitudes dele tenham sido uma forma de chamar a atenção e pedir socorro, da pior forma, tinha que concordar. Comecei a acariciar seus cabelos lisos e ele, por sua vez, tocou meu rosto e ficou o acariciando suavemente com as costas da mão. Naquele momento, era como se eu estivesse diante do homem por quem havia me apaixonado no passado, mas sabia que ele não existia e, portanto, não poderia estar ali presente.

— Prometo que não vou chateá-la. Estou muito feliz que esteja aqui comigo. Desculpe.

— Estou sinceramente feliz por ouvir isso, Marco. Precisamos de um pouco de paz, não acha?

— Você está tão abatida. E ainda assim, é linda!

Havia seriedade, porém muita calma em sua voz. Seus olhos azuis estavam escuros, mas brilhavam como uma noite estrelada. Cheguei a pensar que fosse chorar, mas ele nunca chorava. Sentou ao meu lado e colocou meus cabelos para trás dos ombros.

— Eu te amo, Rafa. — Alternava olhares entre meus olhos e meus lábios e estava meio ofegante. — Sempre amei, muito!

Quando nos casamos, e até alguns anos depois, eu adorava ouvi-lo dizer que me amava e, conseqüentemente, dizer que sentia o mesmo. Mas naquele momento, eu já não conseguia. E se fizesse, seria apenas por um sentimento de culpa ou algo próximo a pena, o que seria horrível, até porque, ele foi o maior responsável pelo fim dos meus mais puros sentimentos. Num impulso, abracei-o forte, sem qualquer remorso, apenas por medo que percebesse o que eu estava sentindo, mas ele se afastou e seus olhos insistiam em se fixar nos meus, como se assim, pudesse decifrar meus pensamentos.

— Vamos jantar fora? Podíamos ir ao cinema ou ao teatro, que você gosta tanto.

— Não, Marco, hoje não. Eu realmente gostaria de ficar em casa. Estou muito cansada. Vamos ficar aqui. — Penteava seus cabelos com os dedos e buscava um bom argumento para convencê-lo. — Topo assistirmos um filme na televisão, após o jantar.

— Fechado. — Piscou graciosamente com o olho direito e sorriu de um lado só da boca. — Quer algo especial? Eu mando preparar.

— O que você decidir, eu vou gostar.

Aquelas palavras surtiram nele um efeito de êxtase e total satisfação. Teve um instante de completo relaxamento. As rugas de sua testa se desfizeram. Seus lábios se abriram num largo sorriso e seus lindos olhos azuis estavam mais claros e emoldurados por seus cílios negros e longos, pareciam duas belas pedras preciosas, ainda mais brilhantes que o normal. Ele realmente estava feliz. Aproximou seus lábios dos meus e fechei meus olhos, de novo tentando não revelar meus pensamentos. Deixei-me beijar, apenas. Era bem mais fácil lidar com aquele comportamento, do que com sua arrogância e todas aquelas discussões e brigas.

— Vou tomar um banho e desço em seguida para tomarmos um vinho. Quer vir comigo?

— Não, Marco. Vou ficar lendo mais um pouco, está bem?

— O que está lendo, Rafa?

— Um romance. — Ergui o livro com a capa virada para ele. — “*As coisas não são bem assim*”, da Renata R. Corrêa. Ganhei da mamãe. Nada como um livro para relaxar, não é?

— Romances não fazem meu gênero, mas acho que preciso ler um pouco, para aprender a ser mais... romântico. — Ele sorriu e arqueou as sobrancelhas, depois deu de ombros. — Já volto! — Subiu as escadas assobiando.

Fechei e fiquei abraçada ao livro. Há muito tempo não havia um clima de sossego em minha casa. Nos últimos três anos, aquele bom humor de Marco foi rareando cada vez mais. Naquela noite, ele estava leve e contente. Contudo, eu já conhecia o seu lado negro, então sabia que era algo passageiro e duraria enquanto tudo saísse como desejava. Ele ficava, excepcionalmente, lindo quando

sorria, mas nos últimos anos eu só via sua cara fechada, testa franzida e olhos semicerrados. Um homem infeliz que nunca se contentava com nada e que ficou ainda pior depois que conheci o seu Zé. Ele, com certeza, não tolerava o fato de sua mulher se relacionar com uma pessoa tão simples, que morava numa casa antiga e vivia de uma aposentadoria precária. Era completamente influenciado pelas convicções da Giordana. Eu podia imaginá-la gesticulando e sacudindo suas pulseiras de ouro, dizendo ao filho que ele deveria me colocar em meu devido lugar, enquanto andava de um lado para outro, equilibrando-se em seus saltos quinze.

— *Afinal de contas, agora ela é sua esposa, uma Bittencourt.*

Giordana da Maya era filha de fazendeiros riquíssimos e casou-se com o senhor Luiz Ricardo, economista e CEO de uma das maiores indústrias de alimentos do país. O tipo de pessoa que acreditamos que nunca entraria em nossas vidas. Jamais a vi sem maquiagem ou impecavelmente vestida. O filho puxou dela os lisos cabelos escuros e o tom do azul de seus olhos. Ela era linda, mas fútil e autoritária. Ninguém ousava desafiá-la, nem mesmo o seu marido. Eu sempre tive a impressão de que ele preferia as muitas viagens e infindáveis horas de trabalho, a ter que ficar muito tempo junto dela. Meu sogro era um homem bonito, inteligente, influente e não compactuava com as loucuras da esposa.

Marco apareceu com os cabelos molhados, usando jeans e camisa azul-claro. Estava barbeado e perfumado, sentou-se ao meu lado e sussurrou que eu era linda. Beije-i-lhe a boca rapidamente e pedi licença.

— Afinal, você está tão bonito, preciso tomar um banho e me vestir à sua altura.

— Obrigado, meu amor. Eu espero ansioso.

O alívio que senti ao sair de perto dele foi o mesmo que sentimos ao soltar o ar dos pulmões, quando o peito chega a doer, depois que ficamos algum tempo prendendo a respiração. Eu não estava preparada para uma noite de amor e sexo. Estava ainda muito abalada com todos os acontecimentos recentes. Foram muitos dramas e tudo que precisava era me encolher num canto com um bom livro até adormecer. Isso não seria possível. Marco queria atenção, estava carente e com saudades. Deixou isso claro, pela maneira que vinha se comportando, desde que chegou.

Tomei um banho demorado e me vesti quase como ele, com um jeans e uma camisa. Prendi os cabelos num rabo de cavalo no alto da cabeça e passei um batom cor de boca. Quando desci, ele veio me buscar no pé da escada e estendeu a mão direita, sorri e a segurei. Ele havia ligado o som e ouvia Sinatra.

— Estou tomando uísque, quer um?

— Não, depois eu tomo um pouco de vinho.

— Está com fome, Rafa? Podemos mandar servir agora, se quiser.

— Sim, eu prefiro.

Dona Célia surgiu do nada, como se estivesse sempre escutando pelos cantos. Marco pediu que ela mandasse servir o jantar e me abraçou para irmos à outra sala.



Jantamos, conversamos amenidades sobre o seu trabalho e tomamos vinho, o que me fez relaxar e parar de me defender de suas investidas. Ele estava sendo amável e aos poucos fui sentindo saudade de estarmos num momento mais íntimo. Ainda sentados à mesa, ele me beijou e disse o quanto me queria. Confesso que fiquei meio envolvida, porque Marco era um homem muito atraente e bonito. Fomos para a sala de estar e dançamos, ironicamente, “Let me try again” ou “Deixe-me tentar outra vez”, de Frank Sinatra.

— Está feliz, Rafa?

— Estou! — Assenti, mas fiquei desconfortável com a pergunta. — Claro que sim.

— Eu quero que saiba que estou me esforçando. — Ele acariciava minhas costas e me dava beijinhos no rosto e pescoço. — Prometo ser um bom marido. Sei que passei dos limites.

— Sei que está se esforçando. — Aproveitei a trégua. — Marco, tem uma coisa que eu gostaria muito de conversar com você. — Puxei-o pelo pulso para o sofá. — Sente aqui comigo.

Imediatamente o sorriso dele se fechou e, então, sua expressão transformou-se em preocupação ou medo.

— Eu quero que saiba que estou surpresa com seu comportamento de hoje, mas estou muito contente por não estarmos brigando.

— Eu estou sendo sincero. Quero que voltemos a ser como éramos, afinal, a gente se ama, né?

Abaixei o rosto, sem a menor condição de encará-lo, como em todas as vezes que se referiu aos meus sentimentos.

— Marco, o que eu quero falar é que decidi mudar algumas coisas em minha vida...

— Sim, eu concordo. — Meneou a cabeça e prosseguiu evitando, propositalmente, deixar-me falar. — Agora que o velho melhorou e você não precisa mais ficar no hospital, vou devolver sua conta bancária, não fiz ainda porque fiquei muito ocupado na clínica, mas amanhã...

— Do que está falando?

— Que eu me arrependi de ter cortado seu dinheiro. — Foi uma resposta pensada, por perceber que havia falado demais. — Não fui justo com você.

— Ah, você reconhece? Que bom! Só que você está enganado sobre o seu Zé. — Tentei levantar, mas ele me segurou e continuei: — Ele ainda precisa de cuidados e, mesmo que não precisasse, nunca deixarei de visitá-lo.

— Rafa, eu achei que essa história tinha acabado. — Marco me encarou com as sobrancelhas juntas e os olhos apertados. — Ele teve alta, você já fez tudo o que podia, agora precisa voltar para essa casa, para mim.

— Eu estou aqui. E ficarei mais presente, claro, ele está bem melhor. Só que as coisas mudaram. Seu Zé também é minha família agora, Marco. — Ele me ouvia calado e respirei fundo e criei coragem para continuar: — Eu decidi e

espero que entenda que, em breve, vou começar a trabalhar com meu pai.

— Não vai não. — Puxou os cabelos para trás, num gesto típico de quando ficava nervoso. — Isso é besteira.

— Como não? Vou sim, já decidi. Esses eram os meus planos antes de nos casarmos e você nunca concordou! Chega, né?

— Você não precisa do salário que o Osvaldo pode te pagar. Isso é uma idiotice. Eu já disse que vou devolver seus cartões.

Lá estava o olhar gelado, a testa franzida e o meu retrógrado marido de volta. Levantei irritada e sem disposição para ouvir sua ladainha.

— Pense um pouco no que está falando — pedi, sem paciência e com a mão na testa, incrédula. — Você estava representando o tempo todo, apenas porque pensou que eu ia abrir mão de minha amizade com seu Zé? Que eu deixaria de vê-lo por que teve alta? Marco, você achou mesmo que eu concordaria em continuar me anulando nesta prisão em troca do seu dinheiro? O que importa quanto meu pai poderá pagar?

— Eu não entendo! Prisão, porra? Você chama o nosso casamento de prisão? Logo você, que há meses não comparece?

— Você não me apoia em nada, Marco. O que há de errado em uma mulher trabalhar, estudar, sentir-se bem por ser útil a alguém?

— Você não precisa ser útil a ninguém, a não ser a mim. Nem mulher eu tenho mais. Você não cuida desta casa, deixou todos os empregados largados com a governanta. E quanto a mim? — Ele me puxou pelo braço, obrigando-me a encará-lo. — Simplesmente me esqueceu. Não, Rafaela, não dá. Sinto muito, mas trabalhar nem pensar.

— Acha justo você decidir o que é bom para mim? — Lancei um olhar para meu braço que doía, devido a força que segurava. Ele percebeu e me largou bruscamente. Virou as costas e subiu em disparada, ignorando quando o chamei de volta.

Esperar empatia de um homem como meu marido era como acreditar em Papai Noel, pura ingenuidade de minha parte. Marco jamais se colocou em meu

lugar. Queria apenas deixar claro que ele mandava. Não era importante que eu não trabalhasse, mas sim que eu o obedecesse. Jamais deixou ou deixaria de ser o egoísta de sempre.



COMO HAVIA PROMETIDO, MARCO ME devolveu as contas bancárias e meus cartões de crédito. Claro que sua única intenção era tirar de minha cabeça a ideia de trabalhar fora, mas eu já estava decidida e, conforme os dias iam passando, mais seu Zé se recuperava e logo eu poderia começar a pensar numa nova vida. Optei por não discutir mais sobre o assunto, até porque ainda era cedo para bater de frente com ele. Tentei fazer a minha parte, sendo atenciosa e lhe dedicando mais tempo, mas sem alimentar qualquer esperança de voltar a ser submissa às suas vontades. Era comum, desde que nos casamos ele me deixar sozinha, não tínhamos muito assunto. Para ele bastava que eu estivesse ali, disponível. Eu não tinha mais nenhuma certeza do que sentia. Muitas vezes, pensei em me separar, mas no fundo achava que essa seria uma decisão precipitada. Eu gostava muito dele e pensava que com um pouco de esforço poderíamos recuperar o amor que sentíamos um pelo outro. Discutíamos sempre pelos mesmos motivos, porque eu me recusava a abrir mão de estar com o seu Zé.

Um mês de home care, e todos os dias eu dava graças por ter conhecido Mary, meu braço direito. Ela era forte, alta e tinha olhos verdes, bem claros. Por ser muito loira, suas bochechas ficavam sempre vermelhas. Trabalhava exaustivamente e nunca reclamava de nada. Meu pai pagava seu salário. Tínhamos a mesma idade e ela não era casada, portanto, entendia as minhas

necessidades e estava sempre disposta a dobrar plantões e ajudar no que fosse possível. Era atenciosa e, como todo mundo, amava seu Zé e já o chamava de vôzinho também.

— Ele está cada dia melhor. — Mary observou enquanto o olhávamos de longe. — E não se cansa de agradecer pelo milagre de estar vivo.

— O estranho, Mary, é que ele é completamente resignado, depois de tudo que passou naquela UTI, ainda acha que foi abençoado e teve uma nova chance. — Juntei as mãos em prece. Eu jamais teria esse discernimento.

— Ele é sábio. De que adiantaria se queixar? Ele poderia se revoltar ou deprimir, mas como ele mesmo diz: “De que adiantaria ter sobrevivido, então? Mudaria algo?”. Ele está certo, Rafa. Nós é que não sabemos nada da vida. Reclamamos de tudo e nunca procuramos o lado bom. Ele sempre fala a respeito disso, diz que para cada dor, há uma lição de amor.

Seu Zé se aproximou de nós, caminhando vagarosamente, mas já não fazia uso do andador.

— Vocês não acham que eu já estou bom?

— Com certeza! — respondemos juntas e ele sorriu. — Está novo em folha.

— Então, não está na hora de pararem com essa “lenga-lenga”? Esse entra e sai de enfermeiros, médicos e essa cambada toda que vem aqui todos os dias. Já chega, não acham? — Com um ar deboche, terminou sorrindo. — Muita conversa fiada e tempo perdido.

— Isso o médico que vai resolver, mas quer saber, seu Zé? — Observei, engatando em seu braço. — Já me falaram que isso está mesmo chegando ao fim. Logo terá alta. Chega de ser tão paparicado.

— Não vejo a hora, Fada. Não vejo a hora. — Ele olhou para Mary. — De você, eu vou sentir falta.

— Ai, vôzinho pare ou vou chorar. — Ela engatou em seu outro braço. — Você não vai se livrar mais de mim. A Rafa já disse que não vai me dispensar. Vou ser sua acompanhante para sempre.

— Ah que besteira, menina! Não preciso de babá. Já estou bom! — reclamou se soltando de nós duas. — Não vejo a hora de cuidar do meu jardim, está cheio de pragas.

— Não está não! — Mary retrucou para provocá-lo. — Antônio cuida muito bem...

Fomos interrompidos por César, o fisioterapeuta que chegou para mais uma sessão. Seu Zé torceu o nariz e ao ser cumprimentado respondeu em tom de brincadeira.

— De novo? Cara, você é chato, hein? Mais chato que vendedor de livro.

— Seu Zé, eu já estou vendo o dia que o senhor vai sair correndo atrás de mim, pelo jardim. Mas ainda não será hoje, então vamos trabalhar. Precisamos engrossar essas pernas. E ninguém vende mais livros, então, deixa que eu faça o papel de chato.

Todos riram descontraidamente e Bob também demonstrava estar feliz abanando o rabo e dando a pata dianteira para o seu Zé, que o acariciava.

E assim, nossas vidas foram voltando ao ritmo normal. Apesar de ter recebido alta, nunca mais seu Zé foi o mesmo. Continuava ainda muito magro, tomava remédios para o coração e para evitar convulsão, já que teve algumas quando internado, e, profilaticamente, o seu urologista optou por manter antibióticos para evitar as infecções urinárias. Mas conseguia colher suas flores e fazer alguns brinquedos. Costumávamos auxiliá-lo em todas as tarefas, inclusive para fazer bolos e sagu. Ele acabou acostumando e parou de reclamar de nossas companhias. Ficava feliz ao perceber que tínhamos interesse em aprender suas receitas. E continuava com seu invejável bom humor, fazendo suas piadas, como na tarde em que cheguei do salão.

— Hummm... foi ao cabeleireiro, Fada?

— Oi, seu Zé — cumprimentei beijando sua testa. — Fui sim! — respondi toda faceira.

— Estava fechado? — Ele começou a rir, zombando de mim.

— Oooh, seu Zé! — Fiz beicinho. — Que maldade! Estou tão feia assim?

Houve risadas geral. Seu Zé não perdia a oportunidade de nos fazer rir.

— Linda, Fada, você é sempre linda!

Eu o abracei e Mary foi preparar o seu lanche. Liguei o toca-discos e ficamos ouvindo as músicas favoritas dele. Naquele dia, pediu Pavarotti.

— Eu preciso te falar uma coisa, minha filha.

— O que quiser, seu Zé.

— Ainda não agradei.

— Agradecer o quê?

— Tudo que fez por mim, desde que chegou nesta casa. — Ele segurou minha mão e percebi que as suas estavam trêmulas. — Se todas as pessoas tivessem a sorte que eu tive...

— Sorte, vizinho? Como pode dizer isso?

— Você sabe por que eu ainda estou aqui, não sabe?

— Claro! Porque o senhor é um guerreiro. — De novo a emoção aflorou em mim. — É forte e lutou bravamente contra todas aquelas infecções.

— Não, Fada, estou aqui porque o seu amor me trouxe de volta.

— Ah, vizinho! Imagina...

— Muitas vezes eu não podia vê-la, mas entendia que se lutasse, poderia ter mais um tempo com você. Eu rezava para ficar bom, porque não desisti de mim. Não podia decepcionar a única pessoa que brigava para que me cuidassem direito. A minha Fada, que segurava minha mão e acalmava meus momentos de desespero, de dor ou medo. Eu rezei junto com você, todas as vezes.

Não havia como conter as lágrimas. Não esperava que ele tivesse a mínima noção das coisas que aconteceram, mas tinha. Ele lutou para sobreviver e voltar, por mim, e a minha maior recompensa era poder segurar suas mãos e demonstrar o quanto eu estava grata a ele também.

— O senhor é a melhor pessoa que já conheci na minha vida. — Comecei a chorar como criança. — Eu é que tenho muito a agradecer. Eu é que tenho muita sorte. Só cresci como pessoa, desde que o conheci.

Ele tentou disfarçar o quanto estava emocionado e levantou o mais rapidamente que conseguiu, limpando os olhos. Bob estava colado nele como sempre. Foi um dos momentos mais bonitos que vivi.

— Ah, já chega dessa “lenga-lenga”! Que mania, menina! Eu digo uma coisa e você já tem que chorar e filosofar.

— Eu? — retruquei divertida, também limpando as lágrimas. — O senhor é que é o grande filósofo aqui.



Depois das muitas emoções, não havia mais nuvens negras no ar. Era como olhar para trás e ver que todo o pesadelo estava se distanciando de nós e os poucos resquícios não demorariam a se dissipar. Contudo, poderia ser melhor, se eu conseguisse fazer com que Marco fosse um pouco mais empático comigo e com as pessoas do meu círculo. Eu ainda não havia desistido de nosso casamento. Naquela noite, estávamos em nosso quarto e ele saiu do banho de cabelos molhados, usando apenas parte de baixo do pijama. Eu quis tentar mais uma vez.

— Sabe o que eu queria? — perguntei abrindo os braços e gesticulando com a mão para que viesse até mim.

— Diga! — Ajoelhou-se na minha frente, sobre a cama e eu fiz o mesmo e o abracei pelo pescoço. — O que você quer, Rafinha?

— Que você se esforce um pouquinho para conhecer a pessoa maravilhosa que é o seu Zé. Hoje, ele me deixou tão emocionada. Ele é tão especial, Marco.

— Ah, Rafa! — Franziu a testa e fez uma cara de um menino prestes a chorar. — Por favor! Você sabe que não consigo ter intimidade com essa gente.

— Marco! Essa gente? Por que insiste em falar assim? Você tem muito a aprender com ele.

— Esquece isso agora. — Ele me beijou docemente. — Vou marcar minhas férias. Para onde iremos? Você escolhe.

— Mas... eu não es-estava pen-pensando nisso agora. — gaguejei com a notícia repentina. — Quer dizer... Sei lá... Eu...

— Rafa, eu não estou entendendo sua reação. — Ele me deu mais um beijinho. — Desde que nos casamos, sempre viajamos nas férias. O que há de diferente?

— Eu sei. Mas me pegou de surpresa. Tudo bem! Vamos viajar, mas eu não quero ficar muito tempo fora.

— No mínimo, uns quinze dias.

— Não, uma semana! — adverti, afastando-me. Ele me puxou de volta.

— Vem cá! — Sua testa tocou a minha e ele prosseguiu: — Uma semana é pouco. Preciso descansar e você também. Vamos ficar mais. Escolha o lugar e me avise.

— Quando entrará de férias, Marco?

— Em no máximo trinta dias. Dá tempo de nos prepararmos, fazer reservas de hotel, passagens, essas coisas. — Ele me puxou para junto dele pela cintura. — Agora me beije, porque estou louco por você.



O acordo que consegui com Marco foi de passarmos dez dias num resort em Cancun. Eu nem queria ter ido tão longe, mas ele insistiu porque eu sempre quis conhecer o lugar. Ficamos num ótimo hotel a poucos quilômetros do centro e do aeroporto. Nossa suíte ficava de frente para o mar e havia sete restaurantes

especializados em comidas internacionais a nossa disposição.

Durante toda a viagem tive que me esforçar para não brigarmos e, por mais que não percebesse, ele estava sempre me sufocando. Implicava com minhas roupas, meus biquínis e foram poucas as vezes que o vi tranquilo e relaxado de verdade, mas isso durava, apenas, até que tentássemos conversar.

— Faria qualquer coisa para te fazer feliz, Rafa.

— Qualquer coisa? — Sorri com ironia. — Sabe que não preciso de muito para ser feliz.

Ele me abraçou por trás e puxou meu corpo para junto dele. Estávamos na varanda do quarto do hotel, e tínhamos uma linda vista para o mar. O céu estava carregado de estrelas e a brisa morna acariciava nossos rostos.

— Estamos nesse paraíso e você está distante, infeliz. O que está acontecendo, Rafa?

— Não entendi a sua pergunta, Marco! Por que tem que cobrar tudo a todo instante? Já percebeu como reclama? Eu estou aqui, não estou?

— Sim, fisicamente. Acha mesmo que não percebo? Você não sai da porra do celular, preocupa-se com sua família, com o velho, até com o cachorro e quanto a mim? — Olhou-me nos olhos e, pela primeira vez, senti-me culpada. Ele estava sóbrio e tranquilo, mas excessivamente magoado comigo. — O que eu sou para você, Rafa?

— Que conversa é essa? — Saí de perto dele. — Você praticamente me obrigou a viajar. Sei lá, não era o momento ainda.

— Nunca seria o momento, Rafaela. Como pode estranhar a minha pergunta? Por que me trata como se eu fosse seu inimigo?

Eu não sentia a menor vontade de discutir nada, pois, certamente, estragaria a nossa noite. Muitas vezes, tentei falar sobre nossas vidas, nosso casamento, e só o que ele fez foi se esquivar. Talvez, naquele momento, já fosse tarde demais.

— Porque você age como se fosse meu dono e isso é pior que ser um inimigo. Você confunde as coisas, Marco. Sou sua esposa, apenas isso. Tenho minha

própria vida e você tenta roubar isso de mim o tempo todo.

— Não! — Franziu o cenho, já meio irritado. — Se isso fosse verdade, você nem teria amizade com aquela gente, no entanto, faz sempre o que bem entende.

— Marco, você já tentou se imaginar sem seu trabalho? Já pensou em como seria sua vida sem a clínica? Ou sem seus jantares semanais com o Hique e os demais? Pensou em como seria sua vida se eu controlasse todos os seus passos?

— Que comparação idiota é essa?

— É claro que nunca imaginou nada disso. Então, meu querido, faça isso. Depois me fale a respeito.

— Rafa! Caralho! Aonde vai?

— Jantar! Não era isso que íamos fazer antes dessa conversa idiota?

Ele torceu a boca e saiu calado atrás de mim, e assim permanecemos, num silêncio absoluto, pelo resto da noite.

Eu havia pedido que pensasse, o que também me levou a refletir e cheguei à conclusão de que ele tinha um pouco de razão. Sempre aproveitava seus momentos de distração para saber como estavam as coisas no casarão. Apesar de Cancun ser a viagem dos sonhos de muita gente, eu não estava feliz ali. Mesmo sabendo que tudo corria muito bem, fiquei aliviada no dia que voltamos. Estava morrendo de saudade de meus pais, minha irmã e do vôzinho.

Quando chegamos Marco ficou mais alguns dias em casa, o que dificultava minha ida ao casarão. Eu aproveitava para sair quando ele precisava resolver os problemas da clínica. Tive algumas noites livres também quando marcava jantares com seus amigos, então, eu optava por visitar minha família. Ele não fazia questão nenhuma de me acompanhar, mas eu sempre tinha que acompanhá-lo à casa de seus pais. Ficar perto da Giordana só me fazia ter certeza de tudo que eu jamais gostaria de ser. Ela apenas me suportava. Eu continuava vivendo em função dele. Fazia suas vontades apenas com o intuito de evitar brigas e discussões desnecessárias, mas sem deixar de sonhar com o dia em que tudo mudaria.



DEZ MESES DEPOIS QUE TEVE alta do home care, algo inesperado aconteceu e tive que internar seu Zé às pressas. A enfermeira me chamou a atenção quando, depois do almoço, percebeu que algo estranho havia acontecido. Ela pediu que eu observasse.

— Olha a banana que pediu, seu Zé!

— Dá logo de uma vez! — respondeu irritado. Mary me olhou e apontou os dedos em V para os olhos dele. Meu coração acelerou e já meio desesperada, eu peguei a banana da mão dela e a ofereci novamente e, então, constatei que ele não a estava vendo. Coloquei a fruta mais para o seu lado direito e então ele a percebeu, mas não a pegou. Repetiu ainda mais brabo: — Quer fazer o favor de me dar essa banana?

— Seu Zé, olhe pra mim! — pedi e ele atendeu. — Agora levante a mão direita e pegue a fruta. — Ele levantou a esquerda. — Calma! — pedi mais a mim mesma do que a ele. — Agora levante a outra mão.

Ele afirmou que o fez, mas não conseguiu. Na verdade, levantou a mesma mão, a esquerda.

— Mary, ligue para a ambulância. Ele não está bem.

O medo me devorava avidamente. Quando chegamos ao hospital, realizados alguns exames, constataram que ele teve um AVC – Acidente Vascular Cerebral. Apenas por imaginar o que poderíamos ter que passar, causava-me calafrios e eu tremia sem parar. Tentei me lembrar de todas as orações que aprendi ao longo da vida, e entre todas as coisas, eu pedia força para suportar se tivesse que vê-lo sofrer ainda mais.

— Você é o que do paciente? — A pergunta do médico plantonista interrompeu meus pensamentos.

— Neta — menti ou eles não me deixariam assumir a responsabilidade pelo tratamento dele. — Sou neta dele.

— Você pode chegar na recepção e providenciar os papéis para interná-lo.

— Interná-lo? É mesmo necessário?

— Precisamos de exames para confirmar o diagnóstico. — Ele não levantou os olhos da prancheta e falou sem muita paciência. — Não será por muito tempo.

— Sei, já ouvi isso antes.

— Como?

— Nada! Vou providenciar os papéis. Com licença.

Na recepção, peguei uma senha e esperei impaciente pela minha vez. Queria logo poder acomodá-lo num quarto um pouco mais confortável que o Pronto Atendimento. Quando a recepcionista me atendeu, ficou em dúvida com alguma informação do sistema e chamou a colega.

— Dr. Daniel Marchetti? Ele é neurologista mesmo? Aqui está falando que é gastro.

— Dr. Daniel Marchetti está de plantão hoje, é o responsável pela neurologia. Pode registrar. Está certo.

— Mas tem dois?

— Tem, mas o outro Daniel é gastro, os sobrenomes são diferentes e ele não está de plantão hoje. Confie em mim.

Preocupada com possíveis erros me intrometi na conversa.

— Qual o problema? Meu avô teve um AVC, precisa de um neurologista. Tem certeza de que este cadastro está certo?

— Fique tranquila, vimos o diagnóstico na ficha dele. Está tudo certo. Ele já poderá ser encaminhado para o quarto.

Nem me dei conta do quanto já era tarde e quando, finalmente, fomos acomodados no quarto, já passava das oito da noite. Marco deveria estar possesso, eu simplesmente havia esquecido dele. Mandeí apenas uma mensagem ao invés de ligar.

*Marco, eu estou no hospital com o seu
Zé. Ele teve um sério problema de saúde.
Não me espere. Beijos.*

Imediatamente meu telefone tocou, é claro, era ele retornando.

— *Rafa, como assim não me espere? Você precisa mesmo ficar aí? Por que acha sempre que tem que ser babá deste homem?*

— Eu não acho nada e não é hora de discutirmos sobre isso — murmurei e me afastei para o canto. — Tenha paciência, está bem? Prometo que assim que as coisas acalmarem por aqui, eu irei para casa. A Mary está comigo e deve passar a noite com ele. Espero que entenda.

— *Não, Rafa, não entendo e não está tudo bem. Eu vou jantar sozinho, porra! Vou dormir sozinho! Eu estou de saco cheio! Achei que isto já havia acabado!*

— Eu sei, Marco. Peço que tenha paciência e escute. — Respirei fundo e me segurei para não explodir com ele. — Teremos tempo para ficar juntos. Por favor! Ele está doente de novo.

Parei de falar quando ouvi duas batidas na porta e um médico entrou,

cumprimentou a Mary e depois olhou em minha direção. Tirei o telefone do ouvido e fiquei por alguns segundos sem ação. Era um homem bonito, alto, moreno, de cabelos ligeiramente ondulados e pretos. Não consegui disfarçar meu embaraço ao vê-lo olhando para mim. Baixei o olhar e voltei ao telefone.

— Preciso desligar. Depois conversamos.

Não esperei a resposta de meu marido e fui em direção ao doutor, que estava do outro lado da cama. Ele me olhou e antes de tudo, incomodado, foi até a televisão que ficava fixada no alto da parede e abaixou o volume, sem usar o controle remoto. Era um homem elegante e sua beleza me fez pensar no quanto eu estava desarrumada, descabelada e sem maquiagem alguma. Minha cara era de preocupação, tristeza e medo. Não tivemos uma boa experiência na última vez que estivemos num hospital. Seu Zé estava vulnerável e eu desesperada com o que aquele médico poderia me dizer.

— Sou o doutor Daniel. — Ele me estendeu a mão e não desviou o olhar de mim. — Vou cuidar do seu José. Pode me contar o que aconteceu?

Estendi minha mão para cumprimentá-lo e expliquei rapidamente a história da banana. Ele mantinha os braços cruzados e segurava o queixo com a mão direita. Ouvia atentamente e nunca tirava os olhos de mim e aquilo me deixou ainda mais nervosa, se é que era possível. Assim que terminei, ele reforçou o que já havia sido dito, que provavelmente era mesmo um derrame, mas isquêmico, transitório. Seu Zé acordou e sorriu para o doutor Daniel, que o cumprimentou:

— Boa noite, seu José!

— Boa noite! — Ele olhou com ternura para o médico. — Como vai?

— Estou muito bem, obrigado! Vou examiná-lo, tudo bem? — Seu Zé não respondeu e fechou os olhos, sonolento. Ele pegou o estetoscópio e, assim que começou a auscultar o coração, recebeu uma bronca.

— Tira a mão daí, ô vagabundo. Esse negócio está gelado.

Fiz menção de falar algo, mas o doutor Daniel fez um sinal negativo com a cabeça, avisando que eu não me preocupasse. Foi até os pés da cama, levantou a coberta e tirou as meias do vôzinho. Eu fiquei observando calada, não conseguia acreditar no que estava vendo. Mary também estava perplexa. Em meses entre

hospital e internações em casa, jamais vimos um médico agir daquela forma com paciente algum. Ele calmamente examinou as pernas de seu Zé e levou outra bela xingada.

— Para de mexer aí, cara. Vai dormir!

O médico esboçou um sorriso, piscou para mim e respondeu-lhe:

— Não posso ainda, seu Zé. — Curvou-se sobre a cama e sussurrou: — Eu tenho que trabalhar.

Aquele comportamento agressivo de seu Zé vinha sendo normal desde que adoeceu, mas as atitudes daquele médico eram surpreendentes. Apesar de eu alegar que faria aquilo, ele mesmo fez questão de recolocar as meias e cobrir os pés do vôzinho.

— Eu vou pedir alguns exames — avisou e novamente me dirigiu o olhar. — Pretendo não deixá-lo muito tempo internado. Não é recomendável, ainda mais para uma pessoa com o quadro dele... — Pensou um pouco e perguntou: — Como é seu nome?

Eu estava absorta olhando para ele e quando perguntou meu nome, trouxe-me de volta à realidade. Estava mais calma, mas inibida, senti que meu rosto corou.

— Rafaela.

— Hum... — Ele levantou as sobrancelhas. — A Rafaela! Eu vou te dar meu telefone. Depois que levá-lo para casa, eu gostaria que fosse ao meu consultório. Leve todos os exames dele e vamos começar a cuidar da demência, que é natural pelos traumas que sofreu e pela idade. — Parou antes de abrir a porta e voltou-se para mim. — Venha comigo, por favor.

Fiquei tentando imaginar por que deveria ir ao consultório dele. Eu havia acabado de internar seu Zé, por que ele não cuidava disso ali mesmo, no hospital? A Mary, que não abria a boca nem por um segundo, olhou fazendo um sinal com a cabeça para que eu fosse logo. Sabíamos que estávamos diante de um caso raro. Um médico atencioso, preocupado e carinhoso, foi o que bastou para que eu confiasse. Pedi licença a minha amiga e saí atrás dele. Parei em frente à porta, do lado de fora do quarto e vi que ele estava no posto de enfermagem, que ficava a poucos metros, então voltou e me entregou uma folha

de receituário com seus números de telefone, inclusive seu celular, anotados bem no centro dela. A letra era horrível e não combinava com ele. Então, ele repetiu:

— Não deixe de ligar e marcar para conversarmos.

— Sim, eu ligarei. — Foi a única coisa que consegui falar.

— Eu vou pedir uma ressonância — ele movimentava a cabeça graciosamente enquanto falava —, mas não sei se conseguiremos fazer, agitado como está...

— Mas e se não conseguirem?

— Vamos acompanhando. Aparentemente, não foi grave e pode ser que não deixe sequelas. Qualquer coisa é só mandar me chamar no PA.

— Está bem. Eu agradeço.

— Boa noite. — Ele me estendeu a mão e sorriu sem mostrar os dentes.

— Boa noite, doutor.

De volta ao quarto, bastou olhar para a Mary para saber o que ela estava pensando.

— Você já o conhecia, Mary?

— Não. — Sorriu abertamente, fazendo suas bochechas avermelharem. — Que homem lindo! Você viu as pintinhas que ele tem no rosto?

— Não! Imagina. Não reparei nisso. — Menti, não havia como não reparar. — Mas concordo, ele é muito bonito.

— Aquele olhar, meu Deus! — Mary levou as mãos ao peito e revirou os olhos. — O que ele faz perdido neste hospital horroroso? Devia estar nas passarelas de Paris. Sorte nossa que não está.

Rimos da observação exagerada dela e, então, eu me despedi. Precisava enfrentar a fera. Marco estava chateado comigo. Não tirava a razão dele, mas ele podia ser um pouco mais compreensivo, afinal de contas eu tinha esperanças de que seu Zé logo ficaria melhor, eu precisava me agarrar desesperadamente a isso.

— Boa noite, seu Zé. Prometo voltar amanhã. — Beijeí sua testa e ele me olhou com carinho e, sonolento, perguntou:

— O que o Dante disse?

— Não, seu Zé. Não era o Dante. — Acaricieí seu rosto. — Aquele era o doutor Daniel. Ele disse que tudo ficará bem. Não se preocupe.

— Ele se parece com o Dante. — Suas pálpebras estavam pesadas e ele estava quase dormindo. — Boa noite, Fada. Eu vou dormir aqui?

— Apenas por algumas noites, está bem? Boa noite, querido! — sussurrei e beijeí sua testa novamente, mas ele já dormia. — Fique bem!



FUI PARA CASA OUVINDO MÚSICA suave e tentando não pensar no festival dos sermões favoritos de Marco. Toda a ladainha sobre eu não estar lá para o jantar e quanto aos meus cuidados com seu Zé. Já sabia de cor tudo que falaria. Fiquei aliviada quando estacionei o carro na garagem e percebi que o dele não estava. Encontrava-me emocionalmente cansada e não queria discutir com meu marido àquela hora da noite, porém fiquei preocupada.

— Dona Rafaela, o doutor Marco esperou pela senhora até poucos minutos — falou a governanta com um tom reprovador e um olhar atrevido. — A senhora demorou e então ele resolveu sair.

— Onde ele foi, dona Célia?

— Não falou. A senhora quer comer alguma coisa? Eu peço que a Dina prepare.

— Não precisa. Eu só preciso de um banho e da minha cama. E, por favor, não me chame de dona. Boa noite!

— Desculpe. Boa noite, do... Rafaela.

Entrei no chuveiro e deixei que a água quente escorresse por meus cabelos e corpo, sem pressa, apenas numa tentativa de relaxar a tensão dos músculos. Não entendia muito bem o que estava sentindo, mas já não estava preocupada com o seu Zé. O simples fato de pensar na atitude daquele médico ao cuidar dele, fez com que eu relaxasse e confiasse que ele ficaria bem. Aquele homem cujo rosto se projetou em minha mente, como se estivesse ali em meio a todo aquele vapor. E eu não pude deixar de sorrir.

Tive a sensação de conhecê-lo há muito tempo, mas jamais teria esquecido aqueles olhos e aquele nariz arrebitado, se já os tivesse visto em algum lugar. Era um rosto comum, mas seu olhar tinha algo que o tornava diferente. Ele tinha traços alinhados, olhos escuros e grandes, sobrancelhas bem desenhadas. Apesar de seu semblante ser de um homem extremamente sério, parecia um garoto, talvez por causa das pintinhas, ou seria pelo seu sorriso de boca fechada? Limpei o vapor do vidro e a imagem dele se dissipou.

Saí do banho e deitei. Resolvi não desligar o celular e nem silenciá-lo, para o caso de Mary precisar de alguma coisa. Antes de dormir, ainda liguei para saber se estava tudo bem.

— *Sim, Rafa. Ele está dormindo bem, desde que você saiu.*

— Que bom, fico mais tranquila assim.

— *O médico bonitão voltou aqui. Achei que ficou meio decepcionado por não encontrá-la. Disse que volta amanhã.*

— O doutor Daniel? — Aquela informação despertou meu interesse. — O que ele disse?

— *Apenas perguntou por você. Expliquei que teve que ir para casa. Ele só disse que voltará amanhã.*

— Está bem. Ligue se precisar. Obrigada, Mary. Beijo.

— *Boa noite! Beijinho.*

Desliguei e até tentei dormir, mas me senti preocupada e, então, liguei para Marco. Não era normal ele sair tão tarde sem dar satisfações. Ele não atendeu. Mais uma de suas muitas atitudes infantis. Devia estar chorando no colo da mãe.

Eu seria a pessoa mais feliz do mundo se pudesse conviver com um amigo ao meu lado. Alguém que aceitasse as minhas escolhas e torcesse por mim e por minhas realizações. Ainda que Marco tivesse qualidades que, certamente, fariam qualquer mulher muito feliz, eu preferia que ele fosse menos materialista e mais empático e amoroso. Ele sempre se preocupou e se esforçou para que eu tivesse tudo do bom e do melhor. Sempre se lembrou de aniversários de namoro, casamento e me presentou com joias caras, carros sofisticados, levou-me para conhecer vários lugares e jamais olhou para outra mulher depois que nos conhecemos.

Mas isso tinha um preço altíssimo e naquele momento da minha vida, descobri que nada daquilo valia a minha liberdade. Eu sentia necessidade de viver minha própria vida. Ajudar meu pai com a empresa, sentir o prazer de ganhar meu próprio dinheiro e mostrar a mim mesma o quanto era capaz. Cada dia, eu tinha menos esperança de que tudo isso pudesse acontecer com Marco ao meu lado. Cedo ou tarde, eu teria que tomar uma decisão.



Revirei na cama de um lado para o outro, e entre tantos pensamentos e acontecimentos não demorei muito a pegar no sono, contudo, ao contrário do que eu precisava, não foi uma noite tranquila. Tive diversos sonhos que se misturavam em diferentes situações e onde vários rostos se desfiguravam. Acordei muitas vezes. Quando amanheceu, senti como se tivesse sido atropelada por um caminhão. Meus olhos ardiam e meu corpo doía. Só, então, percebi que Marco não havia dormido em casa, pelo menos não ali comigo. Não havia nenhuma ligação ou mensagem em meu celular. Eram seis horas e fui para o chuveiro acreditando que um banho me faria sentir melhor. Desci e tomei um café que Dina tinha acabado de preparar.

— Rafaela, coma um pedaço do meu bolo. Não é igual ao do seu Zé, mas é a receita dele.

Dina deu uma risada gostosa. Era um amor de pessoa. Tinha uns quarenta anos, estatura bem baixa e estava um pouco acima do peso. Sempre que sorria,

covinhas se formavam em seu rosto, o que o deixava encantador. Era alegre e carinhosa comigo, ao contrário de dona Célia, que parecia estar sempre de mal com a vida. Nunca sorria, andava sempre com o corpo ereto e o nariz levantado. Moldada conforme as convenções de Giordana, mãe do Marco.

— Prometo que, quando voltar, eu comerei seu bolo. Preciso sair agora. Seu Zé está internado e eu quero ver se encontro com o médico antes da troca de plantão.

— A senhora vai sair antes do doutor Marco chegar? Ele não vai gostar nada disso!

Foi dona Célia que entrou como um guardião defendendo o patrão.

— É? E onde está o doutor Marco? — perguntei fazendo uma careta. — Diga a ele que me ligue quando chegar. Vou passar o dia no hospital.

Saí sem dar importância para o olhar de desprezo que a governanta dirigia a mim. Incrível a capacidade que ela tinha de ser inconveniente e intragável. Mulher de aura escura. Sua presença me fazia mal e sufocava como se apertasse a minha garganta.

Antes de dar partida no carro resolvi ligar para Marco e novamente ele não atendeu. Liguei para a casa de sua mãe e a governanta disse que ele estava dormindo.

— Idiota! — reclamei em voz alta. — Custava me avisar que dormiria lá? Dou satisfação de todos os meus passos para não preocupá-lo e ele não é capaz de atender ao meu telefonema. Você é burra por se preocupar com ele, Rafaela.

Fiquei muito irritada, joguei o aparelho na bolsa e dirigi apressadamente para o casarão. Precisava cuidar do Bob e só depois fui para o hospital. Saber que Marco estava bem era motivo suficiente para esquecê-lo e voltar meus pensamentos para o vândalo. Havia também a curiosidade sobre o porquê do doutor Daniel querer falar comigo, na noite anterior. Cheguei ao estacionamento lotado e só encontrei vaga na parte dos fundos, sinal de grande movimento, e isso era terrível. Antes de sair do carro, olhei para o meu rosto no espelho retrovisor. Passei uma camada de rímel em meus cílios, que já eram bastante longos e passei um batom rosinha. Meus cabelos estavam meio espalhados e eu só os ajeitei com os dedos. Fiquei satisfeita com minha aparência, apesar do

semblante triste e da noite maldormida.

Cumprimentei a garota da recepção, peguei um crachá de acompanhante e subi as escadas correndo. Havia bastante movimento no restaurante, como sempre. Cheguei à Ala 100, que ficava no final do longo corredor, e entrei meio esbaforida no quarto. Mary não estava. Seu Zé dormia tranquilamente. Lavei minhas mãos e dei um beijo na testa dele. No momento seguinte, o doutor Daniel entrou, após bater na porta.

— Bom dia, Rafaela! — Novamente me estendeu a mão e sorriu sem mostrar os dentes. — Tudo bem?

— Bom dia! Como vai, doutor? — Sorri, apenas tentando ser educada, já que as coisas não estavam bem. Afinal, estávamos num hospital. — Esteve à minha procura, ontem?

— Na verdade, eu estive visitando todos os meus pacientes. Faço isso rotineiramente quando estou de plantão.

— Desculpe! — Fiquei completamente encabulada, tentando entender o que me deu ao fazer aquela pergunta a ele. — Apenas achei que tivesse alguma novidade sobre os exames do meu avô — consertei.

— Seu avô? — Ele tinha uma expressão de deboche no rosto. Não esperou por minha resposta e continuou: — Ele ainda fará a ressonância hoje, como eu falei ontem. Normalmente, não fazemos exames de madrugada, exceto na emergência.

Ele me deixou completamente constrangida. Comecei a me sentir uma idiota que não sabia sobre o que falava. E fiquei ainda pior, quando ele começou a examinar os pulmões e o coração do seu Zé, que ainda dormia tranquilamente, e eu comecei a me explicar:

— Bem, eu...

Parei quando aquele médico arrogante levantou o braço, sinalizando com a mão espalmada e sussurrando que eu esperasse um minuto. Claro, como ele me ouviria com o aparelho nos ouvidos e atento aos batimentos de seu Zé? Homens fazem uma coisa de cada vez. Terceira bola fora que eu dava em poucos minutos. Senti o meu rosto corar e virei de costas pensando em algo que pudesse

fazer para não ter que olhá-lo, tamanha a vergonha que estava sentindo. Coloquei minha bolsa no armário, recostei na parede e fingi que via algo interessante na televisão. Ele tirou o estetoscópio do ouvido, o pendurou no pescoço e se dirigiu a mim:

— Ele está bem. Daqui a pouco, devem vir buscá-lo para a ressonância.

Naquele momento, seu Zé acordou e ficou muito agitado.

— Eu quero ir pra casa! — ele gritava, tentando se levantar. — Por favor, deixem que eu vá pra casa!

Corri para perto dele, segurei suas mãos carinhosamente e tentei confortá-lo.

— Calma, nós não podemos ir para casa agora. Estamos no hospital. Tente ficar calmo...

— Não interessa o que você quer, quero ir para casa agora! — gritou ainda mais nervoso. — Arthur, leve-me daqui. Eugênia... Ajudem...

Ele estava desesperado, chamando por seus familiares mortos e, por mais que eu tentasse confortá-lo, não parava de se debater e pedir para ir embora dali. Ele não me reconhecia e, quanto mais eu explicava, mais se agitava. Daniel se aproximou e chamou minha atenção.

— Não vai acalmá-lo se contrariá-lo. Apenas concorde. — Inclinou-se sobre a cama e falou com voz calma e serena: — Seu Zé, bom dia! Sei que quer ir embora. Eu também quero. Vamos apenas esperar algumas pessoas que virão vê-lo e, em seguida, poderemos ir para casa. Não deve demorar. Acha que pode esperar mais alguns minutos?

Como por um milagre, o vândalo parou de gritar e concordou com ele.

— Tá bom! Tá bom! Mas que não demore.

Daniel percebeu que ele não movimentava a mão direita e vendo meu nervosismo, começou a explicar:

— Não se preocupe. Com o tempo, você aprende a lidar com ele. É possível que fique um pouco agressivo, é comum acontecer depois dos danos

neurológicos que sofreu. Quanto aos movimentos, deve ser reversível. — Eu não conseguia sustentar meu olhar no dele. Estava tão nervosa que tive que me esforçar para ouvir o que dizia. — Também não espere que faça a ressonância. Tenho quase certeza de que não vão conseguir. — Deu seu sorriso de boca fechada. — Preciso ir agora. Bom dia.

— Bom dia — resmunguei, segurando o choro.

Como uma pessoa podia ter a capacidade de passar dez minutos com você e te fazer se sentir uma completa idiota? Qualquer coisa que falasse ou fizesse seria a coisa errada, na frente daquele médico. Ele me deixava sem chão, sem saber como agir. E não estava nem um pouco disposto a cooperar. Jamais sorria e me deixava completamente insegura o tempo todo. Eu não conseguia falar nada além de bobagens sem sentido para ele.

Mary voltou do seu café e, momentos depois, seu Zé foi para a sala de exames. Fiquei do lado de fora, não me deixaram acompanhá-lo. Pude ouvir seus gritos protestando veementemente. E, passados uns quinze minutos, a técnica veio avisar que o colocara na máquina, mas devido ao seu desespero e agitação não conseguiram fazer as imagens. Fiquei ainda pior com o desfecho já previsto pelo neurologista, que voltou naquele começo de noite, para minha agonia.

— Ele não fez o exame como previu — informei não me importando em responder ao seu cumprimento e adiantando o que interessava. — O que faremos agora?

— Eu tinha certeza. Não há motivos para mantê-lo aqui. Os sinais vitais estão normais. Não foi nada de grande extensão, e ficar pode ser ainda mais prejudicial. Vamos continuar com as fisioterapias e observá-lo por mais umas 24 horas quando, então, pretendo mandá-lo para casa.

— Obrigada, doutor — agradei secamente.

Ele deu o tradicional sorriso e, desta vez, piscou para mim com o olho direito. Tive que reconhecer, ele me desconcertava, mas tinha algo nele que era muito especial. A maneira como acalmou seu Zé, pela manhã, foi simplesmente incrível e provou o quanto era bom no que fazia, inclusive em me tirar o chão.

Mary, que havia ido descansar, voltou à noite para me substituir. Eu lhe contei as novidades e só então lembrei que deixei o celular jogado na bolsa dentro do

armário, o tempo todo. Ao contrário do que eu imaginava não havia mensagens de Marco, o que me deixou aliviada e surpresa.



EU MERECIA UMA NOITE DE sossego em casa, deveria estar ansiosa por um banho quente, por jantar com meu marido e ler um bom livro, mas sabia que não era isso que me esperava, então só me restou dirigir sem pressa de chegar.

— Nossa! Pensei que fosse dormir no hospital.

— Eu avisaria — respondi mal-humorada. — A propósito, onde você dormiu a noite passada?

— Fui jantar com meus pais e bebi muito vinho, acabei pegando no sono. — Ele abriu os braços teatralmente, esperando que eu o abraçasse. — Sentiu minha falta?

— Custava me avisar, Marco? — Parei na sua frente. — Seria, no mínimo, educado.

— Eu acabei de explicar que dormi. Quer que eu desenhe, Rafa?

— Poderia ter avisado que estaria com seus pais, ao invés de me fazer ficar ligando para todos os lugares atrás de você.

— Estou sentindo um pouco de ciúme, dona Rafaela? Nãoooo! Você se

preocupou com seu maridinho? — ironizou e, depois, começou a gritar: — Meu Deus, você me deixa largado nesta casa enorme, sozinho, e quando cometo um pequeno desliz, sou crucificado? — Gesticulou exageradamente, já alterado pela bebida. — Talvez assim perceba o quanto é bom ser deixado de lado.

— Não diga besteiras. Nunca te deixo de lado. Há meses isso não acontecia. O seu Zé teve um acidente vascular. Você sabe que é grave e ele já tem idade. Seja menos egoísta, por favor!

— Ele pode morrer, que eu não me importo. — Em momentos como aquele, eu me assustava com tanta crueldade. — Quero minha mulher ao meu lado e não correndo de um lado para o outro para cuidar de um indigente que nada tem a ver com nossa família.

— Chega, Marco! Você está passando dos limites. — Eu me arrependi de ter provocado aquela discussão. Estava cansada dos mesmos desfechos para nossas conversas. — Eu simplesmente vou parar de falar com você. Chega de ouvir tanta besteira. Convença-se, você não vai mais conduzir minha vida.

— Você é irresponsável, Rafa. Precisa ser conduzida. Não sabe nada da vida. Devia ficar feliz por ter a mim para cuidar de você.

— Você me sufoca. Eu odeio isso, Marco. Pelo amor de Deus! Deixe que eu viva em paz!

— E por falar em cuidar, amanhã minha mãe vem jantar conosco. — De novo ele tentou se aproximar de mim e eu me afastei. — Meu pai viajou outra vez e ela tem se sentido muito só. E claro que você precisará estar em casa para que tudo saia bem.

— Não, doutor Marco! Não vou ficar em casa. Eu tenho coisas muito mais importantes para fazer do que ficar paparicando você e sua mãe. — Peguei minha bolsa e fui me dirigindo à escada. — Cuide disso você mesmo e não me espere para esse jantar. E se sua mãe perguntar por mim, diga a ela que eu morri.

Eu o deixei sem reação, atônito. Sem saber o que falar. Fiz de tudo para que fôssemos mais felizes, tentei evitar discussões e me mantive próxima dele. Era injusto aquele comportamento. Eu não aceitaria mais aqueles absurdos. Aquilo tinha que acabar. Havia subido até a metade da escada e parei assustada com a explosão do copo que ele jogou contra a parede. Respirei fundo e corri me

trancar para um demorado banho. Fiquei com medo que ele viesse continuar a discussão. Isso não aconteceu.



Na manhã seguinte fui direto ao restaurante do hospital para tomar café. Estava morrendo de fome, mas não quis acompanhar Marco no desjejum, saí de casa sem sequer falar com ele.

Servi-me de algumas frutas, suco de laranja e uma xícara de café com leite. Sentei numa das mesas próximas à janela. O salão era enorme e, como sempre, estava bastante lotado. Quando olhei para a entrada me deparei com o doutor Daniel chegando, acompanhado de outro médico. Ele não estava usando jaleco, mas calça jeans e uma camisa branca. Parecia ainda mais alto. Corpo forte, pernas longas, aprumado, perfeito. Fingi não perceber sua chegada e continuei de cabeça baixa. Novamente senti algo incômodo. A sua presença mexia com meus sentidos, ele me inibia e incomodava. Fiz questão de voltar meu rosto para a parede envidraçada que dava vista para um belo jardim. Fiquei olhando os quero-queros que caminhavam desajeitados pelo gramado. De vez em quando, eu o procurava percorrendo o local com os cantos dos olhos, mas virava imediatamente com medo que ele percebesse. Era como se não o olhando, também não pudesse ser vista. Ele se servia no buffet e conversava com o colega. Nunca pensei que a paisagem do lado de fora do hospital pudesse ficar tão interessante. Quase grudei minha testa na janela e me encolhi toda para não ser percebida, mas para minha surpresa, quando me dei conta, ele estava em pé ao lado da minha mesa, com uma bandeja na mão, e duvido que não tenha percebido o susto que levei.

— Posso? — Sinalizou com a cabeça, apontando para a cadeira na minha frente.

— Claro! Fique à vontade. — Tentei imaginar o que aquele homem fazia ali, ainda havia mesas disponíveis. — Estou quase de saída.

— Mas você ainda não comeu nada! — Ele dirigiu os olhos para minha bandeja. — Se eu estiver atrapalhando posso sentar em outro lugar.

— Não, não! — Ele percebeu meu embaraço e aquilo me desconcertou, fiquei ainda mais tensa e, com a voz trêmula, tentei consertar. — Você não está atrapalhando nada. Eu estou sempre correndo mesmo e...

— Você não precisa ficar nervosa. Está tudo bem com o seu Zé. Vou dar alta pra ele em breve.

— Fico muito feliz por isso. Peço que me desculpe. A tensão dos últimos dias está me deixando um pouco fora de mim.

— Entendo. Então, você é neta do seu Zé?

— Não exatamente. — Fiquei surpresa com a pergunta e um pouco envergonhada. — Na verdade, apenas menti para que me deixassem cuidar da parte burocrática aqui do hospital. Porém, gostaria muito de ser.

— Sei que não é neta dele.

— Ah, estava me testando? — Relaxei ao ver que seu semblante era divertido e sorri timidamente. — Queria saber se eu mentiria para você também? — Tomei um gole de suco enquanto o olhava por cima do copo. — Como sabe que não sou?

— Sei muitas coisas sobre você.

Foi sua vez de sorrir e, desta vez, seus lábios se abriram encantadoramente num belo sorriso. Ele tinha dentes grandes e um dos caninos era ligeiramente levantado.

— Como assim? — Não sabia o que dizer, ele só me surpreendia. Meus olhos se prenderam aos dele por alguns segundos e senti um frio na barriga. — Desculpe, eu não entendi.

— Estou só brincando. — Sorriu de novo, pela segunda vez em menos de dois minutos. — Não sei nada, mas gostaria de saber.

— Ah... Sim... Bem... — gaguejei. — Não há muito que falar sobre mim.

Tentei me concentrar na conversa, mas era impossível não prestar atenção naquele nariz arrebitado e perfeito e naqueles lindos olhos castanhos, que

brilhavam felizes.

— É casada, Rafaela?

Ele lembrava meu nome! Eu podia jurar que nem fizesse mais ideia de como eu me chamava.

— Há seis anos.

— Tem filhos?

— Não.

— Por que não está comendo? — Ele direcionou os olhos para meu prato. — Seu café está esfriando.

— Como? Ah, sim — continuei gaguejando. — Eu não sei...

Fiquei inibida de novo. Eu não sabia se já havia conhecido alguém com tamanha capacidade de me deixar sem prumo.

— Como conheceu o seu Zé?

— Foi por acaso.

Ele estava me interrogando, pensei.

— Fui xeretar na casa dele um dia e fui muito bem recebida lá.

Daniel recostou na cadeira e escorregou o corpo para baixo, prestando total atenção ao que eu falava.

— Ele é uma pessoa incrível, tem um cachorro lindo e um jardim fantástico. Fiquei encantada mesmo, com tudo e, desde então, nunca mais me afastei dele.

— Foi então que virou uma fada?

Arregalei os olhos e quase engasguei com o café quando ouvi a sua pergunta. Seu Zé estava tão debilitado e confuso que não podia ter falado sobre meu apelido.

— Como sabe que eu...

— Agora entendo o encanto que ele sentiu por você. É mesmo como uma fada, sem asas... Onde as esconde? — Fingiu procurar por cima de meus ombros.

Senti meu rosto corar. *Ele estava dando em cima de mim?* Não era possível.

— Eu não entendo, como pode saber de tudo isso? Você fala como se conhecesse o seu Zé. Ele anda tão confuso, não pensei que conseguiria... Doutor Daniel, o que mais ele falou sobre mim?

— Pode me chamar de Dan, como todo mundo. Você sabe que ele tem momentos de lucidez, mas eu sei de sua existência há muito tempo. — Se remexeu de novo na cadeira, ficando ereto. — Desde que você apareceu no casarão.

— Você já conhecia o seu Zé?

— Sim, fiz faculdade com o filho dele.

— Então... Você é o Dante?

Ele sorria e parecia estar se divertindo por me surpreender o tempo todo.

— Seu Zé me chama de Dante, é meu segundo nome. Não me pergunte o motivo.

— Não é possível! Você é o Dante? Está explicado. — Coloquei a mão na testa, sorrindo. — O seu Zé te reconheceu, apesar da doença e da sonolência daquela noite, e eu devo tê-lo deixado ainda mais confuso, dizendo que não era. Eu percebi o seu carinho com ele, mas jamais imaginei... Por isso sabe que não sou neta dele.

— Ele é uma pessoa importante para mim também, e você é realmente uma pessoa fantástica. Eu só tenho a agradecer tudo que fez, sei que ele não teria vencido toda aquela luta sem você.

— Faria qualquer coisa para não vê-lo sofrer. Seu Zé é mais que um avô para mim. É um anjo que surgiu em minha vida.

Falei com tristeza e ele ficou por alguns segundos em silêncio, apenas me fitando.

— Eu preciso começar a visitar meus pacientes. — Tomou o último gole de café. — Foi muito bom conversar com você.

— Claro! — Assenti meio constrangida por ter falado tanto, sem parar. — Fique à vontade.

— *Nos vemos por aí!*

— Acho que sim — concordei meio sem graça. — Vou ficar o dia todo no hospital e devo passar a noite também. — *Meu Deus, por que eu falei isso?*

Ele levantou e curvou-se sobre a mesa para beijar meu rosto.

— Até mais, Fada!

— Até mais, Dante!

Aquele homem que acabara de sair da minha mesa, nem parecia o médico sério e compenetrado que cuidava de seu Zé. Se antes eu sentia uma barreira invisível cada vez que ele se aproximava, naquele momento ela se desfez. Ele era simplesmente encantador e seu bom humor me fez relaxar e gostar de sua companhia.



PASSADO TRÊS DIAS APÓS internação, seu Zé teve alta. Ele continuou fazendo fisioterapia e como Dan previu, seus movimentos voltaram. Houve um maior comprometimento de sua visão e ele passou a se queixar que não enxergava direito. Além disso, sua confusão mental aumentou radicalmente. Ele confundia as pessoas, trocava nomes e, principalmente, perguntava as mesmas coisas repetidamente. Contudo, em seus momentos de lucidez deixava claro o quanto me amava e se importava comigo. Sempre achava que não estava no casarão, pedia, e até implorava, que o levássemos para casa. Ele se locomovia muito pouco, brigava com os fisioterapeutas e se recusava a realizar os exercícios. Só Bob o fazia feliz. Sempre que o cão se aproximava, ele sorria e o acariciava.

Como o vózinho ficava muito agitado durante a noite, passou a fazer uso de remédio para dormir. Dan também optou por usar, para a demência, a mesma droga utilizada para o tratamento da Doença de Alzheimer. Era um medicamento caro, então, ele trazia amostras que recebia do representante do laboratório, enquanto não conseguíamos o fornecimento gratuito na saúde pública. Ainda assim, cada vez mais seu Zé piorava e, muitas vezes, não reconhecia ninguém. Naquela fase, foi fundamental a presença de Daniel, que experiente, ensinava-me a lidar com as situações, as fases e o agravamento da doença. O cérebro de seu Zé foi bastante danificado na primeira internação e, pelos exames realizados

na época, Dan pôde constatar que havia várias sequelas, o que contribuía para o progresso da doença.

Quanto mais seu Zé se distanciava de nós devido à demência, mais havia uma proximidade minha e de Dan. Eu tentava não o comparar a Marco, mas era impossível. Eles eram opostos.

Eu simplesmente desisti de mudar meu marido e passei a ignorar todas as suas reclamações e chantagens emocionais. Praticamente, não conversávamos e eu não sentia falta dele. Cheguei à conclusão de que não era amor que ele sentia por mim, apenas queria ser o dono da situação. Não suportava ser desafiado ou desobedecido e era isso que o movia a brigar para que eu ficasse ao seu lado. Estava obcecado em me manter próxima.

Dan era o inverso; transmitia paz, tranquilidade. Acompanhava minha rotina e me dava esperança e forças para não desistir. Confiava em minhas decisões e, quando me via insegura, sempre me orientava quanto ao melhor caminho a seguir.

Estávamos no jardim, passeando pelo gramado que havia na frente da varanda do casarão e que mais parecia um enorme tapete verde. Daniel sentou num dos degraus.

— Dan, tem algo que há muito tempo eu quero perguntar.

— E por que não perguntou? — Deu duas batidinhas na escada, com a mão espalmada, para que eu sentasse ao seu lado.

— Não sabia como fazer sem parecer intrometida. Sem invadir sua vida — argumentei e sentei ao lado dele. — Afinal, se fez o que penso, deve ter motivos para ter mantido em segredo.

— Não tenho segredos. Pode perguntar o que quiser.

— Foi você que pagou a conta do hospital, ano passado?

— Eu estava trabalhando fora...

— Está me enrolando. — Empurrei seu braço e ele fingiu se desequilibrar. — Sei que estava fora do país, mas isso não impediria que...

Ele começou a rir e parei de falar ao perceber que estava sendo precipitada, e me desculpei.

— Eu só ia dizer que estava morando fora e queria muito ajudar de alguma forma. Sei que seu Zé tem uma vida simples e sua aposentadoria jamais supriria suas necessidades. Era o mínimo que eu podia fazer. Do resto você estava dando conta. Apressadinha!

Ele tocou a ponta de meu nariz com o seu indicador e fiquei por um tempo olhando seus olhos, mas principalmente seus lábios, que lhe estampavam um belo sorriso. Seu Zé estava certo quando dizia que algumas pessoas têm um brilho próprio e especial. Dan era uma delas, e eu tinha muita sorte em tê-lo conhecido. E isso só foi possível porque o vôzinho adoeceu. Ele sempre ensinou que todas as coisas ruins que acontecem em nossas vidas têm um propósito e nos trazem algo de bom. “Para toda a dor, há uma lição de amor”, ele dizia.

— Se o seu Zé estivesse bem, diria que o propósito de sua doença foi colocar você em minha vida.

— Eu não sei se é destino, carma ou Deus. É como se tivéssemos que negociar o tempo todo — declarou, meio desanimado. — É complicado pensar que só teremos o melhor, passando pelo pior.

— Poderíamos não ter nada! Apesar de tudo, sinto-me privilegiada. — Segurei a mão dele. — Conheci muita gente desde que tudo aconteceu, mas você foi mesmo um presente — falei sincera e apaixonadamente. — Com certeza, você é dessas pessoas que seu Zé dizia que brilharão eternamente.

— Que nada, Rafa! Ele que é muito especial. Sempre fiquei muito sensibilizado e emocionado com a história dele. Penso que merecia uma vida mais feliz. — Dan desenhava em meu rosto com as pontas dos dedos e concluiu carinhosamente: — Isso se estende a você também.

Eu o fitava intensamente. Seus olhos estavam marejados e senti uma vontade incontrolável de abraçá-lo, apenas por imaginar vê-lo chorando. Nunca imaginei que médicos tivessem tamanha sensibilidade. Eu me pendurei em seu pescoço, ele passou os braços pela minha cintura e ficou acariciando meus cabelos em minhas costas. Ficamos assim por um longo tempo. Dia após dia, Daniel me surpreendia com suas atitudes, era um homem incrivelmente raro. Sem dúvidas, um anjo que surgiu em minha vida.



Eu conhecia Dan há seis meses e a impressão que tinha era de que sempre fomos amigos. Conversávamos muito. Infelizmente, as coisas só pioravam. Eu contava com a ajuda de meus pais financeiramente, já que Marco controlava todos os meus gastos. Meu pai fornecia todos os tipos de materiais médicos, como: luvas, seringas, gases, sondas e fraldas geriátricas. Dan trabalhava incansavelmente fazendo plantões noturnos, atendendo no consultório e, naquele momento, dando atenção a sua mãe que estava fazendo exames e talvez necessitasse de uma cirurgia, mas estava sempre disponível para nós.

Marco começou a beber exageradamente e com uma frequência que estava me preocupando. Quase nem nos falávamos e eu não sentia falta dele, contudo sentia do Dan quando não o via por mais de um ou dois dias e aquilo pesava cruelmente em minha consciência.

Foi então que meu mundo desabou. Precisamos internar seu Zé às pressas com um diagnóstico de infecção urinária e um novo AVC. Desta vez, seu lado esquerdo ficou comprometido, ele não conseguia falar direito, era como se sua língua tivesse ficado enrolada e também não conseguia deglutir. Estava com muita febre.

Daniel começou com antibióticos e a infecção foi sendo controlada, todavia o quadro era muito grave. O Acidente Vascular foi isquêmico, mas bastante intenso. Passados os primeiros dias, a febre cedeu, mas Dan, bastante preocupado, decidiu por uma nova gastrostomia. A dieta enteral seria uma tentativa de fazê-lo recuperar o peso que havia perdido rapidamente. Aos poucos fomos descobrindo outras sequelas. Ele não conseguia mais urinar e, novamente, voltou ao centro cirúrgico para uma cistostomia, ou seja, teve uma sonda colocada diretamente em sua bexiga. As enfermeiras já não achavam mais suas veias, furavam seus braços, mãos, pés, sem sucesso. Como a infecção havia melhorado, Dan optou por fazer um acesso central, procedimento também realizado no centro cirúrgico, para que ele pudesse continuar recebendo as doses de antibiótico, soro e outros medicamentos.

Passados vinte e dois dias, finalmente havia previsão de alta, novamente em home care.

— Chega de hospital, Rafa. Ele precisa ir para casa, é um perigo deixá-lo aqui por tanto tempo.

— Estou com muito medo, Dan. Ele está tão fraco.

— Eu sei, vou pedir para providenciarem o home care. Ele ficará melhor em casa, disso eu tenho certeza.

— Ele não me reconhece mais. — A dor que eu sentia em admitir aquilo ecoou junto com minha voz. — Briga comigo, não me quer perto. Só delira.

— Os momentos de lucidez serão cada vez mais raros. Infelizmente, Rafa.

Comecei a chorar e Dan me puxou para junto dele.

— Seja forte. Você não está sozinha.

Eram aqueles abraços que sempre me confortavam. Aquele carinho me injetava força. Quando ele se retirou, fui para perto de seu Zé. Ele me olhou tristemente e começou a falar algumas coisas que não entendi direito.

— Ele é um cara perigoso! Vocês têm que tomar cuidado!

— Calma, vôzinho, aqui você está seguro. — Acariciei sua cabeça. — Ninguém pode entrar aqui.

— Ele queria roubar a minha casa. Mas eu o coloquei para correr de lá. Safado! Tem muita gente má, dona. Aquele tal de Marco não vale nada.

Fiquei bastante intrigada ao ouvir o nome de Marco. Não sabia se aquilo tudo era só um delírio ou se estava tendo um daqueles seus poucos momentos de lucidez. Ele parecia estar se lembrando de algo. Falou o nome de meu marido, mas me chamou de dona. Ou talvez eu não tivesse entendido direito.

— O que o Marco fez, seu Zé?

— O quê? Eu não sei... — Ele parou de falar e fechou os olhos, como se

tirasse um cochilo, então recomeçou: — Ele queria roubar minha casa. Eu o coloquei para fora. É um bandido. Quando ele aparecer de novo, vou chamar a polícia.

Abracei meu vôzinho, sem acreditar que aquilo tudo estivesse acontecendo. Era apenas um delírio, Marco tinha muitos defeitos, mas não era ladrão.

Quando a Mary chegou, comentei sobre a conversa do seu Zé.

— Rafa, ele já me falou sobre isso. Bem antes deste AVC.

— Por que não me disse nada? — Aproximei dela para que seu Zé não nos ouvisse. — O que foi que ele disse?

— Disse que seu marido quis roubar a casa dele. Não levei muito em conta. E depois, por que ele iria tentar roubar algo do casarão?

— É! Não faz muito sentido. Deve ser delírio. Ele fica ainda pior quando está internado. Ainda bem que logo iremos para casa, Dan já pediu o home care.

Naquele instante, uma enfermeira entrou e deixou um envelope com a radiografia dos pulmões que seu Zé havia feito no dia anterior. Ele tinha febres esporádicas e Dan quis descartar pneumonia. Apesar de nada entender, sempre olhava os resultados assim que chegavam e não foi diferente naquele dia. Foi um baque. No laudo estava escrito que havia um derrame pleural. Entrei em desespero e liguei para Daniel.

— Está no hospital ainda? Pode passar aqui?

— *Estou indo.*

Ele entrou apressado e foi em direção ao leito de seu Zé.

— Ele não está bem?

Eu lhe entreguei o envelope e ele leu o laudo com o cenho franzido. Sacudiu a cabeça como se não estivesse acreditando no que estava vendo, depois deu um longo suspiro. Não gostei nem um pouco do medo que vi em seus olhos.

— Isso não é nada bom. Vou pedir uma tomografia para confirmar.

— O que é isso, Dan?

— Há várias hipóteses. Pode ser água, pus e até um tumor. Vamos aguardar. Vou pedir o exame e chamar um pneumologista.

Daniel estava assustado demais, o que me deixou ainda mais nervosa e apreensiva. Então, o home care foi cancelado. A fonoaudióloga desistiu de começar a tentar alimentá-lo via oral. Broncoaspirar poderia ser fatal.

— Rafa!

Olhei para ele em frangalhos.

— Sim?

— Eu quero que vá descansar. Você não dorme há várias noites. Precisa dar um tempo ou não vai aguentar. Promete?

Demorei um pouco para responder e ele me tirou do transe.

— Rafa?

— Sim. Vou para casa esta noite.

— Estarei de plantão e prometo que aviso qualquer problema, tudo bem?

Assenti, ele me deu um sorrisinho e saiu apressadamente. Daniel era transparente, e sua reação ao ler o laudo me deixou transtornada.



ACORDEI E PERCEBI QUE MARCO não estava na cama, mas estava tão cansada que não consegui abrir meus olhos e ver que horas eram. Virei para o lado e voltei a dormir. Passado algum tempo acordei e ele estava tocando entre as minhas pernas, sobre o meu pijama. Puxei sua mão para minha cintura e fiquei segurando-a, para que ele entendesse que eu queria apenas dormir. Não tinha uma noite inteira de sono há muito tempo e precisava descansar. Ele se soltou e voltou com a mão, desta vez, para dentro de meu short.

— Marco, por favor! — resmunguei. — Eu preciso dormir um pouco, ok?

— Não, eu quero você, preciso — ele sussurrou em meu ouvido e pude sentir que havia bebido muito pela dificuldade de falar e a voz arrastada.

Virei rapidamente e segurei seu rosto com carinho. Dei um beijo fraterno em sua testa e pedi que compreendesse o quanto estava cansada. Eu vinha fugindo dele há muito tempo. Ele me puxou para junto de si e começou a empurrar seu corpo contra o meu, como se não tivesse ouvido uma única palavra do que disse.

— Você é minha mulher, eu quero trepar com você. Qual o problema?

Segurou meus cabelos e começou a me beijar com sofreguidão. Afastei-o e, de

novo, tentei explicar que aquele não era o momento. Eu estava esgotada física e emocionalmente e não sentia o menor clima para sexo.

— Você é linda demais, Rafa. — Ele estava excitado e me devorava com os olhos. — Eu não aguento. Você precisa trepar comigo, agora...

Agarrou meu seio e começou a massageá-lo, e quanto mais eu tentava segurá-lo, mais ele avançava sobre mim. Ingenuamente, achei que apenas havia bebido um pouco além da conta e, com certeza, entenderia que aquele não era o melhor momento. Mas eu estava enganada. Bastou acender a luz do abajur, para ver que ele não estava disposto a desistir. Seus olhos faiscavam de desejo e cada vez que seus lábios tocavam os meus, seu corpo estremecia como se recebesse descargas elétricas. Ele estava com saudade e, por um instante, fez-me lembrar de quando nos casamos, e no quanto eu sentia prazer ao vê-lo vulnerável a mim. Eu o amava tanto, era tão fácil ficar excitada quando se aproximava.

— Eu amo você, Rafa! — sussurrou, beijando minha orelha e mordiscando meu pescoço. — Eu adoro você! Faça amor comigo, por favor! — implorou.

Senti as lágrimas rolarem silenciosas por meu rosto. Não havia como fugir do sentimento de culpa, afinal de contas, há tempos estava negligenciando o nosso casamento, não apenas para cuidar do seu Zé no hospital, mas porque não conseguia. Eu não o amava mais. Estava arrependida por ter sido covarde. Fiquei acomodada em minha zona de conforto, aguentando aquela situação deprimente, que era meu casamento.

Abracei-o com força e deixei que me beijasse por inteira. Eu estava sentindo pena dele e me odiava por isso. Ninguém na vida, deveria se submeter a tanta humilhação. Implorar por amor ou sexo. Fui a maior causadora daquele sofrimento, por não ter deixado claro que nossa união resumia-se a morar sob o mesmo teto. Eu já não deveria estar ali, há muito tempo.

Ele me possuiu e apenas esperei que acabasse. Tão logo aconteceu, apagou ao meu lado. Corri para o chuveiro e chorei alto, sentindo-me o pior dos seres humanos.

Quando voltei para o quarto, ele ainda dormia na mesma posição. Senti meu estômago queimar e meu coração se encheu de raiva, não sei se de Marco ou de mim mesma.

Peguei meu celular e vi uma notificação de mensagem do Dan. Fiquei ainda mais dilacerada. Era como se eu o tivesse traído. Não havia, absolutamente nada de errado em fazer amor com o meu marido, mas minha consciência gritava que eu estava cometendo um erro após o outro, pois era só em Daniel que pensava o tempo todo.

Desci para a cozinha e sentei para tomar um copo d'água. Eu estava em frangalhos. No silêncio da noite, o único som que ouvia era o das batidas do meu coração. As lágrimas desciam por meu rosto e meu peito sacudia com os soluços quase infantis. Eu queria muito o aconchego do colo de minha mãe, naquele momento. Parecia impossível controlar a dor que eu estava sentindo, ao pensar que Marco não tinha a mínima noção do que estava acontecendo.

*Oi. Senti sua falta.
Descanse. Beijo.*

Dan! Meu doce Daniel. Tomei mais um gole de água e comecei a escrever para ele.

Dan...

Ele respondeu imediatamente:

Oi. Ainda acordada? Por quê?

Não consigo dormir. :(

O que houve? Quer que eu ligue?

Digitei prontamente:

Não! Não precisa. Eu tive um pesadelo.

Escrevi a primeira coisa que me ocorreu. Não podia contar a ele. Éramos amigos, mas sabia que, definitivamente, ele não era a pessoa mais indicada para eu desabafar.

Acordei e acabei perdendo o sono.

Tem certeza, Rafa? Você está bem?

Mudei de assunto:

*Como está o movimento?
Conseguiu dormir um pouco hoje?*

*Até uma hora foi intenso. Agora está calmo.
São quase três da manhã.
Vá dormir!*

*Que horas fez as visitas?
O Seu Zé estava bem?*

*Sim, ele está bem.
Não se preocupe.*

*Obrigada, Dan.
Vou desligar. Beijo.*

Beijo.

Não poderia falar que transei com meu marido por pena. Não era o tipo de coisa que costumamos contar, ainda que fosse para uma pessoa como Dan. Ele ficou preocupado e não sei se acreditou na história do pesadelo. Era sempre tão atencioso comigo, mas eu precisava encarar à minha triste realidade e ele nada tinha a ver com aquilo.

Quando voltava para o quarto, vi que Marco havia deixado a luz do escritório acesa, fui até lá para apagá-la, e então percebi que seu notebook estava sobre a escrivaninha. Imediatamente lembrei-me das acusações de seu Zé. Poderiam ser apenas delírios, pela demência, mas Dan sempre disse que acontecimentos do passado, que o magoaram de alguma forma, poderiam ter ficado em seu

subconsciente e, eventualmente, em algum momento ele se recordaria e falaria sobre.

Não hesitei em abrir seus e-mails e lê-los, um a um, em busca de algum indício de que a reclamação de seu Zé era verídica. E lá estava a resposta. Uma troca de mensagens entre meu marido e seu advogado.

De: Renato Zatini

Para: Marco Aurélio Bittencourt

Assunto: Re: Compra de imóvel

Doutor Marco, não é difícil convencer uma pessoa como essa que descreveu. Deve ser um homem ignorante e facilmente assinará qualquer documento passando a casa para seu nome por alguns milhares de reais. Um terreno daquele tamanho, naquela região, vale uma pequena fortuna. Posso preparar o contrato de compra e venda?

Abraço,

Renato

De: Marco Aurélio Bittencourt

Para: Renato Zatini

Assunto: Re: Compra de imóvel (2)

Você está enganado, caro Dr. Renato, ele é uma raposa e me enxotou da sua casa. Acredite se quiser. O velho é muito esperto. Ele não quer vender o imóvel. Há outros meios?

MB

De: Renato Zatini

Para: Marco Aurélio Bittencourt

Assunto: Re: Compra de imóvel (3)

O que podemos fazer é providenciar alguns “documentos” para, pelo menos, assustá-lo. Ele ficará com medo de perder a casa e acabará aceitando qualquer valor que ofereçamos. Essa gente sempre sabe que a corda arrebenta para o lado fraco. Se é que me entende.

Renato

De: Marco Aurélio Bittencourt

Para: Renato Zatini

Assunto: Re: Compra de imóvel (4)

— “Voilà”! Vamos ver o que conseguiremos. Cuide destes papéis, doutor Renato, por favor! Faça tudo que for preciso, mas coloque aquela casa em meu nome o mais rápido possível.

MB

Não era invenção da cabeça do vizinho. Por que ele nunca me contou que foi chantageado? Meu Deus! Com quem eu estava casada? Um monstro? Na mesma

noite, eu descobri que Marco era capaz de despertar os meus piores sentimentos: pena e desprezo. Não havia mais o que pensar, eu tinha que tomar atitude ou me culparia eternamente.

Subi e deitei, trancada no quarto de hóspedes. O esgotamento físico e mental era tão grande que dormi imediatamente.



Quando desci, já passava das nove da manhã, e eu tinha certeza de que Marco já havia saído para trabalhar, mas ele me esperava na sala de jantar. Ao contrário do que eu imaginava, não senti absolutamente nada ao olhar para ele. Sentei em silêncio.

— Rafa, me perdoe... Eu não sei onde estava com a cabeça.

— Pode parar, Marco. Eu sei onde você estava com a cabeça. Isso não é necessário.

— Eu te machuquei? Pelo amor de Deus, diga que não te machuquei. Eu bebi demais e...

— Marco, por favor! — Comecei a entender que ele não lembrava direito o que havia acontecido. — Não há o que falar. O que importa se me machucou? De que dor está falando? O que vai mudar? Nada vai apagar as atrocidades que você tem feito.

— Atrocidades? Pelo amor de Deus, Rafaela, eu amo você.

Tentou me tocar, mas eu me afastei e, então, ele começou a andar como um leão enjaulado, de um lado para o outro, passando os dedos pelos cabelos.

— Que espécie de amor é esse que sente? Você só pensa em destruir o que é importante para mim! — gritei tocando a mão em meu peito. — Há quanto tempo está me atormentando? — Senti o sangue subindo por meu rosto que parecia queimar. — Como pode ser tão egoísta, ruim e mesquinho? — Eu queria

magoá-lo profundamente. — Você não passa de um homem arrogante e inconsequente. Eu não sei o que estou sentindo por você, mas é algo que não devíamos sentir por ninguém. — Olhei-o com pena. — Como pode dizer que me ama?

— Porra, Rafa! Qual o motivo para esse drama todo? Algo de errado em querer trepar com você? — Ele me encarou e arqueou as sobrancelhas. Sua preocupação era exclusivamente em relação à noite anterior. — Somos casados.

— Eu tenho pena de você.

Ele se aproximou e segurou meu rosto para que o olhasse, porém aquele contato me causou repulsa, afastei e ele não insistiu. Deu alguns passos em direção à porta, parou, olhou, mas nada falou, apenas saiu cabisbaixo. Ambos sabíamos que havia acabado. A partir daquele dia, nada mais seria igual. Se havia uma única chance de um dia eu voltar a sentir amor por Marco, ela foi enterrada naquela madrugada.



Marquei um encontro com minha irmã, ela era a única pessoa que poderia me ouvir. Eu precisava dividir o que estava acontecendo ou explodiria. Estava de saída quando Marco chegou.

— Aonde vai? — perguntou como se nada tivesse acontecido. — Eu vim almoçar com você, minha querida.

— Mas eu estou de saída.

— Saída para onde, Rafa?

— Marco, ouça. Eu quero que me deixe em paz! Entendeu?

Peguei minha bolsa e saí apressadamente. Eu não conseguia olhar para ele sem sentir vontade de socá-lo. Liguei o som do carro e fiquei ouvindo *Noite*, da Tiê, repetidas vezes. Queria cantar e expulsar toda a dor de meu coração, mas a

voz não saía.

*♪ ♪ É uma história que se complicou
E eu sei bem o porquê
Qual é o peso da culpa que eu carrego nos braços?
Me entorta as costas e dá um cansaço
A maldade do tempo fez eu me afastar de você. ♪ ♪*

Não foi a maldade do tempo, mas dele. Eu não conseguia me acalmar. Cheguei ao restaurante e minha irmã já me esperava. Falava ao celular, gesticulava e ria alto. Era invejável a vida que Rachel levava. Apenas fisicamente ela era muito parecida comigo. Mesma estatura, aproximadamente 1,70m, cabelos castanho-escuros, mas bem mais longos que os meus. Ambas de corpos bem feitos, porém eu estava bem mais magra. Ela tinha olhos verdes, como os de meu pai; e eu castanhos, como os de minha mãe. Eu quase não usava maquiagem e ela usava muita, principalmente nos olhos. Ficava ainda mais linda. Sempre fui discreta e tímida e ela escandalosa e extrovertida. Há tempos, eu não a via e estava com saudades.

— Eu preciso desligar, minha irmã chegou... Depois eu te ligo... Também te amo, cara. Beijo. — Ela desligou o telefone e me olhou divertida recebendo meu abraço. — Estou morrendo de fome, já ia começar a comer sem você.

— O Marco me atrasou, pra variar.

— Como você aguenta esse cara? Já o teria mandado se ferrar há muito tempo.

— Nada é tão simples, Rachel. Um dia vai entender.

— A maioria das coisas é complicada, porque nós complicamos. Isso é fato... Creeeedo, Rafa!

Rachel ficou de boca aberta, ao me olhar atentamente. Ela percebeu minhas olheiras e o inchaço de meus olhos, que estavam vermelhos de tanto eu chorar.

— Vocês brigaram, né? Você tá com uma cara horrível! — admirou-se. — Que olheiras são essas, Rafa? Mana preferida do meu coração, o que tá pegando?

Não consegui segurar o riso, sabia que me faria muito bem passar algumas horas com minha irmã caçula.

— Quel, pare com esse escândalo!

— Você está pior que o vampiro brasileiro do Chico Anyzio! — ela falava sério, o que me causava riso. — Qual foi o motivo desta vez? O velhinho de novo?

— Zé! O nome dele é Zé. Que coisa!

— Isso já perdeu a graça — Rachel falava enquanto olhava o cardápio. — Como esquentar com as neuras do Marcão? Manda ele à merda!

— Desta vez, você tem toda razão.

— Por favor! — Ela ergueu a mão dando sinal para o garçom, olhou o celular e voltou-se para mim. — Eu sempre tenho razão. Desembucha! Foi por causa do vô Zé que vocês brigaram?

— As coisas estão ficando insuportáveis lá em casa. — Senti o nó se refazer em minha garganta. — O Marco nunca entende as minhas necessidades. Ele acha que, porque nos casamos, sou propriedade dele. Eu já nem ligo para as coisas que fala, mas ontem...

— O que ele fez ontem? — Ela ficou brava de verdade. — Rafa, você está quase chorando, seus lábios estão tremendo e isso é sinal de que a coisa tá pegando. O que aquele babaca, desgraçado, fez? Ele bateu em você? — Nervosa, ela me sacudiu. — Rafa?

O garçom se aproximou e anotou nossos pedidos e, quando ele saiu, desabafei com minha irmã. Contei a ela sobre ter feito sexo com Marco por ter sentido pena dele, e o pior de tudo, ter descoberto, em seguida, que ele chantageou o seu Zé.

— Promete que não vai contar para ninguém, nem para a mãe?

— Vamos a um advogado, hospital, polícia, sei lá, vamos fazer alguma coisa contra esse nojento. Um BO. Coação é crime, não é? Meu Deus, que desgraçado!

— Fala baixo, Rachel. Não sei! Eu nem tenho provas concretas contra ele. Os e-mails apenas mostravam que tentariam comprar a casa por um valor bem inferior ao que realmente valia. Não sei qual era a ideia exata, mas queriam assustar o seu Zé, deixá-lo com medo, para que assinasse os documentos. Não sei o que pensar.

— Como vou ficar calma, sabendo que minha irmã se casou com um bandido? Não concordo! Estou estudando Psicologia e tenho certeza de que ele é louco. Está obcecado por você, Rafa. Isso não é nada bom.

— Vou me divorciar dele. — Pensei por alguns segundos em voz alta. — Não suporto mais ser tocada por ele.

— Tá ligada que você já devia ter feito isso há muito tempo?

— Reconheço, você está certa. A noite passada serviu para que eu despertasse. Não posso mais adiar algo inevitável.

— Acabei de falar, ele é perigoso. E tenho medo dele, cara, de verdade. Ele é sinistro e a mãe dele parece a Malévola. Ainda pior que ele. Meeeedooooo...

— Confesso que também estou com medo. Não sei mais com quem me casei, ou melhor, agora sei.

— Rafa, pede logo esse divórcio. Ele pode fazer coisa pior. Foi capaz de infernizar a vida de um idoso! Porra, pense numa pessoa má!

— Sei exatamente o que devo fazer. — Mudei a conversa, na tentativa de esquecer a noite anterior. — Vamos almoçar porque eu preciso ir logo para o hospital.

— Rafa, acho que você não precisa mais pensar em não magoá-lo, não depois do que descobriu.

— Minha irmãzinha querida, tão preocupada comigo. — Abracei-a com carinho. — Prometo a você, que não vou deixar que nos machuque de novo. Agora sei do que é capaz, vou ficar esperta. Ok?

— De boa, estou preocupada. — Ela engatou em meu braço. — Vou com você ao hospital. Estou livre a tarde toda, hoje.

Eu me senti melhor depois de ter desabafado. Durante todo o almoço, conversamos sobre relacionamentos. O meu casamento desastroso, os namoros dela com seus “minos” e, é claro, ainda que nem percebesse, falei sobre Dan várias vezes e Quel notou o meu interesse.

— Rafa, eu conheço você. Nossa! Teus olhos brilham cada vez que toca no nome do gato.

— Que besteira, ele é meu amigo.

Ela bateu a mão na mesa.

— Bem que a mamãe já desconfiou. Rafa, eu sou sua amiga, e seus olhos não brilham assim por mim. Você tá é a fim do cara, assumo de uma vez. Não sei por que está escondendo isso de mim! O Marcão tá ferrado mesmo. Bem feito!



Durante todo o percurso para o hospital, eu respondi negativamente as perguntas e insinuações de Quel a respeito dos meus sentimentos por Dan. Claro que não adiantava, era tudo muito óbvio. Por mais que eu negasse, meus olhos me traíam.

Seu Zé passou bem durante a tarde e, apesar de não reconhecer minha irmã, deu algumas risadas com ela.

À noite, ficamos sozinhos e ele estava cansado e sonolento. De vez em quando, acordava e me olhava tentando imaginar quem eu era e o que fazia ali. Outras vezes, sorria com doçura e fazia sinal para que eu ficasse perto dele e, quando eu segurava sua mão, ele apertava a minha. Enquanto ele cochilava, eu deixei que as lágrimas rolassem por meu rosto e, quando percebeu, sussurrou:

— Não quero que chore por mim. Eu não mereço uma única lágrima, principalmente de você, Fada. Ninguém merece.

Apesar de doente, aquele senhor tão sábio ainda tinha ânimo e forças para me

consolar. Eu tinha que reconhecer, ele era mesmo um anjo que Deus colocou em minha vida. Eu ainda não entendia por que ele tinha que passar por todo aquele sofrimento ou se havia algum propósito para aquilo tudo. Não tinha dúvidas de que ele não merecia. Eu estava com ódio do Marco por ter colaborado para que ele adoecesse. Estava certa de que o medo de perder a casa mexeu com o emocional de seu Zé, deixou-o triste e isso fez com que sua imunidade baixasse. Se não fosse isso, estaria bem. Eu me convenci de que Marco era o maior culpado e não sabia se o perdoaria um dia.



NOSSA LUTA PROSSEGUIA UMA VERDADEIRA guerra contra a doença. O pneumologista resolveu fazer uma punção. Retirariam líquido do pulmão para decidirem qual o melhor caminho. Conforme informações desse especialista, caso fosse água o tratamento seria mais simples e rápido, se fosse pus teriam que drenar e fazer uso de antibióticos. Definitivamente, home care adiado.

Cada dia mais nervoso, agitado e desorientado, seu Zé chamava aos gritos por seus parentes mortos, por mim e Dan, porque não nos reconhecia mais. Passávamos as nossas noites em claro. Nem o remédio para dormir fazia efeito.

Numa daquelas manhãs, enquanto o vózinho foi levado para uma ecografia eu me obriguei a desligar a luz para descansar meus olhos que ardiam demais, então deitei e acabei cochilando no sofá. Minutos depois acordei com Dan parado, segurando a porta, indeciso, sem saber se entrava ou saía.

— Entre! — convidei-o, mas continuei deitada.

— Não queria acordá-la. Você está bem?

— Cansada, Dan. Muito cansada.

— Fiquei quase meia hora cobrando os resultados no laboratório.

— E conseguiu?

— Sim e a única explicação para esses picos de febre é o pulmão. A punção deve ser feita logo, mas eu vou ficar fora por alguns dias.

— Meu Deus! — falei indignada e sentei-me para que ele pudesse se acomodar ao meu lado. — Vai viajar?

— Eu preciso ir a São Paulo, acompanhar minha mãe numa cirurgia cardíaca. É coisa simples, mas que precisa de atenção e não pode ser adiada.

— Eu entendo. — Baixei os olhos com desânimo. — É que as coisas não funcionam bem quando você não está aqui. Não há pressa de nada. Parece que ninguém se comunica direito. — Terminei olhando para ele e tocando em seu peito com o indicador, no mesmo ritmo em que falava: — Você é o único que pede, checa e corre atrás.

— Vou deixar um amigo aqui do hospital, responsável por tudo. Ele é excelente. Prometo que ligarei sempre para dar notícias e saber como estão as coisas.

— Vou ficar torcendo por vocês, daqui. Vai dar tudo certo para a sua mãe! Dê um beijo nela.

Ele assentiu e, nesse momento, seu Zé retornou do exame. Os enfermeiros o colocaram na cama e Dan foi se despedir. Colocou, carinhosamente, sua mão direita sobre o peito do amigo.

— Seu Zé! Eu vou tirar umas férias, mas volto logo. — Ele ficou alguns segundos observando e esperando por uma resposta e, como não a obteve, prosseguiu: — Fique com Deus!

— Amém. Tchau, tchau. — Ele acenou com a única mão que ainda conseguia levantar e repetiu. — Tchau.

Dan sorriu para ele, feliz com aquele segundo de lucidez, e veio até mim. Eu estava emocionalmente abalada, chorei ao ver seu carinho com o vizinho e porque sabia a falta e a saudade que sentiria dele.

— Estou muito preocupado com você — sussurrou parando bem perto de mim. — Precisa sair um pouco do hospital.

— Vou tentar, Dan. Mas ele precisa de mim. Tem dormido tão pouco.

— Eu já prescrevi um aumento da dose do remédio. Acho que vai resolver por um tempo. — Ele ficou acariciando meus cabelos, enquanto falava: — Contrate mais enfermeiras se precisar, mas descanse um pouco.

— Eu vou descansar. — Limpei os olhos e levantei o rosto para encará-lo. — Hoje irei para o casarão.

— Mas, Rafa, quando for, procure dormir. Não adianta ficar lá, o tempo todo acordada.

— Não se preocupe comigo, Dan. Eu ficarei bem. Vá cuidar de sua mãe.

Ele me abraçou por um longo tempo. Daniel também estava abatido, pois trabalhou o dobro para deixar tudo em ordem antes de se ausentar. Ele segurou meu rosto entre as mãos, deu um beijo estalado e demorado em minha testa. Eu o acompanhei até a porta.

— Você também está precisando dormir. Sei que dará tudo certo. Promete se cuidar, por favor!

— Prometo! — respondeu com seu sorrisinho tradicional e sumiu apressado, no corredor.

Aqueles períodos foram as piores experiências que passei em minha vida. Além de ter descoberto que meu marido era um crápula, também aprendi o quanto o ambiente hospitalar podia ser medonho. Muitos profissionais não tinham nenhum tipo de sentimento bom em relação aos pacientes, como eu sempre imaginei que deveria ser. O hospital dispunha de poucos enfermeiros, e eles trabalhavam de má vontade. Alguns se desdobravam para atender bem. A ala onde estávamos era muito grande e destinada aos mais debilitados e em estado grave. Claro que era impossível dar conta. Alguns eram apenas atenciosos, outros não se esforçavam e não se interessavam pelo bem-estar dos doentes, estavam ali por pura necessidade. Pouco se importavam em cumprir horários de banhos, medicamentos e as emergências que sempre aconteciam. E eu ficava imaginando o que deveria ocorrer num hospital público. Entre todos,

eu gostava muito de um técnico de enfermagem chamado Andrey. Ele se destacava. Era empático. Adorava a profissão e dava a alma no trabalho. Estava sempre disponível. Era alto, magro, loiro e gay. Parecia com Edward Norton. Pessoa linda por dentro e por fora. Talvez, depois de algum tempo, eu pudesse esquecer a sua fisionomia, mas jamais esqueceria a pessoa maravilhosa que era e o que fazia pelos pacientes.

Como era esperado, tudo ficou mais difícil sem Daniel, porque ele nunca parecia perdido como os outros médicos, que tudo me perguntavam. Era como se não existisse um prontuário. Eles nunca sabiam o que estava acontecendo e o que precisava ser feito, qual o próximo passo.

Quando eu não estava no hospital, seu Zé chamava meu nome ou Fada o tempo todo. Mary tinha paciência e também enfrentava bravamente as longas noites em claro ao lado dele. Apesar da dose maior de remédios, ele dormia pouco. Feitos os exames, descobriu-se que ele tinha pus nos pulmões. Devido à idade e ao seu estado crítico, os médicos decidiram que não operariam para investigar mais profundamente. Uma cirurgia para biópsia da pleura seria ainda mais nociva.

Esperávamos também pela confirmação de uma provável infecção na bexiga. Teríamos que aguardar os resultados. Deixei minha mãe com seu Zé e saí para tomar um café. Eu estava completamente zonza. Nem sabia direito que dia era. Estava perdida e quando voltei tomei o maior susto. Seu Zé estava em prevenção de contato. Resultado da cultura: uma superbactéria. O desespero ficou estampado em meu rosto e meu choro era quase infantil no colo de minha mãe.

— Minha filhinha! Sei o quanto está sofrendo, mas não há nada que possa fazer. A mamãe vai ficar perto de você, Rafa. Sempre!

— Não estou aguentando ver todo esse sofrimento, mãe. Por que tem que ser assim?

— Não temos respostas, filha, mas procure se acalmar ou você acabará doente também. Você é sempre tão forte.

— Eu sei, mas estou com medo, mãe. Desculpe! — Limpei as lágrimas. — Vou me controlar.

— O que mais está te preocupando, filha? É o Marco? Como ele tem se

comportado?

— Praticamente não o vejo e nem faço questão. Não acredito mais em nosso casamento. Acabou, mãe.

— Vamos resolver uma coisa de cada vez.

— Já está resolvido. Se, pelo menos, o Dan estivesse aqui.

— Rafa, minha filha. Eu quero que se abra comigo. — Ela acariciava meus cabelos. — Você está tendo um caso com o doutor Daniel?

Olhei perplexa para minha mãe, foi uma pergunta, mas, pela expressão de seu rosto, era quase uma afirmação.

— Não! — respondi francamente. — Claro que não, mãe! Ele é meu amigo e do seu Zé, apenas isso. Você sabe! Como pode pensar uma coisa dessas?

— Rafaela, as muitas vezes que os vi juntos... — Ela parou de falar por alguns instantes, como se procurasse as palavras. — Eu não costumo me enganar. Ele está apaixonado por você e você também. E se ainda não te disse isso, fará em breve.

— Você está louca, mãe! Dan é um homem sério e o fato de eu ser casada é um ótimo motivo para não pensar em envolvimento comigo. — Tentava convencer a ela e a mim mesma. — Esqueça isso, por favor! Nós apenas nos damos muito bem.

— Homens sérios também se apaixonam, filha!

— Não se preocupe, mãe. Já disse! — retruquei torcendo que ela mudasse de assunto. — O Dan é maravilhoso, mas apenas um amigo.

— Eu me preocupo mais com você do que com a Rachel. — Minha mãe me conhecia como ninguém e sabia que eu estava mentindo, a mim inclusive. — Você sofre demais com tudo, meu amor. Tem este coraçãozinho mole. Tenho muito orgulho de ser sua mãe, mas preferia que não assumisse cargas tão pesadas.

— Seu Zé não é uma carga, mãe — falei rispidamente.

— Não foi isso que quis dizer. Desculpe!

Eu me odiava quando agia daquela forma. Estava cansada e estressada e, quando me sentia acuada, acabava sendo indelicada com as pessoas que menos mereciam. Abracei minha mãe carinhosamente, quando percebi meu descontrole.

— Eu sei, mãe. Eu é que peço desculpas. É que nada funciona direito neste hospital. Meu casamento está falido. Meu marido não é nada do que eu pensava, e o pior, é o sofrimento do vizinho.

Minha mãe sabia que eu costumava falar muito quando nervosa e continuei aceleradamente:

— Seu Zé não apresenta melhoras. Faz dias que Dan viajou e, desde então, não deu mais notícias. Estou preocupada com ele, mas não quero ficar invadindo seu espaço. — Levantei de seu colo e fui checar se seu Zé ainda dormia. — Ah! Besteira minha, né? Daqui a pouco, ele liga ou manda uma mensagem. Tudo passa um dia. — Arrumei os travesseiros e choraminguei para minha mãe, que me olhou desolada. — Por que ele não ligou, mãe?



Era bem tarde da noite, quando Dan abriu a porta do quarto e permaneceu parado me olhando, eu sabia que algo muito grave havia acontecido. Ele estava irreconhecível. A barba por fazer, os cabelos espalhados, os olhos fundos, inchados e vermelhos, de quem não dormia há muito tempo. Fui ao encontro dele, na ponta dos pés, para não acordar seu Zé, ele parecia estar em transe.

— Pelo amor de Deus! O que aconteceu, Dan? Por que você não deu notícias todos esses dias? Não sabia que havia chegado! — falei baixinho, puxando-o pelo pulso para dentro e fechando a porta atrás dele.

Quando voltei a fitá-lo, através da penumbra do quarto, percebi que seus olhos não estavam apenas imersos em lágrimas, mas também repletos de uma grande tristeza, algo indescritível que vinha do fundo de sua alma.

Meu coração sacudiu no peito. Foi um choque vê-lo sufocado de dor e me desesperei ao ver que chorava. Aquela imagem jamais sairia da minha cabeça. Eu queria abraçá-lo e confortá-lo, mas não tive coragem. Ele sentou no sofá, e com os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos cobrindo o rosto, começou a falar entre soluços:

— Eu perdi minha mãe, Rafa. Ela morreu nos meus braços e nada pude fazer para salvá-la.

Minhas pernas dobraram. Naquele momento, ele era apenas um menino sofrendo, com o que imaginei ser uma das piores perdas: da mulher de sua vida. Não havia sinais daquele homem sério, decidido e seguro. Inevitavelmente, comecei a chorar junto com ele e não encontrei palavras para confortá-lo ou expressar o que estava sentindo por vê-lo naquele estado. Nada que eu falasse amenizaria a dor dele. Puxei-o pelo pescoço e apoiei sua cabeça em meu ombro, soluçando. Segurei sua mão e fiquei acariciando seus cabelos. Ficamos assim, aos prantos, não sei por quanto tempo. Nenhuma palavra faria sentido.

Dan levantou, secando as lágrimas com as pontas dos dedos, e foi em direção à cama de seu Zé. Olhou por alguns segundos e tentou sorrir, mas era como se os músculos de seu rosto estivessem endurecidos, não obedecessem.

— Ele está tranquilo hoje, que bom!

— Você acertou o medicamento. Ele tem dormido um pouco melhor.

— Estão tratando vocês direitinho? O Leonardo tem vindo vê-lo? Eu não consegui falar com ele...

— Dan... Sim. — Não poderia nem pensar em preocupá-lo ainda mais. — Fique tranquilo, está tudo bem aqui. Dan? — chamei-o sem saber como me expressar.

— Sim? — Ele se aproximou e ficou em pé na minha frente.

— Eu não sei o que dizer, mas sinto muito.

— Eu sei, Rafa.

— Por que não vai pra casa dormir um pouco? Você está muito abatido e...

— Eu vou. Até porque não posso fazer mais nada. Acabou. Mas quis te ver antes de viajar. O sepultamento será em Londrina, onde ela nasceu.

— Quando foi?

— Há poucas horas. — Uma lágrima rolou em seu rosto. De novo senti vontade de apertá-lo em meus braços, novamente me controlei. — Eu te dou notícias.

— Descanse, por favor — murmurei.

Ele saiu de cabeça baixa e eu corri até a porta para alcançá-lo. Ele ainda estava no corredor e se virou ao me ouvir chamar.

— Dan... — Fui caminhando ao encontro dele, sem saber direito o que dizer. — Por favor, se cuide! — Aninhei-me em seu peito e dei-lhe um abraço apertado. Ele apoiou o queixo em minha cabeça. — Você está horrível!

Quando nos afastamos, ele respondeu tentando, de novo, sorrir.

— Vou me cuidar. Obrigado!

Segui-o com os olhos até ele dobrar à esquerda do corredor principal em direção à saída. Voltei e sentei onde estávamos antes, só e perdida. A vida estava sendo dura com todos nós. Tentava não sufocar com tudo que estava sentindo. Era muito difícil assistir ao sofrimento de uma pessoa maravilhosa como o seu Zé e, naquele momento, também ao de Daniel.

Estava impotente em relação a tudo, inclusive, ao fracasso de meu casamento com Marco. No início, eu me sentia culpada por não ter dado certo, mas não era. Talvez tivesse apenas uma parcela de culpa. E o fato dele não conseguir entender o meu amor pelo vôzinho foi apenas a gota d'água que faltava para transbordar o copo. Ele era um homem egoísta e sempre foi contra nossa amizade, sem ter qualquer motivo para isso. Eu tinha uma missão ao entrar na vida de seu Zé e iria cumpri-la, ainda que todos fossem contra.

E o Daniel? Qual a missão de Dan em minha vida? Ele se mostrou especial tão logo apareceu. Pensei nas palavras de minha mãe a respeito dele. Eu o amava, apesar de ter negado a ela. Ele havia se tornado mais do que um amigo atencioso. Fiquei aflita imaginando o que passou naqueles últimos dias e a dor

que estava sentindo com a perda de sua mãe.

Meu coração acelerou e eu sentia dor a cada batida. Em nenhum momento eu pensei que algo assim pudesse acontecer. Eu nem procurei por ele enquanto esteve fora. Apesar de sua demora em retornar, não liguei e não me preocupei em saber o que estava acontecendo, com medo de estar invadindo a sua vida. Porcaria de orgulho!

E naquela noite, de novo, não tive coragem de perguntar o que havia dado errado. Eu nunca sabia direito até onde deveria ir quando estava perto dele. Eu sentia medo que qualquer passo em falso nos machucasse. Meu Deus, como me achei egoísta! Mas tinha certeza de que, quando ele estivesse preparado, contaria tudo o que aconteceu e então eu explicaria que só não quis incomodá-lo, e lhe diria o quanto senti saudades. Isso também estava me tirando o sono: meus sentimentos. Não adiantava fugir da realidade, Daniel havia mexido com meu coração e eu não tinha coragem de parar para pensar a respeito. Por mais que Marco fosse cheio de defeitos, ele ainda era meu marido e eu não queria que a minha decisão de deixá-lo fosse influenciada pelos meus sentimentos. Dan nada tinha a ver com o fracasso de nossa relação.

Puxei um cobertor sobre mim e, cansada, acabei adormecendo em meio às lágrimas e ao caos que eram meus pensamentos.



DAN ESTAVA DE VOLTA AO TRABALHO. Estava usando uma barba curta, o que o deixou ainda mais charmoso. Tentava sorrir e disfarçar a dor, mas o sofrimento estava evidente em seus olhos.

— Como você está? — Foi só o que me ocorreu perguntar. — Melhor?

— Superando! — respondeu com tristeza. — O trabalho é a melhor forma de tocar a vida para frente.

— Quer conversar?

— Sim, um dia! — Esboçou um sorriso. — Não há muito para falar. O coração estava mais debilitado do que o esperado — resumiu, deixando claro que não queria conversar sobre o assunto. Resolvi não insistir e ele continuou envolvido no trabalho. Pegou o laudo do último exame de seu Zé e fez um comentário totalmente profissional. — Agora vejo que os pulmões dele melhoraram consideravelmente.

— Acha que poderemos ir logo para casa?

— Não posso mandá-lo para casa enquanto estiver tendo febre, os pulmões

melhoraram, mas ainda há infecção.

— Está bem! — Levantei as mãos me rendendo. — Fazer o que, né? Você é o chefe! — falei num tom de brincadeira, mas ele continuou sério.

— Vou pedir novos exames de sangue para tentar descobrir o motivo.

Mostrei a ele que as mãos e os pés de seu Zé estavam roxos em todos os lugares onde foram inseridos os acessos.

— Ah! São sinais de flebite. Inflamação das veias puncionadas. Tomara que seja esse o motivo. Vou pedir os exames. — Ele me olhou curioso. — Vai ficar aqui hoje à noite, Rafa?

— Sim, com certeza!

— Então eu volto para dar notícias. — Tocou meu rosto levemente com as costas da mão. — Até!

Finalmente! Ordem na casa. Incrível a sensação de segurança que eu sentia quando Daniel estava por perto, controlando tudo. Mas ele estava tão distante. Por um momento, senti como se estivesse conversando apenas com um médico estranho e não com o meu querido Dan.

Os dias seguiam sem novidades. Num final de tarde, seu Zé chamou e pediu para cantarmos. Quando ele estava calmo, adorava e ficava muito satisfeito quando eu o acompanhava na cantoria. Para mim, eram momentos únicos. Cantávamos com empolgação em alto e bom som. Incrivelmente, ele pouco errava as letras das músicas que gostava tanto, sempre se lembrava delas. Naquele dia, especificamente, escolheu *Trem das onze* e a cantamos, repetidas vezes, até ele cansar e dormir, segurando fortemente minha mão. Eu sabia que quando me pedia para cantar era um indício de que estava feliz. Os motivos dessa felicidade efêmera estavam aprisionados dentro de sua cabecinha confusa e jamais conseguia descobri-los, mas aquilo também fazia bem para o meu coração.

Jantei no hospital e quando voltei ao quarto, Andrey havia feito a medicação e seu Zé dormia calmamente. Ele poderia acordar a qualquer momento, começar a gritar e chamar pessoas que eu não sabia se existiam e xingar a todos que se aproximassem dele, então, antes que isso acontecesse, eu aproveitei para

descansar um pouco também. Fechei meus olhos e, inutilmente, tentei relaxar e não pensar em nenhum dos meus problemas. Acabei pegando no sono e tive um pesadelo horrível. Sonhei que Dan estava examinando o vôzinho e então sacudiu a cabeça, e avisou:

— Acabou, Rafa.

Acordei assustada, só então vi que Dan estava sentado e me olhava dormir. Meus pés estavam em seu colo.

— Dan? Que horas são?

— Quase uma. Você estava agitada.

— Tive um pesadelo, horrível. — Sentei a seu lado e contei o meu sonho.

— Rafa, nós sabemos que ele está sofrendo e que, provavelmente, isso vá acontecer muito em breve.

— Eu sei — concordei e senti um nó na garganta. — Eu sei, Dan.

— Eu não acho que ele mereça o que vem passando. Talvez esteja mesmo na hora de descansar. Então, eu quero que esteja preparada para tudo.

— O que houve, Dan? Você pegou o resultado dos exames? Por que está falando isso?

— Não, mas o quadro dele não é bom. Essa superbactéria, os pulmões cheios... Ele melhora, mas não estabiliza.

— Meu Deus! — supliquei, limpando os olhos que ardiam.

— Volte a dormir. Aproveite que ele também dorme. Eu preciso descer.

Ele me olhou ternamente, senti o quanto se preocupava comigo e isso mexeu com minhas emoções.

— O que foi, Rafa?

— Obrigada por tudo, Dan! — Sentia grande necessidade de agradecê-lo.

— Imagina. — Ele sacudiu a cabeça. — É o meu trabalho, e o seu Zé também é muito importante para mim.

— Tem mesmo que ir?

— Estou de plantão. Preciso ficar no PA e você deve descansar. — Ele estava sério, mas falava com ternura. — Boa noite!

Dan deu uma batidinha em minha perna. Levantou apressado, dirigiu-se à porta, parou e me olhou com um sorriso tímido.

— Mas eu queria ficar.

Não sei onde eu estava com a cabeça ao tentar segurá-lo ali comigo. Sabia que estava trabalhando. Foi um impulso mais forte que eu. Era sempre tão bom conversar com ele.



Durante toda a madrugada, seu Zé teve febre alta e dificuldade para respirar. Andrey o colocou no oxigênio e ligou para Dan no PA. Ele veio de imediato, examinou o vizinho e seu olhar angustiado me deixou desesperada.

— Vou mandá-lo para a UTI. Está saturando muito baixo e a pressão também caiu demais.

Não demorou muito para trazerem uma maca e o levarem de volta onde tudo começou. Fiquei em prantos, sentada sozinha no silêncio da sala de espera. Lembrei do meu pesadelo e das palavras de Dan naquela noite. Não conseguia parar de pensar em seu Zé cantando, de mãos dadas comigo, tão contente. Naturalmente, minha vida ao lado dele começou a se projetar em minha mente, desde o primeiro dia. *“Mas fada nunca veio nenhuma aqui”*. Suas palavras faziam eco em meus ouvidos, distantes, marcantes e, naquele momento, muito emocionantes.

“Glicínias são as flores da ternura, Fada!”; “Para cada dor, há uma lição de

amor”; “Todos temos uma luz dentro de nós, um brilho eterno”; “Seu amor me trouxe de volta”; “Você encheu essa casa de alegria, Fada!”; “Não quero que derrame uma única lágrima, por ninguém”.

Eu não sabia o que estava acontecendo lá dentro, e cada vez que eu ouvia o som daquela porta se rompendo, era como se meu coração socasse meu peito. Havia um relógio no lado oposto ao que eu estava sentada, e ainda que tentasse perceber o movimento de seus ponteiros era como se não funcionassem. O tempo parecia ter parado e aquelas frias paredes cor de gelo me angustiavam como se viessem em minha direção, oprimindo-me e eu sentia medo que, a qualquer momento, elas conseguissem me esmagar. Apesar da baixa temperatura da madrugada, eu não sentia frio, porque havia algo que me queimava desde a garganta até além de meu estômago.

“Seu Zé, o senhor acredita em fadas?”

“Claro que não! Que pergunta mais besta, menina.”

Eu não tinha asas e nem uma varinha de condão que pudesse me levar ou trazer de volta àquelas tardes no casarão, onde recebi aquele amor adulator, que só os avós sabem nos dar. Eu tive tão pouco disso e, naquele momento, sabia que havia acabado.

Senti outro soco em meu coração quando, desta vez, o som da porta se abrindo trouxe Daniel, completamente arrasado. Ele sentou ao meu lado, jogou a cabeça para trás, recostando-a na parede e, com os olhos cheios de lágrimas, começou a falar:

— Rafa, você pode entrar agora. — Engoliu um nó da garganta e manteve o olhar no teto. — Precisa se despedir dele.

— Ai, Dan! — exclamei cheia de dor. — Está doendo demais.

Ele me abraçou fortemente e eu desabei.

— Ele não está consciente.

— Mas sei que saberá que estou lá. — Levantei, limpei as lágrimas e o chamei: — Vamos.

Entramos, lavamos nossas mãos e nos posicionamos lado a lado para seguir no corredor frio da Unidade de Terapia Intensiva. Havia um silêncio avassalador, assustador e angustiante, que à medida que avançávamos, foi dando lugar a alguns gemidos e aos bipes das máquinas e respiradores dos infundáveis boxes que passamos, até chegarmos ao leito de morte, onde estava seu Zé. Nunca aqueles ruídos me abalaram tanto como naquele momento.

Vestimos os aventais azuis para prevenção de contato, calçamos as luvas e a cena que eu presenciei foi a mais triste da minha vida. As informações dos sinais vitais nas máquinas mostravam que seu quadro estava perturbadoramente descontrolado, como se nada mais funcionasse direito, e era exatamente isso que estava acontecendo. Num ato de desespero, tentei o que funcionou em muitas outras vezes. Tirei o oxímetro de seu polegar e o coloquei no indicador, no dedo médio, no anelar e de novo no polegar, mas nada se alterou, porque, daquela vez, o problema não era do equipamento. Olhei para Dan com olhos aterrorizados, quase suplicando, e ele balançou a cabeça negativamente. Aproximei-me do leito e passei a mão na testa do homem que mudou minha vida e que estava prestes a nos deixar. Apesar de ter imaginado que sim, eu não estava preparada para aquele momento e jamais estaria. Peguei uma compressa e sequei a camada de suor que envolvia seu rosto. Seu peito levantava pausada e lentamente, denunciando a dificuldade que ele sentia para respirar.

Dan nos deixou sozinhos, não para que eu ficasse à vontade, mas porque também estava visivelmente abalado e emocionado. Eu abracei o meu avô do coração e enquanto acariciava sua cabeça, sussurrei em seu ouvido, completamente devastada pela dor e emoção.

— Vêzinho, eu não quero mais que você sofra, está bem? — Parei de falar devido ao nó que sentia na garganta e tentei me controlar. — Então... Se você precisa ir... vá, meu amor. Vá em paz, porque nós ficaremos bem. — Fiz um esforço para continuar, pois os soluços machucavam meu peito. — Você sabe que vamos te amar para sempre, vô. Você será eterno em nossos corações, como sempre disse que precisamos ser. Gratidão, vêzinho, por tudo que fez por mim. Por me amar tanto e ensinar tantas coisas.

Ele respirava ainda mais profundamente, como se quisesse responder, eu sabia que me ouvia.

— Eu te amo, vêzinho lindo! — Desabei a chorar. — Vá em paz e seja feliz!

Daniel não aguentou ao ouvir o meu choro desesperador, veio ao meu encontro e me amparou.

— Venha, Rafa. Eu vou te dar um calmante. Só nos resta aguardar.

Antes de sairmos, o olhei mais uma vez: a última. Então acenei.

— Tchau...



NADA, NENHUMA PALAVRA QUE EU dissesse, seria capaz de traduzir o tamanho da dor que estava sentindo. Eu quase não conseguia acreditar que seu Zé havia nos deixado. Segui o cortejo fúnebre pelos corredores daquele cemitério, apoiada fortemente pelos braços de meus pais. Eles também estavam tristes e muito preocupados comigo. A garoa fria e o céu cinzento combinavam com o vazio que eu sentia. Meu coração estava destruído. Minha irmã e Dan caminhavam à minha frente e a todo instante olhavam para trás, também preocupados comigo. Tudo acabado. Ele se foi. Meu rouxinol parou de cantar. Exceto em minha memória, onde viveria para sempre.

— Vamos para nossa casa, minha filha.

— Não, mãe. Eu não vou para sua casa, vou para a minha.

Todos ficaram surpresos com a minha decisão, mas ninguém contestou. Dan não tirava os olhos dos meus. Ele também estava sofrendo e eu sabia que precisava de mim tanto quanto eu dele, mas aquele momento não poderia mais ser adiado. Rachel quebrou o silêncio, falando alto como era sua característica:

— Rafa, eu sei no que está pensando e que tem muito rolo para resolver, mas, desta vez, a mamãe tem razão. Vamos para nossa casa e amanhã você decide o

que fazer. Você está um bagaço. Precisa dar um tempo.

— Não, Rachel, eu vou fazer isso hoje!

Respirei fundo e comecei a caminhar para fora do cemitério.

— Eu te levo. E não diga que não, está bem?

— Está bem, Dan. Tudo bem.

Meu querido Daniel, tão disposto e presente em todos os momentos de minha vida. Jamais precisei pedir qualquer coisa, ele sempre sabia o que fazer na hora certa para me aliviar e ajudar. Estendi minha mão, ele a apertou e seguimos para o carro. Abriu a porta de seu Sedan preto para mim, depois entrou e ligou o ar condicionado. Fazia muito frio. Acenei para minha família e o olhar de minha mãe deixava claro que ela não concordava, no entanto, sabia que aquela decisão não poderia mais ser adiada. Não trocamos uma única palavra durante o trajeto e, de vez em quando, Dan me olhava, segurava minha mão e beijava as costas dela. Seus olhos estavam vermelhos, ele havia chorado como uma criança no exato momento em que o caixão foi lacrado, o que me partiu ainda mais o coração. Chegamos à minha casa e só então ele perguntou, com a voz cheia de medo:

— Você tem certeza, Rafa?

— Sim, eu tenho. Não dá mais... — afirmei, já abrindo a porta do carro. — Até!

— Até!

Caminhei lentamente pelo jardim, não tinha a menor pressa de entrar naquela casa. Eu nem a sentia mais como minha. Como se ali não houvesse nada que me pertencesse, exceto minhas roupas. Eu decorei a casa toda, tudo foi feito de acordo com o meu gosto e vontade, mas ali não era mais o meu lugar.

Dona Célia interrompeu meus pensamentos, quando veio me receber na sala e olhou com certo desprezo.

— Dona Rafaela, eu vou avisar ao doutor Marco que a senhora chegou e...

Passei como um tufão por ela e respondi secamente:

— Não precisa avisar nada.

Subi as escadas correndo e entrei no quarto onde antes, eu também dormia. Fui para o closet, peguei uma mala e algumas peças de roupas e fui socando dentro dela. Abri as gavetas e, aos prantos, fui pegando os objetos, sem pensar direito no que estava fazendo. Marco entrou ofegante, após subir correndo.

— Rafa? Pelo amor de Deus! O que você está fazendo?

— Indo embora, Marco — respondi sem olhar para ele, enquanto tentava fechar a mala. — Estou saindo desta maldita casa.

— Como assim? — Aproximou-se e segurou meu braço para que eu o olhasse. — Vamos conversar, pare com isso! — ele ordenou e eu obedeci.

Parei e olhei-o pela primeira vez.

— Claro que vamos conversar. — Passei por ele quase o empurrando e fui para o quarto, sentei aos pés da cama e ele me seguiu. — Estou esperando, Marco. O que vai me falar? Qual o discurso de hoje?

— Eu sinto muito pelo seu amigo. Sinceramente!

— Sente? — Ouvir aquelas palavras foi como acender meu estopim. — Você sente muito por tê-lo rejeitado a vida toda ou por tê-lo ameaçado? Talvez, por ter arruinado a saúde dele, tentando tirar-lhe a casa? Como pode dizer que sente muito?! — gritei histericamente.

— Você está louca? Do que está me acusando? Ele estava doente!

— Eu tenho pena de você, Marco Aurélio. E espero, sinceramente, que você mude um dia ou jamais será feliz.

Ele ajoelhou na minha frente e, desesperado, tentou se agarrar na minha cintura, mas levantei o empurrando e não deixei que me tocasse.

— Não chegue perto de mim nunca mais, entendeu?

— Rafa, não di-diga essas bo-bobagens — ele gaguejava. — Eu amo você e juro que nada fiz para te magoar. Por favor, eu faço qualquer coisa. Eu... Eu não suportaria viver sem você. Que merda, Rafa! Você precisa me perdoar...

— Marco, por favor, não faça isso. Acabou. Não podemos continuar vivendo desse jeito.

Naquele momento, ao vê-lo ali ajoelhado no chão, humilhado, senti que estava tendo uma recaída. Não sabia direito como agir. Não conseguia ficar imune, ao tê-lo ali, jogado aos meus pés, implorando perdão. Não esperava essa reação dele. Puxei-o para que se levantasse, ele me abraçou forte e choramos. Eu nunca o tinha visto chorar. Tentei encontrar forças para atravessar aquele turbilhão de acontecimentos tenebrosos. Minha vida havia desmoronado e eu não sabia se teria estrutura para reconstruí-la.

— Fica? Por favor...

— Por favor, pare, Marco! Eu não aguento mais. — A raiva que eu estava sentindo se transformou em dúvida, medo e pena, todavia não voltaria atrás. — Eu preciso de um tempo. Eu tenho que ficar uns dias, sozinha. Pensar melhor em tudo — argumentei me afastando dele. — Tente entender.

— Mas...

— Marco! — Toquei seu rosto e limpei suas lágrimas com meu polegar. — Por favor, não peça nada.

— Tá, desculpe. — Seus olhos azuis estavam carregados de melancolia, mas ele continuava tentando ter o controle de minha vida. — Você vai pra casa da Iolanda? Posso te levar?

— Não. Não vou para a casa da minha mãe. — Afastei dele em direção ao closet. — Vou viajar, não sei ainda. Eu volto logo e, então, resolveremos as nossas vidas.

Ele me seguiu e segurou meu braço, forçando-me a encará-lo. Em seguida, inclinou para me beijar, baixei o rosto e ele desistiu. Respirei fundo, aliviada e por mais relutante que estivesse, concordou comigo.

— Rafa, não demore. Eu fico preocupado com vo...

— Tchau, Marco.

— Rafa...

Desci em disparada puxando a mala de rodinhas. Eu não via a hora de sair daquele lugar e não acreditava numa só palavra dele. Peguei o carro e fui para a casa do seu Zé.

Bob, preguiçoso, veio me receber e fiquei, por muitos minutos, abraçada a ele.

— Bob, eu vou cuidar de você, entendeu? Não vamos nos separar jamais, eu prometo. — Acariciei toda a extensão de seu dorso. — Está com fome? Vamos ver o que temos para comer, ok?

Bob também estava triste. Resolvi passar a noite ali, faríamos companhia um ao outro. Seria o melhor lugar e, na manhã seguinte, decidiria o que fazer. Guardei o carro na velha garagem e a fechei, ninguém saberia onde eu estava. Vi as flores velhas no vaso da mesa da cozinha e corri buscar novas como seu Zé teria feito. Ele jamais deixava o vaso sem flores. Tomei um banho e sentei para descansar, no velho sofá de couro marrom, único que existia ali. Bob deitou, preguiçoso, no chão, ao lado. Era impossível não sentir a presença tão forte de seu Zé naquela casa. Meu coração chegava a doer de tanta saudade.

— Como está você, meu querido? Estou sentindo sua falta... — Pensei em voz alta, olhando ao redor, imaginando se ele poderia me ouvir e sorri com dificuldade. — E também de seu sagu, do seu bolo e da sua cantoria... Sinto saudade de tudo.

Vi alguns livros e álbuns de fotos sobre a mesinha de centro. Sentei no tapete ao lado de Bob e comecei a folhear aquelas preciosidades. Já tinha visto todas as fotografias, algumas bem apagadas pelo tempo. Olhando-as, eu havia conhecido todos os familiares de seu Zé, inclusive Arthur e dona Eugênia, por quem ele sempre foi apaixonado. No meio daquelas páginas amarelas havia um envelope e fiquei surpresa, porque ele estava em meu nome, mas a letra não era de seu Zé e sim de Daniel. Abri afoita em saber do que se tratava.

Fada querida,

Tenho quase certeza de que estarei longe daqui quando ler esta carta. Espero

estar num bom lugar, junto de minha Eugênia e de meu amado filho Arthur. Então, Fada, nada de choro. Minha viagem será de reencontro. Não seja boba de ficar aí sofrendo. Não quero nem pensar que a minha doce menina está chorando, seja lá por qual motivo for.

Você transformou meus últimos anos nos meus melhores capítulos. Anos que sem você, seriam de solidão, tristeza e dor. Sei como teria sido brabo se não estivesse aqui. Cada fase da doença foi mais tolerável porque estava comigo. Tenho agora esse momento de boas recordações e peço ao Dante que escreva tudo isso por mim. Desculpe, sei que a letra dele é horrível, mas eu não conseguiria...

Eu achava que minhas lágrimas jamais cessariam, mas um sorriso escapou de meus lábios ao ler sobre a letra do Dan. Seu Zé era mesmo incrível, sabia sorrir mesmo no auge de sua doença. Jamais conheceria uma pessoa igual. Segui com a leitura, que era como uma resposta ao meu chamado.

Filha querida, limpe essas lágrimas, sorria e seja muito feliz. Perdoe os erros dos que são mais pobres de espírito que você. De alguma forma, eles acabarão aprendendo. Não tente consertar o mundo, pois ninguém consegue. É perda de tempo. Cuidando da sua vida, já estará fazendo um grande bem para a humanidade. Não, isso não é egoísmo. Se você se sentir feliz, com certeza poderá ajudar muita gente a ser também. É um fato. Vou amá-la para sempre, do mesmo jeitinho que me amou, com a mesma intensidade e sem nunca pedir nada em troca. Siga o seu caminho com suas próprias pernas. Continue fazendo o bem e inclua isso a você também.

Minha linda Fada, que enfeitou meu jardim, fique à vontade, essa casa é sua. Converse com o Dante sobre isso. Converse com Dante sobre tudo. Sei que me entende. Não deixe que as trapaças da vida lhe roubem a vontade de ser feliz e vencer. Cuidem do Bob.

Com todo amor do mundo!

Zé

Abracei a carta com carinho e limpei as lágrimas como ele pediu. Ele sabia

que eu precisaria daquelas palavras para não sucumbir e que não ficaria alheia aos seus conselhos e pedidos. Seu Zé sempre enxergava muito à frente, e pensando nisso, quis me impulsionar a seguir. Guardei o envelope na bolsa e peguei o celular. Abri a caixa de mensagens de Dan e olhei sua foto de perfil, por um longo tempo. Apesar da vontade, desliguei sem enviar nada a ele.

Fale com Dante sobre tudo.

Mesmo após as isquemias, o vózinho percebeu que havia algo forte entre mim e Dan. Entendi que muitos dos seus momentos de lucidez aconteceram quando ele estava em silêncio e nós achávamos que ele estava alheio a tudo e a todos.

Fui até a cozinha, preparei uma xícara de chá e me deitei no quarto que foi de Arthur. Não demorei muito a pegar no sono.



HÁ TRÊS DIAS, EU ESTAVA na casa de seu Zé. Eu me sentia confortável lá. Após o jantar, liguei a TV no canal de músicas e me enrolei numa manta, fazia bastante frio. Reli, pela décima vez, a carta do meu vôzinho e me emocionei em todas. Meu celular vibrou e, ao checar, constatei que era mais uma mensagem de Marco. Havia muitas dele e também algumas de Rachel e de minha mãe, as únicas pessoas que eu respondia. Não havia sinal de Dan. Eu estava sentindo muita falta dele, mas ainda não sabia se era hora de vê-lo e, conforme ele havia prometido, a meu pedido, se manteve afastado. Dan era mesmo excepcional.

Na televisão, Adele cantava *Don't you remember?*, num videoclipe melancólico e eu nem tentava conter as lágrimas.

♪ ♪ *When will I see you again?*
(Quando eu vou te ver outra vez?)
You left with no goodbye, not a single word was said
(Você saiu sem nenhum adeus, nenhuma palavra foi dita) ♪ ♪

Ainda não me sentia forte o suficiente para enfrentar Marco e um divórcio, que eu sabia que seria muito desgastante. Continuei olhando para a TV, mas já não via nada. A cabeça a mil, com pensamentos assombrosos, contudo, quando Dan surgia entre aquele turbilhão de recordações, meu coração se acalmava. Ele

foi, sem dúvida, o presente que Deus mandou para amenizar minha dor e me ajudar a superar aquela fase ruim.

Estava cochilando quando ouvi a porta da cozinha rangendo. Bob levantou imediatamente em sinal de alerta e fiquei assustada. A única coisa que me ocorreu foi que Marco descobriu onde eu estava, já que o casarão ficava no caminho dele, para casa. Pensei em me esconder, mas Bob começou a abanar o rabo e, antes que eu pudesse segurá-lo, disparou em direção à cozinha. Continuei quieta com medo até de respirar e olhei ao redor buscando alguma coisa para me defender. Não havia a mínima possibilidade de não ser descoberta e eu não tinha para onde fugir. Meu coração só se aquietou quando Bob voltou eufórico e eu vi Dan parado na porta. Ele usava um jeans escuro e uma jaqueta de couro marrom, aberta, sobre um pulôver creme, estava muito bonito.

— Rafa, eu não sabia que estava aqui. Desculpe!

— Ei! — falei me ajoelhando no sofá e estendendo os braços abertos para ele. — Como está o meu querido doutor? — Relaxou e sorriu se aproximando de mim. — Senti sua falta.

— Nossa! Eu também. — Ele me abraçou forte e eu não quis soltá-lo. Nunca me senti tão confortavelmente amparada dentro de um abraço, como naquele. — Eu também...

Dan tirou uma mecha de cabelos do meu rosto e pediu que o deixasse me olhar por um tempo.

— Não! Estou horrível! — neguei, cobrindo o rosto com as mãos. — E você lindo como sempre. Que saudades. — Sorri para ele e o olhei pelos vãos dos dedos.

— Estava chorando, né? — Ele puxou minhas mãos para ver meu rosto e passou os polegares sob meus olhos. — Quer conversar?

— Foi desgastante e triste — confessei segurando seus pulsos. — Ele está incontrolável e inconformado. Não assume nada do que fez. Diz que vai mudar...

— Vocês...

— Se nos separamos? Na verdade, não, Dan. — Baixei meus olhos sem

coragem de encará-lo. — Eu não consegui falar que sairia definitivamente de casa.

Ele acariciou minha nuca e ainda que nada falasse eu sabia que me compreendia, mas estava inseguro.

— Está chateado?

— Nunca com você, jamais.

— Por que veio aqui, Dan?

— Bob! — Ele sorriu lindamente e apontou com a cabeça para o cão, que não saía do nosso lado. — Eu não sabia que estava aqui e achei que podia ter acabado a ração dele.

— Ah, Claro! Bob! — Deslizei as mãos pelos braços dele e entrelacei-as ao redor de seu pescoço. — Eu achei a carta do seu Zé. Meu Deus! Nunca imaginei que ele pensasse numa coisa dessas. Deixar uma carta linda como aquela.

— Foi no começo da doença. Ainda tinha condições de pensar e refletir. Os tremores da mão não o deixaram escrever. Ele se perdeu algumas vezes, mas todas as palavras foram ditas por ele e eu fiquei muito orgulhoso.

— Quando te conheci, não imaginava que era o Dante. Ele falava tanto do melhor amigo do Arthur.

— Ele sempre me chamou de Dante. Acho que não gostava do meu primeiro nome — observou, franzindo o nariz.

— Vou sentir tanta falta dele. — Eu ainda tinha meus braços ao redor de seu pescoço e mantinha meus olhos nos dele. — Já estou sentindo.

— Tem outra coisa que o seu Zé fez sem que você soubesse.

— Como assim? Que coisa?

— Logo depois que te conheceu, ele me chamou — contou-me sentando na mesinha de centro. — Seu Zé era um homem simples, mas muito inteligente e decidido. Ele me pediu para auxiliá-lo a tornar legal uma decisão que havia

tomado. Isso foi antes de adoecer e antes de eu viajar para a Alemanha.

— Isso o quê?

O celular de Dan tocou e, apesar de tentarmos ignorá-lo da primeira vez, voltou a tocar insistentemente. Era do hospital. Ele tinha uma emergência.

— Rafa, eu preciso atender.

— Está tudo bem! — assenti, mas queria mesmo é que ele ficasse. — Vá tranquilo. Eu vou ficar bem.

— Voltarei assim que puder.

Ele me beijou no rosto e saiu. Bob o acompanhou e voltou em seguida para o meu lado.

— Você é um bom menino, Bob. Muito inteligente — cochichei acariciando sua cabeça. — Eu amo vo...

Parei ao ouvir o grito de Dan vindo da cozinha.

— Rafa, não tem chave aqui?

— Nãoooo... Ninguém vai entrar! — gritei e sorri. — Vai logo!

Seu Zé nunca trancou a porta dos fundos. A fechadura ainda era daquelas antigas que tinham chaves gigantes e que eu jamais vi por lá. Fiquei sorrindo e me sentindo mais leve. Dan me fazia bem, eu adorava sua companhia e quando saiu me deixou bastante curiosa. O que ia contar?



Acordei na manhã seguinte e soltei Bob para que fizesse suas necessidades. Dei uma volta pelo quintal, mas resolvi não aparecer no jardim para não ser vista por algum vizinho ou até mesmo por Marco. Fiz um café forte e, enquanto

comia, ouvi o som de notificação de mensagem do Dan. Abri para ler, imediatamente.

*Desculpe por não ter voltado. Caso grave.
Paciente veio de helicóptero, tivemos que
aguardar. Uma equipe de quatro neurologistas
para atendê-lo. Gente grande! Como passou a
noite?*

*Dormi e estou bem.
Preciso dizer que adorei sua visita?*

Precisa. Diga agora...

Sorri. Ele era simplesmente incrível.

*Dr. Daniel, eu adorei sua visita.
Volte logo.*

*Vou tentar dormir um pouco agora.
À tarde, vou cumprir agenda no consultório.
Aceita à noite?*

*Combinado. Traga vinho.
Beijos.*

Beijo.



RESOLVI RESPONDER AS MUITAS MENSAGENS que Marco havia deixado. Ele não merecia respeito, mas meu coração não conseguia acumular tanta mágoa. Eu precisava começar a parar de fugir. Se seu Zé estivesse aqui, diria para erguer a cabeça e resolver logo a situação. Liguei o celular e vi 172 novas mensagens dele. Comecei a ler uma por uma e eram como um disco enguiçado. Na maioria, ele cobrava satisfação e dizia que eu era sua esposa e tinha que voltar para casa. Em outras, que colocaria um detetive atrás de mim. Em absolutamente nenhuma ele perguntou se eu estava bem. Respirei fundo e comecei a digitar.

Oi, Marco. Confie em mim, ainda não é o momento. Eu só preciso de um tempo. Espero que entenda.

Fiquei, por alguns segundos, ainda insegura quanto a enviar e finalmente resolvi que era o melhor a ser feito. Naquele momento, ele devia estar na clínica e tão logo terminasse os atendimentos me enlouqueceria com suas notificações. Resolvi silenciá-lo.

Fui tomar um banho reconfortante na antiga banheira da velha casa. Dan viria à noite, e depois de tanto tempo, achei que poderia me arrumar um pouco para esperá-lo. Só quando saí enrolada numa toalha em direção ao quarto, olhei minha mala e constatei que não havia levado absolutamente nada. Nenhuma maquiagem, exceto o batom que sempre carregava em minha bolsa e um vestido preto, tubinho, bem simples, mas que eu adorava usar sempre. Nenhum sapato de salto, absolutamente nada que pudesse me transformar numa mulher mais bonita e talvez provocante. E eu realmente precisava me sentir assim. Por volta das vinte horas, Dan ligou.

— *Você está bem? Como foi o seu dia?*

A diferença entre ele e o Marco era gritante e eu não conseguia deixar de comparar.

— Sim. Tive um dia razoável, mas quando resolvi ler as dezenas de mensagens do Marco, confesso que fiquei bem estressada — falei no viva voz, ainda me olhando no espelho. — E também porque descobri que não tenho roupas e nem sapatos para me trajar adequadamente para jantarmos juntos.

— *Não se preocupe com isso. Pode me receber de pijama que eu não ligo. O importante é sua companhia.*

— Você é um amor, Dan. Eu gosto demais de você.

— *Gosta? Bom saber, Rafa, mas confesso que gostar já não exprime mais o que sinto.*

Meu coração disparou e demonstrei toda minha ansiedade com aquelas palavras.

— E o que exprime seus sentimentos, Dan?

— *Conversamos mais tarde. Saio de casa em quinze minutos.*

— Está bem! Até!

— *Até! Beijo.*

Eu ainda estava com o aparelho na mão e, apesar de ter silenciado o som de

notificação de Marco, podia ver a prévia de cada mensagem entrando em minha caixa. Foram dez seguidas e então eu larguei o celular sobre a mesinha da sala. Ainda ouvia o som da voz de Dan quase se declarando para mim. Aquilo sim valia a pena absorver.

Tentei me ajeitar como pude. Fazia frio e o melhor que consegui foi vestir um jeans e uma blusa de lã azul e, ao me olhar no espelho da antiga penteadeira de imbuia, não achei que estivesse de todo mal. Eu havia emagrecido, mas tinha um corpo bem definido e, apesar de um pouco abatida, meu semblante estava feliz por saber que receberia Daniel em alguns minutos.

Bob alertou quando ele abriu o portãozinho lá embaixo. Começou a latir e sapatear abanando o rabo euforicamente. Da janela, eu o acompanhei subindo pelo jardim com passos largos, como se tivesse pressa de chegar. Ele abaixou para afagar o cachorro, que havia saído em disparada ao seu encontro.

— Oi, moço! — cumprimentei-o da janela e ele levantou a cabeça surpreso.

— Oi, Rafa! Que susto!

— Desculpe, estou tão feia assim?

— Absolutamente, você é sempre linda.

— Vai ficar parado aí embaixo, no frio?

Eles deram a volta na casa e eu fui encontrá-los na porta. Novamente, ele me deu aquele longo abraço que me confortava, tirava qualquer medo ou dor e deixava meu coração pulsando desenfreadamente.

— Não gosto de pensar que está aqui sozinha, sem uma chave para trancar essa porta.

— Ninguém vem aqui, Daniel. Essa casa não tem atrativos para ladrões. Tem tantas mansões ao redor, eles não dão importância para o casarão. O seu Zé sempre me falou isso. Dizia que jamais foi incomodado.

— Espero que esteja certa.

— Mas me deixa muito lisonjeada saber que se preocupa comigo.

— Eu só me preocupo com você, Rafa.

Fiquei um tempinho olhando para aqueles olhos brilhantes e o sorriso meio tímido, que dava ainda mais graça ao seu rosto. Ele transmitia uma paz que jamais consegui encontrar em Marco.

— Está com fome? — Fui puxando-o pela mão, animada. — Vamos jantar? Preparei algo com o que encontrei na geladeira. Amanhã terei que ir embora ou fazer compras — avisei cheia de tristeza. — Mas é melhor resolver logo minha situação com Marco.

— Vamos jantar sim, estou com bastante fome. Como qualquer coisa que tenha feito. — Dirigiu um olhar guloso para o fogão. — O cheiro está bom.

— Fiz arroz de forno e sobrecoxas de frango marinadas com mostarda. — Mostrei a travessa enquanto a colocava à mesa e fiquei orgulhosa com o aspecto. — Gosta?

— Muito. — Ele me beijou no rosto, carinhosamente, e abriu o vinho. Enquanto comíamos, voltamos a conversar o que havia sido interrompido na noite anterior.

— Eu não sei direito o que farei da minha vida.

— Pode ficar na minha casa, se preferir.

— Ficar na sua casa? Imagina! Eu tenho a casa de meus pais. Também preciso procurar algum familiar do seu Zé para entregar o casarão...

— Rafa, o seu Zé não tem parentes próximos. Talvez alguns primos de segundo ou terceiro graus com quem jamais teve contato.

— Ele não comentou nada sobre familiares vivos. Só falava no Arthur e na dona Eugênia, além de alguns parentes que o criaram, mas o tratavam quase como a um empregado.

— Ele tinha irmãos, mas faleceram antes dele. Há muito tempo, que eu me lembre.

Fiquei assimilando cada palavra e olhando apaixonadamente para Dan. Era

simples e cada dia eu me sentia mais envolvida por ele. Encantada com sua voz forte, com a maneira como se expressava e movimentava a cabeça quando falava, esbanjando charme.

— Hmmm, isso está uma delícia!

— Achei que nem ficaria tão bom, não tinha azeite de oliva. E não sou boa cozinheira — confessei, sorrindo. — Continue, Dan.

— Eu levei o seu Zé num advogado, amigo meu, Roberto Pereira. Ele nem trabalha nessa área, mas a meu pedido fez um testamento para o seu Zé.

— Ah, que alívio, então ele deixou a casa para alguém?

— Sim, deixou. Para você.

Fiquei com o garfo, que eu levava à boca, parado no ar e quase me engasguei com a informação. Apesar de parecer uma coisa óbvia, eu não esperava.

— Não! Meu Deus! Não pode ser, Dan! Eu não sei se posso aceitar. Ele...

— Ele te amava como a uma filha, neta, sei lá. E fez questão. — Dan segurou minha mão e tentou ser convincente. — Rafa, você sabe das alegrias que proporcionou a ele? Um homem de idade, sem família, vivendo há anos, sozinho, neste casarão? Você era a Fada dele! Como não pode aceitar?

Comecei a chorar de emoção. Mesmo não estando mais entre nós, seu Zé não parava de me surpreender. Eu jamais imaginaria um gesto como aquele.

— Chorona, boba. — Ele tentou conter minhas lágrimas com os polegares. — Amanhã te levo ao escritório do Roberto e você saberá direitinho o que ele fez.

— Desculpe por chorar tanto, Dan. Sinceramente, eu não havia nem cogitado essa possibilidade. — Só então me atentei sobre o que ele havia falado. — Amanhã? Acho que não poderei. Tenho que ir para casa. O Marco está me enlouquecendo com tantas mensagens. Ele exige que eu volte. — Limpei as lágrimas pela milésima vez. — Pelo menos agora, eu acho que consigo falar com ele sem ter vontade de esganá-lo.

— Ele te ama, Rafa. Isso é óbvio.

Dan me olhou cheio de insegurança e eu apoiei minha mão sobre a dele, para que sentisse que não havia necessidade.

— Não é amor, Dan. Quem ama não age como ele. E o que fez ao seu Zé foi grave demais. Eu não quero nem me imaginar vivendo ao lado de uma pessoa tão má.

— Você sabe o que terá que enfrentar, não sabe? Pode ser que não seja fácil.

— Sei sim, mas não posso mais adiar.

— E também sabe que estarei do seu lado o tempo todo, não sabe?

Naquele momento tive ainda mais vontade de beijá-lo, porém tinha que me conter. Continuei a conversa, tentando não pensar nas sensações que ele me causava.

— O pior é que os pais dele são coniventes com todas as maluquices. A mãe ainda o incentiva. Se duvidar é ela quem articula tudo.

— Bem, eles não podem te impedir de decidir sobre sua vida.

— Vou precisar de um advogado.

— Podemos conversar com o Roberto, se ele não puder pegar sua causa, indicará alguém que o faça. Ele seria o ideal, porque é ótimo no que faz.

— Também deve cobrar os olhos da cara.

Dan caiu na risada, sempre ria da maneira como eu falava usando essas expressões.

— Não se preocupe com isso.

— Você parece tão cansado.

— Foi uma noite bastante agitada. Caso grave de um médico famoso. Estávamos em quatro neurologistas e vários outros especialistas, enfermeiras... UTI pronta para recebê-lo.

— Triste! Para ter direito a todo esse aparato tem que ser famoso e cheio de

dinheiro.

— Infelizmente é verdade, mas ricos também morrem.

— Mas têm muito mais chances de sobrevivência do que os pobres.

— Rafa, nós não podemos mudar tudo.

— Sei que não, só que ainda me revolto com algumas injustiças.

— Você é muito especial, sabia? Bobinha, mas especial.

Dan acariciou meus cabelos e foi se aproximando de mim. Meu coração estava aos pulos e eu só pensava em quanto desejava que me beijasse, olhava sedenta para aqueles lábios. Bob, que dormia tranquilamente, levantou-se, de repente, e latiu forte, o que nos fez assustar e separar com rapidez. Ele abanou o rabo de forma controlada e correu para a porta. Dan fez um sinal para que eu ficasse onde estava e sussurrou:

— Tem gente aqui.

Concordei movimentando a cabeça e escutamos Bob choramingar como fazia quando reconhecia alguém.

— Dan, é gente conhecida — murmurei. — Bob está feliz. Eu vou ver quem é.

Ouvimos umas batidinhas na porta e ao abri-la nos deparamos com um menino de uns seis anos. Ele sorriu, mostrando que não havia um único dentinho na parte superior de sua boca. Dan me olhou também sorrindo e se voltou para o garotinho.

— Oi, moço! O que faz aqui a essa hora? Está procurando alguém?

De cabeça baixa e meio envergonhado, ele respondeu quase num sussurro, tentando se esquivar dos pulos de Bob.

— Sim.

— Quem? Onde estão seus pais?

Ele apontou para a parte da frente da casa e respondeu a pergunta de Dan.

— O homem do aviãozinho.

Fiquei comovida ao lembrar que as crianças da comunidade vizinha costumavam buscar os brinquedos que seu Zé fazia.

Dan sentou nos degraus da escadinha e estendeu a mão para o menino.

— Sou o Daniel e esta é a Rafa. — Apontou o dedo em minha direção. — E você? Como é seu nome?

O garoto retribuiu o aperto de mão e continuou de cabecinha baixa.

— Gabriel. Onde está o vovô do avião?

Eu respondi:

— Oi, Gabriel, aconteceu uma coisa muito triste. — Sentei ao lado de Dan. — O seu Zé, o vovô dos brinquedos, ficou muito doente.

— Ele morreu?

Dan me olhou com olhos arregalados surpreso com a pergunta direta do menino.

— Infelizmente. Ele está no céu agora, mas não fique triste. Ele deixou alguns brinquedos guardados e sei que ficará muito feliz se você escolher um. Vamos?

Dei a mão para Gabriel e o levei ao quartinho onde seu Zé costumava trabalhar e guardar os brinquedos prontos. Entrar naquele lugar era muito comovente. Sem dúvida era a parte da casa que o vovô mais gostava, depois da cozinha e do jardim. Tudo estava exatamente como deixou. Havia dois aviões de madeira prontos, pintados com as cores dos principais times do Paraná e eles estavam na parte mais alta da estante. Dan também estava emocionado e continuou conversando com o garotinho, que era encantador, tinha os cabelos pretos quase raspados e um belo par de olhos negros.

— Qual deles é o seu time?

— *Atético* — respondeu sorrindo e estendendo as mãos em direção ao brinquedo.

— Uau! É o meu time também. — Dan lhe entregou o avião vermelho e preto, e recebeu um abraço gostoso. Ele mal conseguia segurar o brinquedo, que era relativamente grande e Daniel o fez por ele.

— Ei, eu quero um abraço também. — Abaixei e abri os braços para o menino, que, sem pensar duas vezes, atirou-se envolvendo meu pescoço.

— Obrigado, moça!

— Não foi nada, guarde-o de lembrança do nosso Gepeto.

Da janela, fiquei acompanhando os três. Dan levava o brinquedo em uma das mãos e segurava a mão de Gabriel com a outra. Eles conversavam tranquilamente e Bob pulava em volta deles, tentando chamar a atenção. Atravessaram o imenso jardim rumo ao portão de entrada do casarão onde a mãe do menino os esperava. Após alguns instantes de conversa, ela acenou para mim e saíram apressadamente.

Aquela cena só me fez pensar o quanto seria maravilhoso ter um filho e concluí que Dan seria um ótimo pai.

Ele entrou, esfregando as mãos devido ao frio. Sem pensar muito, fui perto dele e o abracei.

— Incrível a quantidade de emoções que tenho vivido desde que a conheci. Você viu a carinha do menino quando ganhou o avião? E o jeito que ele nos abraçou?

Continuei recostada ao seu peito, sentindo seu calor e seu coração.

— Tudo graças ao seu Zé. Todas essas emoções e experiências foi ele quem nos proporcionou, Dan. E ainda é ele.

Era muito tarde quando, depois de muitas conversas, o cansaço venceu e Dan adormeceu no sofá. Eu o cobri com um edredom, beijei sua testa e fiquei por um bom tempo apreciando aquele belo rosto. Ele estava feliz por estar ali comigo. Gostava da minha companhia tanto quanto eu da dele. Toquei carinhosamente a

sua barba macia, o que o fez virar-se de costas para mim. Então, sorrindo, apaguei a luz do abajur e também me recolhi.



ENTREI EM MINHA CASA DISPOSTA a apenas colocar uma roupa apropriada e sair com Dan para irmos ao tal advogado. Estava ansiosa para saber o que eu precisava fazer para começar o processo de divórcio. Normalmente, Marco não ficava lá na metade da manhã e nossa conversa ficaria para logo mais à noite, depois que já tivesse me informado sobre algumas questões legais.

Fiquei um tempo olhando para a enorme sala. Todos os móveis, paredes, piso e teto eram brancos, exceto a parede externa que era de vidro, de ponta a ponta, dando uma linda vista para o jardim de inverno e a piscina. Marco me deixou decorar a casa do meu jeito, apenas contratou uma decoradora porque sabia que eu não conhecia as melhores e mais tradicionais marcas de tecidos, tapetes, móveis e demais objetos de decoração. A única exigência dele foi que tudo fosse muito claro. Então eu optei pelo branco. Giordana tentou interferir, dando alguns conselhos, mas acabou aceitando que nada tinha a ver com nossa casa. No final, gostou do resultado.

Parei aos pés da larga escada em curva, que ficava à esquerda do cômodo, era imponente e levava às três suítes da parte superior. Nada daquilo fazia mais sentido. Suspirei em desânimo ao que eu teria que enfrentar. Ainda assim, tinha esperanças de que Marco acabasse por compreender que o melhor para nós seria a separação ou acabaríamos nos odiando e eu não queria que isso acontecesse,

sinceramente. Comecei a subir devagar, completamente perdida em pensamentos. Parei na metade da escada quando ouvi a voz de dona Célia atrás de mim.

— Bom dia, dona Rafaela. Que bom que está volta.

— Bom dia, dona Célia. Obrigada.

Continuei subindo e ela pigarreou, o que me fez virar novamente.

— A senhora quer me falar alguma coisa?

— Eu? Não... Não. Na verdade, gostaria de saber se devo chamar o doutor Marco, já que está de volta.

— Não — respondi de imediato. — Não tem necessidade nenhuma de fazer isso. Até porque eu vou sair em breve e não sei que horas volto, deixe-o trabalhar em paz, sim?

— Mas ele pediu...

— Dona Célia, não se preocupe, está bem?

Continuei a subir e, quando cheguei ao nosso quarto, senti o perfume de Marco, o que denunciava que ele estivera ali até há pouco tempo. Fiquei aliviada por não tê-lo encontrado. Entrei no closet e escolhi um conjunto de vestido e blazer cinza com riscas brancas e um belo par de sapatos pretos, de salto. Vesti-me rapidamente. Fiz uma maquiagem discreta e me olhei no espelho que cobria toda a parede dos fundos do armário. Eu via ali uma nova mulher, mais madura, decidida, menos medrosa e muito apaixonada por si mesma. Há alguns anos, quando me olhava no espelho, via apenas uma garota bonita, mas jamais conseguia enxergar o que havia dentro dela. Era completamente vazia, até o dia que conheci o vôzinho. A nova Rafaela estava pronta e decidida. Respirei fundo e liguei para o Dan.

— Está ocupado?

— *Não. Ainda estou em casa. Está tudo bem aí?* — perguntou preocupado. — *Aconteceu alguma coisa?*

— Não, está tudo bem. Eu estou pronta para sair. Acha que podemos ir ao escritório do seu amigo?

— *Não acredito que esteja lá agora. Vou tentar contato com ele e te falo em seguida.*

Dan me ligou dez minutos depois. Almoçamos juntos e seguimos para o escritório do doutor Roberto.

Muitas vezes, durante o almoço, enquanto falávamos sobre qualquer assunto, nossos olhares se encontravam e ficávamos até sem graça. Havia, entre nós, um sentimento muito forte e estava se tornando cada vez mais urgente falarmos sobre aquilo.

Dan nos apresentou à secretária e ela nos anunciou ao chefe pelo telefone. Em seguida pediu que a acompanhássemos até a sala dele. Fiquei pasma com a beleza e sofisticação daquela moça. Confesso que achei meio preconceituoso por parte do advogado. Sempre me doía pelas pessoas com menos atrativos, porque muitas não teriam a chance de trabalhar num local como aquele, ainda que fossem muito competentes. Naquele momento, antes mesmo de conhecê-lo, senti antipatia por ele.

Roberto levantou para nos receber. Abraçou Dan e eu vi que tinham a mesma altura. Ele usava um terno preto e parecia não dar muita bola para a gravata meio frouxa em seu colarinho, que lhe dava um aspecto despojado.

— Essa é a Rafaela. A famosa Fada do senhor José.

— Prazer, Rafaela. — Ele me estendeu a mão. — Tenho alguns documentos para você. — Sorriu cordialmente e com isso tirou a má impressão que eu estava fazendo dele.

— Tudo bem, doutor? — cumprimentei-o sorrindo.

Ele apontou as cadeiras para que sentássemos à frente de sua mesa. Não entendia como, em plena era da internet, havia tantos papéis espalhados por toda a extensão daquele móvel, o que me fez perceber que ele era bastante desorganizado. A estante de livros, atrás dele, também mostrava seu desleixo. Ele percebeu que eu olhava atônita para aquilo tudo e se explicou, com um sorriso torto.

— Eu confesso que sou meio bagunceiro, mas te garanto que sou totalmente organizado dentro da minha desordem.

— Desculpe. Eu não quis ser indelicada... Só estranhei porque achei que os processos fossem on-line hoje em dia.

— E são, mas eu não sou muito bom nessas coisas. Porém, estou evoluindo.

Fiquei vermelha, Dan segurou o riso, ao perceber o quanto eu estava constrangida e mudou de assunto rapidinho.

— Eu contei para a Rafa sobre a vontade do seu Zé. Eu vou deixá-los a sós para que conversem sobre esse e outros assuntos...

— Não, Dan. Eu quero que fique — pedi, tocando em sua perna para que não se levantasse. — Não há nada que você não saiba da minha vida. Fique, por favor.

O doutor Roberto desviou os olhos de nós, percebendo o clima que nos envolvia e se antecipou:

— Quanto a mim não vejo problema nenhum.

— Então, o Dan fica.

O advogado explicou a vontade do seu Zé. Como ele não tinha herdeiros por ordem de vocação, destinou seu único legado, o casarão, para mim. Daniel foi testemunha frente ao tabelião. Explicado sobre os procedimentos para passar o terreno para meu nome, já que a casa não tinha valor comercial, perguntei a ele sobre o meu divórcio.

— Em que regime se casou?

— Separação total de bens. Sei que não tenho direito a nenhum bem e vice-versa e não pretendo discutir isso. Só o que preciso é me distanciar dele. Quero o divórcio o mais rápido possível.

— Ele não quer se separar, Rafaela?

— Com certeza não. Ele evita tocar no assunto, portanto, ainda não tivemos

uma conversa definitiva. Pode ser meu advogado? — perguntei ansiosa para resolver logo aquele impasse.

— Serei seu advogado sim. Não é minha maior especialidade, mas não vejo porque não fazê-lo.

Respirei aliviada. Dan só observava e naquele momento segurou minha mão, sabendo o quanto eu estava tensa. Manteve-se ao meu lado o tempo todo, sem opinar. Como sempre, em sua postura perfeita.

— Acha que se o Marco se recusar a dar o divórcio, o juiz poderá negá-lo a mim?

— Prepare-se para uma experiência bastante traumática. Alguns casais procuram até terapeutas que ajudam a aceitarem melhor as decisões um do outro. É comum homens perderem a cabeça quando abandonados, já as mulheres costumam aceitar com mais facilidade — ele explicava tudo com segurança e simpatia. — Quanto à parte legal, não há nada que possa fazer. A partir do momento que entrarmos com uma ação processual, o juiz concederá o divórcio, ainda que ele não concorde.

Respondidas algumas perguntas, sem nos aprofundarmos muito no assunto, pelo fato de eu ainda não ter conversado com Marco, deixei claro, mais uma vez, que nenhum bem ou pensão me interessavam. E o doutor Roberto voltou a garantir que não seria um processo difícil, legalmente falando, já que não éramos casados em comunhão parcial de bens e pelo fato de não termos filhos.

Olhei e bem na minha frente, em sua mesa, vi um livro que nada tinha a ver com leis. De novo aquele homem percebeu minha curiosidade e respondeu antes que eu perguntasse.

— Já leu?

— Não, mas minha irmã disse que é ótimo. Posso? — Apontei para o livro e ele assentiu. — “Minha mente me atormenta” — li em voz alta. — A minha também! — brinquei. — Parece interessante. — Continuei folheando o livro e parei para ver a foto da autora, na orelha. — Que moça linda!

— Minha namorada — contou orgulhoso.

— Mesmo? Uma escritora! Alguém disse uma vez que: “Uma pessoa nunca morrerá se um escritor se apaixonar por ela”. Concorda com isso?

— Acho que este livro prova que é verdade, não é mesmo, Roberto? — Dan concluiu.

— Eu concordo. Minha namorada é maluca. — Ele deu um sorrisinho torto e terminou satisfeito. — Escreveu um livro para mim, antes mesmo de nos conhecermos direito.

— Quem diria, meu velho amigo foi fisgado.

— Não tive saída. Foi um golpe baixo. Concordam? Sem chances de defesa! Não podemos ganhar todas, não é?



Sáímos de lá bastante animados e eu já não estava mais pensando em Roberto como um homem preconceituoso e inacessível. Era um homem sério, meio desleixado, tinha uma mesa desorganizada, mas era muito competente e tinha suas vulnerabilidades como qualquer ser humano. Estava nitidamente apaixonado pela autora do livro e isso ficava explícito no brilho de seus olhos ao falar dela.

— Dan! Posso perguntar uma coisa?

— Claro, Rafa! O que é?

— Não ria de mim.

— Não rierei — prometeu, mas já estava rindo —, eu prometo!

— Como é sua secretária? Só falei com ela algumas vezes por telefone e...

— Quer saber se ela é como a secretária do Roberto? — Ele deu uma gargalhada. — Não, ela é uma senhora comum. Uma mulher de uns sessenta

anos e uns 80 quilos — exagerou.

— Ufa! Que alívio, Dan, que alívio!

— É ciumenta, Rafa?

— De você? Muito!



DAN FOI PARA O CONSULTÓRIO e antes de ir, enquanto caminhávamos em direção ao estacionamento, confessou que estava sendo difícil se separar de mim e que se pudesse passaria o tempo todo comigo. Eu via isso em seus olhos, mas ouvir fez com que me sentisse a pessoa mais importante do mundo.

— Sinto o mesmo em relação a você. — Ainda que eu não falasse nada, ele leria em meus olhos felizes. — Sua companhia só me faz bem, doutor. Estou ficando mal-acostumada.

— Você pretende morar no casarão?

— Nossa! Ainda não digeri direito essa história do casarão.

— Teremos que brigar na justiça pelo Bob?

Caímos na gargalhada, de novo.

— Espero que possamos adotá-lo. Podemos dividir a guarda dele.

Já na porta do estacionamento, enquanto esperávamos os manobristas trazerem nossos carros, eu senti que algo novo estava prestes a acontecer. Dan levantou meu queixo e beijou levemente os meus lábios. Fechei os olhos e quis

que ele continuasse. Sabia que estávamos na rua e aquilo não era nada correto, mas era o que eu mais queria, contudo ele se afastou.

— Eu ligo quando tudo acabar. — Meu rosto estava em chamas. — No final da tarde.

— Promete?

— Claro!



Resolvi não colocar meu carro na garagem. Deixei-o estacionado na rua em frente de casa. Eu pretendia conversar com Marco e sair novamente. Não passaria mais nenhuma noite sob o mesmo teto. Para minha surpresa, ele estava em casa no meio da tarde. Respirei fundo e tentei me acalmar. Pretendia que nossa conversa fosse pacífica, mas sabia que teria que me esforçar muito para conseguir isso.

— Marco?

— Surpresa por me encontrar aqui? — Ele me olhou clinicamente. — Em minha própria casa?

— Não, apenas estranhei o horário. — Tentei não demonstrar a agonia que estava sentindo. Minhas mãos estavam trêmulas. — Não estava atendendo hoje?

Impacientemente, ele deu uma bufada, levantou os braços e soltou as mãos na lateral do corpo.

— Porra, o que isso importa? Estou aqui, não estou?

Larguei a bolsa no sofá e fui ao lavabo lavar minhas mãos, querendo respirar um pouco e me acalmar. Conversei comigo no espelho.

— Não se intimide. Enfrente-o! Você pode!

Voltei e sentei na poltrona de frente para ele.

— Precisamos conversar. Como dois adultos, ok?

— Sim — concordou, encarando-me. — Precisamos.

— Marco, eu decidi...

— Eu quero que volte pra casa — ele me interrompeu. — Não importa o que aconteceu. O velho morreu. Tudo é passado agora. Eu estou disposto a perdôá-la, porque a amo e sei que me ama também — falava com muita convicção e me olhava fixamente nos olhos. — Entendo que passou por uma fase difícil. Que estava de cabeça cheia. Eu também agi por impulso, muitas vezes. — Começou a andar de um lado para o outro. — Entenda, eu estava confuso, mas não estou mais. Não concordo com minha mãe, Rafa. Sei que agiu de acordo com seu coração. Senti pena daquele homem e não fez nada de propósito. Cacete, é difícil demais falar essas coisas!

Eu simplesmente não consegui interrompê-lo. O álcool que ele já havia ingerido justificava sua voz enrolada, mas não as sandices que me dizia. Demorei um tempo para absorver todo o seu discurso e concluí que ele não pensou no que mealaria, quando tivesse oportunidade. Ainda não satisfeito, continuou:

— Estou disposto a recomeçar e faço qualquer coisa para vivermos felizes. — Parou na minha frente e sorriu. — Eu te amo, Rafa! — Tomou um grande gole do seu Bourbon e ficou estático, esperando minha resposta.

— Marco, você não está bem, né? Nada do que disse faz sentido. Eu não quero recomeçar nada — afirmei e me afastei um pouco dele. — Eu passei sim por momentos muito difíceis, mas os atravessei. Você não esteve comigo nem por um minuto. E eu só não estive sozinha porque posso contar sempre com meus pais, minha irmã e Dan...

Calei quando percebi a maneira que me olhou. No mesmo segundo me arrependi de citar Daniel. Seus olhos faiscaram e ele movimentou-se bruscamente em direção ao bar. Fiquei insegura sem saber ao certo qual era o rumo que aquela conversa deveria tomar. Optei por abrir meu coração e continuei:

— Tem noção do que está me pedindo, Marco? É fácil para você pedir que eu esqueça tudo. “Apague o quanto te infernizei por causa do ciúme doentio que sentia de sua amizade com um idoso; esqueça todos os anos que te aprisioneï neste casamento”. — Minha voz foi se alterando e as lágrimas saltavam de meus olhos. — “Esqueça que te proibi de viver. Todas as vezes que eu fingi que você não era nada, com medo que se encontrasse e me deixasse”. — Quase sem perceber, me descontrolei e terminei gritando: — É isso que você quer que eu esqueça?!

— Rafaela, você está histérica. — Ele também estava nervoso e virou todo o uísque do copo que acabara de servir. — Pare de falar tanta asneira. Tivemos algumas crises, mas é normal em todos os casamentos. Eu acho que você precisa de um bom terapeuta.

— Pode ser que eu precise sim. Mas o que eu mais preciso é ficar longe de você, Marco. Eu tento conversar, mas é impossível.

— Rafa, somos casados e me deixou largado! — ele gritava também. — Sumiu todos esses dias. Não deu notícias, não atendeu minhas ligações...

— Você largou de mim. Fez de tudo para que eu deixasse de te amar, Marco. Agora, fique feliz, conseguiu. E pare de falar que sou sua mulher como se fosse meu dono. O fato de sermos casados, não me faz sua propriedade. — Cheia de coragem, eu parei na sua frente e o olhei nos olhos. — Eu não sou mais nada sua. Vou pegar minhas coisas e sair definitivamente desta casa e da sua vida. Eu falei com um advogado hoje e vou entrar com um processo de divórcio...

— Você está louca?! — esbravejou e dei um passo atrás, com medo da reação dele. — Eu não vou te dar divórcio nenhum.

— Não há nada que possa fazer, Marco — enfrentei-o, sentindo o ódio que tomava conta de seus olhos. — Eu não vou viver ao seu lado depois do que fez contra o seu Zé. Depois de ter cortado minha conta quando eu mais precisava ajudá-lo no hospital. Eu nunca pedi nada a você, apenas sua compreensão, seu carinho e companheirismo. Você não foi capaz de me dar nada disso. Quis roubar minha liberdade, minha vida...

— Eu estava desesperado, caralho! Eu só queria trazê-la de volta. — Ele passou as mãos nos cabelos e voltou a me olhar, mas agora em desespero. — Rafa, eu amo você.

— Não, Marco. Não é amor. Quer me manipular e me manter nesta prisão que sempre foi o nosso casamento. Você quer fazer bonito para seus pais. Está cego, e não percebe que jamais deu nada do que eu precisava.

Marco largou a garrafa com força sobre a bandeja e voltou-se para mim com uma expressão diabólica, que me fez engolir em seco e encolher.

— Cale essa boca, Rafaela! Eu nunca deixei te faltar nada. Se você quiser sair de casa, saia, mas só com a roupa do corpo e com as porcarias das joias que você tinha quando nos casamos. Agora, você realmente não terá mais nada meu.

— Farei isso, Marco — assenti, com a voz trêmula. — Seu dinheiro não importa e nunca importou. Eu amava você, seu idiota, arrogante, porém foi incapaz de enxergar a realidade.

Subi correndo, em lágrimas, e peguei o que me pertencia de verdade. Estava me sentindo humilhada, contudo, muito aliviada. Dona Célia bateu na porta do quarto, que estava aberta, e entrou pedindo licença.

— Veio cuidar para que eu faça o que seu patrão pediu? Pode ficar tranquila.

— Desculpe. Não sei o que pediu. Apenas vim saber se precisa de alguma coisa, dona Rafaela.

— Preciso sim. Que me deixe em paz, que pare de me vigiar e também com essa porcaria de dona. Eu não sou como a Giordana! — gritei me referindo à mãe de Marco, que exigia ser chamada de senhora por todos os que ela chamava de subalternos.

— Não foi minha inten...

— Saia daqui, por favor! — gritei descontrolada.

Ela pediu licença, girou nos calcanhares e saiu sem se alterar, com a cara fechada de sempre. Desci com alguns dos meus pertences, tomando cuidado para não levar nada que tivesse sido comprado com o dinheiro do Marco. Naquele momento, senti alívio por ter ganhado o *iPhone* de presente do meu pai. Tirei de minha bolsa os documentos e a chave do carro e joguei na mesa da sala. Estava virando as costas para sair, mas fui surpreendida pelo solavanco em meu braço.

— Você não vai a lugar nenhum, Rafa.

— Por favor, me solte!

Encarei-o com raiva e falei entredentes, tentando me desvencilhar, o que o fez apertar meu braço com mais força e eu quase chorei de dor. Ele me segurou com as duas mãos, começou a me sacudir e me atirou no sofá.

— Quem é o Dan?

— Não interessa!

— Quem é a porra do Dan?

— Um amigo... — murmurei choramingando com meus olhos arregalados de pavor e meu coração acelerado. Nunca senti tanto medo em minha vida. Ele estava muito alterado e eu sabia que não conseguiria sair dali tão cedo. Quando se inclinou sobre mim e, praticamente, colou seu nariz no meu, esbravejou com seu hálito quente e alcoólico em meu rosto:

— Se eu souber que tem um amante, mato você e ele! — Suas mãos estavam ao redor de meu pescoço, seus olhos frios estavam fundos e escuros. Ele estava possesso. — Entendeu? — Apertou ainda mais o meu pescoço. — Você entendeu, Rafaela?

— Si... Sim... — Eu estava morta de medo, meus olhos estavam tão arregalados que pareciam querer saltar de suas órbitas. Eu mal conseguia respirar e minha voz não saía. Fora de si, começou a beijar minha boca com sofreguidão. Ele estava excitado e aquilo era desprezível. Tentei me esquivar, ele continuou forçando e fiz a única coisa que me ocorreu, para me defender. Mordi seu lábio inferior, com mais força do que talvez fosse necessário e só parei quando senti o gosto de seu sangue. Enquanto ele se afastou e levou os dedos à boca, assustado com a dor do ferimento, eu peguei minhas coisas e corri para fora da casa. Mas só então, lembrei que eu não tinha mais o controle do portão, porque o havia deixado junto com as chaves do carro sobre a mesa da sala.

— Rafa. Rafaela... — Ele estava me alcançando e eu sabia que não seria nada bom se aquilo acontecesse. Corri para o outro lado do jardim com esperança que o jardineiro estivesse trabalhando lá e abrisse o outro portão, mas ele não estava. Marco estava cada vez mais próximo, mas, como estava bêbado, movimentava-

se devagar e, desesperada, eu só pensava numa maneira de sair dali, mas não havia como. Aquela casa era uma fortaleza com muros altíssimos. O desespero e o medo me fizeram crer que se alcançasse me mataria. Meu coração parecia querer sair pela boca e minhas pernas dobravam por uma fraqueza inexplicável. Então, como por um milagre, o portão principal começou a se abrir e eu vi dona Célia com o controle remoto na mão.

— Vá, Rafaela! — ela gritou. — Pelo amor de Deus, saia daqui!

Olhei para ela, pela primeira vez, sentindo muita gratidão e saí correndo em direção à casa do seu Zé, onde cheguei cambaleante e completamente desorientada, sem fôlego e com medo de estar sendo seguida. Bob veio ao meu encontro e corremos pela calçada íngreme. Entrei pelos fundos e só então me sentindo protegida, chorei alto, ajoelhada e agarrada ao cão. Ele parecia sentir a dor que eu estava sofrendo naquele momento. Ficou choramingando baixinho e levantava a pata dianteira, tentando me agradar.

Algumas horas depois, parcialmente, refeita do susto, senti uma vontade imensa de conversar com Dan. Meu corpo todo doía, como um reflexo da tensão que vivi naquela tarde. Só o abraço dele me confortaria naquele momento, e então lembrei das palavras ameaçadoras de Marco:

— *Mato você e ele.*

Eu não me perdoaria se algo acontecesse ao Daniel por minha causa. Peguei o *iPhone*, vi muitas mensagens chegando e desliguei rapidamente por não ter coragem de lê-las. Eram todas de Marco.



EU NÃO CONSEGUIA DORMIR DAN havia mandado mensagem. Estava preocupado por não ter ligado, como havia prometido, e desculpou-se por isso. Bob estava deitado no tapete ao lado do sofá. Levantei a tampa do antigo toca-discos e vi que ali ainda estava o último disco que ouvi e cantei com seu Zé. Liguei naquela mesma música, *Alma Gêmea*, do Fábio Júnior, que ele achava tão linda. Sentei ao lado de Bob com as lágrimas descendo silenciosamente por meu rosto.

♪ ♪ *Tem algumas coisas que acontecem*
Que é você quem tem que resolver ♪ ♪

Queria muito ter de novo o abraço do meu querido vôzinho. O homem que me ensinou a valorizar pequenos detalhes da vida. Que encantava com suas palavras tão simples e cheias de sabedoria. Voltei a ler a carta que deixou: “*Converse com o Dante sobre tudo*”. Peguei o celular e reli também a mensagem de Daniel. Olhei no relógio, e mesmo achando que já estaria dormindo, porque passava da meia-noite, resolvi respondê-lo.

*Oi, Dan. Desculpe por não ter dado notícias.
Foi difícil, mas estou bem. Estou no casarão.
Não se preocupe.*

Ele leu na hora e ligou.

— Oi, Dan, ainda acordado?

— *Como foi?*

— Foi horrível...

— *Meu Deus, Rafa, você está bem?*

— Na verdade, estou precisando de você — falei com sinceridade e sem pensar direito.

— *Estou indo para aí.*

Ele desligou antes que eu pudesse responder. Senti um alívio enorme por saber que estava a caminho. Fabio Júnior ainda cantava sobre sua *Alma gêmea*.

*♫ ♪ De repente você põe
A mão por dentro
E arranca o mal pela raiz
Você sabe como me fazer feliz ♪ ♫*

Alma gêmea? Se isso realmente existia, a minha tinha que ser o Dan. Não, ele não era um homem perfeito. Era sim, muito bonito e um grande profissional, mas tinha seus medos, suas angústias e seus defeitos. Era sério e, às vezes, passava uma falsa impressão, porque todas as pessoas comentavam no hospital que ele nunca sorria, era muito fechado e até o achavam antipático. Eu mesma, quando o conheci, fiquei um pouco desconcertada com a maneira fria como me tratava.

Logo descobri que, além de estar sendo profissional, ele só tentava se defender do que estava sentindo desde o começo. Era tudo novo para ele também e eu era algo proibido. Com o tempo fomos nos conhecendo melhor e vi que,

atrás daquele rosto sério, da testa franzida e daquele sorriso que nunca mostrava os dentes, havia um cara romântico, amoroso com seus pacientes e muito correto a respeito de tudo.

Estava apaixonado por mim, isso era nítido em seus olhos, mas nunca ousou avançar o sinal ou tirar proveito da situação. Sempre me apoiou em todos os momentos. Quando estive carente e cansada da minha situação com Marco ou triste com a doença do vôzinho, foi ele quem me amparou e nunca cobrou nada em troca.

Naquela noite, quando chegou ao casarão todo preocupado comigo, não havia mais no que pensar ou fugir. Há tempos eu devia ter deixado Marco, mesmo que não soubesse que era um canalha, eu sabia que não o amava mais. Eu tentei ser justa e correta com ele. Quis refletir antes de tomar qualquer decisão. Fazer a coisa certa. Mas não naquela noite. Pela primeira vez, não me importaria em estar dando o passo certo. Estava sentindo urgência em ser feliz e amada de verdade. E quando Dan entrou, com os olhos cheios de amor e preocupação comigo, quis ser inconsequente e perdi completamente a capacidade de pensar noutra coisa, que não fosse fazer amor com ele e tinha muita pressa.

— Meu Deus, Dan! — exclamei com o coração aos pulos. — Que bom que você está aqui.

— Eu estava preocupado. Você não deu notícias.

— Shhh... — sussurrei colocando meus dedos sobre seus lábios. — Não precisamos falar sobre isso agora. O que importa é que estamos aqui. E olha... — Mostrei as costas das mãos e sorri. — Sem aliança. Acabou, Dan. O pesadelo acabou.

Ao perceber que Dan estranhou minha reação, expliquei a ele que eu tinha duas opções: chorar a noite toda e prolongar o sofrimento ou me sentir feliz e aliviada por ter saído de casa, ainda que tivesse sido de forma tão drástica.

— Prefiro pensar que o fato de estar aqui comigo, sugere que me quer como te quero e nada é mais importante para mim do que isso, Dan.

Eu sabia que o estava surpreendendo, tomando a iniciativa e me senti totalmente segura do que fazia.

— Você é a pessoa mais incrível que já conheci na minha vida! — ele exclamou mantendo seus lindos olhos castanhos fixos aos meus. Não os desviou nem por um segundo e eles tinham um brilho intenso que jamais vislumbrei em quaisquer outros.

Dan era uma obra divina da natureza, belo como o sol se pondo sobre o mar, radiante como a lua azul. Era impossível não desejá-lo. Ele estava sério e acredito que, assim como eu, surpreso com aquele turbilhão de sentimentos que afloravam dentro de nós. A adrenalina fazia meu coração disparar e meu corpo tremer. Talvez fosse medo, mas estava em paz e tinha certeza, mais do que tudo, eu o amava, desejava e precisava muito dele.

Estávamos à meia-luz na sala de estar. Apenas a claridade do aquecedor iluminava o ambiente, o que tornou tudo mais sedutor.

— Dan... — sussurrei e ele aproximou-se.

— Rafa... — murmurou com a voz trêmula.

— Eu preciso falar uma coisa.

— Eu também...

— Está acontecendo algo comigo, preciso falar, mas...

— Mas?

— Bem, eu... — Aproximei-me dele a ponto de conseguir sentir sua respiração ofegante. Ele segurou meu rosto com as duas mãos e mordeu os lábios. Empurrei meu corpo contra o dele. Seus olhos falavam absolutamente tudo naquele momento. Estava apaixonado por mim e também me desejava. — Dan...

— Eu te amo, Rafa! — Seus lábios roçaram nos meus. — Eu te amo...

— Meu Deus, Dan! — Segurei os punhos dele. — Eu também! Talvez, desde que te vi pela primeira vez.

— Eu não aguento mais. Não dá mais para fingir. Já fugimos demais. Fiz de tudo para me manter longe — dizia sem largar meu rosto. — Não suportava mais

estar em sua vida e não poder tocá-la. Eu amo você! — Ele me abraçou forte e repetiu, acariciando minhas costas. — Amo você!

— Eu sei, meu amor. Eu sei... Eu também...

Deixamos que nossos lábios fossem se tocando, roçando uns nos outros e ele me puxou para junto dele. Enlacei seu pescoço e então nossas bocas se encontraram lenta e suavemente, sem nenhuma pressa. O coração aos pulos dentro do peito. Abri meus lábios para receber seu beijo e, quando nossas línguas se tocaram, senti um choque em meu corpo, algo inexplicável. Um arrepio percorreu toda extensão da minha pele, desde a nuca até os calcanhares. Gemi involuntariamente e me afastei para olhá-lo.

Não estava acreditando que aquela reação do meu corpo pudesse ser realidade. Dan sentia a intensidade com que eu vibrava, apenas pelo meu olhar. Eu sabia que ele me amava, verdadeiramente, pela maneira como me tocava. Nunca imaginei que pudesse ser possível, dois corpos falarem mais do que sobre sexo. Desisti de tentar entender ou decifrar aquelas sensações e me entreguei àquele momento de paixão. Eu me atirei nos braços dele e gulosa beijei sua boca com sofreguidão. Eu queria devorá-lo e ele correspondeu com o mesmo apetite.

Bob levantou e saiu com o rabo entre as pernas, como se entendesse o que estava prestes a acontecer.

Dan me levou para o quarto, deitou sobre mim, e começou a beijar meu rosto todo. Às vezes, ele parava e me olhava nos olhos e, entre um beijo e outro em minha boca, murmurava o quanto esperou por aquele dia e o quanto me queria e amava. Outras vezes, apenas sorria.

— Você é real, minha Fada linda? Isso está mesmo acontecendo?

Suas mãos tocavam cada centímetro do meu corpo como se ele quisesse lê-lo, decifrá-lo, retratá-lo em sua mente, através das pontas de seus dedos e sua boca seguia pelos mesmos caminhos. Eu me contorcia e me descontrolava, mais e mais. Seus beijos me incendiavam e eu retribuía, com desejo, cada sensação que ele me provocava. Trocamos amor em forma líquida, doce e quente. Eu mostrei-lhe uma Rafa que desconhecia, mas que ele despertou. Uma mulher louca e sedenta por ele. Receber Dan em mim, além de muito excitante, só me fez ter certeza de que ele era o homem da minha vida. Era a pessoa com quem eu queria envelhecer e amar até o meu último dia.



QUANDO AMANHECEU, AO ABRIR os olhos, deparei com aquele rosto de anjo em forma de homem, num sono relaxado e profundo. Cheguei a pensar que estivesse sonhando. Então olhei ao redor e na penumbra, percebi os móveis em estilo colonial que havia no quarto, e lembrei-me de onde estávamos e tudo que aconteceu. Abracei Dan e me aconcheguei junto a ele, que continuou dormindo tranquilamente. A noite passada, que poderia ter sido uma das mais traumáticas da história da minha vida, acabou se transformando na mais feliz. Como dois acontecimentos tão distintos poderiam ter se realizado ao mesmo tempo? *Universo, Fada!* Era o que seu Zé diria. Espero que ele esteja orgulhoso de mim. Por eu ter saído da vida medíocre que levava.

— Bom dia! — Dan acordou e sorriu. — Estou morto e moro no paraíso, é isso?

— Bom dia, meu amor! — cumprimentei-o sorrindo. — Acredite, eu pensei a mesma coisa quando acordei e te vi dormindo ao meu lado.

— Você está bem, Rafa? Conseguiu dormir?

— Estou bem! — Beije sua boca e pensei por alguns segundos antes de prosseguir: — Um pouco assustada com os acontecimentos, mas pronta para

enfrentar tudo, só que para isso preciso de roupas. Estou nua, Dan! — explodi numa risada.

— Acho que não entendi. — Ele sorriu, brincando com meus dedos. — Sou meio lerdo com piadas, Rafa.

Enquanto acariciava seus cabelos, eu prestava atenção em seus olhos inchados de sono e sua barba, que lhe davam uma aparência despojada e o deixavam ainda mais lindo.

— Não é uma piada, Dan. O Marco me mandou embora só com a roupa do corpo, ou seja, não tenho o que vestir, exceto, o que eu usava ontem.

— Por que está rindo? — Ele franziu a testa demonstrando sua insatisfação. — O que tem de engraçado numa covardia dessas?

— Eu vou preparar um café para nós. — Saí da cama à procura de minhas roupas que estavam jogadas pelo chão. — Então te conto tudo, enquanto comemos.

Dan continuou deitado, segurando a cabeça apoiada pelo cotovelo e me olhando com aprovação.

— Nossa! Rafaela, pensando bem, ele me fez um favor. Você não precisa mesmo de roupas. É ainda mais linda nua, assim.

— Devo comunicar que você é um charme de jaleco, elegante na maneira de se vestir, mas nada se compara à quando não está usando nada. — Aproximei dele e beijei sua boca com paixão. — Não vai trabalhar?

— Eu preciso ir ao hospital, Rafa. Quais são seus planos?

— Pegar um cartão de crédito com meu pai e passar numa loja para comprar um enxoval básico. Tenho muitos planos. Incrivelmente, nunca estive tão disposta a colocá-los em prática.

Enquanto Daniel tomava banho, eu tratei de Bob e o soltei para passear no jardim. Tomamos café e contei tudo o que aconteceu na noite anterior, na minha trágica saída da casa de meu ex-marido. Estranhei pensar daquela forma. Um dia antes, ainda me referia a “minha” casa e “meu” marido. Dan ficou possesso, e

foi uma das poucas vezes que o vi perder a calma e soltar alguns palavrões em relação a Marco, mas eu o acalmei.

— Foi tudo muito difícil e confesso que, naquela hora, fiquei assustada e humilhada — falei cabisbaixa —, mas agora estou aliviada com a possibilidade de viver plenamente, daqui para frente. Acho que o pior já passou. Estou livre, Dan.

— Eu sei muito bem o que está sentindo. — Seu olhar ficou distante, pensando em seu divórcio, provavelmente. — São decisões que muitas vezes sabemos que precisam ser tomadas, contudo são muito difíceis.

— Eu sei que estou no caminho certo. Agora, só preciso recomeçar do zero.

— Pode começar fazendo compras. — Dan sorriu. — Vou deixar meu cartão com você. Use-o quanto precisar.

— Nunca! Agradeço imensamente, mas tenho emprego garantido com meu pai. Vou começar o mais cedo possível.

Não podia me imaginar dependendo financeiramente de outro homem. Mesmo percebendo em cada gesto e atitude o quanto Dan era o inverso de Marco.

— Estou há algum tempo com isso decidido, só esperava a hora certa. E é agora.

Ele sacudiu a cabeça afirmativamente, sorriu e não insistiu.

— Quer uma carona, então?

— Sim. Isso eu quero. — Bob apareceu abanando o rabo e apoiando as patas no colo de Dan. — E ele quer cafuné, né, Bob?

— É, amigo? Está feliz, também? Vamos ser uma família agora. — Dan acariciava a cabeça do cão. — Seremos eu, você e a mamãe Fada.

Parei por um tempo observando aquela cena que simplesmente transbordou meu coração de emoção. Dan me tirou do transe.

— Vamos, Rafa? Preciso passar em casa para me trocar.

— Claro! Estou pronta.



A casa de meus pais não era muito longe dali. Sabia que havia uma expectativa grande por parte de todos para saberem como foi o desfecho de meu encontro decisivo com Marco. Somente minha mãe estava em casa. Ela me deu um longo abraço e, então, senti que estava sucumbindo. Fomos abraçadas para a sala de TV. Eu deitei num dos sofás, com a cabeça naquele colo que tanto me fazia bem. Desde criança, eu costumava deitar ali, ela acariciava meus cabelos e isso me acalmava. Mamãe não fez nenhuma pergunta. Pacientemente, esperou até que eu parasse de chorar, quando então comecei a falar. Contei-lhe tudo como aconteceu, com riqueza de detalhes. Ela estava incrédula.

— Mãe, eu não quero que fique preocupada. Estou chorando, mas não é só de tristeza. — Limpei o rosto com as mãos, virando para olhá-la. — Finalmente me livre daquele casamento que estava acabando comigo. Foi terrível... — Um aperto se formou em meu peito me fazendo crer que a dor ainda estava ali. — Eu cheguei a pensar que o Marco ia me bater ou matar, sei lá. Se bem que ele me sacudiu e apertou meu pescoço e isso também é muito violento.

— Meu Deus, Rafa! Como as coisas chegaram a esse ponto?

Com uma enorme tristeza nos olhos, ela me apertou num abraço. Era fácil entender o que estava sentindo. Sempre nos protegeu e, apesar de saber que Marco era problemático, tratava-o sempre como se fosse da família, com carinho e respeito.

— Eu sempre tive um pressentimento ruim em relação a ele, mas não pensei que pudesse chegar a tanto.

— Bem, ele estava alterado, havia bebido, mas já mostrou que não devemos subestimar a capacidade que tem de ser mau e vingativo. — Sentei para pegar o celular quando lembrei dos recados dele que eu ainda não tinha lido. — Talvez já tenha até se arrependido. Só um instante, mãe.

Comecei a ler as mensagens ignorando as da noite anterior por serem todas ameaçadoras. A última havia sido enviada há menos de 15 minutos e, como eu imaginava, já tinha sinais de arrependimento e ele se desculpava.

Perdão! Estou envergonhado. Acha que podemos conversar, civilizadamente?

— O que eu respondo, mãe? Sinceramente, não sei o que digo.

— Filha, melhor dar um tempo. Ainda está muito recente e não acho uma boa ideia você ficar sozinha com ele de novo.

Assenti e comecei a digitar uma resposta:

Claro que poderemos conversar, mas não hoje. Outro dia.

Enviei a mensagem e não esperei para saber se a leu e, surpreendentemente, ele não enviou mais nenhuma. Voltei a sentar ao lado de minha mãe e continuei contando o ocorrido.

— Se não fosse pela dona Célia, a megera domada pela Giordana, não sei o que teria acontecido. Foi a primeira vez que me senti grata por tê-la sob o mesmo teto. Saí de lá tão desesperada. — Respirei fundo. — Mas depois Dan apareceu e eu... — Suspirei e sorri. — Iolanda, eu estou muito apaixonada por ele.

— Já sabíamos que era questão de tempo para acontecer — ela tinha um ar de reprovação —, mas não acha que foi apressada demais?

— Não! — Fiz cara de brava, brincando com ela e sorri de novo. — Demorei demais, mãe. Tinha que estar vivendo toda essa maravilha há muito tempo. A vida passa voando. Daniel é o cara certo. Marco só veio antes para que eu crescesse e aprendesse a reconhecer o que de fato deve ser valorizado na vida. — Olhei para minha mãe esperando alguma reação contrária, mas ela também

sabia que eu estava certa. — Marco tinha uma missão em minha vida e já a cumpriu.

— Não sei por que estou tão surpresa. Ele nunca me enganou. Chego a ter pena.

— Eu sei, mãezinha, mas talvez isso tudo o faça aprender. Pode ser que cresça e se liberte da Giordana. Ela jamais soube criá-lo e prepará-lo para a vida. Ainda que não tivesse intenção, errou o tempo todo mimando-o e incitando-o a se sentir o dono do mundo. Parafraseando seu Zé: “Para cada dor, há uma lição de amor”.

Depois de vestir um jeans e camiseta da Rachel, saí com minha mãe para o shopping. Comprei algumas roupas para o dia a dia e outras mais apropriadas para assumir os negócios junto ao meu pai. Decidi ficar no casarão por um tempo e a despensa estava vazia. Quando chegamos na porta do supermercado, havia uma senhora, de uma instituição, pedindo doação de alimentos não perecíveis e material de higiene para os idosos. Algumas ideias começaram a se formar em minha cabeça e, durante as compras, não conseguia pensar em outra coisa.

— Mãe?

— Sim? — ela respondeu sem tirar os olhos das prateleiras. — Como isso está caro, meu Deus!

— Mamãe, preste atenção! — pedi cheia de empolgação. — Acha possível transformarmos o casarão numa instituição para idosos?

— Rafa, o casarão tem uns cem anos. — Ela voltou o olhar para as mercadorias. — É óbvio que não.

— Não falo do casarão como está. Podemos reconstruí-lo. Aquele terreno é enorme. — À medida que as imagens se projetavam e tomavam forma em meus pensamentos, meu coração acelerava. Comecei a ficar entusiasmada com a possibilidade. — Se unirmos força e vontade, poderemos transformar muitas vidas, mãe.

Eu tentava tirar a atenção de minha mãe das prateleiras, mas ela me desviava para alcançar os produtos, até que parou e me encarou.

— Rafaela, minha filha, sossegue um pouco. Pense em tudo que passou com a perda do seu Zé. Você se apega demais e idosos são frágeis. Estamos sempre com um pé aqui e outro no bico do urubu. Parece que gosta de sofrer!

— Credo, mãe! Você nem é idosa ainda. — Rimos alto. — Sério! Você não acha impossível, acha?

— Não, quando realmente queremos. Mas isso envolve muita coisa.

— Tem razão, mãe! Vou pensar com muito carinho. Deve ser isso, seu Zé sempre disse que precisamos fazer algo bom por alguém.



Combinei com meu pai de começar a trabalhar no dia seguinte. Teria que aprender tudo do zero, mas estava tão animada que não me importaria em desenvolver qualquer atividade no escritório. A rede de lojas estava crescendo. Ele sempre foi um excelente administrador e resolvi que queria ser como ele. Não era tarde e, como seu Zé falava, o importante era ser útil.

A administração ficava no quarto andar de nossa maior loja, a matriz, que ocupava o térreo, enquanto o segundo e o terceiro andares eram destinados ao estoque. Tínhamos mais três lojas espalhadas pela cidade. Meu pai mandou reformar uma sala especialmente para mim e até que ficasse pronta, eu ficaria em seu escritório, numa mesa improvisada. Eu estava adorando aquela sensação de ser produtiva.

— Não sei como te agradecer, pai! Sei lá se conseguiria um emprego lá fora. Acho que seria muito difícil, com quase trinta anos, sem experiência nenhuma e com essa crise louca que vivemos.

— Não agradeça, Rafa. Isso tudo não é meu, mas seu e de sua irmã. Além do mais, estou orgulhoso da atitude que tomou.

— Nossa! Pai, você vai me fazer chorar — resmunguei, com os olhos marejados. — Pode pular esse discurso?

Raramente vi meu pai emocionado, mas naquele momento, ele não se conteve. Curvei, atrás de sua cadeira, para abraçá-lo. Ele continuou sentado e, ao contrário do que pensei, não disfarçou, e deixou algumas lágrimas caírem. Beijei seus cabelos grisalhos e afaguei seus ombros. Ele não estava emocionado por eu ter tido coragem de largar ao Marco, mas porque, finalmente, estava ao seu lado, frente aos negócios, que sempre cuidou em prol da família. Era o nosso orgulho.

— Eu te amo muito, pai!

— Filha, você precisa ficar naquele casarão sozinha? — Tirou os óculos e limpou o olho. — Quero dizer, seu quarto ainda está lá a sua disposição. Confesso que me preocupa você viver naquela casa enorme, sem companhia.

— Não, pai. Não se preocupe. Eu estou bem lá. Você não faz ideia da paz e tranquilidade que o casarão representa para mim. — Suspirei refletindo sobre minhas próprias palavras. — Aquele jardim, as flores, o Bob... E depois, o Daniel está sempre comigo. Eu juro, pai. Estou feliz.



Com o passar do tempo, as coisas começaram a entrar nos eixos. Duas semanas depois que comecei a trabalhar, meu pai atingiu um de seus maiores objetivos, que vinha lutando há tempos para conquistar. Começaríamos a atuar também num novo segmento, como fornecedores de produtos com tecnologia de ponta para todos os tipos de exames por imagem, desde um aparelho de radiografia convencional até um de ressonância magnética. Significava um grande crescimento para a nossa rede e, principalmente, uma missão de enorme responsabilidade para mim, pois assumi a função de planejar, controlar e negociar com as demais empresas e indústrias envolvidas.

Entrei de cabeça no mundo dos negócios. Estava sendo difícil, mas acreditei que conseguiria. No início me senti muito despreparada e um pouco boicotada pela equipe administrativa, porém eles acabaram me conhecendo melhor, começaram a colaborar e até ficaram meus amigos.

Daniel nunca mais saiu de perto de mim. Minha família aprendeu a amá-lo

como a um filho. Não era tarefa difícil se afeiçoar a ele. Era divertido, ao modo dele, e gentil com todo mundo. Minha irmã o achava careta como um velho, mas dizia que, apesar disso, ele era legal. Sempre que estava ocupado ou de plantão, eu ficava pesquisando e fazendo anotações sobre as possibilidades de criar um lar para idosos carentes. Em breve, Rachel concluiria o curso de Psicologia, e se comprometeu a trabalhar no projeto, caso se concretizasse.

Evitei responder as muitas investidas de Marco, mas quando o doutor Roberto avisou que os papéis para o divórcio estavam prontos, eu achei que conversar com ele, amigavelmente, poderia evitar um constrangimento maior na frente do juiz. Aceitei, desde que nos encontrássemos num lugar público e, por insistência dele, marcamos num café que costumávamos ir quando nos casamos. Eu cheguei primeiro e escolhi uma mesa central. Era um lugar aconchegante no estilo retrô, com poucas mesas e com um delicioso buffet de doces e pães. Enquanto o esperava, servi uma xícara de chá e abri um livro para me distrair, e ficar menos apreensiva. Estava bastante interessada no romance “Portas do Silêncio”, cujo protagonista também era neurologista, como o meu Daniel. Sempre gostei muito da literatura brasileira e Zulmira Figueiroa, a autora daquele livro, não estava me decepcionando.

— Desculpe o atraso, Rafa!

Levantei os olhos para Marco, que já se curvava para me beijar o rosto, com ar de bom moço. Olhei-o seriamente e não consegui sequer esboçar um sorriso. Ele estava, excepcionalmente, lindo, de calça jeans e camisa xadrez, pena que a sua beleza fosse tão superficial.

— Como vai, Marco? — cumprimentei seriamente e fechei o livro. — Tudo bem?

— Não acredito que haja necessidade de responder a essa pergunta. — Ele sentou na minha frente. — Digamos que eu esteja sobrevivendo.

— As coisas acabam se ajeitando. Nada como o tempo, não é mesmo?

Ele olhou ao redor do lugar e suspirou, e só então, percebi que nada ali havia mudado, exceto eu.

— Lembra quantas vezes estivemos aqui logo que casamos, Rafa? Éramos tão felizes...

— Marco, o que você quer?

— Eu preciso muito falar algumas coisas, mas não sei direito por onde começar.

— Fique à vontade. Estou aqui para ouvi-lo.

— Soube que está trabalhando com seu pai. — Seus olhos estavam apertados e ele torceu a boca em sinal de reprovação, mas manteve-se calmo. — Está morando naquele lugar?

Respirei fundo e o encarei com vontade de lhe dizer umas verdades. Ainda que ele estivesse tentando se controlar, estava sendo arrogante, como sempre.

— Naquele lugar? Já parou para pensar, o quanto eu adoro a vida “naquele” lugar?

— Ei, calma! Eu sei. Desculpe, mas não falei nada de mais. Juro, não foi minha intenção.

Ele tentou segurar minha mão, que estava sobre a mesa. Eu a tirei, imediatamente, e ele recuou, mas pude perceber que ainda usava aliança.

— Marco, o que você quer, afinal? Por que todas essas perguntas? Sabe tudo sobre minha vida. — Franzi o cenho, incomodada. — Você me investiga o tempo todo e sabe que isso não faz mais sentido. Estamos separados...

— Sim, eu sei que estamos. — Ele olhou para o buffet e mudou de assunto. — Está com fome?

— Nenhuma!

Estava tensa demais para comer e preferi continuar no chá. Ele serviu-se de algumas fatias de bolos e uma xícara de café, mas nem tocou no prato. Comecei a sentir uma enorme ansiedade. Ele não tirava os olhos de mim e aquilo também me incomodava.

Numa mesa ao lado da nossa, havia duas moças que o olhavam e cochichavam dando risadinhas, paquerando-o. Estavam, visivelmente, encantadas com o moço de cabelos negros e olhos cor de violeta, como os de Elizabeth Taylor. Ele nem

percebeu e recomeçou a falar:

— Preciso que me perdoe. Eu não tinha o direito de fazer o que fiz. Vou mandar entregar seu carro no casarão e suas coisas também...

— Não! — cortei-o rispidamente. — Não quero nada, Marco. Doe para alguma instituição, venda, faça o que quiser. Eu não preciso...

— Está sendo injusta comigo. Eu estou tentando desfazer a merda toda que fiz.

— Não é tão simples para mim. Não tenho sangue de barata. Você me magoou, humilhou e agrediu, naquela tarde. Eu quero esquecer, e ter aqueles bens impossibilitará isso. Para mim, eles não têm importância nenhuma.

— Pare de me punir — falou entredentes, soltando bruscamente a xícara sobre o pires, o que chamou atenção e assustou as garotas, ao lado. — Eu me envergonho do que fiz, e quando isso acontece já me sinto punido.

— Marco, sem showzinho, por favor! — resmunguei com vontade de sair correndo dali. — Vamos conversar como adultos.

— Eu estou sofrendo, Rafa. — Ele começou a alisar os próprios cabelos. — Não consigo te esquecer. Eu sei que fiz tudo errado e não tem noção do quanto está sendo difícil estar aqui agora me humilhando. Então, colabore!

Fiquei olhando desolada para ele. Como minha mãe havia dito, Marco era digno de pena. Ainda que eu tivesse muitos motivos para chorar diante daquela situação, não o fiz e continuei sendo dura.

— Pois não se humilhe, até porque não adiantará. Eu não vou voltar para você. Fiz de tudo para que entendesse. — Fixei meus olhos nos dele, mas ele desviava o olhar o tempo todo. — Pedi que tentasse mudar. Eu também o amava, Marco, mas é passado. Agora não dá mais.

— Está com alguém? — Engoliu em seco. — Vou entender se for esse o motivo — disse com a voz suave, mas estava nitidamente nervoso e tinha os lábios trêmulos. Decidi não esconder o Dan, de quem quer que fosse.

— Estou com alguém, mas sabe muito bem que esse não é o motivo. Você

precisa aprender a amar as pessoas, Marco. Foi ensinado a pensar apenas em si. A sua mãe...

— Não precisa continuar. Nunca fale da minha mãe. — Curvou-se sobre a mesa e se aproximou o máximo que pôde de mim, mas baixou o tom da voz. — Ela está coberta de razão quando diz que você é só uma vadia, de uma família de gentinha, que tem um pouco de posses.

Projetei meu corpo para trás, mas ele grudou seu nariz no meu.

— Como pôde me trair?

— Nunca o traí, Marco. — Empurrei seus ombros e, ao encará-lo, reconheci o homem de sempre, nada havia mudado. Sua testa franzida, sobrancelhas juntas e as narinas se abrindo, acompanhando sua respiração ofegante, características de quando ficava totalmente alterado. — Acho melhor acabarmos com essa conversa. Eu sabia que seria um erro, não sei por que concordei.

— É o médico, não é? O maldito médico, salvador e perfeito, que esteve sempre ao seu lado nas piores horas? — Marco segurou meu pulso e me fez encará-lo. — Pensou que eu estava tão bêbado a ponto de esquecer o que deixou escapar na última vez? — Ele continuou a me ameaçar, sem pensar o quanto aquilo pesava para si. — Acha mesmo que vou deixar você ser feliz com ele? Você quer o divórcio, Rafa? Devo mesmo ir à porra da audiência?

Ouvi, encolhida, seus sussurros cheios de rancor. Ele ainda não estava preparado para conversar, se é que um dia estaria. Eu realmente não devia ter ido àquele encontro. Fiquei aliviada quando me soltou. Meu pulso estava vermelho, pela força com que o segurou. Então, jogou algumas notas na mesa, dizendo que era para que eu pagasse a conta e finalizou antes de sair.

— Pensou mesmo que se livraria de mim, sentando para tomar um chazinho comigo, como uma boa amiga? Você não é nada esperta, minha querida!



Dan me esperava ansioso, no casarão. Ele sabia, melhor do que eu, que aquele encontro não havia sido uma boa ideia. Chegou a sair mais cedo do consultório, por ter ficado excessivamente preocupado.

— Foi a mesma coisa de sempre, meu amor. Ele tenta ser normal, porém basta ouvir algo diferente do esperado, que se transforma. Agride, ameaça e humilha. A diferença é que já nem ligo mais. Ele não me assusta e nem fere.

— Fiquei realmente preocupado com você, Rafa. Eu não quero ser chato...

— Você não é. — Beijei suavemente sua boca. — Você nunca é.

— Talvez vá ser agora! Prefiro que não se encontre mais com ele. Fico angustiado só de pensar que aquele homem pode perder a calma e te machucar ainda mais. Hoje, nem consegui trabalhar direito.

Dan tinha as mãos apoiadas em meus ombros. Estávamos de pé e de vez em quando, beijava minha testa que ficava na altura de seus lábios. Era um homem alto e forte. Eu tinha que manter a cabeça levantada para olhar em seus olhos.

— Prometo, meu amor. Não ficarei a sós com ele, nunca mais.

Todas as noites, exceto quando ele estava de plantão, ficávamos assim. Conversando sobre nossos dias de trabalho. Discutindo sobre as nossas vidas e torcendo para que o divórcio saísse logo, para podermos ter um pouco de sossego em relação ao Marco.

— Vamos esquecer tudo isso. — Recostei a cabeça em seu peito. — É simplesmente recompensador poder ouvir seu coração — falei, sinceramente. — Enfrentaria qualquer caminho, qualquer situação se soubesse que, lá no fim, você estaria me esperando.

— Rafa, jamais seguirá sozinha. Estaremos juntos e vou com você aonde for. Sempre ao seu lado, até o fim.

Eu sabia o quanto havia de sinceridade naquelas palavras. Jamais duvidei dos seus sentimentos, mas ouvir era bom demais.

— Eu sei, Dan. Meu Deus, tenho tanto amor por você, que acho que só esta vida não será suficiente para dedicá-lo. É muito amor mesmo, doutor.

— Rafa, sei que está saindo de uma relação desastrosa, mas... — ele me apertou contra o corpo — eu vou entender se não quiser. — Beijou minha boca com carinho e sussurrou: — Vamos casar?

Meu coração disparou. Minhas pernas ficaram bambas. Coloquei a mão dele em meu peito, para que sentisse o que o seu pedido causou em mim.

— Você está falando sério? Tem certeza? Nós começamos há tão pouco tempo e...

Não consegui terminar, quase fui devorada com um beijo louco e intenso. A melhor resposta que ele podia dar aos meus questionamentos idiotas. Dan já havia deixado claro que me amava, e não apenas por me falar quase todos os dias, mas pelas suas atitudes em relação a mim. Fizemos amor ali, no sofá da sala, ouvindo Joe Cocker, no velho toca-discos e ele arriscou cantar para mim, encantou-me com tanta paixão.

*♪ ♪ You are so beautiful to me
(Você é tão linda, para mim)
Can't you see?
(Você não pode ver?)
You're everything I hoped for
(Você é tudo que eu esperava)
You're everything I need
(Você é tudo que preciso) ♪ ♪*

Tomamos banho juntos, saímos para jantar, brindamos, comemoramos e dormimos agarrados. Era o que acontecia todas as noites. Não ficávamos mais longe um do outro. Fazíamos planos para o futuro. Éramos companheiros, mas respeitávamos o espaço e o tempo um do outro.

— Rafa, precisamos encontrar um lugar para morar e contratar alguém para ajudar nas tarefas diárias. O casarão não é o lugar mais apropriado. — Riu olhando em volta do teto. — Tenho medo que desmorone.

— Tenho planos para o casarão, meu amor!



MEU DIVÓRCIO SAIU, APESAR DE Marco não ter comparecido à audiência, como prometeu. Foi realmente um grande alívio.

Casei-me com Daniel em cartório, sem cerimônia, numa tarde de sexta-feira e viajamos por uma semana para Fernando de Noronha. Foram dias perfeitos, regados a muito sol e amor. Não podíamos nos afastar do trabalho por muito tempo naquele período, então, fizemos planos para uma viagem mais longa nas férias, quando teríamos mais dias disponíveis.

Resolvemos não fazer festa, porque ambos já havíamos casado na igreja e realmente aquele glamour das tradicionais recepções de casamento era totalmente desnecessário para nós e nada significavam.

A casa onde morávamos ficava num condomínio fechado de classe média alta. Eram dois andares, sendo que tínhamos um bom espaço de lazer, com churrasqueira e salão de jogos que raramente usávamos. Havia apenas um pequeno jardim na frente, motivo pelo qual eu gostava de levar Bob para passar o dia no casarão, onde tinha bastante terreno para correr e brincar. Dan já morava lá há muitos anos, desde que se divorciou, e tudo foi decorado por sua mãe. Eu não mudei muita coisa. Tínhamos ali três quartos, porém passávamos a maior parte do tempo assistindo filmes e séries, na sala, em frente à lareira.

Eu tinha um salário razoável, claro que não ganhava tão bem quanto Daniel, mas já tinha conseguido comprar meu próprio carro, dava conta de minhas despesas pessoais e pagava uma pessoa para cuidar dos afazeres de casa. Dan foi chamado para um novo estudo na Europa, mas recusou. Ele gostava mesmo era da vida de médico, ativo, ajudando pessoas, salvando vidas nos plantões e UTI. Sentia necessidade de estar próximo de seus pacientes, e eu achava isso muito bonito. Como estávamos casados, optou por deixar de lado as pesquisas fora do país.

— Sempre quis ser médico, meu amor?

— Não. Quando tinha 7 anos queria ser bombeiro. — Ele tomou um pouco de vinho e riu. — Conhece algum garoto que não tenha esse sonho aos seis ou sete anos?

— Na verdade, não! — Rimos, beijamo-nos e eu continuei: — Difícil ficar perto de você e não sentir vontade de te agarrar.

— Eu quero que me agarre, nunca passe vontade, ok? — Dan me puxou para o seu colo e eu montei de frente para ele. — Você sabe o que faz comigo, não sabe?

Eu rocei minha boca na dele e lambi seus lábios, o provocando. Ele tirou minha blusa e acompanhou as curvas de minha cintura e quadris, com as mãos.

— O que eu te provoco, Dan?

A resposta foi em forma de beijo esfomeado. O desejo era maior a cada dia. Acordávamos com vontade e ficávamos extasiados, logo cedo e jamais conseguíamos dormir sem nos esgotarmos fazendo sexo febril e trocando amor.



Demorei um pouco para contar a Daniel sobre a minha intenção de criar o lar para idosos. Tive medo que ele não aprovasse e me achasse louca. Para minha surpresa, quando mostrei minhas pesquisas e levantamentos para a reconstrução

da casa, infraestrutura, gastos prováveis e tudo mais, ele se mostrou tão empolgado quanto eu. Ficou orgulhoso de mim.

— Claro que há possibilidade. A ideia é simplesmente incrível!

— Meu Deus, Dan! Você acha mesmo? A mamãe diz que sou louca!

Eu tinha um sorriso de orelha a orelha. Dan era simplesmente fantástico.

— Bem, não é uma ideia simples e fácil, mas não quer dizer que seja impossível. Requer alguns sacrifícios.

— É uma forma de homenagear ao seu Zé. A princípio seria como uma creche, onde os velhinhos passariam o dia, enquanto as famílias trabalham.

— Pela planta que você idealizou teria uma capacidade para, no máximo, dez pessoas. É isso?

Dan olhava atentamente a planta aberta sobre a mesa. Eu já havia conversado com um engenheiro, que fez o projeto.

— Minha mãe me ajudaria na administração e a Rachel atenderia com apoio psicológico. Temos a Mary, que é uma excelente enfermeira e que adoraria voltar a trabalhar conosco, já conversei com ela.

— Posso tirar uma manhã de cada semana para dar uma examinada nessa turma.

Comecei a me empolgar e agarrei no pescoço dele.

— Meu amor, você não é deste mundo.

— Não, Rafa! Você é que não existe! — Ele me olhava com admiração. — Até parece uma fada mesmo! Você me leva todos os dias para um mundo mágico, longe da realidade triste que vivemos. Sou o cara mais feliz do mundo, porque poucos devem ter a chance de viver isso.

— Dan... — sussurrei carinhosa e emocionada.

— É sério. Você é irreal. É como se me levasse a outra dimensão, onde o

tempo e o espaço são diferentes da nossa realidade. Não sei explicar, só sinto uma energia boa vinda de você. Tudo é finito, mas quero que a gente possa se amar assim, sempre.

— Enquanto eu viver, vou te fazer feliz, Dan! — Beije sua boca e fiquei por alguns segundos tentando eternizar aquele momento, penteando seus cabelos com os dedos, querendo parar o tempo, registrá-lo em minha memória, como a uma foto. — Juro, pelo número de estrelas que existem no céu, que serei sempre uma luz em sua vida! Seu brilho eterno!

Eu estava emocionada e nem sei de onde tiramos aquelas palavras. Só podia ser por estarmos sentindo tanta felicidade. Não bastasse Dan ter todas as qualidades que tinha, também era um homem romântico, um poeta.



Os planos para a reforma do casarão seguiram. Meus pais deram para mim e para Rachel, um terreno para cada uma, quando fizemos dezoito anos. Ficavam num bairro um pouco afastado, mas com o passar dos anos foi ganhando infraestrutura e já estavam sendo bem avaliados. Decidi vendê-lo para investir na construção do lar para idosos. A imobiliária já estava recebendo algumas propostas, então, eu tinha esperanças de que logo fechariam negócio, apesar do mercado imobiliário estar bastante parado. Também esperávamos a decisão da justiça sobre o processo que Dan abriu contra o plano de saúde do vôzinho, para recuperar os valores que pagou ao hospital na época do tratamento. O doutor Roberto garantiu que a cobertura era prevista em contrato e que seu Zé tinha direito, contudo era um processo bastante demorado.

Tudo seria perfeito, todavia eu tive que bloquear o número do telefone do Marco, para não receber mais suas mensagens e ligações. Eram muitas, em todos os horários do dia, noite e até de madrugada. Algumas vezes, demonstrava sensatez; já em outras, parecia estar bêbado e completamente abatido. Cheguei a pensar que não se recuperaria nunca. Com o passar do tempo, ele era a única coisa que ainda me preocupava. Muitas vezes, tive a impressão de estar sendo vigiada; em outras, ele tentou saber de mim, através de minha mãe e de Rachel,

mas, claro, nada conseguiu.

Nunca mais o vi e, depois de um tempo, cheguei a pensar que tivesse desistido, mas quando conversava com Antônio, que cuidava do jardim e da manutenção, também do casarão, ele me contava sobre as bebedeiras de Marco e a tristeza em que vivia.

— *Dona Rafaela, eu nunca falo que a vejo, mas ele sabe tudo. Ele disse pra dona Célia e pra Dina para não mexerem em nada da casa, porque um dia a senhora vai voltar. Suas coisas estão todas lá, do jeito que a senhora deixou, inclusive o carro.*

Sem dúvidas, não era o que eu desejava ouvir. Eram os sinais de que ele não havia superado nossa separação e a maior prova de que realmente não aprendera a enfrentar qualquer contrariedade. Infelizmente, eu nada poderia fazer, sendo o motivo de sua obsessão só pioraria as coisas, caso tentasse me aproximar.

Quase todos os dias, eu saía do trabalho por volta das 16 horas e passava no casarão. Aproveitava para abrir um pouco as janelas, colocar flores nos vasos e manter tudo na mais perfeita ordem. Numa tarde, quando já colocava Bob no carro para irmos embora, fui surpreendida por um Sedan prata de luxo que parou na frente do meu carro. Giordana desceu dele, em seus saltos altos e num vestido azul, muito justo, que deixava seu corpo perfeito ainda mais esguio. Os cabelos presos num coque, não tinha um único fio espalhado. O nariz em pé e a testa franzida faziam suas sobrancelhas se juntarem, exatamente como as de Marco, quando estava insatisfeito ou indignado com alguma coisa.

Sem saber ao certo o que fazer, eu fechei a porta do carro e a cumprimentei meio sem graça, demonstrando minha surpresa.

— Giordana? Tudo bem?

Ela me olhou com cara de nojo, ficou um tempo observando o casarão, em seguida, voltou-se para mim e começou a falar:

— Podemos conversar, Rafaela?

O perfume dela invadiu minhas narinas e era tão forte, que me fez sentir um pouco de enjoo. Eu estava muito nervosa, mas não me acovardei. Olhei-a nos olhos e respondi:

— Claro! Podemos entrar alguns minutos se...

Ela me interrompeu ríspidamente:

— Não é necessário. Não entraria nesse lugar e você sabe muito bem disso.

— É verdade, Giordana — retruquei me defendendo do ataque. — Esse lugar não é para gente como você. O que quer?

Recostei em meu carro e cruzei os braços esperando que ela falasse.

— Eu não estaria aqui se não fosse por meu filho.

— Eu não tenho mais nada a ver com seu...

De novo ela me interrompeu, mas, desta vez, foi ainda mais grosseira, apesar de manter o tom baixo da voz:

— Fique quieta e escute, sua desclassificada. Nunca teve nada a ver com meu filho e, até hoje, eu não sei o que ele viu em você... — Ela engoliu o nó que estava em sua garganta, levantou ainda mais o nariz e continuou: — Mas ele diz que a ama e está se matando, todos os dias, por sua causa.

— Pensa mesmo que está certa? — falei gesticulando nervosamente. — Acha que tem o direito de vir aqui me agredir e acusar pelas fraquezas do seu filho?

— Rafaela, pelo amor de Deus, eu imploro! — ela falava com os dentes cerrados e seus lábios mal se mexiam. — Marco precisa de você. Faça alguma coisa por ele uma vez na vida.

Eu via o quanto estava sendo duro para ela se humilhar daquele jeito, logo ela que jamais precisou se esforçar para conseguir o que quis. Fiquei bastante desconfortável com aquela situação. Giordana segurava as lágrimas e insistiu em continuar:

— Ele bebe todos os dias. Está negligenciando ao trabalho, e o mínimo que você pode fazer é tentar conversar com ele. Afinal, a culpa disso tudo é sua...

— Desculpe, mas eu não tenho que ouvi-la. Não concordo com nada do que você diz. Respeito a sua condição de mãe, mas essa não é melhor forma de

ajudar ao Marco.

— Você não tem o direito de falar o que é certo. Você abandonou meu filho por causa de um capricho...

Ela não se segurava mais. As lágrimas saíam por seus olhos junto com a raiva que sentia por mim. Tentei sair da sua frente, mas ela me cercou.

— Você acabou com a vida do Marco e vai sofrer todas as consequências disso, Rafaela.

De novo senti meu estômago embrulhar e, principalmente, senti medo da força daquelas palavras.

— Giordana, se alguém tem culpa pelo sofrimento do Marco, além dele próprio, é você — arrisquei me afastando dela em direção à porta do meu carro. — O Marco precisa de um psiquiatra e não de mim. Com licença.

— Rafaela, como ousa me acusar?

— Há coisas que o dinheiro não compra, Giordana. Infelizmente, você e o Marco jamais terão essas coisas. Dá licença, eu preciso ir!

Entrei no carro, respirei fundo e dei partida. Saí sem olhar para o lado, mas, ao me afastar, pelo retrovisor a vi, imóvel, acompanhando-me com os olhos. Então, minhas mãos começaram a tremer. Bob dormia tranquilamente no banco de trás. Eu desabei. Deixei as lágrimas rolares por meu rosto como um desabafo. Solucei alto. Não me sentia segura de ter agido certo, mas não seria mais dominada pelas atitudes mesquinhas deles, contudo, pensar na infelicidade de Marco me entristecia. Num impulso, dei a volta e fui para a casa dele.

O portão se abriu, antes que eu tocasse o interfone. Antônio apareceu, com algumas ferramentas nas mãos, e ficou bastante surpreso ao me encontrar ali.

— Dona Rafaela?

— Oi, Antônio! O Marco está em casa?

— Está, mas se eu fosse a senhora não entrava aí hoje, não! — cochichou, apontando para a casa. — Pelo que a Dina falou, ele não está nos melhores dias.

— O que ela te falou? — perguntei apreensiva. — O que houve?

— Ele bebe muito, dona Rafaela. Quebra tudo, desacata todo mundo que aparece na frente dele.

Antônio era um homem jovem ainda, moreno muito queimado pelo sol e sempre foi muito amável comigo. Continuou falando com sua simplicidade e se mostrando preocupado.

— O doutor está se acabando na bebida, sabe? Até a mãe ele escorraçou daqui, hoje mais cedo.

Foi por isso que Giordana me procurou. Eu não podia ficar alheia àquela situação, mas pensei por um instante e me lembrei de Dan pedindo que eu não ficasse sozinha com Marco, então resolvi voltar para casa.

— Você tem razão, Antônio, eu não vou conversar com ele hoje. Por favor, não comente que me viu aqui, está bem?

— É claro, dona Rafaela. Ah, amanhã vou cuidar do jardim do casarão. Deixo tudo conforme a senhora gosta.

— Obrigada, Antônio. Que bom!

Saí dali intrigada e angustiada. Ainda não havia entendido como Giordana sabia que eu estaria no casarão. Estava sendo difícil esquecer nossa conversa e fiquei ainda pior com as informações do jardineiro.

Ao chegar em casa, subi para tomar banho. Dan estava de plantão. Após o jantar, deitei na sala, com a televisão ligada e um livro na mão, mas foi impossível me concentrar em alguma coisa. Muitas vezes, como naquele momento, eu me sentia triste e egoísta porque eu era tão feliz com Daniel, enquanto Marco sofria horrores pelo mesmo motivo. Conferi as horas no celular e fechei o livro. Sentei, revirei meus cabelos, sacudi as pernas nervosamente, bufei e decidi. Talvez, eu me arrependesse para o resto da vida, mas naquele momento era a única coisa certa a fazer. Corri para o quarto e vesti a primeira roupa que apareceu na minha frente. Peguei minha bolsa e saí em direção à casa onde morei por tantos anos.

O percurso foi de tortura. A voz de Dan vibrava em meus ouvidos dizendo que

não devia me expor com Marco. Mas saber o quanto estava perdido, e não fazer alguma coisa, seria motivo para sentir culpa pelo resto da vida.

Fui recebida por dona Célia. Ela tinha uma expressão curiosa e, ao mesmo tempo, parecia consternada com a minha presença ou talvez eu estivesse vendo coisas.

— Eu ainda não a agradei pelo que fez por mim naquela tarde.

— Esqueça isso, do... Rafaela. Não foi nada.

— Onde está o Dr. Marco?

— Ele está no quarto, mas acredito que esteja dormindo. Ele tem dormido cedo...

— Dona Célia, não precisa fazer esses rodeios comigo. Eu sei o que está acontecendo e é por isso que estou aqui. — Respirei fundo e tentei me mostrar segura, mas eu realmente ainda não sabia o que estava fazendo ali. — Avise a ele, por favor.

Ela pediu licença e subiu e alguns minutos depois, Marco estava à minha frente: irreconhecível, com cabelos mais longos, barba por fazer, olhos vermelhos, roupas amassadas e um semblante, desesperadamente, triste. Seu olhar era inexpressivo e ele não disse uma única palavra.

— Marco, desculpe pela hora, mas eu precisava muito falar com você, eu...

Foi como se minhas palavras o tirassem do transe e ele começou a ajeitar os cabelos e colocou a camisa para dentro da calça. Apontou o sofá para que eu sentasse e o fiz sem tirar os olhos dele. Havia uma atmosfera de terror naquela sala. O silêncio dele martirizava, porque eu mesma não sabia o que lhe dizer. Ele não parecia mais estar sob os fortes efeitos do álcool, mas era evidente que não estava em seu estado normal.

— O que você quer, Rafaela? — era uma pergunta simples, mas saiu de sua boca com dificuldade e tensão. — Por que está aqui?

— Não sei, mas estou muito preocupada com você.

Ele sentou ao meu lado e seus olhos se encheram de lágrimas, mas nada respondeu.

— O que está fazendo de sua vida, Marco? — Aqueles olhos tão machucados estavam acabando comigo e comecei a chorar. — Você precisa de ajuda. Está se matando aos poucos, não vê?

— Talvez seja o melhor para todos nós. Alguém precisa sair morto dessa história.

— Isso é besteira! — Ele abaixou a cabeça e eu o fiz me olhar. — Marco, olhe pra mim. Você ainda é muito novo. Precisa refazer a sua vida. Precisa procurar um tratamento.

— Perdi o rumo, Rafa. — Ele colocou a cabeça em meu colo e eu levantei as mãos sem saber o que fazer. — Por favor, preciso que me ajude! — ele implorou.

Meu coração estava em pedaços e eu toquei e acariciei seus cabelos.

— Precisa reagir, Marco. Por favor! Estão todos muito preocupados com você. Marco? — Sacudi seus ombros para que respondesse. Ele levantou o corpo e, para minha surpresa, concordou.

— Desculpe, eu não queria que isso estivesse acontecendo. Faço qualquer coisa que peça, Rafa. Amanhã mesmo vou procurar um médico ou um psicólogo.

— Sei que nossa relação acabou da pior forma possível, mas quero que saiba que torço por você. Quero que fique bem e feliz...

— Não posso ser feliz sem você, mas não quero mais te fazer infeliz.

— Precisa se esforçar por você.

Ele me olhou por instantes e depois segurou meu rosto. Estava bastante emocionado, mas sorriu para mim.

— Como você está?

— Bem — limpei as lágrimas e segurei sua mão para que não se prolongasse naquele gesto —, eu estou bem.

Ele afastou-se bruscamente de mim.

— Rafa, valeu por ter se preocupado e vindo aqui, mas é melhor que vá embora agora.

— Claro! — concordei, sem graça. — De novo, desculpe pela hora. — Levantei com a sensação de missão cumprida. Estava surpresa com a reação dele, mas achei que, finalmente, havia entendido que precisava se tratar e isso me deixou bastante aliviada. — Fique bem!

— Obrigado.

Saí às pressas, sem olhar para trás, mas senti seus olhos sobre mim. Eu estava leve e acreditei que tudo havia sido um grande exagero da Giordana e do Antônio. Marco estava triste e fui sincera quando disse que precisava de ajuda, mas ele estava consciente de que havíamos acabado mesmo, em definitivo, e foi a primeira vez que ouviu e não fez escândalos ou perdeu a calma.

Meu telefone vibrou assim que coloquei os pés em casa. Era Dan e só me ocorreu que não havia necessidade de preocupá-lo com os últimos acontecimentos, afinal, tudo tinha sido resolvido. Conversamos um pouco e então fui deitar e procurei esquecer aquele dia fatídico.



— **RACHEL, EU ESTOU indo para** o casarão. Vá para lá, agora!

— *Você tá ligada que eu tô na faculdade? O que houve?*

— Esquece a aula! Estarei lá em vinte minutos. Não demore.

Desliguei o telefone sorrindo e fui caminhando até o estacionamento. Ao entrar no carro respirei fundo e olhei meu rosto no espelho retrovisor procurando alguma diferença. Eu estava com um nó na garganta. Nem sabia direito o que estava sentindo. Pensava em Daniel o tempo todo. Procurei me acalmar e, involuntariamente, dirigi com cuidado ainda maior.

Cheguei no casarão e Bob, como sempre, veio ao meu encontro. Ele estava feliz e pulava fortemente contra mim. Tive que agachar para acalmá-lo. Incrível, mas, pela primeira vez, tive medo que a euforia dele me machucasse.

— Meu menino lindo! Também está feliz? Ahn?

Rachel chegou logo em seguida. Subiu correndo pelo jardim até chegar aos fundos da casa. Ela estava linda com duas tranças mal feitas nas laterais da cabeça, calça rasgada e seus coturnos extravagantes. Beijou meu rosto e me

abraçou feliz.

— Ei, e aí? Qual a loucura da vez?

— Loucura define tudo mesmo.

— Ai, fala logo, Rafa, que suspense chato! — retrucou abaixando para acariciar a cabeça do Bob. — O que tá pegando?

— Está bem, eu falo...

— Bob, ela tá me torturando. — Ela conversava com o cachorro imitando voz de criança. — Diga a ela que isso não se faz!

— É bom mesmo ir treinando esses mimos.

— Ai, você é muito chata, Rafaela. Eu vim correndo pra saber o que aconteceu e você fica me enrolando. Qual é?

Rachel protestou fazendo cara de choro, o que a deixava ainda mais linda, e como sempre me divertia muito.

— Você vai ser tia! — contei de uma vez só, batendo palmas e sapateando. — Estou grávida!

Ela arregalou seus lindos olhos verdes, que mais pareciam o oceano e levou as mãos à boca. Estava de queixo caído. Depois, abriu um enorme sorriso e gritou sem acreditar no que estava ouvindo.

— Nãoooooo, cara! Você tá zoando?

Abri os braços para ela e recebi o seu mais caloroso abraço.

— Não! Eu já desconfiava, andava um pouco enjoada e ontem fui ao médico e fiz o exame. Hoje peguei o resultado. Meu Deus! — exclamei eufórica. — Nem sei o que pensar.

— Massa! E o Dan? Já sabe?

— Não, só você sabe, por enquanto. Nem sei o que ele vai pensar a respeito — falei um pouco receosa. — Nunca conversei com Daniel sobre filhos.

— Como assim “Nunca conversei sobre filhos”? O Dan é massa, cara. Ele vai amar! Liga pra ele. Ai, meu Deus! — Rachel estava radiante e ainda mais eufórica que eu. — Já pensou na cara do pai e da mãe? Vão pirar de alegria! Putz, eu achava que nunca seria tia. O Marcão vai morrer de ódio!

— Calma, Rachel, você está me deixando zozza. Uma coisa de cada vez. — Ela me abraçou de novo sorrindo muito.

— Vamos ter um bebê! Como vou ficar calma? Rafa, um bebê! Quando vai nascer?

Ambas tocamos meu ventre. Nada ali aparentava estar diferente, mas eu já me sentia outra pessoa.

— Vou levar o resultado para o médico amanhã, mas, pelas minhas contas, ele nascerá em pouco mais de sete meses.

O sorriso não saía de meus lábios.

— Você vai ficar ainda mais linda, minha mana, gata, linda! Eu amo você! Não poderia ter uma irmã melhor.

— Eu quero que você seja madrinha do meu bebê. — Consegui emocionar minha irmãzinha. Ela deixou uma lágrima rolar por seu rosto. — Você é a pessoa certa para ser a segunda mãe dele, tenho certeza.

Novamente nos abraçamos e resolvemos reunir a família num jantar, naquela noite, para contarmos a grande novidade.

Rachel voltou para a faculdade e eu fui ao shopping. Comprei um vestido larguinho azul-claro que me deixou, realmente, com jeito de grávida. Estava me sentindo a mulher mais linda do mundo. Como Dan estava com o consultório lotado naquela tarde, combinamos de nos encontrarmos direto no restaurante. Meus pais foram me buscar em casa e papai desceu para me encontrar. Deu-me um beijo e um abraço e, como de costume, não percebeu nada de diferente em mim. Seu Osvaldo era assim, completamente distraído com tudo. Com ele não funcionava insinuar ou esperar que percebesse mudanças, tudo tinha que ser falado com todas as letras. Descemos de braços dados, conversando amenidades. Beije minha mãe, que esperava no banco dianteiro do carro, e ela logo comentou:

— Nossa, minha filha, que vestido lindo!

— Você gostou, mãezinha? Comprei hoje! — Puxei as pontas laterais do vestido e alisei minha barriga. Minha mãe imediatamente percebeu que havia algo diferente em mim.

— É impressão minha ou você está ainda mais bonita?

— Mãe, a Rafa é sempre linda! É parecida comigo — retrucou Rachel que esperava no banco de trás. — Vamos logo, estou morrendo de fome. Mete o pé aí, paizão!

Gargalhamos e seguimos animados. Eu estava radiante e não via a hora de encontrar Dan e contar logo, a todos, as boas-novas. Rachel acariciava minha barriga, de vez em quando. Falamos sobre os planos para a reconstrução do casarão. Teria que ser aos poucos, por ser uma obra extremamente cara, mas estávamos confiantes de que tudo daria certo.

Entramos no bairro italiano, num dos muitos restaurantes típicos, um dos mais antigos e tradicionais. Escolhemos uma mesa no canto do enorme salão. Dan ainda não havia chegado. Eu ficava cada vez mais ansiosa. Ele estava atrasado, o que era bem comum. Daniel costumava atender todos os seus pacientes sem pressa. E sempre procurava encaixar outros casos mais urgentes e os atendia como se tivessem um horário agendado, com a mesma atenção. Suas consultas demoravam em média uma hora, cada.

— Estão com fome? Dan deve chegar logo!

— Eu estou com muita fome — Rachel respondeu. — Vou pedir a entrada.

— Filha, calma! — minha mãe chamou sua atenção. — Vamos esperar o Daniel.

— Ele chegou! — papai avisou.

Ele entrava pelo salão e meu coração disparou ao vê-lo. Fiquei um pouco insegura sem saber se fiz certo em chamar a todos para dar a notícia. Talvez tivesse sido melhor falar com Dan a sós, antes de todo mundo.

Ele foi se aproximando, vestido num jeans preto e uma camisa branca com

listras fininhas marrons. Estava lindo e tinha os cabelos ligeiramente molhados. Sorriu para mim, tão logo me avistou e levantei para recebê-lo.

— Oi, meu amor! — Ele beijou meus lábios com saudade e me abraçou afetuosamente. — Que linda você está.

— Oi, amor. — Apertei-o contra mim e dei mais alguns beijinhos em seu rosto. Ele estava deliciosamente perfumado, mas me senti um pouco enjoada. — Eu estava ansiosa te esperando.

Ele se afastou e cumprimentou meu pai, beijou minha mãe e a Quel, que foi logo reclamando:

— Ai, Dan, cara, eu não aguento mais de fome. Vamos pedir?

— Claro, desculpem o atraso, mas hoje o consultório estava lotado — respondeu, sentando ao meu lado e segurando minha mão. — Resolvi passar em casa para me trocar.

Fizemos os pedidos e Dan olhou-me nos olhos. Ele estava sorrindo e seu olhar entregava todos os seus pensamentos.

— Você está linda! Ainda mais linda do que já é. — Ele beijou minhas mãos e depois minha testa. — Estamos comemorando algo? — perguntou se dirigindo a minha família.

— Eu também gostaria de saber. Há um clima de suspense no ar, não é, Oswaldo? — respondeu minha mãe e depois, voltou-se para Rachel. — Vocês duas estão tramando alguma coisa.

— Mãe! Eu, hein! Nunca tramo nada. Já a Rafa...

— Quel! — chamei sua atenção para que parasse de falar. Não sabia se aquela era a hora certa. Na verdade, nem sabia se haveria uma.

— Não falei nada! — Ela estava se divertindo com meu nervosismo e instigou Dan.

— Até eu fiquei curioso. O que acontece, Rafa?

— É, fala logo, Rafa. — Minha irmã estava mais ansiosa que eu. Meu pai entrou no assunto.

— Quero saber, pela cara de vocês a notícia é boa.

— Fale, filha, será o que estou pensando?

— Vai, desembucha, mana. Manda ver!

Todos riram de minha irmã que, como sempre, roubava a cena. Comecei a falar timidamente:

— Bem, eu... pensei em deixar para contar no final da noite, mas já que a Quel...

Minha irmã me interrompeu revirando os olhos e largou o seu celular sobre a mesa, impaciente.

— Aiiii, Rafa. Vai direto ao assunto. Que enrolação!

Todos riram, de novo, do seu jeito aloprado.

— Meu amor, mamãe, papai, queremos que este momento seja muito especial para todos vocês. — Comecei a sorrir e, involuntariamente, coloquei as mãos em meu ventre. — Que vocês fiquem tão felizes quanto nós estamos.

— Nós? — perguntou Dan, com as sobrancelhas levantadas.

— Sim, meu amor — falei baixinho olhando-o nos olhos e tentando prever sua reação. — Eu e o nosso filho.

— Meu Deus! — minha mãe quebrou o silêncio, levando as mãos ao peito e de boca aberta, recebeu o abraço de meu pai. — Um neto...

— Vamos ser avós, Iolanda! — papai repetiu radiante. — Vamos ser avós!

Dan continuou me olhando e comecei a sentir medo da reação dele.

— Dan? O que houve? Pelo amor de Deus, fale comigo!

Ele tinha os olhos arregalados e cheios d'água. Fiquei desnorteada. Todos

ficaram em silêncio esperando que ele reagisse. As lágrimas começaram a descer por seu rosto e acariciei seus cabelos. Meu coração estava descompassado. Dan parecia estar em choque e seus olhos estavam vidrados. Colei minha testa na dele e segurei seu rosto com as duas mãos. Deixei-o chorar por alguns minutos e fui limpando suas lágrimas com meus polegares. Minha mãe também estava emocionada.

— Dan! Você está bem?

— Não, Rafa. Como eu poderia estar bem? — Ele limpou os olhos com as mãos e deixou escapar um soluço. — Você quase fez meu coração parar! Meu Deus, vamos ter um filho, Rafa?

— Sim, amor. — Beijeí sua boca, seu nariz e sua testa. — Nosso filhinho, Dan!

— Eu nem acredito! Quando descobriu?

— Hoje! Quer dizer, só tive certeza hoje.

— Nem sei o que dizer! Desculpe, não tenho palavras... Na verdade, felicidade não define o que estou sentindo. É algo mais forte...

— Que susto, Dan, por um momento eu pensei que...

— Eu não esperava. Não sei explicar o que estou sentindo... Mas é algo bom.

Finalmente, ele me abraçou, beijou e sorriu. Meu pai levantou e primeiro abraçou ao Dan.

— Parabéns, Daniel! Que boa notícia! — Então, voltou-se para mim e me abraçou forte. — Deus os abençoe, minha filha! Estamos felizes demais com nosso primeiro neto.

Minha mãe também veio até mim.

— Mãezinha! — Curvei para abraçar minha mãe, que era bem mais baixa. — Está feliz?

— Muito, minha filha. Foi mesmo uma linda surpresa. Essa criança é e será

muito amada por todos nós. Que Deus os abençoe, filha.

Rachel também foi abraçar ao Dan.

— Aí! Parabéns, *cunha*. E já aviso que sou a madrinha. A Rafa já convidou e já topei.

— Obrigado, Quel. Ótima a escolha da Rafa. Eu concordo!

— Galera, vamos pedir champanhe? — Rachel sugeriu já levantando a mão para chamar o garçom.

— A Rafa não pode beber — Dan retrucou me puxando para junto dele. — Nada de álcool, dona Rafaela.

— Viu no que dá casar com médico? Vai ficar no seu pé, mana.

Brindamos e jantamos com muita alegria. Estávamos numa fase incrível. Há alguns anos, eu nem imaginava que um dia teria um filho e, de repente, isso era real em minha vida. Ele estava dentro de mim e já me sentia a mãe mais feliz e realizada.



PASSEI A TER ENJOOS CONSTANTES, principalmente, pela manhã. Minha barriga começou a aparecer, mas eu não havia ganhado muito peso, pois nada parava em meu estômago. Perfumes e produtos de limpeza com fragrâncias fortes estavam proibidos em nossa casa, devido às náuseas que me causavam. Eu fazia questão de usar vestidos de gestante, apesar de minhas roupas ainda servirem. Daniel me acompanhava em todas as consultas e analisava todos os exames, cuidadosamente. Eu estava muito feliz e adorava ser tão paparicada por todos. Rachel contava os dias e comprava muitas roupinhas lindas e mamãe dizia que muitas nem seriam usadas, pois os bebês crescem muito rápido.

Desde que estive com Marco, ainda que não o tivesse procurado mais, de vez em quando, eu ligava para dona Célia, para saber como ele estava. A informação que tive era de que ele começou a frequentar um psicólogo, abandonou depois da terceira seção, mas estava mais controlado e trabalhando normalmente, o que para mim foi um alívio. Eu não deveria, mas me preocupava muito com a situação dele e tudo que não queria ou precisava era me sentir culpada por sua infelicidade.

Naquele final de tarde, cheguei com Bob, como fazia diariamente, e fiquei feliz ao perceber que Daniel já estava em casa, seu carro estava na garagem. Ele havia ficado fora por mais de vinte e quatro horas, o que não era muito comum,

depois que nos casamos. Eu estava morrendo de saudades dele. Subi as escadas em direção ao quarto, cheia de vontade de abraçá-lo. Levei um susto ao ver uma mala ao lado da cama. Ele estava no chuveiro e não havia mencionado nada sobre viajar. Joguei minha bolsa na poltrona e entrei no banheiro.

— Dan?

Ele desligou imediatamente, vestiu um roupão, abriu a porta do box e saiu secando os cabelos.

— Rafa.

— Vai viajar? — Assim que me aproximei, percebi que algo estava errado. Ele jogou a toalha no box e evitou me olhar. — Dan, o que houve?

— Vou para São Paulo — respondeu friamente, já se dirigindo para o quarto. — E de lá voou para Frankfurt.

— Como assim? De repente? — Fiquei ainda mais nervosa e sentei na beirada da cama. — Alguma emergência, amor? Aconteceu alguma coisa?

— Não, Rafa. Está tudo bem, não aconteceu, absolutamente, nada. — Ele começou a se vestir e, apesar de parecer triste, respondeu calmamente: — Eu aceitei participar de um congresso. Devo ficar fora uns dias.

— Você está bem? — Eu sabia que não estava, mas não entendia o motivo. — Parece nervoso.

— Não se preocupe comigo.

— Mas... desde quando decidiu isso? — Senti as lágrimas descerem vagarosamente por meu rosto, respirei fundo e tentei secá-las, mas não consegui controlá-las. — Quanto tempo ficará fora? Por que não me falou nada?

— Porque eu não ia. Nem cogitava a ideia. — Ele vestiu a camisa e ajeitou os cabelos com os dedos e, então, aproximou-se. — Eu decidi aceitar o convite, nesta madrugada, depois de pensar muito, durante o plantão.

— Dan, o que está acontecendo? — Olhei para o alto para encará-lo suplicando que explicasse o que se passava em sua cabeça. — O que o fez

decidir viajar?

— Rafa, escute. Acho que merece uma explicação... É que... — Ele engoliu em seco demonstrando o quanto estava sendo difícil falar o que precisava. — Você não me conhece direito. E nem sempre sou esse cara perfeito que pensa...

— Do que você está fal...

— Eu mudei de ideia sobre nós. — Ele saiu de perto de mim e ficou parado por um tempo perto da porta. Escondeu o rosto no braço e deu uma lufada. — Você pode ficar aqui. Quando eu voltar, decidiremos como resolver as coisas. Agora eu preciso ir.

— Dan, você está me deixando? — perguntei arrasada e senti muito medo da resposta. — Eu não estou entendendo. — Comecei a tremer e um pavor tomou conta de mim. Ele estava indo embora. — Você pode ser mais claro?

— Estou te deixando, Rafaela. Se você prefere que eu diga assim. — Ele estava pálido e sério e, pela primeira vez na vida, senti raiva dele. — Acho que me precipitei, não devíamos ter casado. Eu sinto muito.

— Você sente muito? — comecei a gritar. — Como me diz isso assim? Com essa naturalidade? — Então implorei: — Daniel, não pode estar falando sério!

Ele levantou, pegou a mala, e o passaporte sobre o criado-mudo. Estava visivelmente emocionado, mas apenas disse que tinha que ir e saiu do quarto sem me olhar. Corri atrás dele e parei no alto da escada.

— Dan...

Ele parou, olhou para o teto por alguns segundos, tempo suficiente para que eu tivesse esperanças de que voltaria, mas ele seguiu em frente e me deixou arrasada. Tentei chamá-lo novamente, mas minha voz não saiu. Eu me encolhi no chão em posição fetal e chorei, não sei por quanto tempo. Não conseguia entender o que estava acontecendo.

Voltei ao quarto e observei a porta do armário dele, aberta. Os vários cabides vazios mostravam que aquela viagem seria longa. Acaricieei suas camisas, chorei inconformada. Dan não era assim. Eu não poderia ter me enganado tanto, de novo. Peguei no criado-mudo o porta-retratos com nossa foto mais bonita, em

que olhávamos, apaixonadamente, um para o outro, e fiquei agarrada a ele, tentando memorizar nossos últimos momentos juntos, buscando algum indício de que isso fosse acontecer. Não havia, por mais que me esforçasse para lembrar, nada havia acontecido que justificasse aquela decisão repentina, mas entendi o porquê de seu plantão dobrado. Ele estava evitando voltar para casa. Meu Deus, ele devia estar tendo um caso. Mas como isso era possível? Ele não seria capaz. Daniel me amava, não tinha dúvidas disso, até aquele dia. Tentei imaginar como seria minha vida, grávida e sozinha. Não entendia como tudo podia desmoronar de uma hora para outra, mas aquilo estava mesmo acontecendo. Eu não estava num pesadelo. Senti enjoo e corri para o banheiro vomitar. Chorei sentada no chão. Segurei meu ventre com carinho e conversei com meu bebê:

— Eu não vou deixar que nada de ruim aconteça. A mamãe vai cuidar de você. Não se assuste, filhinho! O papai deve estar com algum problema, mas ele será sempre um bom pai.

Resolvi ligar para Dan. Eu não conseguia me conformar com o que estava acontecendo, porém ele não atendeu. Talvez já estivesse voando. Tomei um banho e desci para comer. Mamãe ligou e não tive coragem de contar o que havia acontecido, mas, em seguida, liguei para Rachel.

— *Oi, Rafa. E aí?*

— O Dan me deixou.

— *Ah tá, pegadinha essa hora?*

— Não sei o que houve. — Comecei a chorar histericamente. — Ele disse que foi tudo um grande engano.

— *Mana, pera... Olha, você está grávida, não pode se emocionar assim. Eu vou pra aí, agora.*

— Não, Quel. Eu vou dormir e tentar esquecer isso tudo. Amanhã conversamos.

— *Tá louca? Como vou conseguir dormir pensando que tá aí, mal deste jeito. Vou agora. Está no casarão?*

— Não. Estou em casa, quer dizer, na casa do Dan.

— *Dá meia hora e chego aí. Fica calma.*

Tomei um banho e um chá de erva-cidreira. Não consegui comer. Rachel chegou e sentamos, eu, ela e Bob, na sala. Ela me deixou chorar tudo que eu precisava, até porque, cada vez que tentava falar, voltava a derramar lágrimas, desesperadamente. Senti medo que aquela carga emocional fizesse algum mal para o meu bebê.

— Dan não pensou nisso. Não se preocupou nem com o filho dele.

— Cara, não tô conseguindo filtrar isso. — Ela pensou um pouco. — Rafa, você não tá sendo louca de achar que o Daniel queria isso, né?

— Quel, e se ele tiver uma amante?

— Amante? — ela deu uma gargalhada forçada. — Vá se ferrar, Rafaela! Tudo bem que você esteja nervosa, a coisa é sinistra, mas cogitar a ideia dele ter uma amante é cômico.

— Eu sei que parece estranho — concordei sentindo alívio com as palavras dela. — Mas não sei mais o que pensar. Ele saiu daqui arrasado, mas muito decidido.

— Só ele poderá explicar. Vamos respeitar. Talvez precise desses dias fora. A distância vai ajudar a discernir melhor sobre isso tudo. Tá ligada?

Minha irmãzinha estava certa, não havia mais nada que pudéssemos fazer.

— Bora pra cama descansar, mana. Na boa, amanhã ele deve ligar e as coisas vão se esclarecer. Vou ficar com você, para o que der e vier.



Daniel ligou quando desembarcou na Alemanha, apenas para avisar que chegou bem e pediu que eu só ligasse se realmente precisasse de alguma coisa. Foi um telefonema de alguns segundos, que causou ainda mais dor em meu

coração.

Exatos vinte e um dias se passaram e eu não tinha notícias dele. Ninguém entendia o que estava acontecendo. Eu me martirizava procurando motivos e até me culpando por ter feito algo que o levasse a tomar aquela decisão. A opinião de minha família era unânime de que algo estava errado com ele. Minha mãe chegou a pensar que Dan estava doente e foi procurar algum tratamento fora, mas quis me poupar, não contando o verdadeiro motivo. Mas eu o conhecia e sabia que me contaria.

Naquela noite, liguei para ele, com esperança de resolvermos nossa situação.

— Podemos conversar? — Meu coração era uma bomba prestes a explodir.

— *Desculpe por não ter avisado que cheguei.* — A voz dele também parecia nervosa. — *Como está o bebê?*

Ele não perguntou como eu estava, quis saber apenas do filho.

— Está bem. Fiz um ultrassom hoje. Tudo normal.

— *Que bom!*

— Sim! — Eu não sabia como falar sobre a separação. — Onde está morando?

— *Estou num apart perto do hospital.*

— Vou sair daqui, Dan. Por isso liguei. Precisamos acertar nossas vidas.

— *Não!* — Ele foi categórico. — *Não quero que saia. Espere o bebê nascer e, então, você decide sobre isso. Não preciso da casa.*

— Dan, por que estamos passando por isso?

— *Rafa, eu me pergunto isso, todos os dias.*

— Eu amo você, Dan.

— *Eu preciso desligar. Vamos conversar pessoalmente, num outro dia, está bem?* — Ele se despediu. — *Tchau.* — E desligou.

O amor havia mesmo acabado, do contrário, não faria isso comigo. Ele não reagiu quando eu disse que o amava. Foi frio, impiedoso. Eu precisava começar a me conformar com aquela situação ou ficaria igual ao Marco, implorando por uma nova chance. Não podia forçá-lo a ficar comigo e muito menos a me amar. Havia uma loucura instalada em minha cabeça. Não estava conseguindo raciocinar direito. Chorava todos os dias e muitas noites dormi aos prantos, estava esperando ansiosamente que chegasse de viagem, com esperança de que me procurasse para resolvermos tudo, mas ele chegou e não fez isso. E quando eu liguei, fugiu de mim, foi evasivo. Daniel era ainda pior que Marco, porque não era capaz de falar aberta e honestamente comigo. Porque não foi capaz de admitir, que esteve apenas brincando de bom marido, de homem apaixonado, de par perfeito. Naquela linha de pensamento, não foi muito difícil tomar uma decisão.

Na manhã seguinte, liguei para papai avisando que não iria trabalhar. Não adiaría mais nem um dia. Precisava saber o que havia acontecido e Daniel teria que falar. Eu não sabia se ele estaria no hospital, mas foi lá que arrisquei a ir primeiro. Se não o encontrasse, tentaria o consultório mais tarde. Entrei pela recepção e segui pelos corredores que davam acesso aos quartos, pois, pela emergência, não teria como chegar a ele sem ser anunciada. Eu conhecia todos aqueles corredores, que mais pareciam labirintos. Desci a rampa que dava à área restrita do pronto atendimento. Segui pelos corredores frios e longos, cheios de portas das muitas salas de exames, por onde circulavam cadeiras de rodas, gente sofrendo e gemendo. Energia ruim que me oprimia ainda mais e trazia péssimas recordações. Meu coração estava quase saindo pela boca. Cheguei ao posto de atendimento e olhei o quadro de plantonistas, na parede. Ele não estava de plantão.

— Rafa, o que faz aqui?

Olhei assustada e vi o Dr. Leonardo, amigo de Dan, com olhos surpresos, esperando uma resposta.

— Oi. — Fiquei aliviada ao ver um rosto conhecido. — Estou procurando o Daniel.

— Ele está em casa. Saiu há poucas horas. — Dirigiu o olhar para a minha barriga. — Você está bem?

— Estou. Preciso do endereço do apart, você tem?

— Chegue aqui, Rafa. — Ele pegou meu braço e foi me levando para a saída, como quem queria confidenciar alguma coisa. — O Daniel está um lixo e por isso vou te passar o endereço. Bem, ele também não me proibiu de fazê-lo, mas depois do que aconteceu, acho que merece um pouco de sossego.

Leonardo era o melhor amigo de Dan e seria padrinho de nosso filho junto com a Rachel, eu devia tê-lo procurado antes, era claro que sabia o que havia acontecido.

— Acredite você ou não, eu não sei o que aconteceu — esclareci cheia de amargura e esperança. — Por isso quero o endereço. Eu preciso resolver essa situação. Não aguento mais.

— Meu Deus, como você não sabe? — Ele caminhava ao meu lado pelo corredor em direção à recepção do hospital. — Está querendo dizer que não conversaram desde que ele chegou? Cara teimoso!

— Ele está fugindo de mim.

— Desculpe, mas não tiro a razão dele. — Chegamos ao meu carro, no estacionamento. — Por isso não me caso — ironizou. — Preciso voltar ao PA. Anote o endereço.



O recepcionista indicou os elevadores, depois que Daniel me autorizou a subir. Toquei a campainha do apartamento e aqueles segundos, até que a porta se abriu, pareceram uma eternidade. Ele ficou parado e eu estremeci ao ver tristeza e também saudade naqueles olhos. Não resisti e me atirei em seus braços. Chorei agarrada ao seu pescoço. Dan me abraçou forte e me puxou para dentro, batendo a porta atrás de mim. Aquilo foi o suficiente para eu sentir o quanto ainda me amava e todas as minhas decisões caíram por terra, naquele momento.

No instante seguinte, ele se afastou de mim.

— Sente. — Apertou a boca e mostrou o sofá. — Vamos conversar.

— Dan, eu vim porque não aguentava...

Ele não me deixou terminar.

— Por que não contou sobre o Marco?

Levei um susto tão grande que fiquei paralisada olhando-o sem conseguir responder.

— Por que escondeu que estava visitando-o?

— É isso? — Não sabia o que pensar. — Você não está achando que... Eu não o estava visitando. Dan, que loucura é essa?

— Explique você. Eu fiz uma pergunta simples, Rafa. Por que não contou?

— Não dei importância. Não quis te preocupar.

— Há quanto tempo vinha evitando me preocupar? — Ele me encarava com olhos apreensivos e parecia arrasado, mas não alterou o tom de voz, nem por um segundo. — Fale, Rafaela.

— Estive lá uma vez, apenas, porque soube que ele estava se matando, bebendo muito. Eu me senti culpada, quis fazer algo por ele.

Daniel prestava atenção e mantinha os olhos marejados, fixos aos meus.

— Eu não fiquei nem 15 minutos com ele. Como soube?

— Ele me procurou. — Havia muita mágoa saindo de seus lábios, junto com aquelas informações. — Mas não contou apenas, também mostrou os vídeos do monitoramento em que você aparecia entrando lá e uma relação de suas ligações, para a casa dele.

— Meu Deus! Como não imaginei isso? — Segurei a cabeça entre as mãos, sem acreditar na minha inocência, inconformada. — Eu estive lá duas vezes naquele dia, mas na primeira fiquei no portão conversando com o jardineiro. As ligações foram todas para a governanta, jamais falei com ele. Dan, como você

pôde acreditar nele?

— Eu não acreditei! Apesar de ele ter insinuado, inclusive, que poderia ser o pai do nosso filho. — Dan, começou a chorar contidamente, ao contar aquele absurdo. — Eu não sou perfeito, Rafa. Eu tenho meus medos, minhas inseguranças, minhas incertezas. Refleti muito e não tenho dúvida de que o filho que você espera é meu. Tenho e sempre tive certeza de seu amor. — Ele estava cada vez mais nervoso, caminhou para longe de mim. — Sei que não fez nada de errado, mas confiança é tudo. Por que não me contou, porra?! Sabe o que passei por ter escondido isso?

— Você não enxerga? Era exatamente o que queria. — Fui até ele. — Como entrou no jogo dele? — Fiquei decepcionada com a sua atitude e quis deixar isso claro. — Por que não falou o que havia acontecido? Podíamos ter evitado tudo. Estou há dias sofrendo, pensando mil coisas. Como pôde fazer isso?

— Como você acha que eu fiquei? Acha que não sofri? — Dan perdeu a calma comigo, pela primeira vez. — Ele tinha fotos deitado no seu colo, sendo acariciado por você! — gritou comigo, como jamais havia acontecido. — Como ainda me acusa, Rafa?

Naquele momento ele me nocauteou, Marco usou as imagens do monitoramento. Ele aproveitou de um momento de ternura que tivemos e de trégua, para usá-lo contra mim.

— Você estava preocupada em ajudar seu ex-marido, e não pensou que eu poderia ser um dos interessados em saber o que estava acontecendo? Como acha que foi receber essa notícia por ele?

— Você não confiou em mim — acusei-o sem pena. — Foi covarde! Preferiu fugir a esclarecer tudo. — Peguei minha bolsa decidida a sair daquela discussão. — Seja honesto, você acreditou nele! Que merda, Dan!

— Tente se colocar no meu lugar, Rafa, e não me culpe por algo que você fez. Não entende, que se tivesse me contado, eu não ficaria com cara de idiota diante dele? — Respirou fundo e despejou as maldades de Marco sobre mim, como eu merecia. — E eu não teria perdido a calma e o enxotado do meu consultório, quando vomitou que você casou comigo, mas sentiu falta do que ele te dava.

— Meu Deus, Dan! Chega! — gritei completamente aturdida. — Você

acreditou! Como pôde acreditar nele, Dan?

Não podia mais ouvir aquelas acusações. Pela primeira vez, Daniel me tirou do sério. Jamais imaginei que pudesse cometer uma injustiça daquele tamanho com alguém e fez, justamente comigo. Virei as costas e saí batendo a porta. Ele não tentou me segurar.



MARCO CONSEGUIU ACABAR COM MEU casamento. Eu perguntava o tempo todo, como pudemos deixar que conseguisse, mas a pergunta que mais me atormentava, era como pude ser tão burra de me preocupar com ele? Tentar ajudá-lo e não esperar uma atitude mesquinha como aquela? Muita ingenuidade.

Ele era capaz de qualquer coisa para atingir seus objetivos. Um homem cruel, frio e calculista, que pensava nas maldades que ia praticar. Para mim, isso o tornava uma pessoa má e não doente ou transtornado, pois, nesse caso, agiria por impulso e não premeditadamente. Nunca me arrependi tanto. Não de ter ido até lá, mas por ter escondido isso de Dan. Minha consciência estava me matando. Por mais que minhas intenções tenham sido as melhores, não podia ter omitido a minha visita ao canalha do Marco. Eu o conhecia bem, sabia o quanto era perverso e envolvia as pessoas nas suas artimanhas, não poderia esperar que Dan não se abalasse. Com certeza, foi a minha maior burrada.

Passei no casarão para ver como as coisas estavam e também porque lá era o meu maior refúgio, aquele lugar era o único onde eu encontraria paz para pensar melhor. A minha vontade era de procurar o meu ex-marido e jogar todo o ódio que estava sentindo, mas não daria esse prazer a ele.

Naquele momento, havia uma prioridade ainda maior. Eu amava Dan, mais do

que tudo, e não podia me afastar dele por causa de uma besteira como aquela. Mas estava claro que ele não me queria mais. Perdeu a confiança em mim, com razão, depois do que vi. Para piorar as coisas, ainda o acusei e ataquei. Como pude ser tão inconsequente? Mas, por outro lado, se tivesse contado sobre o Marco, tudo seria esclarecido no mesmo dia. Ele preferiu viajar, ficar dias fora, torturando a mim e a si próprio. Não havia como consertar aquilo. Fatalmente, eu seria uma mulher divorciada, de novo, mas, desta vez, isso significaria perder a pessoa mais importante: o amor da minha vida, meu amigo, meu marido, pai do meu filho. Eu prometi fazê-lo feliz.

Enquanto eu viver, vou te fazer sempre feliz, Dan! Juro, pelo número de estrelas que existem no céu, que serei sempre uma luz em sua vida! Seu brilho eterno!

Não poderia deixar que aquilo acontecesse. Seu Zé sempre ensinou que para tudo havia conserto. Eu precisava lutar por Daniel. Depois de tudo que vivemos, não podia ter dúvidas do seu amor, e só isso importava.



Já em casa, de banho tomado, meu corpo pediu para descansar, já que a mente não parava. Passava das oito da noite, quando deitei e puxei um edredom sobre mim. As pálpebras inchadas, por causa do meu choro constante, pesavam e não demorei a adormecer.

Não sei por quanto tempo havia dormido, parecia que muito, mas estava sonolenta e, ao pegar o celular, vi que apenas algumas horas havia se passado. Chovia torrencialmente e o vento sacudia as janelas. Levantei porque senti fome e estranhei, porque não lembrava de ter deixado as luzes acesas. Desci devagar, preguiçosa e quase caí para trás, ao ver Daniel dormindo no sofá, com um livro nas mãos. Bob estava ao seu lado, companheiro, solidário.

Aproximei-me nas pontas dos pés, não queria acordá-lo. Foi como estar num sonho daqueles que caminhamos entre flores e pisamos num gramado fofo que acaricia nossos pés e nos enche de prazer. Foi o que senti, ao olhá-lo ali, meio encolhido de frio, frágil como um garoto, dormindo tranquilamente. Ele estava

abatido e cansado, suas olheiras denunciavam isso. Dan me surpreendia sempre e o fato dele ter vindo para casa, só me fazia ter certeza de que era uma joia rara, peça única e por um algum motivo, que eu não entendia, fui merecedora.

Tirei o livro e segurei suas mãos, fiquei um tempo acariciando-as suavemente e depois apoiei meu rosto na palma de uma delas. Fechei os olhos para sentir aquele toque quente e macio e fiquei assim, sentada no chão ao seu lado, então ele sussurrou:

— Achou mesmo que ia se livrar de mim?

— Eu estava aterrorizada com essa possibilidade. — Olhei para ele com os olhos carregados de lágrimas, mas sorri. — Nunca mais, Dan... ouse sair de perto de mim.

Ele sentou e me puxou para seu colo. Eu envolvi seu pescoço com meus braços e deitei a cabeça em seu peito.

— Meu Deus, é surreal! Como pudemos acreditar numa artimanha dessas, digna de novela das oito? É... É coisa de vilão, tentando separar mocinhos!

— Agora sabemos, ainda que não funcione, maltrata, judia e dói. — Ele ficou sério de repente, e me olhou nos olhos. — Tenho medo do que ele seja capaz, Rafa. Sinceramente, ele me assusta.

— Dan, perdoe por eu ter subestimado o Marco. Não achei que ainda pensaria em algo como tentar nos separar. Isso é tão mesquinho.

— Nunca mais faça isso, Fada. Precisa prometer que ficará longe dele. Apesar de você não acreditar, ele é sim, muito doente. Vai, prometa...

— Não é doente, ele é mau. Egoísta, mesquinho, vingativo...

— Vai!

— Oi?

— Prometa, Rafa!

— Dan, seja sincero. Em algum momento, te passou pela cabeça que eu estava

mesmo envolvida com ele?

— Qual a importância disso agora, Rafa? — Ele me tirou do colo e levantou-se, ajeitando a roupa. — Não quero mais pensar nisso.

— Você acreditou... — Naquele momento sim, as lágrimas saltaram de meus olhos. — Você acreditou.

— Apenas porque escondeu. Acho que é natural que o primeiro pensamento seja o pior. — Ele bufou. — Vamos esquecer isso, meu amor. Por favor.

— E o que muda agora, Daniel? Nada? O quanto isso tudo abalou nossa relação?

Ele olhou desconfiado. Não estava entendendo onde eu queria chegar e nem eu mesma sabia qual o motivo de estar colocando-o contra a parede. Ficou um tempo tentando compreender e, então, tentou se fazer entender.

— Nada mudou, Rafa. Já passou. Não vamos mais pensar nisso.

— Não, Dan? Como pode dizer isso? Acabou de me fazer prometer que não vou mais encontrar com ele. O que é isso? — Levantei a voz quase sem perceber. — Demonstração de confiança?

— É medo. O Marco perde a cabeça quando o assunto é você, não entende? Rafa, eu não estaria aqui se não confiasse em você.

— Eu é que tenho medo, Daniel. Que desconfie de mim o tempo todo. Que eu não possa dar um passo sem que pense que estou fazendo algo errado e me crucifique, de novo.

— Não! — Ele ficou desesperado. — Eu não fiz isso e não farei.

— Não?! — gritei. — Saiu de casa por mais de vinte dias, Dan. Por que foi?

— Perdoe! — Ele se aproximou de mim e segurou meus braços. — Está sendo injusta comigo. Eu te amo e confio em você. Meu Deus, Rafa, eu te amo mais que tudo na vida. Faço qualquer coisa para que esqueça a minha fraqueza. — Puxou-me para junto dele. — Eu fiquei com ciúme. Sofri apenas por pensar que me escondeu algo relacionado a ele.

Mantive o corpo apoiado nele, mas não o abracei. Não sabia o que estava acontecendo comigo, contudo sabia que algo estava errado. Era como se não conseguisse ficar feliz por ele estar de volta. Quando me pediu que promettesse ficar longe do Marco, foi como se dissesse: “Eu não confio em você”. E aquilo estava me matando. Não era concebível. Quem ama confia. Dan curvou-se um pouco para me olhar, mas não me soltou.

— Rafa, o que está acontecendo?

— Não dá mais, Dan. — As lágrimas eram constantes e minha voz trêmula era quase um sussurro. Desde a despedida do vôzinho, aquelas foram, sem dúvida, as palavras mais difíceis que tive que dizer a alguém. — Eu não quero que seja assim. Não vou repetir o erro de viver com uma pessoa que não é capaz de me compreender e de confiar em mim. Não quero ter que passar por tudo isso de novo. E já que você se afastou por todos esses dias, melhor que fiquemos assim. — Chorei desesperadamente. — Vá embora, Daniel!

Ele me soltou. Engoliu o nó que sufocava sua garganta. Em seus olhos havia somente o brilho de uma lágrima que se equilibrava no canto, prestes a cair. Ele enfiou os dedos pelos cabelos nervosamente, andou um passo e voltou à minha frente. Coloquei as mãos sobre o rosto porque não suportava olhá-lo ou voltaria atrás.

— Não faça isso com a gente, Rafa. — Encarei-o e ele levantou a mão para tocar meus cabelos, mas ficou indeciso e não o fez. — Pelo amor de Deus!

— Por favor, Dan... Por favor...

Saiu de perto de mim e virei para olhá-lo. Ficou parado na porta, de costas. Então saiu sem olhar para trás. Quando a porta bateu atrás dele, foi como se alguém me batesse ou sacudisse. Eu não conseguia entender o que estava fazendo, mas sabia que se o deixasse ir embora, seria definitivo, ele jamais voltaria.

— Daniel?

Corri para a garagem. Ainda chovia muito. Senti minhas roupas se encharcarem e colarem no corpo, tão logo coloquei os pés para fora. Eu o encontrei debruçado no carro, aos prantos.

— Dan! — gritei para que minha voz encobrisse o barulho da chuva.

Ele olhou sem entender. Eu me aproximei devagar e segurei sua mão. Não precisei falar nada. Ele sempre compreendeu meus silêncios. Apertou minha mão e depois a levou aos lábios e beijou suas costas.

— Dan, eu...

Ele me puxou para junto dele e me apertou como se tivesse medo de soltar. Agarrei-me na sua cintura e ouvi seu coração batendo descompassadamente.

— Eu te amo demais, minha Fada. Como nunca achei ser possível e estou morto de medo.

Ele me ergueu, enlacei sua cintura com as pernas e o beijei, com muita saudade. Um beijo longo, molhado e voraz.

— Desculpe, meu amor. Eu não sei por que disse aquilo tudo, devia estar louca. Sabe o quanto te amo e que não posso viver sem você.

Nós nos beijamos de novo, de novo e de novo. E então, ele sorriu com a testa colada na minha.

— Agora desce, porque você está pesada.

Rimos entre lágrimas de emoção. Ele me colocou delicadamente no chão.

— O que está insinuando, Daniel? — Dei uns soquinhos em seu peito e ele se protegeu com as mãos. — Não devia provocar, somos dois contra um.

Depois de me dar outro beijo, passou o braço por meu ombro. No caminho, pelo jardim, apertou-me contra ele para me proteger do frio e beijou demoradamente minha testa.

— Eu faço merda, às vezes, mas jamais duvide do meu amor por você, Rafa.

— Shhh... — Coloquei os dedos sobre seus lábios e, em seguida, o beijei para que não falasse mais nada. — Não quero mais que falemos nisso. Estou com saudade, meu amor.

Fomos para o chuveiro e com a saudade que sentíamos, foi ainda mais perfeito fazer amor. Só paramos quando a minha fome se tornou insuportável. Eu precisava comer e alimentar nosso bebê. Dan cuidou disso, com muito amor.



COLOCAMOS UMA PEDRA NAQUELE ASSUNTO e jurei também sepultar qualquer coisa relacionada a Marco. Se eu voltasse a me preocupar com ele, seria considerada uma pessoa insana ou burra, e não boa. Foram as palavras certíssimas de Rachel.

Conseguimos descobrir que esperávamos um menino, somente no meu quinto mês de gestação. Dan estava muito ansioso, acompanhou o exame e choramos juntos ao ver as imagens de nosso garoto, na tela em 3D. Estávamos tão eufóricos com a notícia que passamos horas em frente ao computador, vendo decorações para quarto e significados de nomes. Por mim, colocaríamos o nome dele, com aquele tradicional Filho ou Junior no final, mas ele sugeriu Rafael.

— É uma bela forma de homenagear a mulher da minha vida. Ele será muito feliz com um nome tão lindo. — Sorriu e fingiu implorar. — Deixa, Rafa, por favor?

Eu jamais poderia dizer não a ele. Então, decidimos que nosso bebê seria Rafael Webber Marchetti e foi como passamos a chamá-lo; e ouvir seu nome, era como uma música suave para meus ouvidos.

Minha gravidez estava sendo tranquila. Os enjoos passaram, eu me sentia bem

e muito orgulhosa de minha barriga, que crescia mais rápido, a cada dia.

Trabalhei normalmente até entrar no nono mês de gestação. Estava bastante pesada e, de acordo com o obstetra, nosso bebê chegaria no máximo em quinze dias. Dan estava ainda mais ansioso que eu. Fez questão de acompanhar tudo. Cada consulta, cada exame e, sempre que possível, ia comigo na academia, cursos para gestantes e até fazer compras para o enxoval; decidíamos tudo juntos. Cuidou de mim dia após dia. Apesar de me sentir enorme, ele dizia que nunca estive mais linda. Estávamos todos eufóricos.

Meus pais transformaram meu antigo quarto num lindo aposento para o neto passar os finais de semana. Compraram berço, móveis e muitos brinquedos.

De vez em quando, gostávamos de passar as noites no casarão. Era um lugar mágico, onde tivemos alguns de nossos mais lindos momentos e, provavelmente, foi lá que concebemos nosso menino.

Resolvemos postergar o início da obra do Lar de Idosos para depois da chegada de Rafael. Durante aquele período estudamos os projetos, os custos, a parte burocrática, construtoras, capacidade e os gastos. Tudo para garantir que nada desse errado. Meu pai seria nosso sócio e o doutor Roberto cuidava da burocracia. Rachel trabalharia como psicóloga, a administração ficaria por minha conta e de minha mãe. Daniel e alguns de seus amigos, médicos de outras especialidades, cuidariam da saúde básica das pessoas. Seria um espaço pequeno com pouca capacidade, a princípio, mas tínhamos esperanças de que um dia pudéssemos aumentá-lo.

Nunca mais soube nada da vida do Marco. Pedi ao nosso jardineiro que não contasse sobre seus problemas, pois sabia que não poderia ajudá-lo. Ainda que eu quisesse, nunca seria a pessoa certa para fazê-lo, mas a sensação de estar sendo vigiada continuava.

Havíamos passado a noite na velha casa e, por volta das quatro e meia da manhã, acordamos com o celular de Dan chamando insistentemente. Acendi a luz do abajur e ouvi quando ele dizia que já estava a caminho, era do hospital. Quis levantar para preparar-lhe um café, mas ele não deixou.

— Não! Eu não vou demorar. Durma, ainda é muito cedo. Você está bem? — perguntou acariciando minha barriga enorme.

— Sim, estou ótima. E você, amor?

— Muito feliz, Rafa, você só me dá alegrias.

Ele me abraçou, beijou a minha barriga e depois a boca, apaixonadamente. Foi para o banheiro. Eu estava muito sonolenta, mas ainda consegui me manter acordada e receber outro beijo, antes dele sair.

— Eu te amo, Fada!

— Eu também te amo, Dante!

— Devo voltar logo e trarei o pão para o café. Descanse, meu amor.

— Dan... — murmurei agarrada ao pescoço dele.

— Oi? — Ele sorriu lindamente, olhando em meus olhos.

— Obrigada por me fazer tão feliz! Obrigada por ter entrado em minha vida e nunca ter desistido de mim! Obrigada por existir e ser meu oxigênio! Por ser meu porto seguro! Por ser o meu amor! Finalmente, obrigada por ter nascido e ser meu tudo...

— Nossa... Nem dá vontade de sair de perto de você, agora. — Ele me beijou longamente — Eu é que só tenho a agradecer, meu amor. Como falo sempre, você foi a melhor coisa que aconteceu comigo!

— Você é tão lindo!

— Meu Deus! Assim eu fico sem graça. — Ele sorriu e apertou meu nariz.

— Tem mesmo que ir? — Fiz biquinho e acariciei seu rosto lindo.

— É uma emergência. Tenho que ir, apesar que queria ficar.

— Eu te amo!

— Prometo que volto logo e passo o dia com você. — Deu-me outro beijo.

— E as consultas?

— Desmarcadas! Agora preciso ir.

De novo, ele me beijou com paixão. Levantou e sua mão percorreu toda a extensão de meu braço até a ponta do dedo médio. Aquele toque suave fez meu corpo todo arrepiar. Sorri e sussurrei:

— Até já!

— Até!

Ele não saiu. Ficou parado ao lado da cama me olhando. Por um momento, cheguei a pensar que estivesse em transe.

— O que foi, amor?

Ele voltou para o meu lado e me agarrou como se tivesse medo de me perder.

— Dan? O que há com você?

— Não me deixe nunca, Rafa. Não saberia mais viver sem você.

Seus olhos estavam marejados e eu o acalmei acariciando seus cabelos. Minha mãe dizia que homens ficam mais emotivos quando suas esposas engravidam, então, isso deveria estar acontecendo com ele.

— Nunca, Dan! Eu prometo.

Depois de mais um beijo, ele saiu do quarto. Fechei os olhos e, então, eu o ouvi gritar da cozinha, como sempre fazia.

— Rafa, eu vou com seu carro, porque está na frente. E me lembre de mandar fazer uma chave para esta porta.

— Sim, Dan... Eu também te amo!

Virei para o lado, sorrindo. Por mais que eu explicasse que não havia qualquer risco, desde a primeira vez, Dan se preocupava com a porta que não tinha tranca, mas sempre esquecíamos de chamar um chaveiro. Rafael me chutava. Comecei a acariciar minha barriga para acalmá-lo. Ele estava agitado. Fechei as pálpebras que estavam pesadas. Eu senti muito sono durante toda a gravidez. Dormi feliz e

profundamente.



Abri os olhos, minha garganta ardia e eu parecia estar asfixiando. Comecei a tossir e senti com dificuldade ao perceber que havia fumaça pela casa. Tentei levantar o mais rápido que pude, precisava sair dali o quanto antes. Corri para fora do quarto, ouvi uns estalos e o pavor tomou conta de mim quando vi a sala em chamas e as paredes laterais da casa queimando de cima a baixo. Consegui chegar à porta de vidro que levava à cozinha, mas estava fechada e ao tocar a maçaneta senti o calor queimar minha mão. Vi que Marco rolava no chão se debatendo entre as chamas e gritei o mais alto que pude tentando me fazer ouvir, porque o barulho do fogo crepitando era muito alto. Eu não conseguia respirar direito e coloquei a camisola no rosto para tentar me proteger da fumaça. Fui afastando, de costas, tentando voltar ao quarto. Eu encostei na única parte que ainda não estava queimando e fiquei agachada segurando a barriga, horrorizada. Chorei desesperada, o calor era insuportável, e comecei a rezar pedindo a Deus que salvasse meu bebê. Marco tentou se aproximar, mas algo em chamas caiu, impedindo.

— Meu Deus! Marcooooo... — Senti medo por ele. — Por favor! Deus! — gritei, sentindo o calor me devorando e a fumaça encobrendo meu corpo. Minha voz sumiu e, por mais que eu tentasse, já não emitia qualquer som. Minha garganta e nariz ardiam e eu só conseguia pensar em meu filho. Pedi por ele, fervorosamente. Implorei a Deus que livrasse meu bebê daquele inferno e, então, como por um milagre eu tive a resposta e a certeza de que minhas preces foram atendidas.

Vi Dan de mãos dadas com Rafael passeando entre árvores. Bob brincava com eles e pulava de um lado para outro com um galho na boca. De vez em quando, o menininho, de cabelos cacheados, soltava das mãos do pai e corria desengonçado, como se fosse cair a qualquer momento. Ele queria acompanhar o cão. Dan apressava o passo para segurá-lo com medo que ele realmente caísse. Havia muitas flores e as borboletas coloridas voavam num balé lindo e sincronizado. Seu Zé sorria ao meu lado.

— Olhe isso, Fada! Não seria possível sem você. — Ele me puxou pelo ombro para junto dele. — Era o que eu lhe dizia sobre deixar algo para o mundo.

— Eu sei, vôzinho. Eles são tão lindos. Eu sinto tanto orgulho e tantas saudades...

Segurei a mão de seu Zé que estava sobre meu ombro e deixei que as lágrimas descessem suavemente por meu rosto. Uma brisa leve bateu sobre nós e, cada vez, ficávamos mais distantes de Dan, Rafinha e Bob. Eles foram desaparecendo na paisagem.

— Rafa, meu amor, acorde! Rafaaaaa...

Eu estava nos braços de Daniel e ele chorava. Tentava manter os olhos abertos, mas eles não obedeciam. Algo estava errado comigo. Soltei minha cabeça para trás, como se pesasse toneladas e não fosse possível mantê-la erguida. E então vi as glicínias.

“Você sabia que glicínias são as flores da ternura, Fada?”

— Rafa... Fale comigo, meu amor. Rafa... tem que ficar acordada.

“Seu Zé, o senhor acredita em fadas?”

Aqueles braços me confortavam e eu me sentia tão bem e em paz, mas por que Dan estava chorando?

“Serei sempre uma luz em sua vida. Seu brilho eterno!”

— Eu amo você, meu amor. — Ele me apertava contra seu peito e seus soluços me sacudiam. — Vai ficar tudo bem.

Eu não conseguia responder, mas acreditava nele e só queria fechar meus olhos e dormir.

— Rafa, abra os olhos...

Eu tentei, mas não consegui e, então, tudo escureceu. Todas as luzes se apagaram diante de meus olhos.



MARCO

NÃO TENHO PALAVRAS PARA EXPRESSAR o que estou sentindo. Perdi a cabeça e não suporto conviver com a culpa que sinto. Eu a amava e jamais tive a intenção de fazer-lhe mal. Quando eu conheci a Rafa, ela era apenas uma garota sonhadora e eu fui um canalha que lutou o tempo todo para arrancar-lhe os sonhos, os objetivos, a alegria e, finalmente, a vida. Estou enlouquecendo com o remorso de ter matado meu único e verdadeiro amor. Não, não a matei naquele incêndio. Fui matando-a aos poucos desde que me apaixonei e decidi que ela teria que ser minha propriedade.

Eu queria ser o seu ar, guiar todos os seus passos e controlar todas as suas decisões. Eu queria prendê-la como a uma criminosa, longe do mundo e das pessoas que amava, e fiz por longos seis anos. Eu a sufoquei, a maltratei e humilhei. Hoje, penso em todas as noites que cheguei em casa e fui recebido com sorrisos, abraços e beijos e só o que retribuí foram reclamações, impaciência e, muitas vezes, desprezo.

— *Rafa, pelo amor de Deus, eu estou cansado* — eu reclamava mal-humorado. — *Quero tomar um uísque, jantar e dormir cedo. Você acha que*

tenho saco para assistir filmes românticos depois do dia cansativo que tive?

— *Marco, ainda é cedo. Tome um banho, isso te reanimará. Vem! Eu te faço uma massagem!*

Ela chamava com delicadeza e um sorriso lindo no rosto. Eu nunca resistia, mas primeiro a chateava com meus caprichos. Queria sempre vê-la pedir, implorar para que soubesse que o controle era meu.

E quando começou a se relacionar com o velho, foi como um pesadelo e eu passei a sentir muito medo de perdê-la. Era como se ela tivesse se transformado noutra pessoa. Ela tinha um novo brilho nos olhos. Parecia ter sede de viver. Era como se, de repente, tivesse se dado conta de quem era de verdade. Do quanto era maravilhosa e cheia de luz, do quanto sua vida era medíocre e quanto ela estava infeliz ao meu lado. Foi o início do fim e eu sabia disso, o tempo todo.

— *Marco, precisamos conversar...*

— *DR, Rafa?*

— *DR sim! Por que não podemos discutir sobre nosso casamento que está uma porcaria, Marco?*

— *Rafa, eu tenho que trabalhar! Tchau.*

O delegado me ouvia atentamente. Disse que eu poderia chamar meu advogado se preferisse, mas eu não tinha mais tempo. Precisava falar tudo que havia acontecido desde que criei o maior caos da minha existência. Talvez fizesse mais sentido acabar com minha própria vida, mas seria pouco para mim e para minha mãe. Eu precisava pagar pelo crime que cometi. Se eu chamasse um advogado, com certeza, Giordana saberia e tentaria me convencer a desistir da decisão que tomei. Manipularia a todos para comprar perdão. Continuei a falar mecanicamente. Não conseguia chorar. Nunca fui de chorar muito. Só queria que tudo acabasse logo.

— Eu só estive naquele casarão uma única vez para tentar convencer o velho a sair definitivamente de lá e da vida da minha mulher. E não obtive êxito. Confesso que fiz de tudo para tirar o homem dali, mas ele era bastante esperto e, ao contrário do que eu pensava, não se deixou enganar. E também tenho que dizer que, quando ele destrambelhou por causa da doença, foi um alívio. Sabia

que era questão de tempo para ele morrer e, então, finalmente eu teria minha Rafaela de volta.

Tentei me ajeitar na cadeira, porém nenhuma posição era confortável. Comecei a passar as mãos suadas, nervosa e repetidamente, nas minhas coxas em direção aos joelhos.

— Naquela manhã, eu estava parado ali na frente pensando que talvez pudesse vê-la, mesmo que de longe, às vezes dava certo. Tinha passado a noite praticamente em claro, bebendo, o que era muito comum desde que a Rafa tinha me deixado. O portão era baixo e não oferecia qualquer resistência a quem quisesse entrar ali. Eu só queria uma chance de conversar e, insanamente, pensava em propor a ela, que voltasse para casa. Estava disposto a cuidar do filho deles, se essa fosse a condição para tê-la de volta.

O delegado me olhava tentando entender que tipo de maluco eu era.

— Meu coração estava disparado e eu tentava engolir o orgulho que sufocava em minha garganta. Comecei a subir a rampa de pedra e fui até a garagem. A porta estava entreaberta e, para minha surpresa, não era o carro da Rafa que estava lá, era o dele, do maldito médico que a tirou de mim. O desgraçado que apareceu em nossas vidas para virar a cabeça dela, como fez aquele velho. Era a única coisa que eu pensava dia após dia, noite após noite. Que ele era um grande filho da mãe e que um dia sofreria como me fez sofrer aqueles anos. Aos poucos, o ódio foi tomando conta de mim e o meu único pensamento era que aquela seria a chance de acertar minhas contas com ele.

Parei por alguns instantes e tomei fôlego antes de prosseguir:

— Eu me sentia traído, ainda que ela só tivesse começado o relacionamento com ele, depois que nos separamos. Engolir aquela gravidez foi o mais terrível e crítico momento da minha vida. Tudo que eu neguei a ela, ele estava proporcionando: amor, companheirismo, cumplicidade, um filho, e ainda soube pelos empregados sobre a instituição para idosos que eles planejavam construir juntos. Era muito para minha cabeça mesquinha suportar. E cada vez mais, eu desejava vê-lo longe dela, de preferência morto. Estava obcecado.

Parei novamente e o delegado tirou a mão do queixo e fez sinal com a cabeça para que eu continuasse.

— Comecei a me movimentar lentamente em direção a casa, meio cambaleante, olhos fixos no nada, como se estivesse em transe. Ouvi os latidos do cachorro e parei por alguns segundos esperando que o maldito Daniel aparecesse. Nada aconteceu, mas o cão continuava a latir e veio ao meu encontro. Ele rosnava com ódio, arreganhava os dentes para mim, mas não me importei e continuei a caminhar. A porta não estava trancada, entrei rapidamente e a fechei, deixando o cachorro para fora. Ele chorava desesperado e, lá de dentro, era o único ruído que eu escutava. Olhei ao redor e percebi que havia varias portas que se comunicavam com outros cômodos da casa, olhei em cada um e não havia ninguém neles. Entrei na sala de estar que se comunicava com um quarto que estava totalmente escuro. Pelo vão da porta pude ver apenas os pés da cama. Ele estava dormindo lá. Voltei, cuidadosamente para não fazer barulho, fechei a porta de vidro e um sorriso brotou em meus lábios ao imaginar o quanto seria trágico um neurologista tão jovem e de carreira tão promissora morrer dormindo, num incêndio. Seria uma pena ele não sentir sua carne queimando e a fumaça o sufocando. Porra, como eu estava sendo bom deixando-o dormir!

Parei de falar, porque naquele momento, pude perceber o desconforto do delegado ao ouvir as minhas palavras. Nem eu sabia o quanto era perverso, mas isso não importava. Prossegui:

— Havia algumas garrafas de bebidas sobre um balcão e era tudo que eu precisava para tomar coragem e ir em frente. Bebi no próprio gargalo um longo gole de uísque e outro e outro. Abri o balcão da velha pia e encontrei uma garrafa cheia de álcool e comecei a espalhar o produto pelo chão. Continuei a beber e a sentir o líquido forte queimar meu estômago e o desejo de ver aquele lugar maldito em chamas foi tomando conta de mim. Em pouco tempo, eu estaria livre do médico e do casarão e seria questão de tempo para Rafaela voltar para mim. Fui até o fogão e peguei os fósforos. O cachorro ainda latia lá fora e, de vez em quando, ficava em pé arranhando a porta e chorando. Eu estava totalmente embriagado e cego de ódio, dor, ciúme, um misto de sentimentos maléficos que faziam meu coração sangrar. Risquei um palito e o observei queimar até a chama quase tocar meu dedo. Acendi outro e o soprei. Bebi mais um pouco. Eu era só um covarde e jamais teria coragem. Quis sair dali, mas aquele lugar me enlouquecia e continuei brincando com os fósforos, entre um gole e outro. Risquei mais um e assustei ao ouvir meu nome.

— *Marco? O que faz aqui?*

O homem na minha frente arqueou sobre a mesa, ansioso para saber qual seria o final da minha história. Podia ver em seus olhos a fome que tinha de desvendar o desfecho do que eu estava contando. Pensei um pouco, gaguejei e me senti perdido.

— O pa-palito aceso caiu pró-próximo da janela, que ficava ao lado do fogão, e a labareda que se formou, de imediato, fez-me pular para trás... — parei e voltei a encarar o delegado, ele quase não se continha. — Na tentativa de proteger meu rosto, perdi o equilíbrio e caí. Vi minha mãe gritando, desesperada pedindo socorro.

— Sua mãe estava na casa, doutor?

Ignorei a pergunta e prossegui:

— Somente naquele momento, percebi com que proporção o fogo se alastrava e as chamas tomavam conta dos móveis. Uma das venezianas caiu sobre mim e senti o calor em minha perna direita. Rolei no chão, estava tonto, e só então, descobri que meu desespero estava apenas começando. Através da porta de vidro, vi Rafaela gritando, pedindo ajuda. Eu estava no inferno que eu mesmo criei. Deus! Eu não sabia que era a Rafa quem estava na casa. O carro dele estava na garagem. Jamais faria mal a ela. Eu não queria que aquilo acontecesse. — Soltei aquelas palavras levando as mãos à cabeça e espalhando meus cabelos, já a ponto de ter um surto, nem sei de onde tirei forças, mas continuei. Apesar de afirmar ao delegado que não faria mal a ela, eu jamais lhe fiz bem. — As paredes caíam em chamas e havia muita fumaça. Ela tinha os olhos arregalados de pavor e tentava abrir a porta, porém a proporção do fogo a fazia gritar cada vez mais desesperada. Tentei ajudá-la, mas não consegui chegar até onde estava. Algo caiu sobre mim e o fogo começou a queimar minha camisa e a dor insuportável em meu braço e todo o álcool que eu havia consumido me fizeram cair.

Estar, pela primeira vez, falando sobre aquela manhã era como tirar uma tonelada dos meus ombros e do meu coração. Só então, uma lágrima rolou por meu rosto.

— Estou tendo crises de consciência. Eu não tiro de minha cabeça o olhar desesperador dela, encolhida no canto da sala, tentando afastar-se das chamas com as mãos na barriga como se assim pudesse proteger seu filho. Os gritos

mais alucinantes que já ouvi. Eu juro que tentei tirá-la de lá. Meu Deus, Rafa. Perdoe-me!

Chorei em desespero com as mãos cobrindo meu rosto e uma dor ainda mais insuportável tomou conta de mim. O delegado disse que eu podia parar de falar, que já era o bastante, mas nem me dei conta, continuei narrando tudo como se fosse um desabafo a mim mesmo ou a Rafa. Eu devia isso a ela.

— Daniel surgiu não sei de onde, gritando e procurando por ela, e me arrastou para fora. Depois deu a volta na casa e tentava quebrar uma das janelas quando os bombeiros chegaram e dois homens o ajudaram, enquanto os outros direcionavam os jatos de água sobre as paredes da frente. Ele saiu, ficou alguns minutos com a Rafa nos braços, e eu ajoelhado, assistindo aquilo tudo, em choque. Não conseguia me mexer. Minha mãe, agarrada ao meu pescoço, chorava, inconsolavelmente.

— *Se algo acontecer a Rafa, eu não vou te perdoar, mãe.*

Uma das ambulâncias saiu em disparada com a sirene ligada. Os paramédicos me colocaram noutra, onde começaram os primeiros socorros em minhas queimaduras. Eu estava tossindo muito e eles colocaram uma máscara de oxigênio em meu rosto. Minha mãe gritou com as mãos nos ouvidos, quando a casa explodiu e desabou! Não sobrou uma só ripa e todos acharam que havia sido um acidente, talvez causado pela própria Rafa. Jamais desconfiaram de que não estávamos lá, apenas para ajudar.

Eu me calei. Não conseguia mais falar uma única palavra. Não aguentava mais conviver com aquele peso na consciência. Eu a matei. Pagar por meu crime era o mínimo que podia fazer na tentativa de acabar com a culpa de um ato impensado e insano. Não suportava mais ver os olhos dela, cheios de ódio, em todos os meus pesadelos. Não queria mais dormir para não ter os malditos sonhos. Jamais me perdoaria e viveria agonizando até morrer. Eu a amava e a deixei morrer! E peço perdão! Perdoe-me, Rafa. Por favor, perdoe-me!



TEM DIAS QUE A INDIGNAÇÃO toma conta de mim e confesso que não me reconheço direito. Sempre fui muito tranquila, mas Marco acabou com muitas coisas em nós todos.

Poxa! Minha irmã foi tirada daquele incêndio pelo Dan. Aliás, aquela foi a segunda vez que ele a resgatou das insanidades do Marco. Aquele desumano sempre a tratou como uma propriedade. Sim, ele achava que ela fosse um treco qualquer como seu carro, sua casa ou a porra da clínica que se orgulhava tanto. Então, Daniel a resgatou daquela vida que ela levava; e depois, da casa que estava em chamas, mas era tarde.

Mamãe diz que ela viverá para sempre em nossos corações e através do Rafinha e eu também penso assim. Vejo-a naquele ser adorável que tem nariz arrebitado, bochechas rosadas e os olhos lindos como os dela. Mas tá ligado que é difícil demais engolir o fato de nunca mais podermos abraçá-la? Eu não consigo parar de chorar. Porra, eu não consigo ter pena do cara! Ele tirou minha melhor amiga. Ele deixou meus pais mortos-vivos. Quase destruiu a vida e a carreira do Dan e, o pior, ele assassinou minha irmã. Minha única

irmãzinha. Eu sabia que ele era louco. Em nome do amor? Como um filho da mãe que age daquela forma pode falar em amor? Eu quero que ele apodreça na cadeia! Que todo o dinheiro que a nojenta da Giordana tem, não seja suficiente para livrá-lo de pagar pelo que fez. Sempre fui do tipo que odeia injustiças e que acha que tudo tem uma solução e tem mesmo. E a solução para homens malditos, que matam mulheres indefesas, é morrer na cadeia. Cara, eu estou magoada. Daqui a pouco, o Rafinha estará perguntando sobre a mãe e vai doer ainda mais explicar a ele tudo o que aconteceu. Maldito, perverso, desgraçado! Ele deveria ter morrido naquele incêndio! O único erro do Dan foi salvá-lo. Eu não consigo parar de chorar quando penso que não tenho mais a Rafa ao meu lado. Era para ela que eu corria quando precisava de uns conselhos caretas. Ela era o meu norte. Sempre correta e amorosa com todo mundo. Será que ela merecia morrer daquele jeito? Sem chance de defesa? Sem direito a viver o seu amor? Sem jamais ter olhado o rosto do filho? Droga! Nunca me conformarei. Nunca!

Papai disse que, como psicóloga, eu deveria entender que Marco não estava bem. Que só uma pessoa completamente perdida e doente faz o que ele fez. Como eles conseguem não odiá-lo? Sou mesmo a ovelha negra da família.

Nem preso ele foi, porque confessou e não foi flagrante. Merda de leis! Duvido que seja julgado um dia. E se for, ainda que seja condenado, vai ter como castigo comprar algumas cestas básicas para os pobres. Não vou me conformar nunca com isso. Eu vou odiá-lo para sempre e vou lutar para que seja condenado e fique preso. É o mínimo que posso fazer para o bem da sociedade. Livrá-la de um monstro antes que cometa outros crimes.

Desculpe, eu sei que não pensaria desta forma, mas está doendo demais, mana. Demais...



Capítulo 33

RAFA, MEU AMOR!

DANIEL

FIQUEI POR UM LONGO PERÍODO fazendo cursos de especialização e pesquisas na Alemanha e cheguei a cogitar a ideia de morar lá, por algum tempo. Isso me ocorreu diversas vezes, porém, assim como pensava em ficar, algo dizia que lá não era o meu lugar, foi então que decidi voltar. Eu havia começado a trabalhar naquele hospital e, quando entrei no quarto para atender e cuidar do meu amigo Zé e vi a Rafa no canto do cômodo, falando ao telefone, não consegui tirar minha atenção dela. No momento em que nossos olhares se cruzaram, o universo determinou que ela faria parte de minha vida para sempre.

Foi quase impossível agir com naturalidade, e Deus sabe o quanto me esforcei. Seu jeito doce de falar e de cuidar do homem idoso que tanto amava me deixou completamente apaixonado. Seus olhos eram lindos e ainda que estivessem segurando as lágrimas e completamente tomados de tristeza, medo e preocupação, tinham um brilho que falavam por si só e mostravam todo o seu encanto. Foi ali, naquele momento, que descobri que as fadas existem e a Rafa era uma delas, seu Zé estava certo.

Nunca controlei meus sentimentos, apenas respeitei o fato de ser casada. A afinidade foi tão imediata, que jamais consegui me imaginar longe dela por muito tempo. Eu sabia que, não importava em que momento, um dia seríamos um do outro, então apenas segui o roteiro.

Quis tomá-la em meus braços, todas as vezes que a vi chorando por se sentir incompreendida pelo ex-marido ou por não suportar a dor do vôzinho. Contudo, também quis abraçá-la porque seus olhos brilhavam de alegria quando me recebia. Ela era feliz ao correr com Bob pelo jardim, por fechar um novo negócio no trabalho ou simplesmente olhando as estrelas no céu.

Eu me apaixonei pela pessoa mais linda, dedicada e solidária que conheci. Uma menina guerreira e corajosa, que enfrentava todos os seus medos. Um anjo de sorriso encabulado, quase infantil, mas que se transformava num demônio e me matava de prazer em nossos momentos de intimidade.

Quando descobri a Rafa, encontrei o sentido da vida. Entendi porque não havia dado certo com ninguém. Percebi que suportaria qualquer dor, porque tinha o conforto de seus abraços. Seu amor era o suficiente para me fazer enfrentar tudo. Mas, infelizmente, tudo foi roubado de nós.

Quando cheguei e vi o casarão em chamas, gritei por ela com esperanças de que não estivesse lá dentro. Vi o olhar desesperador de uma das vizinhas, gritando que Rafaela não havia saído e que já haviam chamado os bombeiros, então perdi o chão. Senti minhas pernas quase dobrarem e pedi força a Deus para conseguir fazer algo por ela, mas não cheguei a tempo.

Ela chegou com vida ao hospital, mas havia inalado muita fumaça e, apesar do socorro rápido e de todos os procedimentos realizados dentro da ambulância, como a intubação, ela não resistiu. Os médicos optaram pela realização da cesárea, pois tudo que ela havia inalado poderia ser transportado pelo seu sangue para o bebê, o que seria fatal para ele também. Ela foi a óbito na mesa de cirurgia. Foi, sem dúvida, o pior dia de minha vida e de toda a família e eu ainda não me recuperei.

Resolvi reconstruir o casarão exatamente como era, mas em alvenaria. Está em fase de acabamento e precisei mandar confeccionar as réplicas das portas e janelas, por serem modelos antigos, centenários, que já não se encontravam mais no mercado. Anexo a ele, construiremos o tão sonhado abrigo para idosos, que a

Rafaela sempre desejou.

Sofri perdas irreparáveis nesses últimos anos de minha vida. Primeiro, minha mãe; depois, o seu Zé; mas não me conformo com a partida da minha Rafaela.

Só ficaram as lembranças, e essas ninguém poderá roubar de mim. Momentos especiais, como quando perdi a voz e fiquei bobo ao saber que tínhamos um filho. Quando nos amamos pela primeira vez. Quando passeávamos pelos parques e eu a colocava no colo e a beijava, cheio de amor. Quando dançava comigo e descansava em meu peito.

— *Dan, meu amor! Jamais morreremos, pois fomos eternizados da mais bela forma possível.*

Como conter as lágrimas? Nunca fui um homem de chorar, mas com a Rafa jamais me controlava. Deixava sempre minhas emoções aparentes; com ela, eu sempre pude ser autêntico.

— Sim, meu amor, fomos eternizados — converso com ela o tempo todo, e sua voz sussurra em meus ouvidos, que tudo ficará bem.

Não sei se o vazio que sinto passará algum dia. Só o que me mantém de pé é olhar para o nosso bebê tão pequeno e indefeso, que foi privado de conhecer a mãe por causa de um ato impensado de uma pessoa inconsequente. Rafael é o único responsável por eu ter força para levantar todas as manhãs.

Eu sinto muita culpa por não tê-la protegido e uma dor latente por não ter conseguido chegar a tempo de salvá-la, mas ainda assim, todos os dias, eu elevo meus pensamentos aos céus em agradecimento por ter meu filho comigo.

— Venha com o papai, garoto!

Rafael esperneia e sorri quando o tiro do berço. Aperto-o contra meu peito com um amor imensurável.

— Eu senti saudades, filho. Como você está?

São sublimes os momentos que passo com meu filho. Desde que ele nasceu, eu diminuí o ritmo de trabalho. Não faço mais plantões e procuro chegar mais cedo do consultório. Iolanda cuida dele durante o dia e também me adotou.

Rafael tem os olhos da mãe e me emociono, pois sempre a vejo em seu olhar. Deito ao seu lado e ele resmunga, tentando se virar. Acaricia meu rosto, balbuciando seu dialeto. Eu soluço emocionado e agarrado àquele ser tão frágil, contudo, único com forças para curar a dor que consome e machuca meu coração.

— Não sei como poderia viver sem você, meu filho! — murmuro beijando sua bochecha rosada e acaricio seus cabelos macios e ele faz biquinhos e resmunga algo, como se tentasse responder. De novo, ouço a voz da Fada. São meus pensamentos, mas em alguns momentos chego a pensar que é real.

— *Dan, eu estarei sempre viva através de vocês.*

— Eu sinto tanto a sua falta! — sussurro chorando e ela responde:

— *Sou uma das estrelas no céu, lembra? Seu brilho eterno!*

É impossível controlar as lágrimas grossas que descem por meu rosto. É muito forte a emoção e a sensação de sentir a presença dela perto de nós.

— Eu te amo tanto, Rafa!

— *Eu também te amo, Dan!*



Manto de Estrelas

(MAURO OLIVEIRA E CÉSAR FRANCESCHI)

*Tuas lágrimas banham a alma, como um mar de paixão.
E os teus lábios macios, aquecendo como um sol de verão
Trazendo luz aos cantos mais frios deste rude coração.
Rompendo as amarras deste peito, há tanto atado à solidão.*

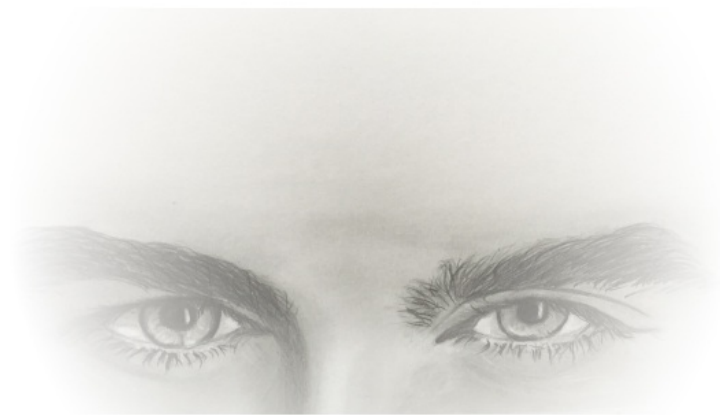
*Alegrou o amigo destino, que conservou tesouro escondido:
Um amor que a esta vida dá a tudo, um raro sentido.
História guardada a sete chaves, preservada de todos os males.
Para ser contada e compartilhada e amada e vivida.*

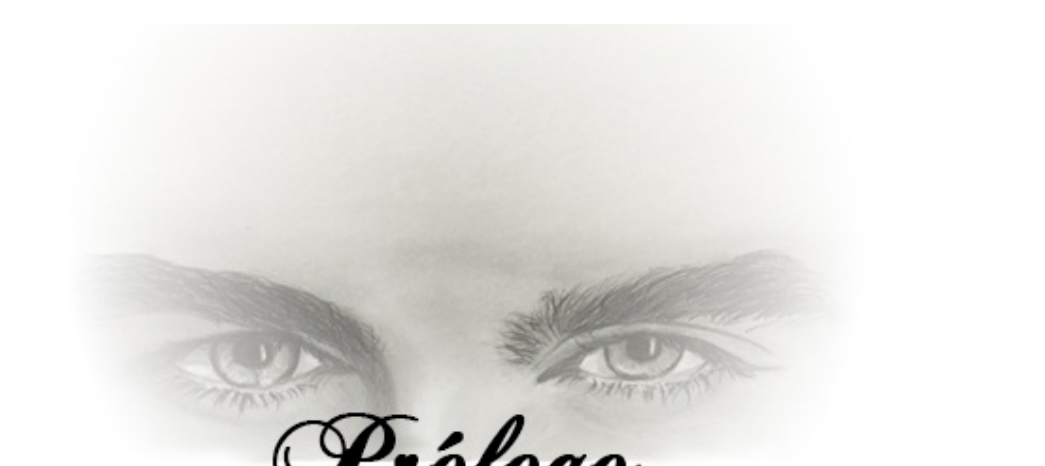
*Então o sonho distante, de repente se tornou realidade
A fragrância mais doce e a lua mais clara, pura verdade!
O universo mudou, porque minha alma na tua se encontrou
Sob um céu vestido de estrelas, que nos guiou...*

*A um abraço, a um beijo. Almas e corpos enlaçados
Somando dois como um, pra jamais se desatar.
Um presente divino no presente, como quis o destino
De ter a mente cativa e feliz, pelo enlace invisível do amor...*

Iris Blue

SEM REFLEXOS DO PASSADO





Prólogo

MARCO

TALVEZ EU DEVESSE VOLTAR e pensar nas possibilidades de recuperar minha vida. Muitas vezes, as paredes do meu apartamento me sufocavam e a solidão era capaz de corroer cada pedaço da minha carne. Aqueles pensamentos me seduziam e ocorriam, principalmente, quando atendia ao telefone e ouvia a voz chorosa de minha mãe. Ficava tentado a ceder, mas estava naquela situação por tê-lo feito a vida inteira.

— *Por que se culpa tanto, meu filho? Você precisa entender que foi uma fatalidade. Não foi nada de propósito. Não estávamos em nossos estados normais.*

— Pare com isso, mãe! A quem você tenta enganar? Não enxerga? Quando vai parar com esse teatro? — Ouvi o choro exagerado e remexi procurando uma posição confortável, no sofá. — Mãe, pare! Eu vou desligar.

— *Estou em frangalhos, meu filho. Não aguento mais a sua ausência. Você precisa de ajuda. Pelo menos, me diga onde está...*

Desliguei e joguei o aparelho sobre o tapete. Não fazia a mínima ideia sobre nada, não sabia se ela estava certa, mas, anteriormente, jamais esteve. Ou talvez ela tivesse razão e a culpa não tenha sido minha, mas somente dela. Que porra eu fiz da minha vida? Ainda sou assombrado pelo fantasma da única mulher que amei na vida.

Virei para o encosto do sofá e, alcoolizado, dormi. Ao acordar, não sei quanto tempo depois, procurei meu celular pela sala escura, enfiei-o no bolso da jaqueta e resolvi sair para comer, o que não fazia há mais de um dia. Caminhei encolhido com a gola levantada para não sentir o vento cortante no pescoço. Fazia muito frio naquela época do ano. O prédio onde morava era no centro da cidade, a poucas quadras de um reduto de bares e boates. Havia todo tipo de gente em busca de bebidas, entorpecentes e sexo. Não raro, apesar de frequentado pela elite, aquele lugar era manchete de algum jornal policial. Brigas, prostituição, tráfico de drogas, overdoses, cobranças de dívidas. Era como o inferno na terra, mas o único lugar onde eu merecia estar.

Entrei na boate onde costumeiramente eu gostava de ir quando precisava de companhia. Fui direto para o bar, no canto do salão, e pedi um sanduíche duplo e uma garrafa de uísque. Meu estômago estava se retorcendo, implorando por algo que o extasiasse e, tão logo recebi o meu pedido, devorei. Mas a dor ainda era insuportável. Com certeza, eu estava sofrendo de algo como gastrite ou úlcera pelo excesso de álcool. Foda-se, não me restou muita coisa a fazer, além de ficar bêbado e dormir. Não me admiraria se tivesse um câncer me dizimando cada célula e apodrecendo minha carne, ainda em vida.

Tomei minha segunda dose de uísque puro, então relaxei e resolvi apreciar o movimento. Todas as mulheres que passavam por ali me olhavam curiosas e algumas cochichavam entre si. Que porra devem estar pensando? Não me importava. Só as de cabelos longos e castanho-escuros me interessavam. Cada uma delas trazia o mesmo sorriso meio infantil e delicado. Todas tinham aqueles olhos castanhos, amendoados, cheios de brilho. Cada mulher, que tive nos braços durante aqueles anos, transformava-se nela. Se não fosse assim, eu não conseguiria. E era tão fácil consegui-las. Levantei meu copo em direção a que sorria para mim. Ela dançava sensualmente, mas com discrição e bastou que eu simulasse um sorriso para que se aproximasse da minha mesa. Curvou-se e beijou o canto de minha boca.

— Tudo bem?

— Sente aí. Vamos beber! — Virei para chamar o garçom, enquanto ela me obedecia, prontamente, sentando ao meu lado. — Traga mais um copo, por favor! E gelo... — Olhei para a jovem pedindo sua aprovação.

— Isso mesmo, com gelo. — Sorriu e começou a maratona de perguntas que

eu odiava responder. — Você não dança? Faz tempo que estou te observando perdido em seus pensamentos, aqui.

— Eu danço o tempo todo. Não fiz outra coisa na vida. — Explodi numa risada e ela não entendeu o que havia de engraçado naquilo. — Desculpe! Porra! Eu acho que bebi demais.

— Sem problemas. Deixa eu me apresentar, meu nome é...

— Não! — Coloquei a mão sobre sua boca e puxei seus cabelos para trás, para que me olhasse, e ela fez com um pouco de pavor. — Não quero saber seu nome, ok?

Soltei-a assim que me dei conta do que tinha acabado de fazer. Estrategicamente, aproximei meus lábios dos dela e sorri com espontaneidade.

— Você sabe o quanto é linda, não sabe? Mulheres lindas assim, não precisam de nomes.

Deu certo, ela abriu os lábios para mim e enfiei a língua em sua boca. A música, as luzes, a bebida, aquele perfume e seu olhar estavam mexendo com meus sentidos. Precisava levar aquela garota para o meu apartamento. Era a única coisa que passava pela minha cabeça enquanto a beijava. O toque de sua língua disparava pequenos choques elétricos por meu corpo, fazendo meu coração disparar e me deixando pronto de imediato. Quando nos afastamos, ela estava empolgada.

— Cara, você é lindo e sabe beijar! Onde conseguiu estes olhos, dessa cor? — Beijou de novo meus lábios ao ver que sorri com o canto da boca. — Estou apaixonada por você, desde que o vi entrar.

— Vamos para meu apartamento? Moro aqui perto. — Arrisquei, sem querer esperar mais tempo.

— Por que acha que iria com você? Nem te conheço!

— Porque quer tanto quanto eu. Vamos! — Levantei a puxando pela mão e ao contrário do que pensei, ela não fez resistência, mas ao chegarmos na porta, parou e me fez torcer a boca. — O que houve?

— Não sei seu nome, não te conheço. Não sei se devo te acompanhar, apenas pelo azul de seus olhos...

— Ok. Sou o Tibúrcio. Agora que já tenho um nome, vamos!

— Desculpe, mas não gosto do seu nome, teria me convencido apenas com os olhos...

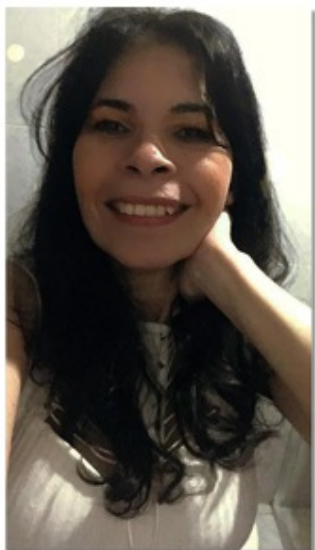
— Porra! Decida! — Larguei sua mão. — Eu não tenho tempo para brincar de pega-pega com você.

Comecei a caminhar com passos rápidos, irritado com a indecisão daquela garota, porém parei ao ouvir a voz melosa atrás de mim.

— Espere, eu quero ir com você.

Antes que eu virasse, ela pulou nas minhas costas. Consegui andar cambaleante, por alguns metros, com aquela maluca agarrada ao meu pescoço, gritando:

— Estranho, leve-me ao paraíso. Eu te amooooo... uhuuuuu!



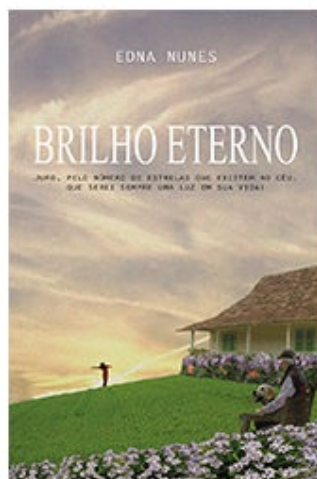
EDNA NUNES

EDNA NUNES nasceu em Curitiba e é autora do muito elogiado *Minha mente me atormenta* e da coletânea *Sonhos prováveis, Amores impossíveis – Nove contos*. Apaixonada pela literatura, sempre foi incentivada a ler, por seus pais, o que a fez desenvolver habilidade para reunir palavras de forma simples e agradável. É completamente dependente de boa música para relaxar, escrever e manter o corpo em movimento, pois a dança é uma de suas formas de equilíbrio. Ama Johnny Depp, café, chocolate e vinho. Tem como hobby o desenho, mas escrever se tornou algo imprescindível em sua vida, o que vem fazendo com mais maturidade e profundidade a cada dia.

REDES SOCIAIS

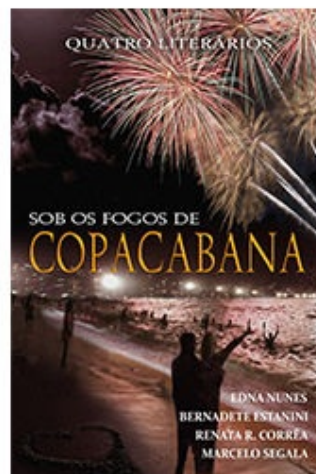
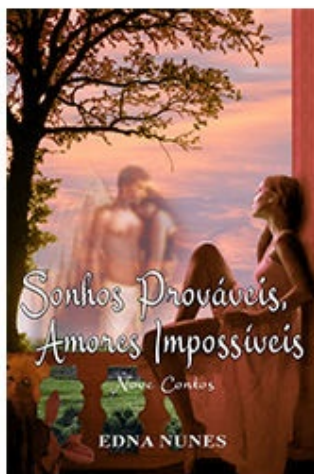
- **Facebook:** [Edna Nunes Escritos](#)
- **Instagram:** [@ednanunes_escritos](#)
- **Skoob:** [Edna Nunes](#)

Obras



IMPRESSO
& E-BOOK

E-BOOKS



Clique nos links abaixo para adquirir as obras:

- [Minha mente de atormenta \(e-book\)](#)
- Minha mente de atormenta (impresso):

- **Livrarias Curitiba:** <http://bit.ly/2hvV5d0>
- **Shoptime:** <http://bit.ly/2zDUrRd>
- **Submarino:** <http://bit.ly/2zTXHJk>
- **Americanas:** <http://bit.ly/2zAQYmN>

- [Sonhos prováveis, amores impossíveis – Nove contos](#)

- [Sob os fogos de Copacabana](#)

- [Brilho eterno](#) (Adquira o seu exemplar autografado através do e-mail ednanunes.escritos@gmail.com ou das redes sociais da autora).

Table of Contents

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Agradecimentos](#)

[Nota da autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Manto de Estrelas](#)

[Íris Blue](#)

[Biografia](#)

[Obras](#)